

AN AGE GAP
FORBIDDEN
MAFIA BODYGUARD
ROMANCE

BURNED dreams

PERFECTLY IMPERFECT SERIES

NEVA ALTAJ

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.
O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.
Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.
A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.
Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.
O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO.

É PARA USO GRATUITO.

DE FÃS PARA FÃS



Dani

Metis

Jewell Designs

Agosto 2023

Burned Dreams

PERFECTLY IMPERFECT SERIES

NEVA ALTAJ

Sinopse

Alessandro

Oito longos anos.
O tempo que estive esperando,
pacientemente tramando minha vingança.
Agora, eu o encontrei,
e vou fazê-lo pagar.

Ele me contratou para proteger sua esposa,
garantir sua segurança.
E vou matar a mesma mulher que jurei proteger.

Ele vai sofrer como eu sofri,
E quando eu terminar com ele, ele vai implorar por misericórdia,
Misericórdia que eu não vou dar.

Ravenna

Ele me encara com ódio em seu olhar escuro,
Seus olhos negros como um abismo,
Seguindo cada movimento meu.

Esses olhos veem tudo;
Não consigo escapar desse olhar silencioso,
Ou esconder os hematomas que cobrem meu corpo,
Cada marca, a prova de sonhos queimados.

Também não posso negar o desejo que tenho por um homem
Que nunca será meu.
.

Dedicatória

Para meus leitores que queriam ler a história de Az (e pediram a inclusão de uma cena de 'reencontro' com Sergei).

Espero que gostem.

Aviso de gatilho

Esteja ciente de que este livro contém conteúdo que alguns leitores podem considerar perturbador, como a menção de um cônjuge falecido, violência doméstica e abuso, descrições gráficas de violência, tortura e sangue.

Prólogo

Alessandro

Dezenove anos atrás (Alessandro - dezoito anos)

Há duas regras quando se trata de arrombar fechaduras.

Primeira - Todas as travas têm pontos fracos.

Segunda - alguns pontos fracos são mais exploráveis do que outros.

Essa foi a primeira coisa que meu pai me ensinou quando me levou para fazer um trabalho. Pena que isso foi há quase dez anos, e alguns de seus ensinamentos não se aplicam mais.

Coloco a lanterna na boca e pego a chave de fechadura e a chave de tensão, focalizando a luz na fechadura à minha frente. A maldita coisa não tem nenhum ponto fraco aparente que possa ser explorado, portanto, a única maneira de arrombá-la será desmontando-a com habilidade e pura determinação.

Um cachorro late em algum lugar da rua. Faço uma pausa e escuto. O vento gelado do outono sopra ao meu redor, agitando as folhas secas no ar, e o frio se infiltra em meus ossos através do capuz fino. Deixei minha jaqueta com Natalie em casa porque o aquecimento não está funcionando e tem feito muito frio lá dentro. Ela pegou pneumonia no mês passado, e eu não queria correr o risco de ela ficar doente novamente.

Mais uma rodada de latidos de um cachorro, mas, momentos depois, o silêncio se abate sobre a vizinhança. Dou uma olhada ao meu redor para me certificar de que não há nenhum vizinho intrometido por perto, depois volto a me concentrar na fechadura. Malditos pinos e seu sistema de pressão. Como se desarmar o sistema de alarme não fosse suficiente, agora preciso lidar com essa merda sofisticada também.

Estou quase terminando quando sinto o toque de um metal frio na parte de trás do meu pescoço.

— Mãos onde eu possa vê-las, — diz uma voz masculina atrás de mim, — e vire-se, lentamente.

Foda-se.

Deixo as ferramentas caírem no chão e levanto as mãos para o alto enquanto me endireito e me viro. Um homem vestido com jeans e jaqueta de couro está na minha frente com sua arma apontada para o meu rosto. Que porra é essa? Passei três noites vasculhando o local e a vizinhança e não notei nenhuma patrulha de segurança. Esse cara está segurando a arma como se soubesse o que está fazendo. Um policial fora de serviço?

— Você vem comigo, — diz ele.

Pois. Não está acontecendo.

O cara parece estar em forma, e a arma lhe dá uma vantagem. Prefiro arriscar a morte a acabar na cadeia como meu pai, que cumpre uma sentença de treze anos. Relaxo a mandíbula, permitindo que a lanterna caia de minha boca. O movimento distrai o cara, permitindo que eu mude rapidamente de posição e obtenha a vantagem que estou procurando. Agarrando o pulso do idiota com as duas mãos, torço o braço dele para um lado e bato com o joelho em seu estômago.

O cara se curva, tossindo. Dou-lhe outra joelhada, desta vez no rosto, enquanto tento tirar seus dedos da arma. Ela dispara, um tiro perfurando o ar parado, e a bala atinge a porta atrás de mim.

Ainda estou tentando tirar a arma dele quando ouço passos se aproximando atrás de mim. Olho por cima do ombro bem a tempo de ver um punho vindo em direção ao meu rosto.

* * *

— Seu nome, garoto?

Cuspo sangue e encontro o olhar de um homem de meia-idade em trajes táticos que se aproxima de mim. A luz fraca da lâmpada que está pendurada no teto atrás dele torna as sombras em seu rosto mais profundas, enfatizando a linha de seu maxilar bem contraído.

— Az, — respondo com raiva e dou uma olhada rápida na sala.

Quando os filhos da puta me arrastaram para cá, pensei que estavam me levando para a delegacia de polícia, mas agora está claro que não é esse o caso. Não tenho ideia de para onde exatamente eles me arrastaram ou o que é essa instalação, mas certamente não é uma delegacia de polícia. As paredes são nuas, não há janelas e o ar parece sufocado, quase como se estivéssemos em um subterrâneo. Da minha posição ajoelhada no centro da sala, o único ponto de saída que consigo ver é a porta na parede oposta.

O homem com equipamento tático pragueja, obviamente insatisfeito com minha resposta. Ele parece ser o responsável.

— Quero seu nome completo, não um nome de rua idiota! — ele grita.

Não vou lhe dar meu nome de jeito nenhum. Eu me esforcei muito para garantir que não estivesse no radar da polícia e não há nenhum registro meu no sistema. Mesmo que alguém verifique minhas impressões digitais, não conseguirá nada. E nunca ando com uma identidade quando estou em um trabalho.

Quando não respondo, ele acena com a cabeça para o homem à minha direita. Outro golpe atinge meu queixo, jogando minha cabeça para o lado, quase me fazendo perder o equilíbrio enquanto me ajoelho no chão de concreto. Esse cara parece decidido a deslocar meu maxilar. Sacudo a cabeça para limpar um pouco a névoa do meu cérebro.

Um par de sapatos pretos polidos entra em minha visão. Inclino a cabeça para cima e observo um homem mais velho, de óculos, que agora está ao lado do chefe. Eu o notei no momento em que ele entrou na sala, que foi logo depois que os filhos da puta começaram a me dar uma surra. Ele estava de pé ao lado até agora. O despretensioso terno do homem, completo com cotoveleiras, e a camisa xadrez parecem totalmente fora de lugar. Ele me lembra o meu professor de história.

— Ele não vai cooperar, Kruger, — disse o cara do terno velho. — De qualquer forma, o garoto é velho demais para seu projeto. E muito teimoso. Por que não o colocamos de volta onde você o encontrou?

— Você está me dizendo como administrar a minha unidade, Felix? — grita o chefe. — Você precisa se lembrar da porra do seu lugar.

— O garoto é apenas um pequeno ladrão. Por quê se preocupar?

— Porque durante os dois meses em que meus homens o seguiram, ele conseguiu invadir onze casas com segurança de primeira linha, sem disparar os

alarmes, uma habilidade que seria extremamente valiosa para nós, — diz Kruger e se vira para me encarar. — Onde você aprendeu a burlar os sistemas de segurança dessa maneira, garoto?

Cuspi outro bocado de sangue. — Chupe meu pau.

— Tsk, tsk, tsk... — Ele balança a cabeça. — Parece que você precisa de um incentivo para cooperar. Que tal se eu pedir a um dos meus homens que pegue sua garota e a traga para cá? Tenho certeza de que ela não vai aguentar a surra tão bem quanto você.

Meu corpo fica imóvel. Como diabos ele sabe sobre Natalie?

— Oh, vejo que isso chamou sua atenção. — Ele sorri. — Eu sempre me certifico de conhecer a pessoa que estou pensando em recrutar. Seus pontos fortes. E seus pontos fracos.

— Você não vai tocá-la, — eu zombo.

— Não? Bem, depende de você, Az. Se fizer o que eu digo, ninguém tocará em sua garota. Na verdade, você logo estará ganhando um bom dinheiro. Mais do que o suficiente para tirá-la daquela espelunca em que vocês dois estão vivendo.

O sangue do corte em minha testa escorre para meus olhos, dificultando a visão. Minhas mãos estão amarradas atrás das costas, então tento piscar, mas não adianta muito.

— Fazendo o quê? — pergunto.

— Trabalhando para o governo. Ou, mais especificamente, para mim.

Deixo os olhos deslizarem pela sala mais uma vez, tentando descobrir uma possível maneira de escapar. Para chegar à porta na parede oposta, eu

precisaria dominar os homens que estão me segurando, bem como esse tal de Kruger. Todos eles estão armados, mas não é impossível. O velho de terno não deve ser um problema. Ele parece mais um contador ou algo assim. O que ele vai fazer, jogar uma calculadora em mim?

— E se eu disser não? — pergunto.

Os lábios de Kruger se curvam em uma careta maligna. Ao enfiar a mão no bolso de sua calça tática, ele tira uma foto e a joga no chão à minha frente. A foto dá duas voltas no ar antes de cair virada para cima. Olho para o rosto ligeiramente borrado da minha namorada. A foto foi tirada quando Natalie estava saindo do supermercado onde trabalha.

— Deixe-me demonstrar o que vai acontecer se você não cooperar. — Ele tira uma faca de uma bainha presa em seu cinto, agacha-se na minha frente e enfia a ponta da lâmina bem no meio do rosto de Natalie. — Eu te fiz entender?

Não tenho a menor ideia de quem são esses idiotas ou qual é o plano deles para mim. Governo, uma ova. Que interesse eles teriam em alguém como eu? Mas o maldito sabe onde moramos. Não vou arriscar que machuquem minha garota. Então, tirando meus olhos da foto, encontro o olhar sinistro do chefe. — Sim.

Um sorriso de canto de boca se insinua em seus lábios. — Está vendo, Felix? Ele não é nem um pouco teimoso. Treinado adequadamente, ele será um soldado perfeito. — O filho da mãe ri. — Não é mesmo, Az?

Capítulo 1

Alessandro

Oito anos atrás

— Az.

Tiro a última das minhas armas e olho para Felix, que está ao lado do meu armário.

— Kruger quer falar com você, — diz ele. — É urgente.

Aceno com a cabeça e retiro o colete à prova de balas, estremecendo quando a dor da pancada que levei se espalha pelo meu peito. Era para ser uma simples missão de reconhecimento, mas fomos emboscados pela equipe de segurança vinte minutos depois. Belov foi atingido por uma lâmina em seu braço, mas, considerando que éramos apenas nós dois contra quatorze guardas, nos saímos bem. Fecho o armário e olho para o homem loiro sentado no banco perto da parede. Sergei Belov está olhando para frente com os olhos vazios e, se seu peito não estivesse se movendo, eu pensaria que ele estava morto. De todos os caras que foram arrastados para esse maldito programa, ele sempre pareceu ser o mais normal. Até começar a ficar louco há alguns anos. Provavelmente, ele nunca havia machucado ninguém antes de Kruger o induzir e transformá-lo em um assassino de sangue frio. Assim como ele fez com o resto dos garotos que acabaram na unidade Z.E.R.O.

— Você precisa tirar Belov daqui, — eu digo.

— Eu sei. — Felix suspira e aperta a ponte de seu nariz. — Estou trabalhando nisso.

Eu dou uma olhada no velho. O relacionamento entre os agentes e seus encarregados em nossa unidade deve ser estritamente profissional. Normalmente, os encarregados fornecem apoio a partir de uma base de operações - principalmente coleta de dados e vigilância durante a missão - mas o relacionamento entre Felix e Sergei sempre foi diferente. Duvido que alguém além de mim tenha notado, o velho é muito cuidadoso para nunca demonstrar favoritismo, mas Felix se preocupa com ele, e não apenas como um ativo. Ele cuida de Sergei como se ele fosse seu próprio filho, certificando-se de que Belov não se precipite e comece a matar pessoas a torto e a direito sempre que entra em um de seus estados de espírito mais perturbados.

— Trabalhe mais. — Pego minha jaqueta e saio do vestiário.

Luzes tremeluzentes lançam longas sombras nas paredes de concreto nuas enquanto eu ando pelo corredor que leva ao escritório do Capitão Kruger. Seria de se esperar que o quartel-general de uma base militar secreta - que está em operação há mais de uma década - fosse um pouco mais polido, mas, em vez disso, são apenas paredes de concreto, fios elétricos fixados nas paredes com ganchos de plástico e o cheiro penetrante de mofo. A situação é melhor nos andares superiores. Eles eram usados como dormitórios para os novos recrutas quando o programa foi criado, mas não são ocupados há anos.

A unidade Z.E.R.O. é um projeto altamente secreto, mantido em segredo, que tem um único objetivo: eliminar pessoas consideradas indesejadas pelo governo ou pelo Capitão Kruger. De forma rápida, eficiente e sem rastros de

papel. Começou como uma unidade de onze homens - cinco agentes, cinco encarregados e o capitão. Agora, estamos reduzidos a seis. Três agentes, dois encarregados e o Kruger. Não parece que eles estejam planejando contratar novos recrutas, então o programa provavelmente será encerrado quando Sergei, Kai e eu acabarmos mortos.

Estou na metade do caminho para o escritório de Kruger quando as portas do elevador se abrem e um homem sai. O paletó que ele está usando está desabotoado, revelando uma camisa branca coberta de manchas de sangue. Kai Mazur. O último de nosso trio de agentes.

Ele vira à esquerda e também se dirige ao escritório de Kruger, com sua longa trança preta balançando como uma cauda nas costas. Sempre me perguntei por que Kruger permitia que ele mantivesse o cabelo daquele comprimento. O sucesso de nossas missões depende de sermos discretos, e é realmente difícil não notar um cara de um metro e oitenta com uma trança pendurada até quase à cintura.

Enquanto ele caminhava pelo corredor, o sangue pingava no chão do saco de papel marrom na mão direita de Kai, deixando manchas vermelhas no concreto. Parece que o capitão queria uma lembrança novamente e, a julgar pelo tamanho da sacola, provavelmente é a mão de alguém. Quando Kai chega à porta do escritório, ele deixa cair a sacola e ela faz um som grotesco e nojento ao cair no chão. Afinal, talvez não seja uma mão.

Kai acena para mim quando passamos um pelo outro, e eu noto um corte mal costurado em seu queixo que ainda escorre sangue. Ele provavelmente se costurou novamente. Como ele matou seu treinador, a equipe médica se recusa a tratá-lo a menos que ele esteja sedado.

Agarro a maçaneta da porta e passo por cima do saco ensanguentado no chão, entrando na sala do capitão. Kruger está sentado atrás da escrivaninha, observando o monitor à sua frente e revisando os relatórios da missão. Fico imaginando o que ele fará quando me encontrar inacessível amanhã.

Ele provavelmente enviará alguém para se livrar de mim. Provavelmente Kai. No entanto, Natalie e eu já estaremos longe quando isso acontecer. Eu já havia decidido que essa seria minha última missão e, antes de partir, instruí minha esposa a fazer as malas e estar pronta para partir assim que eu chegasse em casa. Tentei ligar para ela duas vezes no caminho de volta para a base, mas a ligação foi para o correio de voz.

— Sente-se, Az. — Kruger faz um gesto para a cadeira do outro lado de sua mesa.

— Ficarei de pé.

— Como quiser. — Ele pega seu café e toma um gole. — Sua esposa sofreu um acidente de trânsito esta manhã.

Minha visão fica embaçada enquanto processo suas palavras. Agarro o encosto da cadeira. — O quê?

— A equipe do hospital mencionou que ela pode não sobreviver à noite, então acho que você deve ir para lá, — diz ele despreocupadamente, olhando para a tela, como se estivesse discutindo o clima.

Dou meia-volta e saio correndo, enquanto meu coração dispara na garganta.

* * *

Olho fixamente para os lábios do médico enquanto ele fala, como se isso ajudasse suas palavras a penetrar em meu cérebro.

— ...múltiplas fraturas que resultaram em sangramento interno forte...

Não consigo entender o que ele está dizendo. É como se minha mente não aceitasse.

— ...ressuscitou-a duas vezes...

Agarro a parte da frente de seu casaco branco e o pressiono contra a parede. As palavras continuam a sair de sua boca e, a cada sílaba, a raiva e o desespero se acumulam em meu peito. Preciso que o filho da puta pare de falar!

— ...nós tentamos. Sinto muito.

Meu controle sobre o casaco do homem diminui. Quero esmagar sua cabeça contra a parede até que ele retire tudo o que disse, mas parece que perdi a sensibilidade em minhas mãos.

— Quero vê-la, — grito em seu rosto. — Agora.

O médico acena com a cabeça e sai do meu alcance. Meus ouvidos estão zunindo enquanto eu o sigo pelo corredor até que ele para na porta à direita.

— Vá, — eu digo, segurando a maçaneta.

Consigo ouvir os passos se afastando, mas fico apenas olhando para a porta à minha frente. É um simples pedaço de madeira azul-claro, mas, para mim, parece que estou diante do portão da perdição. A raiva que me consumiu antes evaporou, e a única coisa que restou em meu peito foi a dor de despedaçar a alma.

Aperto a maçaneta com mais força, mas não consigo me forçar a entrar. Ainda há uma ponta de esperança, um pensamento desesperado no fundo da minha mente de que isso é um grande engano. É a esposa de outra pessoa que está lá dentro. Minha Natalie está em casa, sentada em sua cadeira favorita na sala de estar, esperando que eu volte para que possamos finalmente ir embora.

Ainda me lembro do dia em que nos conhecemos como se tivesse sido ontem. Ela estava tentando roubar a carteira de um homem no corredor de lanches de um posto de gasolina, bem à vista da câmera de segurança. Eu a arrastei para fora e lhe dei uma bronca sobre como ela era uma péssima batedora de carteiras. Nós dois tínhamos dezessete anos na época e vivíamos nas ruas, mas estava claro como o dia que ela não tinha sido feita para aquela vida. Em geral, eu não me importava com as outras pessoas, mas acho que naquele dia vi uma parte de mim nela. Então, eu a levei para a casa abandonada onde eu costumava ficar depois que meu pai foi parar na cadeia dois anos antes. Ela deveria ficar apenas alguns dias, mas acabou nunca indo embora.

Eu a ensinei a roubar carteiras com subtileza e até a levei comigo para alguns trabalhos menores. Era bom ter alguém para quem voltar para casa. Para compartilhar o bom e o ruim. E, considerando as condições em que vivíamos naquela época, havia mais coisas ruins do que boas. Não tenho certeza de como nossa amizade se transformou em amor. Ela foi se aproximando de mim sem que eu percebesse, como um riacho que vai desgastando a pedra grão a grão. Nós dois éramos jovens, nenhum de nós tínhamos família ou qualquer outra pessoa no mundo, então tínhamos que nos virar sozinhos. Éramos nós dois contra todos os outros nessa cidade fodida. A amizade se transformou em afeto e depois em algo mais profundo. Ela se tornou a única coisa boa em minha vida miserável.

Quando Kruger me prendeu e me fez entrar para a sua equipe de assassinos, prometi a mim mesmo que dançaria conforme a sua música até conseguir dinheiro suficiente para mudar Natalie e eu para bem longe, em algum lugar onde ele não pudesse nos encontrar. Achei que levaria um ou dois anos para economizar dinheiro suficiente para que pudéssemos desaparecer.

Eu estava errado.

Para sair do radar de Kruger, eu não poderia usar nenhuma das identidades que já tinha, pois ele poderia rastreá-las. Eu precisava de novos documentos para mim e para Natalie, e Kruger tinha conexões em todos os lugares - no governo, na polícia, no submundo, em todos os lugares. Conseguir novas identidades sem que ele descobrisse era quase impossível. Eu sabia demais para ser facilmente inocentado, por isso tinha de me certificar de que não levantaria nenhuma bandeira vermelha. Se eu fizesse isso, Natalie e eu acabaríamos mortos. Levei anos, muito dinheiro e quatro cadáveres para encontrar canais que Kruger não conseguiu rastrear. Recebi os malditos documentos uma semana antes de ir para essa missão.

E agora ela se foi. Um idiota levou embora a única família que eu tinha.

Fechando os olhos, abro a porta e entro no quarto.

* * *

Jogo os últimos galões vazios para o lado e observo meu reflexo na janela panorâmica da frente, com o sol poente às minhas costas. Os painéis de cada lado da grande vidraça estão abertos, e a fumaça da gasolina permeia o ar. Comprei

essa casa três anos depois de entrar para a unidade Z.E.R.O. porque odiava morar em um apartamento alugado. Comprei-a logo antes de pedir Natalie em casamento. Era apenas uma casa de tijolos e argamassa sem graça, mas era o único lugar que parecia um lar para mim depois de muito tempo. E agora, voltou a ser nada mais do que uma pilha de tijolos e argamassa novamente.

Tiro o isqueiro do bolso, giro o volante, acendendo a chama, e o jogo pela janela aberta. O isqueiro cai na mobília saturada de gasolina, acendendo o fogo e, quando chego ao meu carro, a chama já está consumindo as cortinas.

Quando estou ao volante, pego a velha caixa de metal no banco do passageiro. Em cima da pilha de passaportes e outras identidades, há uma pulseira de prata com um ursinho de pelúcia com um laço rosa que comprei para Natalie anos atrás com o dinheiro que roubei em um dos meus empregos. Ela era obcecada por ursos de qualquer tipo, provavelmente porque eles a lembravam da infância despreocupada que teve antes de ir parar nas ruas. Acho que nunca a vi sem aquele amuleto bobo. A equipe do hospital retirou a pulseira quando a levaram para a cirurgia, e a corrente se perdeu no caminho. Apenas o berloque de ursinho de pelúcia foi incluído em seus pertences quando eles foram devolvidos a mim.

Meus olhos se voltam para o chaveiro pendurado no espelho retrovisor. Um pingente brilhante de uma mão de pôquer - um royal flush[1], nada menos. O fecho de metal que prendia o pingente ao anel quebrou há muito tempo, então agora ele está preso apenas com um cordão de couro. Meu pai me deu essa coisa depois que eu o derrotei no pôquer pela primeira vez, e eu a guardei todos esses anos para me lembrar dele e de uma de suas outras lições: Não aceite apenas a mão que lhe foi dada na vida. Às vezes, você precisa ser o dealer[2].

[1] Maior sequência no pôquer com a carta Ás.
[2] É aquele que distribui cartas aos jogadores e gerencia a ação em uma mesa de pôquer.

Tiro o chaveiro do espelho e retiro o pingente do cordão, jogando-o na caixa de metal. Segurando o amuleto de ursinho de pelúcia em uma das mãos, passo o couro pelo laço na parte superior e amarro o cordão em volta do pulso.

Quando olho para cima, na direção da casa, o fogo já está consumindo suas laterais. Recosto-me no banco do motorista e observo as chamas aniquilarem o que antes era minha casa, bem como os últimos fragmentos de minha alma.

Eu nunca fui um homem bom. A primeira vez que tirei uma vida, eu tinha apenas dezesseis anos. Foi em legítima defesa, mas isso não muda o fato. Quando você vive nas ruas, na pior parte da cidade, é matar ou ser morto. Sobrevivência.

Não restava muita humanidade em mim quando conheci Natalie, mas tê-la ao meu lado ajudou a salvar aqueles restos lamentáveis. Ela se tornou meu propósito. A única coisa que impediu que meu coração se tornasse uma rocha fria e inatingível.

Nunca contei a ela a verdade sobre meu ‘trabalho’, temendo que ela ficasse com medo de mim. Natalie acreditava que eu era um segurança em uma instalação militar e nunca soube que estava vivendo com um assassino. Às vezes, eu queria confidenciar-lhe, contar sobre algumas de minhas missões, mas achava que ela não conseguiria lidar com isso, por isso me calei. Tê-la comigo era o suficiente.

Mas ela se foi, e levou tudo de bom com ela. Esperança. Sonhos. O amor. As únicas coisas que restaram foram a agonia e a raiva. Dessa fúria interior, surge uma fera feroz e sedenta de sangue, pedindo vingança. Sangue. Morte.

Não dou a mínima se o que aconteceu com minha esposa foi um acidente. Não me importa se foi um garoto chapado ou o avô de alguém com

problemas de visão que estava dirigindo o carro que a atropelou. Eu os encontrarei. E eles pagarão.

Pego a pilha de documentos da caixa de metal e começo a folheá-los, observando os diferentes nomes em cada um deles. Várias identidades são uma necessidade quando sua descrição de trabalho inclui matar pessoas para viver. Minha mão para na última identificação, um nome que não uso há quase uma década. Alessandro Zanetti. Kruger ficou me importunando sobre meu nome verdadeiro por meses, mas nunca cedi, mesmo depois que ele fez seus homens quebrarem meu braço, e ele finalmente abandonou o assunto. Ele não tinha utilidade para um soldado que não podia participar de missões porque estava muito maltratado, e todos os recrutas usavam nomes e identidades falsos de qualquer maneira. Não sei ao certo por que eu era tão teimoso em relação a isso. Talvez porque meu nome fosse a única coisa que eu realmente possuía naquela época. Ou pode ter sido porque eu simplesmente gostava de irritar o Kruger.

Pegando a pilha de identidades e passaportes falsos, incluindo os documentos que recebi na semana passada, eu os jogo pela janela. Parece apropriado usar meu nome verdadeiro quando mato o bastardo responsável pela morte de minha esposa.

Quando coloco o carro em marcha à ré e saio da garagem, as chamas já atingiram o telhado, transformando minha casa em cinzas.

Ravenna

Quatro meses atrás

A chuva é implacável, encharcando minha jaqueta já molhada e colando meu cabelo no rosto. Esqueci meu guarda-chuva no trabalho, pois fiquei muito chocada com a notícia de que a lanchonete onde trabalho fechará na próxima semana. Isso me deixa apenas com meu emprego de meio período em uma empresa de contabilidade, o que não é suficiente, e precisarei começar a procurar outra coisa imediatamente.

Estou tentando tirar um dos fios molhados dos olhos quando uma caminhonete passa por mim à minha esquerda, correndo pela rua vazia, mas coberta de poças, e me espirrando com a água suja do meio-fio. Um suspiro de derrota sai dos meus lábios quando paro no meio da calçada deserta e olho para meus tênis brancos novos, que agora estão encharcados e manchados de sujeira.

Embora a chuva torrencial ainda esteja me atingindo, não consigo desviar o olhar dos meus tênis. Ontem, senti-me um pouco culpada porque o dinheiro está curto neste mês, mas fiquei muito animada quando saí da loja depois de comprar meus tênis. Se eu soubesse que perderia meu emprego hoje, nunca os teria comprado.

O toque da buzina de um carro me tira de meus pensamentos e olho para cima para ver Melania, minha melhor amiga desde o ensino médio, acenando para mim pela janela do motorista de seu carro.

— Jesus, Ravi! — ela grita. — Entre!

Corro em direção ao veículo dela e abro a porta do passageiro, mas quando meus olhos se deparam com o interior agradável e o assento seco, apenas balanço a cabeça. — Estou toda suja de lama.

— Oh, pelo amor de Deus. Apenas entre, Ravenna. — Melania se inclina em minha direção e agarra minha mão, puxando-me para dentro.

— Turno da noite? — Pergunto enquanto coloco o cinto de segurança. Melania trabalha em uma farmácia na mesma rua.

— Sim. Eu deveria ter terminado à meia-noite, mas tivemos algumas entregas que chegaram atrasadas, então tive que resolver isso. Conseguimos aquele analgésico que você pediu para a Mamma Lola.

Aceno com a cabeça. Considerando a situação, não tenho certeza de que podemos pagar por isso no momento.

— Vi Vitto quando estava indo para o trabalho esta tarde, — ela continua enquanto volta para a rua. — Ele estava com Ugo.

— Eu lhe disse que não quero que ele ande com aquele garoto, mas ele não me ouve. Aquele cara é uma má influência.

— Eles estão roubando de novo?

Recosto-me no encosto de cabeça e fecho os olhos. Meu irmão tem sido extremamente difícil no último ano. — Espero que não. O gerente do supermercado disse que vai registrar uma queixa na polícia se os pegar novamente.

— Talvez você possa tentar encontrar um emprego para ele no verão. Posso perguntar por aí se você quiser?

— Sim, isso seria ótimo, — digo, mesmo sabendo que não vai dar em nada.

Desde a morte de nosso pai, há um ano, Vitto começou a frequentar lugares onde os membros da Cosa Nostra se reúnem, fazendo pequenas tarefas para eles de vez em quando, na esperança de que lhe fosse oferecido o cargo de soldado que nosso pai ocupava. Tanto minha mãe quanto eu temos feito o possível para tirar essa ideia idiota da cabeça dele, mas sem sucesso. Eu o proibi de ir a qualquer um desses lugares, mas tenho certeza de que ele ainda está fazendo isso em segredo.

— Ele vai se recuperar, Ravi. Você verá. — Melania estaciona o carro em frente ao meu prédio e se aproxima para apertar minha mão.

— Espero que sim. — Aperto a mão dela em troca e abro a porta. — Foi só um quarteirão. Você não precisava me trazer.

— Ainda estou em dívida com você por toda a lição de casa de matemática que você fez para mim no ensino médio. — Ela ri. — Diga oi para a Mamma Lola por mim.

— Direi.

Meus tênis molhados fazem sons de amortecimento enquanto corro em direção ao prédio e depois subo os quatro lances de escada. Tentando ser o mais silenciosa possível, entro no apartamento e vou direto para o banheiro trocar de roupa quando a voz trêmula da minha mãe vem de trás de mim.

— Vitto ainda não está em casa.

Eu me viro e olho para minha mãe com pavor. São quase três da manhã. Meu irmão pode ser problemático, mas ele nunca ficou fora a noite toda sem avisar a mim ou à minha mãe. — O que você quer dizer com isso?

— Ele saiu com os amigos e disse que voltaria às onze, — minha mãe engasga. — Seu telefone está desligado.

— Por que você não me ligou?

— Você estava trabalhando. Achei que ele estava atrasado, então me deitei no sofá para esperar por ele. Adormeci. — Ela começa a chorar. — Tentei ligar para os amigos dele, mas ninguém o viu.

— Merda. Sinto muito, mamãe. — Envolvo meus braços ao redor dela e tento manter minha voz firme. — Ele provavelmente foi dormir na casa do Ugo e esqueceu de ligar para você.

— Talvez devêssemos chamar a polícia, Ravi.

Fecho os olhos. — Você sabe que não podemos.

Podemos não ser membros ativos da Cosa Nostra, mas meu pai era. Não podemos nos arriscar a atrair a atenção da polícia, a menos que seja absolutamente necessário.

— E se algo aconteceu com ele?

— Ele está bem. Vou ligar para Ugo e nós o encontraremos. — Estou pegando meu telefone quando uma batida forte e alta soa na porta.

Os olhos de minha mãe se arregalam de medo e uma lágrima desce por sua face. Quando alguém bate em sua porta às três da manhã, não pode ser nada bom. Corro para o outro lado da sala e abro a porta.

Um homem de terno escuro está parado do outro lado da soleira da porta. Eu nunca o vi antes, mas uma olhada em sua postura e no coldre visível sob o paletó desabotoado já diz o suficiente. Cosa Nostra.

— Ravenna Cattaneo? — ele pergunta, olhando para mim.

— Sim, — eu engasgo.

— Você precisa vir comigo.

— Isso é sobre meu irmão? Ele está bem?

— Por enquanto. — O soldado da Cosa Nostra me pega pelo braço e me leva para o corredor. Ele nem sequer espera que eu pegue minha bolsa ou jaqueta.

— Vai ficar tudo bem, mamãe, — grito por cima do ombro enquanto tento manter o ritmo. Minha mãe está parada na porta, com uma das mãos segurando a moldura e a outra pressionada sobre a boca enquanto me observa sair.

Quando saímos do prédio e o homem se aproxima de um carro preto com vidros fumê, eu entro sem fazer perguntas. Aperto as mãos no colo enquanto dirigimos, tentando me manter firme. Vitto deve ter feito uma grande besteira dessa vez para que a Cosa Nostra tenha vindo ao nosso apartamento no meio da noite. Será que meu irmão foi pego roubando de novo? Ou talvez ele tenha dito algo que não deveria ter dito? Oh, Deus, se ele denunciou alguém, é como se estivesse morto.

O carro entra em um beco estreito e para em frente a um restaurante com cortinas quadriculadas vermelhas e brancas. Não reconheço o lugar de imediato porque só estive aqui uma vez, quando precisei trazer a carteira do meu pai depois que ele a esqueceu em casa. Ele estava de guarda na sala dos fundos.

Saio do carro e olho para a placa de madeira acima da porta. Luigi's. O lugar onde os soldados da Cosa Nostra vêm para jogar cartas.

O motorista me guia sem palavras entre as mesas vazias em direção à porta no final da sala. Uma mulher com um avental branco manchado está lavando pratos e fica olhando enquanto passamos pela cozinha. Quando chegamos à porta escondida atrás de uma cortina ao lado dos engradados de vinho, o homem a abre e me empurra para dentro da sala escondida. A porta se fecha atrás de mim.

Lá dentro, o ar está cheio de fumaça pesada de charuto, dificultando a respiração. A luz da luminária acima da grande mesa redonda ilumina as formas de quatro homens sentados ao redor dela, jogando pôquer. Dou alguns passos para dentro da sala, e o que está de frente para mim levanta a mão de suas cartas e se inclina para trás, enquanto um sorriso presunçoso se desenha em seus lábios. Dou um passo involuntário para trás. É um dos capos. Rocco Pisano.

— Acabamos por hoje, — ele diz e joga suas cartas no meio da mesa.

Os outros três homens se levantam, com suas cadeiras raspando no chão ao se levantarem, e recolhem seus pertences. Nenhum deles encontra meu olhar quando passam por mim e saem da sala. A porta se fecha atrás deles com um clique suave, mas eu me arrepio com a sensação sinistra desse pequeno som.

— O senhor mandou me chamar, Sr. Pisano, — eu engasgo, tentando manter contato visual sem me encolher. Não gosto da maneira como ele me olha - como um gato que acabou de receber um agrado inesperado.

— Mandei. — Rocco pega sua bebida e se inclina para trás em sua cadeira, observando minhas roupas encharcadas. — Há uma dívida que precisa ser paga.

Uma sensação de afundamento se instala no fundo do meu estômago. — Uma dívida?

— Sim. — Ele sorri e desvia o olhar para algo atrás de mim. — Não é verdade, Vitto?

Eu me viro e um grito estrangulado sai de meus lábios quando meus olhos caem sobre o corpo enrolado no canto. Meu irmão olha para cima, seu rosto está manchado de sangue e um de seus olhos está fechado e inchado.

— Oh, meu Deus. — Dou um passo em sua direção, mas o som de uma palma batendo na mesa me faz parar no meio do caminho.

— Venha cá, ou vou terminar o que comecei! — Rocco ruge.

Engulo a bile e me viro para encarar o capo. Rocco acena com a cabeça para a cadeira à sua frente e observa quando me aproximo com as pernas trêmulas.

— Sente-se, — ele diz.

Eu caio na cadeira e coloco minhas mãos no colo. Não sei o que está acontecendo ou o que diabos meu irmão está fazendo aqui, mas sei que é ruim.

Rocco dá uma tragada em seu charuto e sopra a fumaça em meu rosto. — Aqui o Vitto achou que podia jogar pôquer com os peixes grandes. Ele chegou no início da noite, acenando com uma pilha de dinheiro, pedindo permissão para entrar no jogo.

Fecho os olhos por um momento, tentando impedir que as lágrimas caiam. A morte de meu pai afetou muito meu irmão, e Vitto tem causado problemas desde então. Más companhias. Roubos. Até mesmo venda de maconha. Mas eu nunca esperei que ele fosse louco o suficiente para vir a um lugar da Cosa Nostra para jogar.

— Ele tem apenas quinze anos, — sussurro.

— O garoto precisa de uma lição. Ele já tem idade suficiente para ser responsabilizado por suas palavras e ações. — Rocco sorri. — E tem idade suficiente para pagar.

— Quanto ele lhe deve?

— Os quatro mil dólares que ele trouxe foram suficientes apenas para o depósito inicial.

Quatro mil dólares. Torço meus dedos. Só há um lugar onde meu irmão poderia ter conseguido esse dinheiro. A velha lata de biscoitos que está embaixo da minha cama. Tenho trabalhado desde o ensino médio para economizar dinheiro para a faculdade. A maior parte foi para cobrir os remédios quando meu pai ficou doente, mas consegui juntar cerca de quatro mil dólares no último ano.

— Vou até o banco e verei se consigo um empréstimo, — digo. — Devolveremos cada centavo que Vitto lhe deve, mas, por favor, deixe meu irmão ir embora.

— Duvido que algum banco lhe daria um empréstimo grande o suficiente para cobrir o valor que seu irmão me deve. Então, Vitto e eu chegamos a um acordo que beneficiará a ambos. Eu esquecerei o dinheiro e não o matarei. — Ele sopra a fumaça em meu rosto novamente. — E aceitarei você como pagamento.

Capítulo 2

Alessandro

Dias atuais

A neve range sob os pneus quando estaciono meu carro na entrada de uma enorme mansão de pedra cinza. São quase seis da tarde, mas esse é o horário em que recebi a ordem de me apresentar ao serviço. Desligo a ignição e me recosto no banco, observando a casa pelo para-brisa. Dada a localização e o tamanho da propriedade ao redor, ela provavelmente vale cinco ou seis milhões, mas é menor do que eu esperava. Apenas dois andares.

É uma bela casa.

E queimará de forma magnífica.

Saio do carro e me dirijo aos amplos degraus de pedra que levam às portas duplas de madeira manchada. Mais cedo, quando entrei de carro, notei dois guardas no portão. Pelo menos mais três estão posicionados do lado de fora do alto muro perimetral que cerca a propriedade, mas não há nenhum na entrada da frente ou em qualquer lugar ao redor da casa. Pelo que percebi, meu novo empregador não permite que ninguém de sua equipe de segurança se aproxime da casa. Essa é provavelmente a razão pela qual cada centímetro do terreno da propriedade ao redor da casa é monitorado por câmeras.

Quando coloco o pé no primeiro degrau de pedra, a porta da frente se abre, revelando um homem em um terno cinza claro de três peças. A luz amarelada do corredor ilumina sua forma alta e esguia, enquanto ele está diante de mim com uma expressão presunçosa no rosto. Rocco Pisano. Um capo da família criminosa de Nova York.

— Zanetti, — diz ele, fazendo sinal para que eu o siga. — Vou informá-lo em meu escritório. Terá de ser rápido. Temos que estar no teatro em duas horas.

Dou alguns passos atrás dele quando ele vira à esquerda e me conduz pelo espaçoso saguão de mármore em direção à porta de madeira deslizante do outro lado. O interior é opulento, e meus passos ecoam nas paredes e no teto alto adornado com decorações de estuque. Pinturas em afresco no teto mostram anjos em cores vibrantes, olhando para nós. Peças de mobília barroca de madeira escura que foram polidas até ficarem brilhantes estão posicionadas nos cantos. Uma ampla escadaria leva ao andar superior, e o elaborado corrimão de madeira tem flores, videiras e outros elementos decorativos esculpidos nele.

O escritório de Pisano é igualmente grande. Uma enorme mesa de madeira com acabamento em cerejeira ocupa o lugar central. Em sua superfície, perto da borda, há uma placa de identificação grossa e entalhada que combina com o revestimento da mesa.

O restante da sala exibe exemplos semelhantes de ostentação. Há um enorme lustre de cristal, que é mais adequado para uma sala de jantar do que para um escritório. Duas esculturas douradas em tamanho real de leões agachados, como se estivessem de guarda, estão colocadas em ambos os lados da escrivaninha, e enormes estantes de livros revestem a parede atrás dela. Os livros são protegidos por portas de vidro com moldura dourada.

Rocco se senta atrás de sua mesa e pega a caixa de madeira com charutos de alta qualidade. Quando ele pega um dos puros, a luz do lustre acima reflete em um anel de ouro grosso com uma enorme pedra de rubi em seu dedo indicador ossudo.

Oito anos. Oito malditos anos procurando por esse homem e aqui está ele, finalmente sentado diante de mim. Mal consigo controlar a vontade de colocar minhas mãos em sua garganta, quebrando seu pescoço na hora. Mas não esperei tanto tempo para livrá-lo de uma morte simples e rápida. Não. Vou destruí-lo, pedaço por pedaço, e ele vai assistir. Somente quando não restar nada de sua vida dourada é que ele poderá se encontrar com seu criador. E eu me certificarei de que o caminho que tomaremos até seu destino final será muito, muito longo. E extremamente excruciante.

Os olhos de Rocco não me deixam enquanto ele corta a ponta e coloca o charuto na boca, como se estivesse tentando causar uma boa impressão. Ele também não me oferece um assento em uma das cadeiras posicionadas em frente à sua mesa.

— Então, ouvi dizer que você não gosta de mulheres, — diz ele enquanto acende o charuto. — Isso é verdade?

Eu já estava esperando a pergunta. O chefe me disse que Rocco era patologicamente ciumento e que ele matou os três últimos guarda-costas designados para sua esposa. A única razão pela qual estou assumindo o cargo é porque Rocco acredita que sou gay. Não tenho certeza absoluta de onde surgiu a ideia, mas Ajello mencionou que é exatamente isso que Rocco pensa de mim. Talvez ele tenha ouvido que eu nunca vou ao clube de striptease frequentado pelos outros soldados da Cosa Nostra toda quinta-feira à noite. Ou talvez ele ache que sou gay porque recusei as garotas que o idiota do Carmelo mandou para minha

casa como presente pelo meu quinto aniversário de ingresso na Família. Para mim, não importa o que deu a ele essa impressão. Eu mantenho o olhar dele e aceno com a cabeça.

— Seu segredo está seguro comigo. — Os lábios de Rocco se curvam para cima. — Vamos ao que interessa. Você será responsável pela segurança de minha esposa, 24 horas por dia, sete dias por semana. Como já deve ter notado, os guardas não podem entrar na casa. Isso só muda quando temos convidados. Caso contrário, as únicas pessoas nesta casa somos eu e minha esposa. Também temos um caseiro e duas empregadas domésticas. Eles chegam às oito e saem às sete.

— Sistemas de segurança? — Eu pergunto.

— Alarmes nas portas da frente e dos fundos, bem como nas janelas do andar térreo. Câmeras do lado de fora da casa e ao longo da parede do perímetro. Elas são monitoradas a partir da guarita no portão. Três turnos de guardas de segurança, cinco homens em cada.

— Minhas tarefas?

— Você tem apenas uma. Minha esposa, — ele diz e se inclina para trás em sua cadeira. — Ravenna não tem permissão para sair de casa sem supervisão. Ela gosta de passear pela propriedade, portanto, quando ela sair, você deve ir com ela. Além disso, ela costuma sair para fazer compras e outras coisas femininas. Cabeleireiro. Manicure. Você estará com ela sempre que ela precisar se aventurar.

— Alguma exceção?

— Sem exceções. Se ela precisar ir à porra de um ginecologista, você vai com ela. — Ele se levanta da cadeira e vem para a minha frente. — Seu trabalho não é simplesmente atuar como segurança de Ravenna. Isso é secundário. O que eu

preciso que você faça é seguir cada passo dela e me informar sobre qualquer coisa suspeita.

— O que é considerado suspeito?

— Conversar com outros homens. Ou estranhos em geral, inclusive mulheres. Ela também não tem permissão para fazer ligações do seu telefone ou de qualquer outro. Ela tem um celular com os únicos números para os quais tem permissão de ligar programados e deve usar somente esse telefone. Sua agenda diária deve ser confirmada comigo todas as manhãs. Não são permitidos desvios.

Mantenho meu rosto sem expressão enquanto reflito sobre o que ele disse. A mulher deve ser uma idiota ou uma covarde se não se importa em ser controlada dessa maneira, mas isso não é problema meu.

— Entendido.

— Guarde isso com você. — Ele enfia a mão no bolso e puxa a carteira, entregando-me um cartão de crédito. — Deixe que ela o use quando precisar comprar alguma coisa e depois pegue-o de volta.

Talvez a Sra. Pisano goste de se satisfazer demais? Pego o cartão e aceno com a cabeça.

Rocco inclina a cabeça para o lado. — Você não fala muito, não é?

— Não.

— Perfeito. — Ele se dirige para a porta. — Ravenna deve estar descendo a qualquer momento.

Enquanto o sigo para fora da sala, fico imaginando como é a mulher que vou matar.

Ravenna

Inclino o queixo para cima, olhando meu reflexo no espelho. Três camadas de base fizeram seu trabalho. O hematoma no meu pescoço não é visível, e a gargantilha larga de diamantes cobre o que a maquiagem não conseguiu. Já se passaram quatro dias, portanto, espero que desapareça logo.

Pegando meu casaco no encosto da cadeira, saio do meu quarto. O quarto do meu marido fica bem em frente ao meu e não consigo reprimir um estremecimento quando meus olhos se voltam para a porta dele antes de seguir pelo corredor até a escada principal. Em breve, digo a mim mesma. Só preciso de mais alguns meses.

Rocco está parado no pé da escada, observando-me descer. Seus olhos passam rapidamente pelo vestido que estou usando e seus lábios se alargam em um sorriso satisfeito. Quando ele veio ao meu quarto mais cedo, jogou o vestido e o colar em mim, ordenando que eu o usasse esta noite. Esperei que ele saísse para dar uma olhada no vestido vermelho. É pior do que o vestido anterior que ele me comprou, e a ideia de sair, especialmente para ir ao teatro com essa coisa, me faz sentir muito envergonhada, mas isso não é novidade.

Estou tão concentrada em calcular quanto dinheiro ainda preciso para escapar e qual seria a maneira mais rápida de ganhar mais, que não noto o homem parado na porta até chegar ao patamar. Quando o faço, meus passos vacilam por um momento, mas, de alguma forma, consigo disfarçar meu quase tropeço. Meu marido é um homem alto, mas a pessoa atrás dele é quase uma cabeça mais alto.

— Ravenna, bellissima, você está deslumbrante. — Rocco sorri quando me aproximo e pega minha mão. — Este é Alessandro Zanetti, seu novo guarda-costas.

Esforçando-me ao máximo para manter o rosto em branco, dou outra olhada no homem que está de pé com as mãos atrás das costas. A postura enfatiza sua estrutura ampla, enquanto os músculos de seus braços se tensionam contra o material de seu paletó preto. Ele é provavelmente o maior homem que já conheci. Meu olhar percorre seu peito largo e para em seu rosto. *Sinistro*. Essa é a primeira palavra que me vem à mente. Ele tem uma barba bem feita, um maxilar forte e maçãs do rosto afiadas, mas não é seu rosto ou seu enorme volume que me faz querer dar um passo para trás. São as coisas que vejo em seus olhos escuros. Ódio. Aversão. E uma raiva mal contida. Quero desviar o olhar, mas não consigo. É como se seus olhos me prendessem e me mantivessem prisioneira. Se olhares pudessem matar, tenho certeza de que eu estaria morta na hora.

Eu me obrigo a assentir e finalmente desvio o olhar, concentrando-me na entrada da frente. Quando passamos pela porta que Alessandro está segurando aberta para nós, posso sentir seus olhos em mim o tempo todo, até ao carro do meu marido. Somente quando deslizo para o banco do passageiro e Rocco fecha a porta do carro é que me permito exalar.

Pelo espelho retrovisor lateral, vejo meu novo guarda-costas caminhando em direção a uma SUV preta, com passos lentos e calculados. Pouco antes de entrar, ele olha para cima em direção ao nosso carro. Não há como ele perceber que o estou observando, mas, de alguma forma, sei que ele percebe. A vibração de hostilidade que ele está emitindo é como um ser vivo. Não me lembro da última vez que alguém causou uma impressão tão forte em mim logo no primeiro encontro, sem sequer dizer uma palavra. Ele está com raiva por ter sido designado

para esse trabalho? Ele provavelmente já ouviu as histórias sobre como os últimos três guarda-costas acabaram - com um buraco de bala da arma de Rocco em suas testas.

A porta do motorista se abre, e eu rapidamente desvio os olhos do espelho.

— Bem, parece que encontrei a segurança perfeita para você, — diz Rocco ao sentar-se ao volante. — Este não vai cair em seus encantos.

Aperto a bolsa que estou segurando nas mãos e mordo a parte interna da bochecha, tentando controlar a necessidade de olhar para ele e gritar na sua cara.

— Sim, Rocco, — murmuro, mantendo o olhar fixo em meu colo.

Alessandro

Encosto-me na parede e olho para o casal Pisano, que está sentado em cadeiras revestidas de veludo, alguns metros à minha frente. Há oito assentos nesse camarote privativo, mas os outros estão vazios.

Rocco parece entediado. Seu braço esquerdo está apoiado no encosto da cadeira da esposa e ele tem o celular na mão livre. Ele está mexendo em seu aparelho desde que a mulher no palco começou a cantar, então, claramente, ele não é um fã de ópera.

Sua esposa é difícil de ler. Algo parece estranho entre esses dois. A Sra. Pisano senta-se ereta e evita olhar para o marido. Desde o momento em que se sentou, seu olhar está concentrado no palco. Ela não moveu um músculo por quase uma hora, e não consigo determinar se é porque está imersa na apresentação ou se há outro motivo para sua postura estoica.

Quando Rocco listou os parâmetros de minha tarefa anteriormente, fiquei surpreso. O filho da puta devia estar loucamente apaixonado por sua esposa, mas eu não entendia por que um homem em sua posição seria tão inseguro a ponto de recorrer a tais medidas de controle. No entanto, quando vi Ravenna Pisano descendo as escadas, mal consegui evitar que meu queixo batesse no chão. Vi várias fotos dela, mas elas não lhe faziam justiça.

Existem mulheres bonitas. E depois... há ela.

O vestido vermelho justo que ela está usando tem um decote em V profundo, mostrando seus seios firmes. Também é escandalosamente curto, chegando logo abaixo de sua bunda. A cor vibrante contrasta com seu cabelo preto,

que ela prendeu em um coque apertado no alto da cabeça. Acho que nunca vi um rosto tão perfeito, apesar do excesso de maquiagem que ela está usando. Sombra pesada ao redor de seus grandes olhos verdes. Lábios vermelho-sangue, do mesmo tom de seu vestido. Cílios longos e grossos, provavelmente falsos. É difícil adivinhar a idade dela com toda essa porcaria no rosto, mas acho que deve ter uns vinte e poucos anos.

Quando ela estava descendo as escadas da casa, notei seus saltos altos pretos brilhantes e como eles complementavam sua figura de ampulheta. Foi somente quando ela parou ao lado de Rocco que percebi que ela era muito mais baixa do que eu pensava inicialmente. Mesmo de salto alto, o topo de sua cabeça mal chegava ao nariz dele. Em pé e descalça, ela provavelmente chegaria apenas até o meio do meu peito.

Ravenna Pisano é uma mulher de personalidade duvidosa, que não deve ser muito difícil de apagar da existência. E pretendo fazer isso bem debaixo do nariz arrogante do marido dela. Parece apropriado.

A artista no palco finalmente para de se lamentar e uma grande salva de palmas se inicia. Rocco se levanta de sua cadeira e estende a mão para sua esposa. A Sra. Pisano se levanta lentamente, o ato é tão majestoso que é como ver uma rainha aparecer diante de seus súditos. Uma rainha do gelo, para ser mais exato. Quando eles passam por mim, ela mantém a cabeça erguida, olhando para frente, ignorando completamente minha presença. Acho que ela sente que estou abaixo dela, como a ‘ajuda’ costuma ser para sua espécie.

Sigo os Pisano pelo amplo corredor em direção ao espaço aberto no final, onde bebidas estão aguardando os clientes privilegiados. Rocco inclina a cabeça para sussurrar algo no ouvido da esposa e, em seguida, junta-se a um grupo de homens no centro da sala, que riem ruidosamente enquanto tomam seus

drinques. A Sra. Pisano se afasta para o lado, ficando em um local relativamente livre de pessoas. Sua postura é ainda mais rígida do que na sala de teatro, e seus olhos parecem se concentrar em algo na parede oposta. Eu sigo seu olhar, imaginando o que teria atraído sua atenção, mas não há nada lá. Apenas uma parede branca imaculada. Nem mesmo uma obra de arte ou uma luminária à vista.

Dou alguns passos e me posiciono à esquerda de Ravenna Pisano. No momento em que ela sente minha presença, ela congela, todos os músculos se contraem em recuo.

— Por favor, afaste-se, — diz ela, e, por um segundo, fico surpreso com o fato de ela parecer tão jovem. Mas, então, suas palavras se encaixam e o nojo me domina. Dou um passo para trás. É claro que ela não pode ter sua visão majestosa manchada por pessoas como eu. É patético como as pessoas com direitos às vezes se esquecem de que não são tão diferentes do resto de nós. Especialmente quando estão sangrando.

Eu me pergunto se ela sentirá o mesmo quando o sangue escorrer por seu pescoço fino depois que eu o abrir.

Ravenna

Respiro fundo e mantenho meus olhos fixos na parede à minha frente. É uma técnica que adotei recentemente para evitar que meus olhos se desviem e encontrem o olhar de um homem por acidente. Posso ver Rocco em minha visão periférica. Ele está conversando com outro capo, Cosimo Longo, e finge estar imerso na conversa, mas sei muito bem que ele está me observando. Esperando que eu escorregue. Não escorregarei. Tive muita prática para prevalecer nesse jogo perverso dele, levei uma série de golpes e tenho hematomas suficientes para me motivar a manter meu olhar fixo naquela parede. Mas não há nada que eu possa fazer para evitar que os homens olhem para mim. Ou pior, que se aproximem de mim. Rocco sabe disso e tem grande satisfação em ver isso acontecer, pois significa que ele pode me castigar quando chegarmos em casa sem que sua consciência sofra um golpe.

Meu marido tem uma visão única do mundo. Em sua mente, ele é um homem bom e justo que nunca faz nada sem uma causa. Se eu me comportar da melhor maneira possível, nada acontecerá. Bem, na maioria das vezes, pelo menos. Mas se eu fizer algo errado, como olhar para outro homem ou fazer algo que atraia seus olhares, ele sente a necessidade de me punir. Rocco gosta de chamar isso de ‘métodos de educação marcial’. Então, eu me afasto, esperando que ninguém preste atenção em mim e que Rocco fique entediado logo para que possamos voltar para a mansão.

— Ravenna, — diz uma voz masculina à minha direita. — Por que você está sozinha? Quer que eu lhe traga uma bebida?

Aperto a bolsa em minha mão com mais força. — Estou bem, Pietro. Obrigada.

Vá embora. Por favor, por favor, vá embora. Repito o mantra em minha cabeça. Talvez se ele for embora imediatamente, Rocco não o notará.

— Tem certeza de que não quer beber nada? — Ele coloca a mão em meu ombro.

Fecho os olhos por um segundo, tentando suprimir o pânico que está surgindo dentro de mim, e me obrigo a sorrir. Pietro trabalhou ao lado de meu pai por alguns anos e até veio à nossa casa algumas vezes. Ele sempre foi gentil comigo e, em um determinado momento, pensei em pedir-lhe ajuda, mas nunca tive coragem.

— Estou bem, só estou pensando muito. Obrigada.

Pietro acena com a cabeça e se dirige ao grupo de pessoas do outro lado da sala. Quando ele está fora de vista, dou uma olhada para onde Rocco estava e o encontro olhando para mim por cima da borda de seu copo. Ele está sorrindo. *Que merda.* Dou um passo para trás, esbarrando em uma parede de músculos duros. Uma enorme mão masculina pousa na lateral da minha cintura, me firmando. Meu sangue fica frio.

Desde que me casei com Rocco, três homens morreram por minha causa. O primeiro tinha apenas vinte e seis anos. Apenas dois anos mais velho do que eu. Ainda tenho pesadelos com aquele dia. Eu tinha acabado de chegar em casa depois de ir na minha manicure, e Gaetano estendeu a mão para me ajudar com o casaco, roçando meu ombro com a mão por acidente. Um minuto depois, Rocco saiu da biblioteca com uma arma na mão e atirou na cabeça do meu guarda-costas. No início, não percebi o que havia acontecido e fiquei olhando para o corpo de

Gaetano esparramado no chão enquanto o sangue escorria do buraco no centro de sua testa. Rocco começou a gritar, ordenando que eu fosse para o meu quarto, mas eu não conseguia mexer minhas pernas.

Aprendi minha lição depois disso e me certifiquei de nunca, mesmo que acidentalmente, tocar meus guarda-costas quando Rocco ou suas câmeras estivessem por perto. No final das contas, isso não importava. Os outros dois acabaram mortos porque meu marido concluiu que eles estavam olhando para mim de forma inadequada.

— Tire a mão, — eu engasgo, olhando para Rocco enquanto o pânico surge no fundo do meu estômago.

Nada acontece.

— Agora mesmo, Alessandro.

A mão desaparece de minha cintura. Enquanto observo, Rocco deixa sua bebida na bandeja do garçom mais próximo e vem em nossa direção. Oh, meu Deus. Ele vai matar Alessandro também. Rocco não faria nada com Pietro porque ele faz parte do círculo íntimo do Don. Serei *eu* quem pagará por esse encontro. Mas meu marido não hesitará em executar um guarda-costas assim que voltarmos para casa. Não posso viver com a morte de outro homem inocente em minha consciência. Não posso.

— Vá embora, — sussurro. — Por favor. Vá embora.

Acho que Alessandro não me ouve, porque ainda posso senti-lo às minhas costas quando Rocco para na minha frente. Ele ainda está usando um sorriso sinistro.

— Da próxima vez, quando um homem se aproximar da minha esposa, — disse Rocco olhando por cima da minha cabeça, — você o tirará da vista dela. Com força, se necessário. Fui claro?

Não ouço uma resposta, mas presumo que Alessandro acena com a cabeça. Rocco coloca sua mão na parte inferior das minhas costas e me leva para o corredor. Estamos indo embora, graças a Deus.

* * *

A porta do quarto se fecha com um clique suave atrás de mim. Deixo minha bolsa sobre a penteadeira à minha direita e me viro. A palma da mão de Rocco se encosta em minha bochecha antes que eu esteja totalmente de frente para ele.

— Pietro? Sério? — ele sibila enquanto me empurra em direção à parede. — Você precisa de um pau? Eu vou lhe dar um pau, sua vadia.

Meu peito se choca contra a superfície dura. Respirando fundo, fecho os olhos e pressiono as palmas das mãos contra a parede. Rocco agarra a barra do meu vestido, puxando-o para cima, e depois rasga minha calcinha. Posso ouvi-lo abrindo o cinto e me prendo à parede, certificando-me de me mover o mínimo possível. Ele fica mais excitado quando eu luto. Um momento depois, sinto seu pau flácido pressionando meu traseiro. Ele se choca contra mim algumas vezes, com sua respiração acelerada.

— Droga! Onde estão meus comprimidos?

Eu o ouço se afastando, provavelmente para pegar o Viagra que ele me obriga a guardar na gaveta da minha mesa de cabeceira. Um minuto se passa. Não me movo de meu lugar. Sua mão chega à minha bunda, apertando. Fecho meus olhos com mais força.

Grunhindo. Respirações rápidas enquanto ele bombeia seu pau atrás de mim.

— Sua puta maldita. — Rocco solta minha bunda e agarra meu cabelo. — Não consigo levantar meu pau para você, mesmo com a porra do Viagra.

Quase tropeço quando ele me empurra em direção à cama e me joga no chão.

— Você não pode sair do seu quarto até de manhã. Está me ouvindo?

— Sim, Rocco, — eu engasgo.

A porta do quarto se fecha, mas continuo deitada na cama, olhando para o teto, e volto a calcular quanto dinheiro preciso para sair desse show de horrores. Ficar pensando nos detalhes se tornou um mecanismo de enfrentamento. Sempre que Rocco me maltrata, eu me desligo da situação planejando minha fuga.

Minha mente se volta involuntariamente para o grande homem silencioso que se tornará minha sombra sempre presente. Será que meu marido vai fazer alguma coisa com ele? Talvez Rocco estivesse muito concentrado em Pietro e não tenha notado quando Alessandro me tocou no teatro. Se ele tivesse notado, teria havido outra morte esta noite. Levo a mão ao quadril e roço o local onde a mão de Alessandro pousou brevemente sobre mim.

Terei que ter muito cuidado com ele, pelo menos até conhecê-lo melhor. Espero que ele não seja uma pessoa excessivamente atenciosa. Talvez eu deva suspender minhas atividades extracurriculares por alguns dias. Não, não posso me

dar a esse luxo. Cada segundo que passo nesta casa com Rocco é um inferno. A situação começou ruim e só piorou exponencialmente. Acho que o derramamento de sangue que aconteceu no dia do nosso casamento foi apenas um precursor do que estava por vir. Um prenúncio do pesadelo que me puxa cada vez mais para o fundo. Me encharcando de miséria e me afogando em mágoa.

Eu sabia desde o início que meu marido era um homem problemático. Nenhuma pessoa sã conseguiria uma esposa como pagamento de uma dívida de jogo. Na época, eu não entendia por que ele precisava recorrer a essas medidas. Rocco sempre foi popular e respeitado e, como era um capo, era até mesmo temido. Muitas mulheres teriam se entusiasmado com a possibilidade de se casar com ele, mas Rocco permaneceu solteiro. Eu não conseguia entender por que, de repente, ele sentiu a necessidade de se casar, ainda mais comigo - uma filha de um soldado humilde da Cosa Nostra. Essa pergunta foi respondida rapidamente, em nossa noite de núpcias.

Rocco Pisano é impotente. E ele está pronto para matar qualquer um que se atreva a revelar seu segredo. A única pessoa que sabe é o médico que Rocco visita secretamente. E agora eu. Não tenho certeza se o problema dele é congênito ou recente, mas tenho a sensação de que ele vem lidando com isso há algum tempo. Sua impotência é provavelmente o motivo pelo qual ele não se casou com uma mulher de uma família de alto escalão. Ele provavelmente temia que ela contasse aos pais ou irmãos e, logo depois, todos ficariam sabendo. Mas Rocco nunca permitiria que seu segredo fosse exposto. E ele não podia se arriscar a levantar a mão contra uma mulher assim para mantê-la calada. Se a família dela descobrisse, o Don também descobriria.

Talvez se meu pai ainda estivesse vivo, minha vida teria sido diferente. Ou talvez não tivesse sido. O casamento sempre foi considerado sagrado por minha

família. Durante anos, ouvi meu pai dizer que uma mulher deve invariavelmente respeitar seu marido, não importa o que aconteça. Ela deveria ser dócil e saber seu lugar, nunca contradizer seu homem. Isso estava tão arraigado em mim que, na primeira vez em que Rocco me bateu, eu estava convencida de que a culpa era minha. Depois que isso começou a acontecer com regularidade, eu queria contar a alguém, pedir ajuda, mas não conseguia desafiá-lo.

Quando estamos em público, Rocco sempre se comporta como um marido carinhoso e amoroso. Ninguém acreditaria em mim. E Rocco deixou bem claro o que acontecerá com minha mãe e meu irmão se eu disser uma palavra. Portanto, mantenho minha boca fechada e aguento até conseguir juntar dinheiro suficiente para nós três irmos para o mais longe possível.

Em breve.

Capítulo 3

Alessandro

Clico no ícone cinza no canto da tela do meu laptop. Aparece uma caixa onde se lê '*Conectando...*'. Dez segundos depois, a área de trabalho do computador é preenchida com um mosaico de uma dúzia de pequenas janelas, cada uma mostrando uma transmissão de câmera diferente da mansão Pisano.

— Está funcionando? — Felix pergunta do outro lado da linha telefônica.

— Sim. Estou dentro. Se eu tiver problemas, ligo para você.

— Não desligue o telefone na minha cara, porra! — ele grita. — Quero saber o que está planejando.

— Nada que deva lhe preocupar.

— Nós tínhamos um acordo, Az. Eu ajudo você a sair do radar do Kurger, e você fica quieto.

— Vou ficar quieto, Felix. — Clico na janela que mostra o portão da frente e observo os guardas em meio à mudança de turno. — Vou precisar que você me arranje um corpo.

— Um corpo? Que tipo de corpo?

— Do tipo morto. Homem. Final dos trinta anos. Caucasiano. Cabelos pretos. Um metro e oitenta e sete. Cerca de 60 quilos, — eu digo. Não tenho me medido ultimamente, mas é um bom palpite.

— Com certeza. Quando você precisa que ele seja entregue?

Quanto tempo é necessário para destruir a vida de um homem?

— Dois meses, — respondo.

— Claro. E quanto à cor dos olhos? Você tem um penteado preferido, talvez? — ele zomba. — Você acha que estou administrando um serviço de 'pessoas mortas sob encomenda'? Onde diabos eu conseguiria um corpo para você?

— Você conhece as pessoas, Felix. Encontre uma maneira. — Um sorriso de canto de boca se insinua em meus lábios. — Desde que esteja parecido o suficiente para que possa se passar por mim, vai funcionar.

— Você vai fingir sua própria morte?

— Sim. Assim que eu terminar aqui.

— Terminar? Terminar com o quê? — Felix responde. — Se você...

Corto a chamada, jogo o telefone na cama ao meu lado e me concentro na tela do laptop. Há mais de dez câmeras instaladas na parte externa da casa e mais seis nas paredes do perímetro da propriedade. Mas há apenas uma na parte interna, montada acima da porta da frente. Será um trabalho e tanto anular todas elas quando chegar a hora, mas não será impossível.

Meu telefone toca com uma mensagem recebida. É a agenda da Sra. Pisano para hoje. Compras, três horas. Almoço em um restaurante, uma hora. Visita à mãe dela, uma hora. Há um endereço ao lado de cada atividade listada. A mensagem termina com uma nota em negrito.

Espero um relatório detalhado amanhã.

A vigilância dos turnos de guarda terá de esperar até outro dia, aparentemente. Tiro meu coldre da mesa de cabeceira, coloco-o e, com a jaqueta na mão, saio de casa.

Chego à mansão Pisano meia hora antes do necessário e uso esse tempo para caminhar pela propriedade, observando o layout e o posicionamento das câmeras.

Duas sobre a entrada da frente - uma apontada para a porta e outra para a entrada da garagem. Mais três, uma de cada lado, cobrindo os flancos da casa. Fingindo que estou fazendo um passeio casual, sigo o caminho estreito entre as árvores espalhadas pelo terreno e continuo minha inspeção. Vejo câmeras em cada canto do muro do perímetro e algumas na guarita e no portão. Ao voltar para a casa principal, encontro mais câmeras com vista para o pátio e o gramado próximo.

Há apenas uma outra construção na propriedade, a cerca de 50 metros da mansão. Parece uma garagem, mas é muito grande. Saio da trilha e atravesso a grama, aproximando-me da entrada para poder dar uma olhada no interior por uma porta elevada. *É* uma garagem, e cinco carros estão estacionados lá dentro. Os homens da Cosa Nostra adoram fofocar entre si, e muitas vezes eu os ouvi falar sobre a obsessão de Rocco por carros caros. Os rumores parecem ser verdadeiros porque, pela minha rápida avaliação, os veículos aqui valem pelo menos dois milhões. Ele provavelmente não vai gostar de perdê-los. Vou para a esquerda e dou a volta na garagem. Apenas uma câmera, logo acima da porta da baia. Ótimo. Ao me virar, volto para a mansão.

Chego ao saguão bem a tempo de ver a Sra. Pisano descendo as escadas. Ela está usando uma roupa elegante, com calça marrom e uma camisa de seda da mesma cor, com um longo casaco branco por cima. Seu cabelo está novamente em um coque alto e grandes óculos escuros marrons cobrem metade de seu rosto.

A porta do escritório de Rocco se abre e ele sai, atravessando apressadamente o saguão para encontrar sua esposa no pé da escada. Minhas mãos se apertam, coçando com a necessidade de envolver o pescoço dele e sufocá-lo lentamente. Eu esperava que fosse mais fácil me controlar em sua proximidade, sabendo que sua morte está próxima. Na noite passada, sonhei que ele estava suspenso de cabeça para baixo no teto, enquanto o sangue escorria pelo seu corpo e pingava numa poça no chão, cada gota fazendo um som úmido de respingos ao cair. Foi o melhor sonho que tive nos últimos tempos.

— Dormiu bem, bellissima? — Pisano sorri e abaixa a cabeça para dar um beijo na bochecha da esposa.

— Sim, obrigada.

— Ótimo. Aproveite seu dia e não se esqueça de comprar aquele bracelete de ouro de que gostamos. A esposa de Giancarlo tem um semelhante, mas menor, e não podemos permitir que Elisabetta use joias melhores do que você.

— Claro que não. — A Sra. Pisano sorri. — Obrigada, Rocco.

Volto para a porta da frente e a abro para ela. Quando ela passa por mim, um leve aroma de talco invade minhas narinas. Para alguém como ela, eu esperaria algo pungente e almiscarado. Algo que chamasse a atenção e permanecesse por muito tempo depois de ela ter desaparecido de vista.

A Sra. Pisano desce os degraus de pedra à minha frente e se dirige ao sedã prata na entrada da garagem, que presumo ser o dela. Com minha altura, não há como caber naquele carro de luxo.

— Vamos levar meu carro, — eu digo.

A Sra. Pisano para e se vira, observando-me. É impossível decifrar a expressão em seu rosto por trás daqueles óculos ridículos. Aceno com a cabeça em direção ao meu SUV estacionado mais à esquerda.

Dirigindo-me para lá, abro a porta traseira para ela e espero. Ela se aproxima do carro e olha para o assento. Com pneus que não são de estoque, meu veículo fica significativamente mais alto do que os carros comuns. Não adianta ser um idiota só porque estou planejando matá-la, então estendo o braço, oferecendo-me para ajudá-la a subir.

Por mais estranho que possa parecer, meu ódio por Ravenna Pisano não é pessoal. Ela não teve nada a ver com a morte de minha esposa, mas representa tudo o que seu marido roubou de mim. As pessoas dizem que o tempo cura todas as feridas, mas, no meu caso, tem sido o contrário. A cada dia que passa, minha raiva e a necessidade de retaliação só aumentam. A vingança contra Rocco Pisano se tornou o propósito da minha vida, a única razão da minha existência e a força motriz por trás do fato de eu gastar cada fôlego para derramar seu sangue. Antes, eu poderia ter me preocupado com o fato de um inocente se tornar um dano colateral. Agora não mais.

A Sra. Pisano inclina o rosto para baixo, olhando, presumivelmente, para minha mão estendida por alguns segundos. Em seguida, ela agarra o encosto do banco e sobe, ignorando completamente minha oferta de ajuda. Fecho a porta atrás dela e dou a volta no carro com a mandíbula bem cerrada. Ela pode não gostar de mim, mas isso não chega nem perto do que sinto por ela ou por qualquer outra pessoa ligada a Rocco Pisano.

Ravenna

Meu guarda-costas não diz uma palavra durante toda a viagem de uma hora. Eu gostaria que falasse, porque ele tem uma voz muito bonita. Profunda e rouca. Combina com ele. Ele nem sequer olha para mim enquanto estamos indo para o nosso destino, nem mesmo uma olhada de relance no espelho retrovisor. Eu, por outro lado, passo o tempo todo olhando para ele. Ainda bem que estou usando óculos escuros, senão ele provavelmente pensaria que eu sou algum tipo de tarada por ficar olhando para ele sem parar.

Olho para a mão dele que está apoiada na alavanca de câmbio. Ele tentou me ajudar, oferecendo-me a mesma mão quando eu estava entrando no carro. Quando Rocco faz isso, tenho que engolir a bile antes de me obrigar a tocá-lo. Não pegar a mão do meu marido estaria fora de questão. Ele é obcecado por retratar nosso casamento como perfeito e amoroso, especialmente quando há alguém por perto. Rocco só mostra seu verdadeiro eu quando estamos sozinhos.

Quando vi a mão estendida de Alessandro, não me atrevi a tocá-lo. Há uma câmera que monitora a entrada da garagem, e Rocco verifica as gravações com frequência. Não quero que meu marido machuque Alessandro só porque permiti que meu guarda-costas me tocasse. Não sei qual é o acordo entre ele e meu marido, mas Rocco não parece estar preocupado com Alessandro. Isso é incomum. Com todos os meus guarda-costas anteriores, Rocco ficava furioso quando achava que eles me olhavam de uma certa maneira ou, Deus me livre, me tocavam.

Gostaria que estivéssemos em outro lugar quando Alessandro estendeu a mão, em qualquer lugar onde as câmeras não estivessem presentes. Eu queria pegá-la, talvez porque sua animosidade em relação a mim não esteja escondida atrás de

um sorriso falso. Estou tão cansada dessa farsa em que minha vida se transformou que comecei a acreditar que não há uma única pessoa sincera ao meu redor. Meu guarda-costas não gosta de mim e não está disposto a fingir o contrário. Eu respeito isso.

Meus olhos se deslocam pelo braço grosso de Alessandro e param em seu perfil. Ele é muito bonito - de uma maneira dura e não convencional - e é definitivamente maior e mais forte do que qualquer outro homem que já conheci. Rocco é alto, mas é bastante magro. Alessandro é mais alto do que meu marido e pesa mais do que ele em mais de trinta quilos. Ele certamente se parece com um guarda-costas profissional, mas tenho a sensação de que não é apenas força bruta. Havia algo em seus olhos quando nossos olhares se encontraram ontem, algo sob aquela aversão profunda que inicialmente pensei que fosse direcionada somente a mim. Mas ele tinha a mesma veemência em seu olhar quando olhou para meu marido antes. Era quase como se ele mal estivesse se contendo para matar Rocco na hora. Acho que Rocco nem percebeu. Ou talvez ele simplesmente não tenha lhe dado atenção. Meu marido raramente olha nos olhos dos funcionários, mesmo quando fala com eles, pois considera os trabalhadores inferiores a ele.

Alessandro estaciona o carro na garagem subterrânea do shopping e vem abrir a porta do veículo para mim. Dessa vez, ele não me dá a mão. Saio do carro e vou em direção ao elevador, e ele me segue alguns passos atrás. Quando entro na cabine do elevador, aperto o botão no painel de controle para o terceiro andar e encosto as costas na parede, mantendo os olhos fixos na fileira de números sobre a soleira, com o número aceso indicando o nível em que estamos. Alessandro entra, com sua estrutura enorme barrando minha visão. A cabine do elevador não é tão pequena, mas com ele lá dentro, parece minúscula. Quando a porta se fecha, aperto minha bolsa contra o peito e engulo.

— Você pode, por favor, ir para o lado? — murmuro, odiando-me por ter que pedir. Meu corpo não é a única parte de mim que meu marido maltratou.

Alessandro dá meio passo para o lado. Consigo ver a parte direita da porta, mas não é o suficiente. As paredes do elevador parecem estar se aproximando de mim, ameaçando me esmagar. Preciso ver a porta sem obstruções! Meus olhos passam novamente sobre os números. Só mais um andar. Um momento depois, ouve-se um zumbido anunciando que chegamos ao nosso destino. Respiro fundo e espero que a porta se abra. Nada acontece. Há um botão no painel para abrir a porta e eu o pressiono duas vezes. Outro toque soa, mas a porta continua fechada. Um som estrangulado sai de meus lábios. Não, não, não. Aperto o botão novamente.

— Já chega. — Os dedos de Alessandro envolvem meu pulso, afastando minha mão dos controles.

— Preciso sair, — sussurro.

— Você vai. — Ele pressiona o botão de emergência. Nem sequer me ocorreu fazer isso.

Outro ding. Depois, mais um. A porta permanece fechada. Olho para o meu guarda-costas, pronto para pedir-lhe que abra a porta à força, quando a luz dentro do elevador se apaga. As palavras morrem em meus lábios. Estou com meu celular na bolsa, mas não consigo me mexer para tirá-lo e ligar a lanterna. A única coisa que consigo fazer são respirações rápidas e superficiais. A palma da mão de Alessandro ainda está em volta do meu pulso, e eu me ancoro em seu toque.

Um estranho clique soa um momento depois, e uma luz laranja ganha vida diante de meus olhos. Fico olhando para uma pequena chama que sai do isqueiro Zippo na outra mão de Alessandro. Ela tremula levemente com nossas

respirações combinadas. Lentamente, olho para cima e nossos olhares se fixam. O reflexo do brilho faz com que seus olhos pareçam estar pegando fogo também.

— Vamos contar, — diz sua voz grave.

— O quê?

— Somente números ímpares. Para trás. Comece em setenta e um.

Eu pisco os olhos em confusão.

— Sessenta e nove, — ele diz. — Você é a próxima.

Respiro fundo. — Sessenta e sete.

Alessandro acena com a cabeça e solta meu pulso. — Sessenta e cinco.

Não! Estendo a mão e agarro a manga do paletó de seu terno e, mantendo minha visão fixa na dele, desço a mão até sentir sua mão na minha novamente. A pele de sua palma é áspera, como se ele tivesse passado anos fazendo trabalho manual.

Junto meu dedo mindinho ao dele. — Sessenta e três.

Ele estreita os olhos para mim. Será que ele vai perguntar por que estou surtando? Será que ele vai rir de mim? Ou vai tirar sua mão da minha? Minha respiração se intensifica.

— Cinquenta e nove, — sua voz preenche o espaço ao nosso redor.

— Cinquen... — Balanço a cabeça. — Você pulou o sessenta e um.

— Não.

— Sim. O meu foi sessenta e três.

— Não foi.

A chama tremula novamente, seu movimento reorganizando o jogo de luz e sombra no rosto de Alessandro. Sua mandíbula está bem contraída e há aquela malevolência em seus olhos novamente, claramente visível mesmo com a iluminação fraca. Esse homem me odeia e eu não entendo por quê. O que eu entendo menos ainda é o fato de ele ainda estar segurando meu dedo com o dele e, obviamente, estar tentando aliviar meu pânico ao me distrair. Porque tenho certeza de que ele errou o número de propósito.

Há um clique quase inaudível, seguido de um brilho repentino quando a luz do teto se acende novamente. Um zumbido soa e a porta do elevador se abre, revelando um homem em um uniforme de manutenção do outro lado. Ele está dizendo algo sobre uma falha no circuito e se desculpando por ter precisado apagar a luz enquanto a corrigia, mas eu continuo olhando para o meu guarda-costas. Ele ainda está segurando o isqueiro na minha frente.

— Você pulou a sessenta e um de propósito, — eu digo.

Alessandro inclina a cabeça para o lado. — E por que eu faria isso, Sra. Pisano?

Posso ouvir um sutil tom hostil em sua voz. Ele fecha o isqueiro, apagando a chama, e retira sua mão da minha antes de sair do elevador.

Alessandro

Você pode aprender muito sobre uma pessoa simplesmente observando-a, especialmente quando ela não sabe que você está fazendo isso. A Sra. Pisano está examinando as prateleiras de várias butiques há quase duas horas, e notei uma coisa muito incomum. Toda vez que entra em uma loja, ela caminha entre as prateleiras, tira uma ou duas peças de cada uma e depois segue para a próxima. Ela não experimenta nenhum dos itens e mal olha para as coisas que escolhe. E então, pouco antes de ir para o caixa, ela se aproxima da seção exclusiva.

Todas as roupas nessas lojas são caras, mas o vestuário nas seções exclusivas é um nível diferente de loucura. Na primeira loja em que fomos, ela comprou botas que custaram seis mil dólares. Na loja seguinte, ela comprou uma bolsa extremamente feia pelo dobro do valor.

Agora, observo quando ela se aproxima de um cabideiro com casacos e começa a olhar as etiquetas. Ela nunca faz isso quando está olhando o resto da loja, mas para os itens mais sofisticados, ela verifica cada etiqueta de preço.

Ela tira um casaco longo com acabamento de pele falsa na gola, verifica a etiqueta de tamanho e se dirige à caixa registradora. Ela nem sequer o experimentou, mas, mesmo à distância, tenho certeza de que é pelo menos dois tamanhos a mais. Eu me concentro em seus pés. Agora que penso nisso, as botas que ela comprou antes também pareciam bem grandes.

A Sra. Pisano coloca o monte de roupas no balcão ao lado da caixa registradora e olha para mim. Tiro o cartão de crédito que Rocco me deu ontem. Quando estou passando o plástico para ela, nossos dedos se tocam e é como se um ferro quente rasgasse minha pele. Como quando ela juntou seu dedo mindinho com

o meu no elevador. Não gosto disso, mas, ao mesmo tempo, não consigo me forçar a mover minha mão. A Sra. Pisano olha para cima, mas não consigo ver seus olhos. Aqueles óculos de sol horríveis ainda estão escondendo a maior parte de seu rosto.

Solto o cartão e pego as sacolas depois que a atendente arruma suas compras, mas a sensação de sua pele contra a minha ainda permanece, formigando as pontas dos meus dedos.

Quando saímos da butique, a Sra. Pisano vai direto para a joalheria no outro extremo do shopping, andando alguns passos à minha frente. Ela deixou o casaco no meu carro, então sou presenteado com uma visão ininterrupta de seu traseiro redondo e perfeito. Nunca entendi o fascínio que alguns homens têm por bundas femininas, mas, ao ver suas nádegas se mexerem sob o tecido macio da calça marrom, tenho vontade de colocar a palma da mão em seu traseiro e verificar se é tão firme quanto parece. Desgostoso comigo mesmo por meus pensamentos, olho rapidamente para cima e concentro meu olhar na parte de trás de sua cabeça.

Ela parece tão majestosa enquanto caminha pelo calçadão com o foco fixo à sua frente, enquanto seus saltos de 15 centímetros fazem um som distinto de batida no piso de ladrilho. Todos os homens que passam por ela, não importa a idade, olham para ela com olhos arregalados. Mesmo aqueles que estão acompanhados de suas namoradas ou esposas. É como se eles não pudessem deixar de ser atraídos por ela.

E parece que eu também sou um deles. Eu deveria estar prestando atenção ao nosso redor, mas não consigo tirar os olhos dela. Ravenna Pisano não parece notar o tumulto que está criando. Majestosa e controlada, ela continua caminhando com a cabeça erguida, absolutamente imperturbável pelo que está acontecendo ao seu redor.

É uma grande diferença no comportamento dela em comparação com a maneira como ela agiu no elevador anteriormente. No início, pensei que ela tivesse se assustado por me ter tão perto em um espaço pequeno. A maioria das mulheres tende a se intimidar com meu tamanho. Mas, então, ela agarrou minha mão, segurando-a como se fosse a vida mais importante. Foi quando percebi que foi o espaço fechado que a desencadeou. Eu deveria ter explorado esse medo.

Mas não consegui me obrigar a fazer isso.

No momento em que a Sra. Pisano chega à entrada da joalheria, um homem que está saindo para na soleira. Seus lábios se curvam para cima enquanto ele a observa sem disfarces.

— Bem, olá. — Ele sorri enquanto permanece ali, impedindo a entrada dela.

Ele é um daqueles tipos *hipster*[3] - terno caro com calças curtas demais, barba bem aparada e cabelo loiro penteado para trás em um estilo idiota. Coloco as sacolas de compras no chão e dou um passo à frente até ficar bem atrás da minha protegida. Com o braço em volta de sua cintura, eu a levo para o lado. Ela solta um pequeno grito de surpresa, que rapidamente se transforma em um lamento abafado quando agarro o idiota elegante pelo nó de sua gravata de seda amarela.

Os olhos do homem se arregalam em choque quando eu o tiro do caminho e aceno para a escada rolante à esquerda. — Desapareça.

Eu o solto e mantenho sua forma em retirada à vista enquanto ele se afasta, depois pego as sacolas de compras e estendo o braço em um gesto de aprovação. Ravenna Pisano pisca para mim, depois desvia o olhar rapidamente e entra na loja.

---

[3] ***Hipster*** é uma palavra inglesa usada para descrever um grupo de pessoas com estilo próprio e que habitualmente inventa moda, determinando novas tendências alternativas.

Como é possível querer matar uma pessoa e, ao mesmo tempo, sentir o desejo de protegê-la?

* * *

Estávamos quase chegando ao nosso próximo destino, a casa da mãe da Sra. Pisano, quando senti um leve toque em meu ombro.

— Pode fazer uma parada aqui? Preciso pegar algo na farmácia.

Encosto o carro, estaciono e dou a volta no carro para abrir a porta traseira. A calçada está em más condições, e há uma poça e lama meio congelada onde a sujeira se acumulou perto de uma grade de drenagem do meio-fio sob o carro. Quando minha protegida começa a sair do veículo, meus olhos se voltam para seus saltos brancos e brilhantes. Sem pensar, inclino-me para frente, seguro sua cintura e a levanto, colocando-a em solo seco. No momento em que seus pés tocam o chão, eu a solto e fecho a porta do carro.

Por que diabos fiz isso? Por que me importaria se ela molhasse seus sapatos elegantes? Viro-me e vou em direção à farmácia. Os saltos da Sra. Pisano batem na calçada enquanto ela tenta me acompanhar, mas eu mantenho meu ritmo constante, furioso comigo mesmo.

Mantenho a porta da farmácia aberta para ela, certificando-me de que meu olhar esteja voltado para a frente e por cima dela.

Quando ela passa por mim, eu me posiciono perto da porta e coloco as mãos atrás das costas. Não voltarei a olhar para aquela mulher, a menos que seja

absolutamente necessário. Formar qualquer tipo de conexão com uma pessoa que você pretende eliminar nunca é uma coisa boa.

Minha determinação vacila apenas um minuto depois, quando ouço sua voz. Ela está falando em um tom uniforme e casual, mas há uma leve nota de angústia nela. Viro a cabeça para o lado e a vejo de pé no balcão, conversando com o funcionário da farmácia.

— Eu realmente preferiria que Melania me ajudasse. Por favor.

— Senhora. Eu já lhe disse. Ela foi para a sala dos fundos para atender a uma ligação particular, — disse o homem do outro lado do balcão em um tom condescendente. — Se for apenas uma receita, sou completamente capaz de lidar com isso para a senhora.

— E... Voltarei mais tarde. Obrigada, — disse a Sra. Pisano e se virou para sair.

— Ravi? — Uma mulher de vinte e poucos anos sai e depois se vira para o colega. — Eu cuido disso, Charles. Vá fazer sua pausa para o almoço.

Quando o homem desaparece de vista, a Sra. Pisano coloca um papel sobre o balcão. — Como está, Melania?

A moça pega a receita, mas em vez de verificar o que está escrito nela, ela olha na minha direção e depois desvia o olhar rapidamente. — Estou ótima. — Ela sorri, mas parece artificial. — E você, como está? Está tudo bem em casa?

— É claro, — diz a Sra. Pisano.

A moça acena com a cabeça, enfia a mão na gaveta embaixo da caixa registradora e coloca um saco de papel branco no balcão. Ela nem sequer olhou para a nota da receita.

A Sra. Pisano pega o pacote, mas em vez de se despedir, ela permanece no lugar. A energia nervosa parece irradiar dela, igualada pela moça da farmácia do outro lado do balcão. O momento é breve, apenas alguns segundos, mas parece que as duas estão tendo uma conversa sem palavras. E duvido que tenha algo a ver com o pagamento.

— Obrigada.

Há um tom incomum nas palavras da Sra. Pisano quando ela finalmente as diz. Não parece ser uma simples cortesia.

— Sempre ao dispor, Ravi, — sussurra a moça da farmácia e coloca a mão sobre a da Sra. Pisano. Seus olhos mais uma vez se voltam para mim, antes que ela tire rapidamente a receita do balcão e a coloque no bolso de seu jaleco.

Minha protegida passa por mim quando está saindo e não consigo deixar de me perguntar o que ela acabou de receber naquele pacote. Porque estou disposto a apostar que com certeza não era o que estava escrito em sua receita.

* * *

Não sei o que eu esperava quando estacionei o carro em frente ao prédio onde a mãe da Sra. Pisano mora, mas não era um lugar que parece estar mal conservado. O elevador está fora de serviço, então subimos os quatro lances de escada e seguimos pelo corredor estreito com pintura rachada e descascada e piso de linóleo desgastado. Algumas lâmpadas estão apagadas ou faltando completamente em suas luminárias, e a luz fraca apenas acentua as condições de

abandono. O cheiro de odor corporal e de urina que paira no ar também não é um ponto atrativo aqui.

A Sra. Pisano para na última porta e tenta pegar as sacolas que estou segurando. Ela insistiu em levar todas as vinte para dentro, dizendo que queria mostrar à mãe as roupas novas que comprou.

Dou uma olhada no local e me sinto enojado. Em vez de gastar os trinta mil dólares em roupas com as quais ela parecia não se importar, a Sra. Pisano poderia ter tirado a mãe dessa espelunca e pago o aluguel de uma casa nova por um ano inteiro com esse dinheiro. Ela é realmente tão egoísta assim? Que diabos há de errado com ela? Por que ela deixaria a mãe morar aqui e ainda sente a necessidade de se gabar da porcaria que acabou de comprar? Eu gostaria de poder ver seus olhos para ter uma noção do que está acontecendo em sua cabeça agora, mas ela ainda está com aqueles malditos óculos escuros. Ela não se deu ao trabalho de tirá-los nem mesmo nesse corredor escuro.

— Você pode ficar aqui, — diz ela, puxando as sacolas. — Não vou demorar muito.

Seguro bem as sacolas e bato na porta.

A mulher que a abre é a cara da Sra. Pisano, só que mais velha. Cabelos pretos salpicados de cinza, os mesmos olhos verdes e um nariz pequeno idêntico. Há um brilho em seus olhos brilhantes quando eles pousam na filha, mas assim que ela me vê, esse brilho desaparece.

— Mamãe. Este é Alessandro, — disse a Sra. Pisano. — Podemos entrar?

A mulher mais velha acena com a cabeça e se afasta. Quando entramos, deixo que a Sra. Pisano pegue as sacolas e me posiciono junto à parede, ao lado da

porta, concentrando meu olhar na janela do outro lado da sala. Mesmo sem olhar em volta, posso ver que o interior do apartamento, embora limpo e arrumado, não é muito melhor do que o prédio em si.

Mãe e filha se sentam no sofá surrado e começam a olhar as roupas. A cada momento, a mãe lança um olhar rápido em minha direção.

— Este é lindo, Ravi, — diz ela, mas seu tom não parece corresponder ao sentimento. — Ah, e olhe para essa saia, você vai ficar deslumbrante nela.

A Sra. Pisano não diz uma palavra, apenas continua tirando as roupas. De fato, a cena toda parece estranha. Encenada de alguma forma, como se elas estivessem agindo somente para eu olhar. Viro a cabeça para o lado para poder vê-las melhor, mas finjo que ainda estou olhando para algo além da janela. Modulo minha expressão para parecer desocupado, até mesmo entediado, para que elas parem de prestar atenção em mim.

A Sra. Pisano pega a sacola maior, a que contém o casaco de pele falsa, e rapidamente a empurra para trás do sofá, fora de vista. Em seguida, ela tira algumas blusas e as passa para a mãe, mas quando chega à bolsa cara, ela também acaba escondida atrás do sofá. Quando elas terminam de examinar suas compras, ela coloca tudo de volta nas sacolas. As botas, no entanto, não estão à vista.

— Como você está? — pergunta a mãe de improviso, enquanto pega um pequeno pedaço de papel dobrado na mesa de centro e se inclina em direção à filha, como se fosse endireitar a gola da blusa dela. O papel dobrado muda de mãos em uma fração de segundo.

— Estou bem, mamãe. — A Sra. Pisano sorri. — Como vai o trabalho?

— O mesmo. Vou limpar a casa da Sra. Natello amanhã e novamente na sexta-feira.

— Então, passarei por lá antes de sexta-feira.

A Sra. Pisano ajeita os óculos escuros, que ainda não tirou, e dá uma olhada por cima do ombro. — Onde está Vitto?

— Você conhece seu irmão. Ele ficou na casa de Ugo ontem à noite. — A mulher mais velha dá de ombros.

— Eles ainda saem juntos?

— Sim. Pelo menos ele parou de jogar cartas depois que... você sabe.

— Ótimo. Precisa de ajuda com alguma coisa?

— Estou bem, Ravi.

— E quanto às suas costas? Ainda estão doendo?

— Estão bem, mas acho que prendi um nervo esta manhã quando tentei lavar as janelas.

— Puxa, mamãe. — A Sra. Pisano balança a cabeça enquanto se levanta e se retira para uma pequena cozinha à minha direita.

Ela tira um pano velho de uma gaveta e pega um frasco de spray embaixo da pia antes de depositar ambos no balcão próximo. Em seguida, arregaça as mangas de sua blusa de seda e sobe em uma cadeira velha e frágil que ela afastou da pequena mesa da cozinha encostada em uma das paredes. Enquanto observo, Ravenna Pisano, a esposa de um capo da Cosa Nostra, pega os itens de limpeza e começa a lavar as janelas da mãe. Fico olhando para ela, atônito, por quase uma hora, enquanto ela termina de lavar os vidros, depois limpa todos os balcões e armários da cozinha e, finalmente, passa o esfregão no chão.

* * *

Quando cheguei em casa naquela noite, passei uma hora examinando a planta da garagem dos Pisano que Felix havia me enviado. Parece que era um pequeno prédio de serviços em um determinado momento, que depois foi ampliado e reformado em uma garagem. Há um alarme instalado, mas não é nada complicado a ponto de representar um problema. O painel elétrico está localizado na parte interna, perto da porta lateral, tornando os fios que vão em direção a ele facilmente acessíveis. Perfeito.

Pegando a planta da mesa, entro em meu quarto e prendo o papel na parede, ao lado da impressão da conta bancária da Rocco. Em seguida, dou um passo para trás e dou uma longa olhada no que vejo diante de mim. Toda a superfície da parede está coberta por um mosaico de papéis, fotos e anotações.

Conheço cada detalhe fixado nesta parede. Ao longo dos anos, coletei inúmeras informações - algumas com a ajuda de Felix e outras extraídas por meio de suborno ou pela força. Muitas eram becos sem saída ou pistas falsas, mas eu as guardei mesmo assim. Não gosto de ficar em um lugar por muito tempo, para o caso de Kruger ainda estar me procurando, por isso me mudei com frequência nos últimos oito anos para ter certeza de que ele não pegaria meu rastro. Todas as vezes, removi os itens da minha parede de vingança e os repus meticulosamente - exatamente no mesmo padrão - em um novo local. Cada ação desse processo reabriu a ferida em meu peito, mas a dor é boa. O ritual me ajuda a manter o foco.

O primeiro item que sempre coloco no centro da parede é uma foto de Natalie. Nela, ela está usando um vestido laranja com bolinhas brancas por toda parte. Eu achava aquele vestido horrível. Mas a estampa brilhante fez seu rosto se

iluminar quando ela o viu, e acabamos comprando o vestido. Fixar seu rosto sorridente em meu quadro de vingança é sempre a parte mais difícil. A cada recolocação, parece que uma marreta bate bem no meu peito, lembrando-me do que me foi tirado. *Cada. Maldita. Vez.*

Depois disso, acrescento o relatório do médico detalhando o que tentaram fazer para mantê-la viva no hospital e o relatório da polícia sobre o incidente de trânsito que foi rotulado como atropelamento e fuga. Os próximos itens a serem acrescentados, ao redor do ponto focal, são os depoimentos das testemunhas, escritos de forma escassa, afirmando que não viram nada, nem mesmo a cor do carro. Felix levou vários meses para obtê-las para mim porque alguém convenientemente se esqueceu de inserir as informações no sistema e ele teve que pagar ao funcionário para encontrar as declarações em papel feitas pelas duas pessoas que estavam presentes durante a colisão.

Quando finalmente tive a oportunidade de falar diretamente com as duas testemunhas, ambas admitiram que viram um carro esportivo vermelho, mas não se lembravam da marca ou do modelo.

Demorei quase um ano para encontrar o mecânico que trabalhou no carro esportivo vermelho batido na época em que Natalie foi morta. Parece que ele tinha uma oficina de carroceria personalizada em Jersey, mas foi pago generosamente para consertar a parte dianteira e o para-brisa quebrados de um Audi R8 em sua garagem particular. A princípio, ele não parecia interessado em compartilhar muitas informações, mas mudou de ideia depois que quebrei suas pernas. Depois disso, tivemos uma conversa bastante produtiva. Saí de sua casa com alguns detalhes importantes.

O homem que apareceu com um carro batido tinha vinte e poucos anos, estava claramente embriagado e parecia um pouco abalado. Uma hora depois,

chegou um homem mais velho e eles discutiram em italiano. O mecânico não falava italiano, mas se lembrava do homem mais velho dizendo *famiglia* várias vezes, o que ele reconheceu por ser um grande fã de *The Sopranos*. O velho então apontou uma arma para a têmpora do mecânico e o instruiu a consertar o carro e a manter a boca fechada. Embora o idiota não tenha podido fornecer os nomes dos homens, eu consegui o suficiente. O responsável pela morte de minha esposa era um membro da máfia italiana.

Meu pai era italiano, então achei que seria fácil entrar na Cosa Nostra, especialmente para alguém com minhas habilidades e o histórico que Felix preparou para mim. Estava errado. A organização havia mudado há menos de um ano, e o novo chefe era muito rigoroso com relação a quem podia entrar nela. Levei nove meses para entrar. Mais quatro anos se passaram até que eu entrasse no círculo interno e tivesse a oportunidade de me aprofundar. Mas o tempo não importava. Eu estava determinado a encontrar o homem responsável pela morte de minha esposa, não importava quanto tempo levasse.

Eu sabia que estava procurando alguém de alto cargo, pois um soldado humilde não teria dinheiro ou influência para encobrir a morte de Natalie. Com o passar dos anos, eu ainda não conseguia descobrir quem era. Mas fiquei. E fiquei ouvindo. Quando você não fala muito, as pessoas tendem a esquecer que você está na sala ou acreditam que não está interessado nas conversas delas. Eu não falo muito. Nunca falei. Mas ouço tudo.

Há um mês, eu estava jogando pôquer com alguns dos homens - a maioria tenentes que trabalham sob o comando de alguns capos diferentes. Sempre me certifico de perder mais vezes do que ganhar. As pessoas gostam disso. Elas ficam empolgadas. E quando estão empolgadas, elas falam. Carmelo ganhou a

última mão naquela noite e estava falando sobre ter batido na vitrine de uma loja quando estava bêbado e tentou estacionar o carro algumas noites antes.

— Talvez eu deva pedir ao Elio para consertar isso para mim, — disse ele, — como ele fez com a batida de Rocco com aquela mulher em uma faixa de pedestres. Deus, lembra disso? Rocco também estava muito bêbado.

Ainda não sei como consegui manter minha bunda naquela cadeira em vez de sair correndo para matar aqueles dois filhos da puta. Mas me obriguei a ficar lá a noite toda, fingindo calma e desinteresse, enquanto a raiva se acumulava dentro de mim. Quando cheguei em casa naquela noite, adicionei mais fotos à minha parede.

Rocco Pisano - o assassino da minha esposa. Coloquei sua foto acima da de Natalie e desenhei um X vermelho sobre seu rosto.

Elio Pisano – o pai de Rocco, que o ajudou a encobrir o crime. Outro X.

Mas esses dois não foram suficientes. Eu precisava martelar isso. Olho por olho.

Então, adicionei a terceira foto.

Ravenna Pisano. Esposa de Rocco.

Minha vingança.

Capítulo 4

Ravenna

Os fracos raios de sol da manhã incidem sobre a superfície da penteadeira diante de mim, iluminando a infinidade de frascos e estojos de maquiagem espalhados. Inclino a cabeça para o lado e começo a aplicar a segunda camada de corretivo sobre o hematoma próximo ao meu olho esquerdo. Não está tão ruim assim uma vez que Rocco me deu um tapa com a palma da mão aberta. A marca está quase desaparecendo, mas não quero correr nenhum risco. Hoje vai estar nublado e vou ficar ridícula usando óculos escuros.

Quando estou satisfeita com meu trabalho, pego o papel que escondi em meu estojo de sombras e o desdobro.

Saltos nude, mas somente em couro genuíno. Italiano.

Xale e suéter - cor pastel, de preferência azul.

Brincos de pérolas.

É uma lista das coisas que a Sra. Natello gostaria de receber da próxima vez. Sapatos e roupas não são um problema. Eu os encontrarei facilmente nas butiques. Mas os brincos serão um problema. Meu marido geralmente compra ouro para mim, então não tenho nenhum par de pérolas em minha coleção de joias. E não posso me arriscar a comprá-los porque já comprei um pingente de ouro há menos de duas semanas. Se eu começar a comprar joias com muita frequência, Rocco perceberá e exigirá que eu use algumas das novas peças.

Abaixo da lista, quatro frases são adicionadas.

Não consigo dormir à noite por causa da preocupação, pardalinho.

Por favor, considere contar a Don Ajello de alguma forma, ou deixe que eu o faça. Por favor.

Eu amo você, Ravi.

Passo o polegar sobre a caligrafia bem cuidada da minha mãe. Desde que eu era criança, minha mãe adorava esconder bilhetinhos para mim e para Vitto em nosso quarto e esperar que os encontrássemos. Nunca era nada importante, apenas algumas palavras como: ‘Vamos comer sua pizza favorita no jantar’ ou ‘Ouvi dizer que você foi bem na prova. Bom trabalho!’ escritas em folhas dobradas. Os bilhetes nunca eram assinados, mas sempre sabíamos que eram de mamãe. Meu pai nunca foi do tipo abertamente sensível, e sua caligrafia parecia como se um corvo tivesse mergulhado a perna na tinta e escrito a coisa.

Um sorriso triste se desenha em meus lábios. Mamãe sempre se esforçou ao máximo para compensar a falta de afeto do meu pai e fazer com que eu e Vitto nos sentíssemos amados. Saber a verdade sobre meu casamento e manter o silêncio a está matando, mas eu a fiz prometer que não diria uma palavra a ninguém.

Antes de me casar com Rocco, eu me imaginava terminando a faculdade e formando uma família. Esperava ter um marido que não fosse apenas uma figura de proa, mas um homem que me amasse de verdade. Dois, talvez três filhos para mimar. E um lar cheio de carinho.

Foi um sonho agradável.

Não sonho mais. A única coisa que tenho agora é a determinação de sair desse pesadelo.

Nos primeiros dias após meu casamento, eu me iludi com a ideia de que encontraria uma maneira de contar a alguém o que estava acontecendo e pedir ajuda, mas Rocco tirou meu telefone e me proibiu de falar com qualquer pessoa, exceto com o caseiro e as empregadas. Minha mãe e meu irmão eram as únicas pessoas que eu podia ver, mas sempre sob supervisão. O fato de eu ficar trancada em casa levantaria dúvidas, então Rocco insistiu para que eu fosse à manicure e fizesse compras. Dessa forma, as pessoas não suspeitariam de nada. Rocco ou um guarda-costas sempre me acompanhava quando eu saía de casa. Sem meios de entrar em contato com ninguém e sob constante vigilância, minhas mãos estavam atadas. Notas secretas entre minha mãe e eu eram o melhor que podíamos fazer, e somente quando conseguíamos trocá-las sem que meus seguranças percebessem.

Rocco adora me arrastar para jantares e festas com outros membros da Cosa Nostra, e sempre há muitas pessoas. Eu esperava que alguém descobrisse o que estava acontecendo, mas isso não aconteceu. Em público, Rocco tem sido extremamente cuidadoso em não me atacar quando há outras pessoas por perto, e ele nunca me machucou na frente de testemunhas. Mas tenho certeza de que algumas pessoas notaram. Como o guarda do portão, quando eu estava com um hematoma enorme na lateral do rosto há três semanas. Ele tinha ido até à janela de Rocco, perguntando algo sobre a troca de turno, e vi seus olhos se arregalarem quando me viu. Mas ele logo desviou o olhar.

Depois de um mês, tirei minhas esperanças da cabeça e decidi que precisava me salvar. Não existe um cavaleiro de armadura brilhante. Não para mim, pelo menos.

Em uma das anotações, pedi a mamãe que pedisse a Melania, minha melhor amiga de infância, que me trouxesse as pílulas placebo de Viagra. No bilhete seguinte, eu disse a ela para ver quais de seus clientes estariam interessados

em comprar minhas roupas não usadas. A meia-irmã do Capo Cosimo, a velha senhora rabugenta para quem minha mãe trabalha há décadas, disse que sim. Tive de comprar as roupas que ela queria porque a Sra. Natello é muito mais alta do que eu.

O som de folhas sendo esmagadas sob os pneus chega até mim do lado de fora da porta aberta da varanda. Amasso o bilhete da minha mãe e o coloco no bolso para descartá-lo mais tarde. Com uma última olhada no espelho, pego meu casaco no encosto da cadeira e saio correndo do quarto.

Há trabalho a ser feito.

Alessandro

— Relatório sobre ontem, — Rocco grita no momento em que entro em seu escritório.

— Como planejado, — eu digo. — Compras. Almoço. Na casa da mãe dela. De volta à mansão.

Rocco franze as sobrancelhas e se inclina sobre a escrivaninha, obviamente não muito entusiasmado com meu relato.

— Preciso que seja mais específico do que isso, Zanetti. Ela se encontrou ou falou com alguém? Sobre o que ela e a mãe conversaram enquanto você estava lá? Elas falaram de mim? Quero saber tudo, inclusive o pedido que ela fez no restaurante.

— Visitamos cinco lojas onde ela comprou várias roupas e calçado. Ela não se encontrou com ninguém nem falou com ninguém além dos funcionários da loja. Não fomos a um restaurante. Ela pegou um doce em uma padaria no shopping.

— Recheio? — ele pergunta.

Inclino minha cabeça. — O quê?

— Qual era o recheio, Zanetti? Ravenna não pode comer doces, a menos que eu permita especificamente.

Eu mantenho minha mão direita ao meu lado. O desgraçado doentio controla o que sua esposa come. — Era uma torta de queijo.

— Ótimo. Prossiga com o que aconteceu na casa da mãe dela.

— Elas conversaram, — digo entre dentes.

— Sobre?

— Sobre as roupas que ela comprou. E depois fomos embora.

Rocco pega uma caneta da escrivaninha e começa a bater na borda do copo de vidro diante dele em um ritmo lento e irregular. O som é extremamente irritante, ameaçando minha já pouca contenção. Cada vez que ele está no meu campo de visão, preciso empregar todas as técnicas de autocontrole que conheço para não matá-lo na hora.

Será que ele pensa na mulher cuja vida ele tirou? Minha esposa ficou deitada em uma poça de seu próprio sangue, no meio da rua, por quase meia hora, até a chegada da ambulância. Naquele dia, a algumas quadras dali, um andar superior do estacionamento da cidade desabou, matando e ferindo várias pessoas. O trânsito ficou parado por quilômetros. Os bombeiros e a polícia ajudaram no resgate e na evacuação. A equipe médica estava ocupada fazendo a triagem e levando os feridos para as instalações próximas. Em meio ao caos, o veículo de emergência demorou muito para chegar a Natalie. Uma vida em uma cidade de milhões. Uma morte que abalou meu mundo. É claro que ele não se preocupa com ela. Ele provavelmente esqueceu que isso aconteceu.

Mas farei com que ele se lembre quando chegar a hora. Ele se lembrará da mulher que matou quando eu abrir sua esposa na frente dele e o obrigar a ver a vida dela se esvair lentamente.

A imagem de Ravenna Pisano esparramada no chão, coberta de sangue, passa diante de meus olhos. Sempre achei reconfortante imaginar a maneira como eu mataria a esposa do filho da puta, como se finalmente cumprisse uma promessa

de uma vida inteira e me livrasse do peso do fardo que carrego, mas agora, em vez da paz de espírito, algo mais surge dentro de mim.

É a negação.

A imagem do rosto ensanguentado da Sra. Pisano se confunde em meus pensamentos e se transforma em uma mulher desconhecida.

Cravo minhas unhas mais fundo na palma da mão enquanto aperto o punho e me concentro na caneta que Rocco ainda está batendo no vidro, tentando empurrar a semelhança de Ravenna Pisano de volta para onde eu imaginava que ela estivesse. Não está funcionando.

— E não aconteceu mais nada, Zanetti? — pergunta Rocco. — Nada de anormal?

Desvio os olhos da caneta que ele está segurando e encontro seu olhar. Sua esposa escondendo roupas secretamente na casa da mãe provavelmente seria considerado incomum. Assim como o fato de sua amiga ter lhe dado uma substância desconhecida da farmácia.

— Não, — eu digo.

— Ótimo. — Ele joga a caneta de volta na mesa e liga o laptop. — Ravenna provavelmente está esperando por você na porta da frente. Ela tem sua consulta semanal no spa agendada.

É claro que sim. Parece que as únicas coisas que interessam à Sra. Pisano são compras e tratamentos de beleza. Minha mente se volta para a cena de ontem, quando a vi esfregar a cozinha da mãe para que a mulher mais velha não machucasse ainda mais as costas. Isso não faz sentido.

Acenando com a cabeça, saio do escritório.

Assim como seu marido disse, Ravenna Pisano está parada na porta da frente, segurando o casaco no braço. Eu estendo a mão para pegar o casaco dela, mas ela rapidamente dá um passo para trás.

— Por favor, não faça isso, — ela diz.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Apenas... não faça isso. — Ela veste seu casaco, abre a porta e sai.

Eu a sigo enquanto ela desce correndo os degraus de pedra e para no último deles com a cabeça inclinada para o céu. Não há nada acima que possa atrair sua atenção, apenas nuvens cinzentas. Ela fica assim por quase um minuto, respirando profundamente e olhando para o vasto nada antes de ir para o carro.

* * *

Situado em um edifício moderno, o Wellness Center ocupa todo o segundo andar e promete aos seus clientes nada menos que o paraíso e o luxo. Isso se acreditarmos na placa no saguão que nos direciona a esse lugar. Quando a Sra. Pisano caminha em direção ao balcão da recepção, o clique de seus saltos ecoa no piso de mármore, complementando de alguma forma os sons suaves da natureza que tocam em alto-falantes bem escondidos.

— Sra. Pisano. — A moça do outro lado da mesa sorri. — Fico feliz em vê-la novamente. Hazel está esperando por você.

— Obrigada. — A Sra. Pisano acena com a cabeça e se vira para mim. — Você precisa esperar aqui fora. Homens não podem entrar.

Levanto uma sobrancelha.

— Este é um spa só para mulheres, Alessandro. Há mulheres nuas lá dentro. Por favor, espere aqui. Eu não vou a lugar nenhum.

Toda a explicação é dada em um só fôlego, e o tom de sua voz está um pouco mais alto do que o normal. Ela está nervosa e tentando esconder isso. Por que ela estaria nervosa com sua consulta no spa? Eu me concentro em seu rosto e aceno com a cabeça.

— Devo terminar em quatro horas. É um envolvimento corporal completo e tratamentos de limpeza facial e, depois, uma massagem. Leva muito tempo. — Ela aponta para a porta à esquerda. — Vejo você mais tarde.

Observo a Sra. Pisano enquanto ela desaparece, depois me sento em uma das cadeiras de couro branco encostadas na parede e espero. Mulheres elegantemente vestidas entram e saem, passando por baixo de dois enormes lustres de cristal que pendem do teto alto e iluminam o interior elegante branco e dourado. Um estranho e doce aroma de flores e coco faz cócegas em minhas narinas. Ele permeia o ar como se alguém tivesse jogado uma tonelada de sais de banho em algum lugar próximo.

Meus olhos examinam o espaço elaborado e vejo um folheto sobre a mesa de centro, dando uma olhada nos preços extravagantes. Jesus, não é de se admirar que esse lugar pareça rivalizar com uma galeria de arte ou um pequeno museu. Há até mesmo pinturas que decoram as paredes opulentas. Não me surpreenderia se o preço delas fosse de cinco dígitos.

Desviando-me da escultura de mármore branco ao lado do balcão da recepção, concentro-me na porta pela qual a Sra. Pisano passou mais cedo. Ela é idêntica às outras seis portas que saem dessa área de recepção. Não há nada de

especial nela, exceto pelo fato de que, na última hora, nenhum dos outros clientes passou por ela. Dou uma olhada rápida no relógio, saio do meu lugar e vou em direção à saída.

O edifício do Wellness Center está situado entre dois edifícios menores. O da esquerda é um espaço para escritórios - cubículos com mesas e equipamentos de informática são visíveis através das janelas do chão ao teto. O prédio à direita, no entanto, parece ser residencial, com suas janelas e varandas voltadas para o spa. Tenho certeza de que há um que tem vista para a sala em que a Sra. Pisano entrou, então entro no prédio de apartamentos.

Há cinco residências em cada lado do corredor do segundo andar. Paro na terceira à esquerda e toco a campainha. Um homem de trinta e poucos anos abre a porta e recua rapidamente quando vê a arma em minha mão.

— Preciso dar uma olhada na sua varanda, — eu digo.

O rosto do homem perde a cor e ele se afasta rapidamente para o lado. Ele não diz uma palavra enquanto eu atravesso a sala de estar para abrir a porta de correr e sair.

A maioria das janelas pertencentes ao Wellness Center é fosca, obscurecendo tudo o que acontece lá dentro. No entanto, há duas, em minha linha de visão direta, que não são. Elas claramente não pertencem a salas de tratamento ou a outras instalações do spa, pois posso ver um espaço de escritório com várias mesas em seu interior. Em uma delas, Ravenna Pisano está empoleirada em frente a um computador, digitando vigorosamente algo no teclado.

Outra mulher está sentada ao lado dela, segurando uma pasta azul grossa e uma caneta. A mesa está virada para o lado oposto da janela, de modo que posso ver o monitor aceso, mas estou longe demais para conseguir discernir no que estão

trabalhando. Eu as observo por alguns instantes, depois saio do apartamento e de seu morador assustado, voltando ao spa para esperar enquanto minha protegida termina seu ‘tratamento de beleza’.

* * *

Mais tarde naquela noite, depois de deixar Ravenna Pisano em casa, volto de carro para o Wellness Center. Durante todo o tempo, meus pensamentos estão cheios do que aconteceu naquela tarde. Quando a Sra. Pisano saiu, tudo o que ela fez foi me agradecer por ter esperado. Nossa viagem de volta à mansão transcorreu sem nenhuma palavra. Olhei para ela algumas vezes pelo espelho retrovisor, e ela parecia muito tensa para uma mulher que supostamente passava metade do dia no spa. A tensão não deixou seu corpo minúsculo quando chegamos, e ela saiu do meu carro. Passou por mim enquanto eu segurava a porta aberta para ela e entrou na casa, sem nunca me olhar nos olhos.

Revejo meus pensamentos e me concentro na tarefa que tenho em mãos. Há uma escada de incêndio na parte de trás do prédio e eu a uso para chegar ao segundo andar. Após um rápido reconhecimento, arrombo a fechadura da porta de saída de emergência e neutralizo o sistema de segurança. Não tive tempo de obter a planta baixa do prédio, mas não é difícil encontrar o escritório que estou procurando. A pasta azul que vi anteriormente nas mãos da mulher sentada com Ravenna Pisano ainda está sobre a mesa. Eu a abro e folheio as impressões nela contidas.

Pedidos de fornecimento. Uma fatura do aluguel do local. Um recibo de lavagem a seco. Mais declarações de itens que o centro de spa exige.

Coloco a pasta onde a encontrei e ligo o computador. O monitor se acende, exibindo a tela de login. Acima do campo de senha em branco, o nome de usuário é *Hazel* com a palavra *Accounting* ao lado.

Por que diabos a esposa de um capo lidaria secretamente com a contabilidade de um centro de spa?

Capítulo 5

Ravenna

Há algo de reconfortante em assistir ao pôr do sol quando o silêncio envolve o ambiente e não há mais ninguém por perto. Bem, ninguém, exceto o meu guarda-costas, que tem sido a sombra escura sempre presente que me segue nos últimos sete dias. Dou uma olhada rápida para Alessandro, que está em pé ao lado de uma árvore a cerca de quinze metros de distância, com os braços cruzados sobre o peito.

Com meus guarda-costas anteriores, eu não tinha problemas em ignorar sua presença, mas esse não é o caso de Alessandro. É difícil ignorar uma montanha de um homem que persegue cada passo seu. E mesmo quando ele está fora de vista, ainda posso sentir sua proximidade. Ele, por outro lado, finge que sou uma tarefa sem rosto e odiada que ele precisa cumprir.

Já faz uma semana que ele assumiu essa função, e seu comportamento não mudou desde o primeiro dia. Ele faz seu trabalho e não fala comigo, a menos que seja absolutamente necessário. Ele nem sequer olha para mim diretamente, seus olhos normalmente estão focados em algum lugar acima da minha cabeça. Mas algumas vezes nossos olhares se cruzaram, e eu ainda podia ver o desprezo em suas profundezas. Ele me odeia, assim como odiou no momento em que o conheci. Não sei por quê. Só sei que ele odeia.

Estendo a mão para quebrar cuidadosamente uma flor de rosa seca à minha frente e olho para as pétalas amarelas frágeis e murchas em minha mão. As

rosas estavam em plena floração quando cheguei a esta casa há pouco mais de um ano. Foi também o dia em que conheci meu futuro marido.

As duas empregadas da Rocco tinham pegado uma infecção estomacal e, como minha mãe costumava limpar casas para membros da Cosa Nostra, inclusive para um dos seguranças da Rocco, ela foi chamada para substituí-las. Vim com minha mãe para ajudar porque ela estava com problemas nas costas há anos. O médico disse que ela não poderia fazer trabalhos manuais pesados, mas o que eu ganhava em meu emprego de contabilidade e na lanchonete não era suficiente para cobrir as contas médicas do meu pai, então ela não teve escolha a não ser trabalhar também.

Chegamos às sete da manhã e saímos depois das nove da noite. Naquela época, eu via Rocco apenas de passagem. Estava limpando o hall de entrada quando ele chegou em casa e entrou em seu escritório, deixando pegadas molhadas no chão que eu tinha acabado de lavar. Ele estava gritando com alguém ao telefone e nem sequer me notou, mas até mesmo aquele breve encontro me incomodou.

Viemos novamente no dia seguinte porque a casa era muito grande para duas pessoas limparem de uma só vez. Eu estava tirando o pó de uma das esculturas no escritório de Rocco quando ele entrou e começou a gritar para que eu tivesse mais cuidado. Ainda me lembro da maneira humilhante com que ele me olhou naquele momento. Quando estávamos saindo, jurei a mim mesma que nunca mais colocaria os pés naquela casa. Infelizmente, o destino tinha um plano diferente para mim.

Esmago as pétalas secas em minha mão e as jogo fora. Ao me virar, vou em direção ao pequeno gazebo ao lado. A sombra viva me segue.

Está frio demais para o mero suéter de lã que estou usando, mas não consigo me obrigar a voltar para dentro de casa para pegar um casaco. Prefiro correr o risco de ficar com o nariz escorrendo a entrar naquele lugar horrível se não for absolutamente necessário.

Uma das cadeiras dentro do gazebo tem uma almofada, uma pequena barreira contra o frio. Viro-a de modo que fique de costas para a casa e me sento. Alguns instantes depois, o barulho de folhas secas me alerta quando Alessandro se aproxima e fica em algum lugar às minhas costas. Fechando os olhos, inclino a cabeça em direção ao sol poente e inspiro, deixando o cheiro do ar frio do inverno encher meus pulmões.

— Você tem um apelido? — pergunto.

Mais algumas folhas são esmagadas sob seus pés, um pouco mais perto dessa vez.

— Sim.

Sua voz tem um timbre muito agradável. Como o ronronar de um gato grande e selvagem. Uma pantera à espreita. Pouco antes de devorar você. Fico esperando que ele continue, mas a única coisa que consigo ouvir é o zumbido distante de um aspirador de pó vindo da mansão.

— E você pode me dizer qual é?

— Sim.

Levanto a mão e pressiono os dedos sobre a boca para abafar uma risada. Ele realmente gosta de respostas monossilábicas. Ou talvez não goste da ideia de falar comigo. Eu provavelmente deveria deixar o homem em paz, mas gosto demais do som de sua voz. E como estamos ambos de costas para a casa, ninguém pode perceber que estamos conversando.

— Qual é, então? — Perguntei. — Aposto que é algo curto.

— Az.

Uma risada escapou de meus lábios. Não dá para ser mais curto do que isso. Gosto mais de seu nome completo.

— Rocco mencionou que você trabalhou para o Don antes de ser transferido para cá, — eu digo. — Equipe de segurança, também?

— Sim.

— Para o Don?

— Sua esposa.

Tento me lembrar de como é a esposa de Salvatore Ajello, mas não consigo. Ambos compareceram ao meu casamento e me lembro das pessoas fazendo fofocas sobre ela, mas eu estava muito distraída naquele dia para prestar atenção. — Como ela é?

Seguem-se alguns momentos de silêncio antes que ele responda e, quando o faz, quase caio da cadeira com sua resposta.

— Louca.

— Não sei se é sensato chamar a esposa do Don de louca em voz alta. — Uma bufada escapou de mim enquanto eu dizia as palavras.

— Talvez.

Olho por cima do ombro. Alessandro está apoiado na árvore ao lado do gazebo, com o olhar fixo em mim. De repente, como se todo o resto desaparecesse da existência, seus olhos duros e escuros capturam os meus, e eu me vejo incapaz de desviar o olhar. Alessandro se afasta da árvore e, dando alguns passos largos, se posiciona bem atrás da minha cadeira.

— Mas você é boa em guardar segredos. — Ele levanta a mão e coloca o dedo indicador sob meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. — Não é, Sra. Pisano?

Há aquela hostilidade em seus olhos novamente, mas seu toque é tão gentil que quase não existe. Eu pisco e desvio o olhar rapidamente, seu dedo escapa do meu rosto. Puxando as pernas para cima, enrolo os braços em volta dos joelhos dobrados e volto meu olhar para a extensão do céu laranja acima do horizonte. O som de passos recuando ecoa atrás de mim enquanto Alessandro se afasta. Não tento ver para onde ele está indo, muito absorvida pela sensação ainda persistente de seu toque fugaz e da vibração que ele causou em meu peito.

Alguns minutos depois, eu o ouço se aproximar novamente. Ou talvez apenas o sinta. Ainda estou concentrada no céu quando algo macio e fofo pousa em minhas costas. Olho para baixo, observando as bordas do cobertor que Alessandro colocou em volta dos meus ombros, enquanto os últimos raios do sol poente se escondem atrás dos galhos nus das árvores.

Capítulo 6

Alessandro

Entro no gramado e vou em direção à garagem, certificando-me de andar alguns metros a mais para a esquerda do que ontem. A câmera montada no poste de luz perto da entrada da garagem cobre um ângulo mais amplo do que eu pensava, e preciso determinar o quanto mais amplo.

Todas as manhãs, quando chego à mansão Pisano, dou um passeio aparentemente casual pelos jardins e, para qualquer pessoa que possa imaginar, provavelmente parece que estou apenas andando enquanto espero minha protegida se arrumar. No entanto, não há nada de aleatório em minha intenção.

O mapa da propriedade de Pisano, que está fixado na minha parede, tem todas as posições das câmeras marcadas com um círculo ao redor de cada uma, mostrando a área aproximada que cobrem. Não confio em aproximações, portanto, todas as manhãs, tomo o caminho que acredito que evitará os espaços monitorados por câmeras. Quando chego em casa à noite, reproduzo a gravação daquela manhã, anoto os pontos em que as câmeras me detectaram e ajusto minha rota para a vez seguinte. Durante os dez dias de reconhecimento, estabeleci a maioria dos locais na entrada da garagem e no gramado da frente onde as câmeras não alcançam. Mais uma semana, mais ou menos, e terei toda a propriedade examinada.

A porta da varanda do segundo andar se abre e Ravenna Pisano sai, vestindo um longo robe de cetim branco. Dou um passo atrás de uma faia grossa para poder observá-la sem ser visto. Seu cabelo preto está preso em um coque,

como sempre, e, mesmo a essa distância, posso ver que ela está usando maquiagem pesada. Isso cria um contraste tão grande com seu vestido delicado que esvoaça ao vento. Ela se assemelha a uma das estátuas de mármore espalhadas pelo gramado. Fria. Intocável.

Seu marido me ligou hoje de manhã, informando sua agenda para o dia e perguntando se eu tinha algo a relatar. Como faço todas as manhãs, eu disse que nada fora do comum havia acontecido no dia anterior. Mas o fato é que o que Rocco Pisano considera comum é tudo menos isso.

Sua esposa não parece ter amigos ou mesmo conhecidos. Além de sua mãe, ela nunca se encontra com ninguém. Compras, tratamentos de spa, almoços... ela sempre vai sozinha ou com o marido. Ontem, eu a levei a um parque, onde ela passou três horas apenas caminhando antes de eu levá-la para casa.

Não sei por que diabos não consigo parar de pensar nela. Desde o momento em que a vi, ela tem aparecido constantemente em minha cabeça. Não tenho nada que pensar sobre a esposa de Rocco Pisano além de decidir como vou matá-la, mas os pensamentos que inundam minha mente não têm nada a ver com seu corpo coberto de sangue. Muito pelo contrário.

Imagino meus dedos em seu cabelo depois de tirá-lo daquele maldito coque. Minhas mãos em sua pele branca e leitosa, explorando seu corpo pecaminoso enquanto ela geme sob mim. Traçando beijos suaves ao longo da linha de seu pescoço delicado, onde eu havia planejado cortá-lo. Só de pensar nela, fico com tesão.

A parte lógica de mim se sente mal com isso. Não toco em uma mulher há oito anos porque nem o sexo nem qualquer outro tipo de indulgência física me interessam minimamente. A vingança era meu único desejo. Eu vivia para isso.

Nada mais importava. E agora, estou cobiçando um dos meus alvos. É como se o destino tivesse decidido me sacanear.

Ravenna Pisano se vira e volta para dentro, fechando a porta da varanda em seu rastro. Fico escondido atrás da árvore por quase meia hora, tentando afastar as imagens de seu corpo nu sob o meu. E falhando.

* * *

— Vou só tomar o café da manhã e depois podemos ir embora, — disse a Sra. Pisano ao descer a grande escadaria que divide a casa em duas alas, atravessar o saguão e dirigir-se ao corredor que leva à parte leste do andar principal.

A enorme sala de jantar fica na parte oposta da casa, e é onde ela sempre faz suas refeições, mesmo quando come sozinha. Na minha opinião, é um tanto idiota ela se sentar sozinha em uma mesa grande o suficiente para doze pessoas, mas parece que é assim que as coisas funcionam por aqui.

Eu a sigo pelo corredor que leva à cozinha, aproveitando a oportunidade para memorizar essa parte da casa. Somente as empregadas e a governanta entram nesse corredor, por isso o evitei enquanto Rocco estava em casa, pois não queria levantar suspeitas. Mas ele saiu cedo esta manhã, antes de minha chegada.

— Poderia me dar um pouco de presunto e queijo, Abby? — A voz de Ravenna Pisano me chega da sala mais adiante no corredor.

— Sinto muito, Sra. Pisano, — responde a voz cortada da governanta, — mas o patrão disse apenas pão e água.

Paro no caminho a um passo da porta que dá para a cozinha.

— Posso pedir leite em vez de água?

A satisfação no tom de voz da governanta não me passa despercebida quando ela responde: — O Sr. Pisano foi muito claro em suas orientações sobre as refeições que devo lhe preparar. Devo ligar para ele e perguntar sobre seu pedido?

— Não, claro que não. Isso está perfeitamente bem, Abby.

Cerro os dentes e entro na cozinha. Ravenna Pisano está de pé ao lado do balcão, segurando um copo de água em uma mão e um prato na outra. Um prato com um único pedaço de pão.

— Saia, — eu digo.

As duas mulheres olham para mim com surpresa e choque em seus olhos. Eu encontro o olhar da governanta. — Agora, Abby.

Ela pisca para mim confusa e corre pela cozinha em direção à porta. Quando ela passa, estendo a mão e agarro seu braço.

— E mantenha a boca fechada, a menos que queira que eu a feche para você. — Eu me inclino para sussurrar em seu ouvido. — Permanentemente.

Abby acena com a cabeça e sai correndo da cozinha. Fecho a porta assim que ela passa e me viro para encarar a Sra. Pisano, que me encara com os olhos arregalados.

Passo por ela e puxo uma cadeira de uma pequena mesa ao lado dela. — Sente-se.

Ela olha para a cadeira por alguns instantes, depois coloca o copo e o prato sobre a mesa e se senta.

Dirijo-me a uma grande geladeira preta no canto e a abro, examinando os itens dentro dela. Localizo leite e queijo, mas não vejo presunto em lugar algum. Depois de mover parte do conteúdo, encontro dois pacotes de presunto fatiado atrás de uma fileira de condimentos. Fecho as portas da geladeira e levo a comida para a mesa onde a Sra. Pisano está sentada com os olhos grudados no prato.

Temperando minha repulsa com essa situação de merda, coloco os mantimentos na frente dela na mesma ordem em que ela os pediu - presunto, queijo e, finalmente, uma jarra de leite -, depois me viro e saio da cozinha.

* * *

O semáforo muda para vermelho. Paro atrás de uma caminhonete branca e olho pelo espelho retrovisor. A Sra. Pisano está sentada com os olhos focados em seu colo.

Ela não disse uma palavra sequer desde que saiu da cozinha esta manhã. Eu a levei para fazer outras compras e depois para a casa de sua mãe, onde ela novamente deixou algumas das coisas que comprou. Dessa vez, um suéter e um xale.

Na primeira vez que vi isso, pensei que as roupas poderiam ser para a mãe dela. Mas depois que tive a chance de pensar no que estava acontecendo, percebi que as duas mulheres têm mais ou menos o mesmo tamanho. Como todos aqueles itens pareciam grandes demais para ela, as roupas que a Sra. Pisano escondeu atrás do sofá devem ser para outra pessoa. Antes de sairmos, notei que

ela colocou uma joia embaixo da almofada do sofá. Não visitamos nenhuma joalheria hoje, então presumo que seja algo dela.

O semáforo fica verde e volto a olhar para a estrada, mas a cena desta manhã permanece em minha mente.

— Por quê? — Eu pergunto.

Isso está me consumindo há horas. Por que aquele filho da puta controlaria o que a esposa dele come? E, mais importante, por que diabos eu me importo com isso?

— Desculpe-me?

— O café da manhã, — eu digo.

Quando ela não responde, olho pelo espelho retrovisor, esperando encontrá-la me encarando por ousar perguntar. Ela não está encarando. A expressão em seu rosto é difícil de interpretar. Seus lábios estão apertados e seus olhos estão arregalados. Um instante depois, ela começa a rir.

É como mágica. Uma risada desenfreada e aguda que me lembra o chilrear dos pássaros. Eu deveria estar observando a estrada, mas não consigo tirar os olhos dela. Estou tão cativado pela visão que tiro o pé do acelerador para não batermos e fico olhando para ela.

— Desculpe, mas *o café da manhã*? — Ela bufa e começa a dar mais uma rodada de risadas. — Você tem algo contra frases compostas?

Quero que ela continue rindo, mas não tenho certeza de como fazer isso. Em todo o tempo que passei na casa dos Pisano, acho que nunca vi Ravenna Pisano rir.

— Talvez, — eu digo.

Ela balança a cabeça e limpa os olhos com os dedos. — *O café da manhã* é uma das coisas do Rocco. Ele gosta de enfatizar que é o único provedor em nossa casa, então, às vezes, quando ele não está em casa durante uma refeição, eu só recebo pão e água como um lembrete.

Aperto o volante com mais força. — Com que frequência é *às vezes*?

— Algumas vezes por mês.

Uma buzina toca em algum lugar atrás de nós. Piso no acelerador e volto a me concentrar em lidar com o trânsito. Quando olho pelo espelho retrovisor um momento depois, a Sra. Pisano não está mais sorrindo.

Dirigimos o resto do caminho até à mansão em silêncio. Esforço-me muito para manter meus olhos na estrada, mas eles continuam a se desviar para o maldito espelho a cada dois minutos. Depois de estacionar em frente à casa, pego as sacolas de compras no banco do passageiro e saio. A Sra. Pisano já saiu do carro e está caminhando em direção à porta da frente, segurando as laterais de seu casaco branco no peito.

Ravenna

Eu estava tão concentrada em meus pensamentos que percebi que Alessandro me seguiu escada acima somente depois que parei em frente à porta do meu quarto. Respirando fundo, eu me viro e estendo a mão para pegar minhas sacolas, mas quando meus dedos se enrolam nas alças de fita, ele não as solta.

— Seu marido tem lhe feito mal? — A voz grave de Alessandro vem de cima de minha cabeça.

Meu corpo fica imóvel. Engulo e, sem olhar para cima, sacudo a cabeça.

Sua mão enorme entra em meu campo de visão quando ele pega meu queixo entre os dedos e inclina minha cabeça para cima. Eu deveria me sentir intimidada por ele estar acima de mim enquanto seus olhos escuros e penetrantes se fixam nos meus, mas seu toque é leve como uma pluma e ele não me faz sentir ameaçada. Seu olhar é firme, e percebo que seus olhos não são negros, mas do mais profundo tom de azul.

— Eu poderia jurar que eles eram pretos, — murmuro.

— O quê?

— Seus olhos.

A ponta de seu polegar começa a se mover para o lado, traçando a linha do meu queixo. Um formigamento começa em meu estômago. Fecho os olhos por um momento e aprecio seu toque.

— Eu perguntei: ele está machucando você?

Posso confiar nele? Devo me arriscar a lhe contar a verdade? Se fosse apenas minha vida que estivesse em risco, eu o faria. Mas não posso arriscar a vida de minha mãe e de meu irmão. Se Rocco descobrir que estou tentando fugir, ele provavelmente matará todos nós.

— Não. — Abro meus olhos. — Claro que não.

Alessandro acena com a cabeça e solta as sacolas. O dedo em meu queixo permanece por mais um momento antes de ele se virar e voltar para o corredor.

Tiro meu casaco, levo as compras para a cama e começo a guardar as coisas que comprei. Blusas de seda. Suéteres de cashmere. Sapatos que custam mais de seis meses de aluguel para minha mãe. Rocco insiste para que eu use apenas marcas específicas, de preferência algo em que o logotipo ou as etiquetas estejam visíveis. Às vezes, me sinto como um outdoor ambulante, anunciando o quanto meu marido é rico.

As pessoas adoram falar pelas minhas costas, especialmente em festas. Elas fofocam sobre como me saí bem, arrebatando um prêmio como Rocco. Um conto de fadas da vida real sobre uma garota pobre que acaba se casando com um capo. Um que a presenteia com joias e roupas caras. Não fazem ideia do que acontece por trás das portas fechadas e de como essas bugigangas brilhantes são usadas para encobrir os hematomas.

Eu trocaria tudo isso de bom grado para ter minha antiga vida de volta.

Minha família, que só posso visitar sob supervisão. Amigos, que hoje em dia viram a cabeça para o outro lado quando eu os encontro inesperadamente enquanto estou fora de casa. Parei de telefonar, então eles acham que agora

acredito que sou boa demais para eles. E meus sonhos de ir para a faculdade e encontrar um bom emprego para poder ajudar minha mãe. Eu os quero de volta.

Mas, acima de tudo, gostaria de ainda ter a esperança de me casar por amor. A constatação de que provavelmente nunca terei uma família foi o golpe mais duro. Não tenho certeza se Rocco é capaz de ter filhos, mas mesmo que ele seja, eu nunca poderia trazer uma criança para essa bagunça. Os comprimidos placebo de Viagra não são as únicas pílulas que Melania está me fornecendo.

Depois de guardar todos os sapatos e roupas no armário, pego a última sacola e retiro o vestido de veludo preto. Rocco me enviou o link dessa peça em particular há alguns dias, ordenando que eu a comprasse para a próxima festa. Como todos os outros vestidos que ele me faz usar, é curto, justo e mostra muito o decote. Coloco o vestido horrível em um cabide e saio para a varanda que dá vista para o jardim da frente. Está frio lá fora, mas não me importo.

Perto do gazebo de ferro localizado a alguma distância da garagem, a figura de um homem se esconde. Alessandro não parece estar incomodado com o frio, pois está parado, imóvel, observando os arredores. Apoio meu ombro na porta da varanda e sigo seu olhar, tentando descobrir o que ele está vendo. Ele está à margem de um jardim bastante agradável, mas não há nada de muito interessante ali. Árvores espalhadas, roseiras que já estão todas secas e algumas esculturas de mármore em tamanho real que Rocco encomendou. Meu marido acredita que elas dão um ar mais sofisticado ao jardim.

Alessandro inclina a cabeça para cima, olhando para a luz do jardim a alguns metros à sua frente, depois olha para a direita, em direção à entrada da garagem, onde um poste de luz ilumina a ampla via de acesso. Alguns segundos depois, ele se dirige à mansão. Parece estar pensando profundamente enquanto caminha em frente e, em seguida, muda de curso, desviando ligeiramente para a

esquerda por cerca de doze metros antes de voltar para a casa. Quando chega à beira da entrada da garagem, ele muda de rumo mais uma vez. O canto dos meus lábios se ergue para cima. O que ele está fazendo, dando a volta em ziguezague?

Ao chegar à borda do gramado, ele para logo abaixo da minha varanda. Dou um passo à frente e me inclino sobre a grade no momento em que ele olha para cima. Nossos olhares se encontram.

A grade de ferro forjado sob minhas palmas parece quente em comparação com a frieza nos olhos do meu guarda-costas enquanto ele me observa.

— Entre, — ele grita.

— Por quê?

Seu olhar se move do meu rosto para a minha blusa de seda. — Está frio.

Com isso, ele se vira e se dirige ao carro estacionado na entrada da garagem. As folhas caídas e o sal para a neve da estrada rangem sob os pneus quando ele dá ré e dirige em direção ao portão, desaparecendo de vista. Já devem ser seis horas, pois é quando seu turno termina. Ele nunca sai um minuto mais cedo, mesmo quando não há nada para fazer.

Talvez eu possa pedir a ele que me leve a um dos shoppings do bairro vizinho amanhã. Posso fingir que estou procurando algo específico, e isso me permitiria passar mais tempo com ele. Gosto da sensação de tê-lo por perto, mesmo que ele não fale muito. Posso fingir que tropeço novamente, como fiz há alguns dias, e esperei que ele pegasse minha mão para me firmar. Ele segurou. E por aqueles poucos segundos, enquanto seus dedos enormes seguravam os meus, senti que ninguém poderia me fazer mal.

O rosto de meu pai surge diante de meus olhos, suas palavras de pregação preenchem os recessos de minha mente. *O casamento é para toda a vida, Ravenna. A santidade do casamento é a base de nossa sociedade*.

Bem, parece que me lembro de algo sobre o fato de os maridos amarem suas esposas e de haver uma quantidade igual de respeito e compreensão quando se trata de casamento também. Nenhuma dessas coisas acontece nesta casa. Eu odeio meu marido com uma paixão tão forte que, a cada dia, fica mais difícil esconder. Então, é normal sentir atração por outro homem se meu marido for um canalha?

Mais tarde naquela noite, acordo coberta de suor. Não é a primeira vez que isso acontece. A diferença é que, dessa vez, não é um pesadelo sobre algo que meu marido fez. É um sonho com *ele.* Meu guarda-costas. O suor não é produto do medo, mas do prazer avassalador que tomou conta dos meus sonhos em que ele se chocava contra mim - repetidas vezes - enquanto seus olhos escuros e taciturnos me fitavam.

Capítulo 7

Alessandro

Inveja. Desconfiança. Esquemas. Tudo bem escondido atrás de sorrisos falsos e roupas chiques. Rocco Pisano realmente gosta de todo tipo de circo e de ter os holofotes voltados para ele.

Dou alguns passos em direção ao canto, onde tenho uma visão melhor da sala, e coloco as mãos atrás das costas, observando as pessoas que se aglomeram no enorme salão de conferências.

Supõe-se que este seja um tipo de banquete de negócios. Pisano não compartilhou os detalhes específicos quando me disse que eu deveria acompanhá-lo e à sua esposa. Não faz diferença, todos esses eventos são iguais, não importa qual seja seu objetivo. A maioria das pessoas presentes são homens de negócios. Vejo alguns seguranças armados rondando o perímetro da sala, assim como eu estou fazendo. Não é nada inesperado, pois geralmente há alguns desses seguranças ligados a alguns VIPs. O local é público e experiente em receber esse tipo de festa, portanto, provavelmente não haverá situações incomuns. Mas eu nunca deixo nada ao acaso. Aprendi bem antes de entrar em um programa secreto do governo que a quantidade de coisas que podem acontecer é maior quando as expectativas são baixas. Portanto, examino os quatro pontos de saída mais uma vez, avaliando o tempo que será necessário para chegar a cada um deles.

Se eu pudesse escolher, pegaria o mais próximo só para poder escapar de um cara de smoking que faz um discurso sobre flutuações de ações e conta

algumas piadas sem graça de uma plataforma elevada no lado oposto do local. Ele parece ser o único perigo mortal nesse lugar, ameaçando entediar os convidados até à morte com suas bobagens e seu humor forçado.

Quando termino de verificar os pontos de saída, meu olhar se volta para o casal Pisano. Rocco está rindo de uma piada idiota que o cara no palco acabou de contar. Sua mão está apoiada na parte superior das costas de sua esposa. Ela também está rindo. Uma imagem de um casal feliz aproveitando a festa.

Se não levarmos em conta os pequenos detalhes, é claro.

A maneira como Ravenna Pisano segura o copo em sua mão. Ou como, a cada poucos minutos, ela puxa discretamente a bainha de seu vestido. A tensão em seu corpo quando a mão de Rocco desliza por suas costas.

Meus olhos se fixam nos dedos de Rocco enquanto eles seguram o quadril de sua esposa, e tenho de morder a parte interna do lábio para não rosnar. O interesse que desenvolvi pela mulher que estou planejando matar é altamente perturbador. Assim como o desejo inexplicável de ir até eles e tirar a mão do marido dela.

A fagulha de fogo no fundo do meu estômago enquanto a raiva ferve dentro do meu peito. Eu não deveria estar irritado por ele estar tocando nela. Ela é a esposa dele. No entanto, minhas narinas se dilatam e meus olhos se contraem quando um pensamento indesejável surge em minha mente. Ele não deveria ter permissão para tocá-la.

Cerrando os dentes, eu me obrigo a desviar o olhar dos dedos ossudos de Rocco para observar as pessoas ao meu redor, mas, menos de um minuto depois, meu olhar é atraído novamente para Ravenna Pisano. Um sorriso educado ainda está estampado em seu rosto quando seus olhos encontram os meus, mas não há

nenhum traço de riso naqueles olhos verdes que me observam do outro lado da sala. Muito pelo contrário.

Em uma das raras missões em que fui enviado para salvar vidas em vez de acabar com elas, fui encarregado de salvar um garoto que estava sendo mantido para resgate. O pai do garoto era amigo de Kruger, um figurão que estava envolvido em negócios obscuros, portanto, os canais oficiais de resgate estavam fora do ar. Ainda me lembro da expressão nos olhos do garoto enquanto o sequestrador apontava uma arma para sua cabeça. É o mesmo olhar que vejo nos olhos de Ravenna Pisano agora.

Medo. E desespero. *Porra!* O relacionamento que ela tem com o marido não deveria importar, porque no final eu estarei matando os dois. O medo em seus olhos não deveria me incomodar. Mas incomoda.

O homem no palco termina seu discurso, agradecendo a todos por estarem aqui. Rocco abaixa a cabeça, sussurrando no ouvido da esposa, e percebo o alívio estampado no rosto dela. Ela acena com a cabeça e se afasta dele, vindo em minha direção. O vestido que está usando hoje é justo e preto, assim como seu cabelo, que está novamente preso em um coque. Os enormes brincos de diamante e um colar combinando em seu pescoço refletem a luz dos lustres de cristal no alto. A maioria das mulheres presentes está usando joias igualmente caras, mas não me chama a atenção o fato de os diamantes de Ravenna Pisano serem os maiores da sala.

Como ela ficaria sem toda aquela maquiagem e bugigangas extravagantes, eu me pergunto. Um pensamento de um segundo e a imagem de Ravenna Pisano nua se forma diante de meus olhos. Afasto a imagem no mesmo instante, mas não consigo desviar o olhar da mulher real que está passando por mim.

Ela para na minha frente e inclina a cabeça, suas piscinas vítreas me atraindo. — Você poderia me levar de volta para casa?

Uma batida, uma respiração, e eu interrompo o contato visual. Dou um leve movimento de cabeça em direção às portas mais próximas e a conduzo para fora da sala.

Quando chegamos ao balcão de verificação de casacos, um funcionário se aproxima de nós, carregando nossos casacos. Ele me passa o meu e se vira para a Sra. Pisano, segurando seu casaco preto para que ela o vista.

Arranco o casaco de suas mãos. — Afaste-se.

A Sra. Pisano olha para o casaco em minhas mãos e, em seguida, olha para mim com uma pergunta nos olhos.

— Precaução de segurança, — eu digo.

Ela arqueia uma sobrancelha preta perfeita, vira-se e passa os braços pelas mangas. No momento em que ela veste o casaco, dirijo-me para a saída, recusando-me terminantemente a analisar meu comportamento. O homem era um elemento desconhecido. Ele representava uma possível ameaça. Caso encerrado.

O vento sopra em meu rosto quando saímos e caminhamos em direção ao estacionamento. A Sra. Pisano está à minha esquerda, tentando acompanhar meus passos largos, enquanto seu casaco desabotoado balança a cada rajada forte. Meu carro está a menos de 300 metros de distância. Não está tão frio, mas paro e coloco minha mão em seu braço, virando-a para mim.

— O que há de errado? — pergunta ela, olhando ao redor.

Ignorando sua pergunta, comecei a abotoar seu casaco. Há apenas três botões e o tecido é muito fino. Uma porcaria estúpida e chique que não serve para

nada, especialmente para manter a pessoa aquecida. Quando termino de abotoar, levanto as lapelas para que seu pescoço fique coberto.

— Precaução de segurança, também? — Há um traço de diversão quase imperceptível em sua voz.

— Sim, — murmuro e retomo meu caminho em direção ao carro.

Tento manter os olhos grudados na faixa de rodagem além do para-brisa enquanto dirijo, mas eles ainda se desviam para o espelho retrovisor a cada poucos segundos. A Sra. Pisano está sentada em silêncio, segurando o casaco contra o peito. Eu liguei o aquecimento no momento em que entrei no carro, mas parece que ela ainda está sentindo frio. Meu aperto no volante fica mais forte, deixando os nós dos dedos brancos. *Não* me importo, digo a mim mesmo e volto a olhar para a estrada. *Eu. Não. Me. Importo.*

Ela espirra.

Merda. Viro à direita e estaciono no meio-fio. Os veículos passam rapidamente quando saio e dou a volta até à traseira, abrindo a porta do passageiro.

— Sapatos. Tire, — eu digo.

Ravenna Pisano levanta as sobrancelhas de surpresa, provavelmente pensando que eu perdi a cabeça. Temo que ela possa estar certa. Eu me inclino e, segurando seu tornozelo, levanto um pouco sua perna para poder tirar os saltos. Primeiro o direito, depois faço o mesmo com o esquerdo.

— Pernas embaixo do traseiro.

Espero que ela se arrume, tiro minha jaqueta e me inclino para colocá-la sobre seu colo. Sua testa está a poucos centímetros da minha, e posso sentir sua

respiração em meu rosto. O sutil aroma de talco me envolve, incentivando-me a inalar um pouco. Ajeito as laterais da jaqueta ao redor dela e a olho nos olhos.

— Da próxima vez que fizermos uma de suas compras, — eu digo, olhando para ela, — você vai comprar um casaco adequado, ou eu comprarei um para você. Entendeu?

Os cantos de seus olhos se contraem e um pequeno sorriso se desenha em seus lábios. — Parabéns.

Franzo minhas sobrancelhas. — Pelo quê?

— Essa foi uma frase bonita e complexa. Você está indo muito bem. — Seu sorriso se alarga.

Ela está me provocando? Estreito os olhos para ela, esperando que pare de sorrir sob meu olhar maldoso.

— Está tentando uma técnica de intimidação comigo, Alessandro?

— Sim, — eu grito.

Ela inclina a cabeça um pouco para cima e a ponta de seu nariz toca o meu. Seus lábios estão tão próximos que seria necessário apenas um minúsculo movimento para saboreá-los. *Que droga!* Eu me afasto abruptamente e fecho a porta, correndo de volta para o volante.

Quando chegamos à mansão, acompanho a Sra. Pisano até à porta da frente sem dizer uma palavra, depois me viro e volto para o meu SUV. A luz sobre a garagem ilumina a porta de metal que esconde os preciosos veículos de Pisano. Estou aqui há duas semanas e ainda não coloquei meu plano em ação. Eu poderia mentir para mim mesmo e dizer que só quero estar totalmente preparado antes de

dar o próximo passo, mas estou bem ciente de que esse atraso não tem nada a ver com preparação.

É *ela*. Ravenna Pisano e essa maldita fixação que parece que desenvolvi por ela. Estou enojado com o fato de ter começado a me importar com a mulher que é casada com o assassino de Natalie.

Entro no carro e desço a entrada da garagem, prometendo a mim mesmo que o que quer que tenha me levado a me preocupar com a esposa de Rocco terminará agora. E propositalmente ignoro o fato de que, por um breve momento, meus olhos se voltaram para o espelho retrovisor e para o reflexo da janela do lado esquerdo da casa.

Ravenna

A batida de uma porta me acorda de meu sono. Eu me sento e ouço os passos ecoando pelo corredor, aproximando-se e parando do outro lado da porta. Minha pulsação dispara. Tudo permanece estranhamente silencioso por alguns instantes, então ouço a porta do quarto de Rocco abrir e fechar, e um suspiro de alívio sai de meus lábios. Ele foi dormir. Volto a me deitar, mas cinco minutos depois, o som da porta do Rocco se abrindo faz com que todos os meus músculos fiquem tensos.

Passos irregulares se aproximando. Um baque, seguido de um xingamento. Pego a colcha da cama e a puxo até ao queixo. A maçaneta gira e a luz do corredor entra no meu quarto.

— Estou em casa, bellissima, — as palavras arrastadas de Rocco pairam no ar.

Ele está bêbado. Eu me obrigo a ficar quieta, esperando que ele vá embora se achar que estou dormindo.

— Sabe, eu estava pensando. Essas pílulas deviam estar fora do prazo de validade, — disse ele, aproximando-se da cama. — Então, comprei um novo lote.

Não. Não. Não.

— Vamos ver se isso funciona melhor. — Ele agarra a colcha e a arranca de mim.

Eu me forço a virar e olhar. Rocco está de pé aos pés da cama, vestindo apenas uma camisa branca desabotoada, com uma mancha de vinho na frente.

— Abra as pernas para seu marido.

Fico olhando para ele enquanto o pânico aumenta e se espalha por todos os nervos do meu corpo. Ele sobe na cama e se arrasta para cima, pairando sobre mim. Sua mão se lança, rasgando minha blusa de pijama, depois agarra a faixa do meu short e o puxa para baixo junto com minha calcinha.

— Estou ficando duro, — ele murmura, depois segura minha mão e a pressiona em seu pau ainda semiereto. — Está vendo? Tudo está funcionando como deveria.

Ele ri como um maníaco e depois cai sobre meu corpo. O cheiro de álcool e suor invade minhas narinas.

— Mais afastadas! — ele diz.

Abro um pouco as pernas e ele começa a pressionar o pau na minha abertura. Cerrando os dentes, eu me forço a permanecer imóvel e impassível. Os sons que saem da boca de Rocco me lembram os de um animal com dor. Respiração ofegante. Respirações curtas. Gemidos, enquanto ele se pressiona contra mim, roçando seu pau em minha boceta. Então ele para de repente e geme. Um momento depois, sinto seu esperma, quente e pegajoso, entre minhas pernas.

— Foi bom, bellissima, — diz ele entre respirações difíceis. — Será ainda melhor da próxima vez.

Fico imóvel enquanto ele desce e se dirige à porta. Somente quando ouço a porta do outro lado do corredor se fechar, levanto-me da cama e corro para o banheiro.

Levo vinte minutos para me esfregar até me sentir limpa novamente. Rocco não se força sobre mim com frequência e, desde que comecei a trocar seu Viagra pelo placebo que Melania tem fornecido, isso acontece com menos frequência ainda. Pelo menos ele deixou o novo frasco de comprimidos em minha

mesa de cabeceira. Isso significa que posso fazer a troca novamente. Rocco fica furioso quando não consegue ter uma ereção. Ele nunca ficou duro o suficiente para realmente me penetrar, mas sinto repulsa pelo simples fato de ele se esfregar em mim. Prefiro enfrentar sua ira e seus golpes a ter que fazer isso.

Sento-me no banco de madeira sob a janela com a testa pressionada contra o vidro. Não vou voltar para a cama de jeito nenhum antes de trocar os lençóis, e isso precisa esperar até amanhã. Não posso me arriscar a descer as escadas e encontrar Rocco novamente esta noite. Pensar no que acabou de acontecer ainda me dá vontade de vomitar.

São quase quatro da manhã, mas não consigo dormir. Envolvendo um cobertor com mais força, fecho os olhos e os abro novamente um minuto depois.

Preciso encontrar uma maneira de conseguir mais dinheiro. O valor que recebo das roupas que minha mãe vende para a Sra. Natello é muito, mas não o suficiente. E tenho de ser cuidadosa para que Rocco não suspeite de nada. Eu me certifico de comprar uma variedade de roupas em cada loja, mas apenas um item do grupo para minha mãe revender. Dessa forma, se Rocco pedir para ver o que comprei, terei algo para mostrar a ele. Mas isso é muito lento.

As coisas que comprei este mês valiam dezoito mil dólares, mas a Sra. Natello só pagou nove, dizendo que não gastaria mais de 50% em roupas de segunda mão, embora todas ainda tivessem etiquetas de preço. Portanto, decidi dar a mamãe algumas de minhas joias para vender. Espero que Rocco não perceba. Talvez eu possa implorar a Hazel que me deixe ajudá-la com a contabilidade duas vezes por semana. O dinheiro que ela me paga não é muito, mas cada centavo conta.

Enquanto eu olho vagamente para o gramado, ainda perdida em meus pensamentos, uma sombra que se move atrás de uma árvore atrai minha atenção. Os seguranças não têm permissão para chegar tão perto da casa. Poderia ser um animal? Inclino-me para a frente, pressionando o nariz contra a vidraça fria, mas nada parece fora do comum. Meu cérebro cansado provavelmente está me pregando peças.

Devo ter começado a cochilar quando um estrondo alto me assusta. Examino o terreno e o jardim além da minha janela, e algo laranja no topo da garagem chama minha atenção. Segue-se outro estrondo, depois mais alguns. Eu grito quando o teto da garagem cai. Atordoada e incapaz de me mover, observo as chamas consumirem o prédio e sua estrutura em ruínas ser engolida pelo inferno furioso e pela nuvem de fumaça.

Capítulo 8

Alessandro

— Não me importa que os carros tenham seguro! — Rocco grita ao telefone. — Já se passaram três dias. Quero que a pessoa que trabalhou na parte elétrica da minha garagem seja encontrada e *tratada*!

Ele corta a linha e bate o telefone na superfície da mesa.

— Levei seis meses para adquirir um desses carros, — ele reclama. — Agora, todos eles se foram. Por causa de um idiota que não fez seu trabalho direito. Como é que a porra de um painel elétrico pega fogo de repente?

Pois. É uma pena.

— Preciso que leve Ravenna ao cabeleireiro, — ele continua. — Ela vai visitar a mãe depois, e você terá algumas horas livres. Depois, preciso que você volte aqui às onze. Armado.

— Tudo bem. Situação? — Eu pergunto.

— Há um carregamento de drogas sendo entregue esta noite e estamos com poucos homens para lidar com ele. Alguns dos caras que deveriam fazer esse trabalho foram afastados por Arturo. Ele basicamente perdeu o controle, está dirigindo pela cidade há semanas, procurando pela irmã desaparecida. Preciso que você o substitua.

Aceno com a cabeça e me viro para sair.

— Zanetti.

Sua voz assume aquela presunção e condescendência que ele nunca consegue esconder. Paro em meu caminho e me viro para encará-lo. É preciso tudo o que há em mim para não enfiar o punho em sua cara feia, tirando dela aquela expressão egocêntrica.

— Você tem algo a relatar? Algum comportamento estranho no que diz respeito à minha esposa?

— Não, — eu digo, como faço todas as manhãs quando ele me chama para conversar. — Nada fora do comum.

* * *

Como de costume, quando acompanho a Sra. Pisano à casa de sua mãe, fico de pé junto à parede, com o olhar fixo além da janela. Sua mãe havia adormecido no sofá, e minha protegida saiu da sala principal, dizendo que lavaria a louça antes de sairmos. Estou pensando em suas ações quando o som de vidro quebrando vem da pequena área da cozinha. Minha cabeça se vira para o lado, focalizando a Sra. Pisano, que está de pé em frente à pia, segurando a mão sob a corrente de água.

— Ravi?

— Estou bem, mamãe. Volte a dormir. — Ela olha para sua mão. — Merda.

Cubro a pequena distância entre nós e fico atrás dela. O sangue está escorrendo de um corte feio no meio de sua palma. — Deixe-me ver.

— Estou bem, — ela murmura enquanto tenta pegar um pano de prato com a outra mão. — Foi só uma xícara lascada.

— Deixe-me. Ver.

Sua mão paira sobre o tecido. Lentamente, ela olha para cima, e aqueles verdes cautelosos encontram meu olhar. Desligo a água e pego sua mão na minha, inspecionando o corte. Não é profundo, mas é bastante longo, atravessando diagonalmente toda a superfície de sua palma.

— Kit de primeiros socorros? — Pego um guardanapo do suporte e o pressiono na palma da mão dela. Sua mão é tão pequena comparada à minha.

— Não sei, — ela diz em uma voz quase inaudível e aponta para a minha esquerda. — Talvez na gaveta onde minha mãe guarda seus remédios.

Não há kit de primeiros socorros na gaveta, mas encontro um spray desinfetante e um pequeno rolo de bandagem. Retiro o guardanapo e aplico o spray em seu corte. A Sra. Pisano respira fundo, mas não reclama, e me observa em silêncio enquanto enrolo o curativo em sua mão.

— Por favor, não conte a Rocco.

Eu olho para cima e a prendo com meu olhar. — Por quê?

— Não faça isso. Por favor.

Coloco as palmas das mãos no balcão, uma de cada lado dela, enclausurando-a, e me inclino para a frente. — O que acontece com as roupas e outras coisas que você compra quando as deixa com sua mãe?

Os olhos de Ravenna se arregalam como pires. — Você contou ao meu marido?

— Não.

Ela pisca os olhos em confusão. — Vai contar?

— Não. — Inclino minha cabeça para o lado e a estudo. — Você está vendendo essas coisas? Precisa de dinheiro?

Uma mistura de incerteza e trepidação brilha em seus olhos. Seu pulso se acelera, acelerando também sua respiração. Isso dura apenas um momento antes que ela se recomponha, endireitando a coluna.

— Rocco nunca coloca um limite de gastos em meu cartão. — Ela ergue ligeiramente o queixo.

— Não foi isso que perguntei.

— Bem, essa é a única resposta que terá.

O canto de meus lábios se curva para cima. Nunca a vi responder a Rocco dessa maneira. Ela geralmente fica nervosa perto dele. Meu tamanho tende a alarmar a maioria das pessoas, especialmente as mulheres. Elas se assustam sempre que estou por perto, independentemente de haver uma causa real ou não. Ao aceitar essa tarefa, eu esperava que Ravenna também ficasse assustada. Mas ela não está. Parece que Ravenna Pisano é muito mais do que aparenta.

— O que você está fazendo no spa? As faturas, os recibos... A contabilidade com Hazel?

A respiração de Ravenna se contrai, mas seus lábios permanecem apertados. É óbvio que ela não vai me dar uma explicação. Inclino-me para a frente até que meus lábios roçam a concha de sua orelha.

— Você vai me pedir para não contar ao seu marido sobre isso também? — pergunto.

Quando ela inclina a cabeça para o lado, nossas bochechas se tocam. Seu perfume de talco provoca minhas narinas, incentivando-me a encher os pulmões. Agarro o balcão com mais força, reprimindo o desejo de esmagar meus lábios nos dela. Fechando os olhos, conto até dez.

Essa mulher é muito tentadora. Ela é uma distração de que não preciso, mas aqui está ela de qualquer maneira, colocando em risco meu autocontrole sem nem mesmo perceber.

— Preciso pedir? — Ravenna sussurra.

— Não. Não precisa pedir. — Eu me permito mais um segundo fugaz de seu toque, depois dou um passo para trás. — Temos que ir.

Ravenna

— O que aconteceu com sua mão, Ravenna?

Dou um pulo na cadeira, quase derrubando o prato à minha frente, e rapidamente escondo minha mão enfaixada embaixo da mesa. Rocco está do outro lado, olhando para mim.

— Eu lhe fiz uma pergunta, bellissima.

— Eu... me cortei quando ajudei a mamãe a lavar a louça hoje de manhã, — desabafo e me arrependo no momento em que as palavras saem da minha boca. Rocco é obcecado pelo que as outras pessoas pensam dele. E, por extensão, de mim.

— Você sabe que vamos jantar na casa do meu pai neste fim de semana? — ele rosna enquanto caminha ao redor da mesa. — Alguns de nossos parceiros de negócios estarão lá! Você quer que eles pensem que eu permito que minha esposa faça trabalhos braçais?

— Eu sinto muito. Não vai acontecer de novo.

Ele agarra meu braço e me puxa para cima da cadeira. Eu gemo e tento me afastar, mas seu aperto só aumenta.

— Por favor. Você está me machucando.

— Você merece. — Ele aperta meu braço com mais força, e eu grito. — Eu nunca a castigo a menos que você mereça. Ou castigo?

— Não, Rocco.

— Fico feliz por concordarmos com isso. — Ele se inclina em meu rosto. — Zanetti vai levá-la para comprar um vestido para usar no jantar. Certifique-se de escolher bem para que meus parceiros de negócios esqueçam que você é filha de uma faxineira.

Aceno com a cabeça. — Irei lá logo pela manhã.

— De tarde. Zanetti virá comigo esta noite como reforço, e não voltaremos antes da manhã.

— Reforço? — Eu digo, sem fôlego. — É algo perigoso?

— Você está preocupada comigo, bellissima?

Preocupada com *ele*? Ele está realmente delirando?

— Você sabe que estou. — Uma mentira.

— É apenas um negócio de drogas. Agora, saia de minha vista.

Assim que ele solta a mão, eu me viro e saio correndo da sala de jantar. Rocco sempre foi fácil de enfurecer, mas desde que assumiu a responsabilidade por alguns dos deveres de Arturo, ele se tornou pior. O incêndio na garagem apenas acendeu suas tendências militantes.

Quando entro em meu quarto, subo na cama e me aconchego sob o cobertor. Gostaria de poder matá-lo. Ou ter o dinheiro para pagar alguém para fazer isso por mim. Muitas vezes, quando estou acordada à noite, imagino entrar sorrateiramente no quarto de Rocco enquanto ele dorme e levantar a arma que ele guarda em sua gaveta. Nunca disparei uma arma, então a bala provavelmente acabaria na parede ou no chão. Ainda assim, me sinto melhor imaginando os tiros que atingiriam seu peito. Outras vezes, imagino colocar minhas mãos em seu pescoço e apertar com toda a minha força. Ah, como eu gostaria de ver seus olhos

esbugalhados me encarando enquanto ele luta para respirar. Sim, tenho sentimentos muito intensos por meu querido marido.

Um ping alto rompe o silêncio da sala, fazendo-me congelar. Demoro alguns instantes para perceber o que é. Esticando a mão, pego o telefone da mesa de cabeceira e olho para a notificação na tela.

Nova mensagem de texto.

Raramente recebo alguma mensagem. Rocco instalou um software de gerenciamento de dispositivos no meu telefone que só permite que eu me comunique com as pessoas da minha lista de contatos. E ele é o único que tem uma senha que lhe permite adicionar contatos ou alterar permissões. Há meses, há exatamente cinco números em minha lista. O de Rocco. O da governanta. E os números dos três chefes de segurança - um para cada turno. Suas pessoas mais confiáveis. Mas outro número foi adicionado há três semanas.

Clico na notificação e o novo quadro de bate-papo preenche a tela. Bem, *preencher não é* exatamente exato, pois contém apenas uma palavra.

19:47 Alessandro Zanetti : Mão?

Não posso deixar de sorrir. É tão parecido com ele. Toco a ponta do meu dedo em sua mensagem. É apenas uma pequena palavra, mas o calor se espalha em meu peito só de olhar para ela. A julgar pelos olhares que normalmente recebo dele, ele me odeia por algum motivo. Mesmo assim. Exceto quando acha que estou com frio, ou com fome, e agora quando estou machucada. Ele se importa o suficiente para perguntar.

Digito uma resposta rápida e, em seguida, pressiono enviar.

19:52 Ravenna: Bem.

Fico olhando para a tela por dez minutos, imaginando se ele enviará mais alguma coisa, mas o telefone permanece em silêncio. Provavelmente, eu deveria excluir a conversa. Por mais benigna que seja, se Rocco a vir, ficará furioso. Ele pode até machucar Alessandro por causa disso. Mordo meu lábio inferior, digito outra mensagem e, em seguida, apago rapidamente toda a conversa.

Alessandro

A estrutura da fábrica abandonada que foi escolhida como ponto de encontro ainda tem as paredes e o telhado praticamente intactos, mas o interior está congelando porque a maioria das janelas está quebrada.

Rocco está com os braços cruzados sobre o peito enquanto observa dois SUVs passando pela entrada dos fundos das instalações. Até o retorno de Arturo, Don Ajello dividiu as responsabilidades de lidar com o negócio das drogas entre dois capos: Cosimo e Rocco. Ambos estão encarregados da construção e dos negócios imobiliários para o Don, mas agora também suportam o peso do trabalho extra. Com base na expressão de irritação no rosto de Rocco, ele não está feliz por ter que sujar as mãos. Há uma enorme diferença entre negociar contratos de propriedade em um restaurante de luxo com uma garrafa de conhaque caro e ficar na calada da noite em uma fábrica fria e degradada no meio do nada.

Tiro o celular do bolso e dou uma olhada rápida na mensagem que Ravenna me enviou antes. É a quarta vez que faço isso até agora.

20:02 Ravenna: Tenha cuidado esta noite.

O barulho das portas dos carros se fechando vem da direção para a qual estou virado, então deixo o celular de lado e avalio os recém-chegados.

Há várias organizações criminosas e gangues em Nova York. Aqueles que se preocupam com seus próprios negócios ou cooperam com a Cosa Nostra têm permissão para prosperar. Outras deixam de existir em um curto espaço de

tempo. O grupo de homens que acabou de sair dos veículos pertence ao conjunto que foi autorizado a conduzir suas operações neste território. Essa permissão, até o momento, tem sido lucrativa para ambos os lados.

A Cosa Nostra começou a fazer negócios com o sindicato sérvio há vários anos, depois que Ajello assumiu o cargo de Don. Não tenho certeza sobre a extensão dos negócios da Cosa Nostra com os sérvios, mas, pelo que ouvi, eles movimentam cerca de 50% das drogas de Ajello. Eles também administram um clube que se apresenta como um local de entretenimento para uma clientela de alto nível, mas, na verdade, é um local neutro onde a maioria das transações clandestinas é negociada.

Acontece que esse clube é o local onde o chefe sérvio conduz seu principal negócio - o comércio de pedras preciosas no mercado negro, principalmente diamantes. Um verdadeiro pau para toda obra, como Ajello aludiu, ele provavelmente tem os dedos das mãos e dos pés mergulhados em outras áreas também. Há alguns anos, o Don vem tentando colocar alguém dentro da organização dos sérvios, sem sucesso.

Drago Popov - o chefe da equipe sérvia - se aproxima, e a expressão em seu rosto me diz que ele não está feliz em ver Rocco.

Conheci Drago recentemente quando tive que tratar de alguns assuntos pessoais. Com uma jaqueta de couro e calça jeans preta, ele não parece um típico criminoso de alto escalão. Na verdade, ele parece bastante comum. A palavra-chave aqui é *parece*. Mas eu conheço um assassino quando o vejo, e Drago Popov pertence a esse rótulo. Conhecendo Rocco, ele vai subestimar o homem, acreditando que está em vantagem.

— Onde está Arturo? — Drago pergunta em um inglês com sotaque forte.

— Arturo não está disponível. Estou aqui em seu lugar. — Rocco levanta o queixo para ele. — Quero ver o dinheiro primeiro.

O líder sérvio levanta uma sobrancelha e depois se volta para o homem loiro à sua direita. — *Ko je ovaj idiot?*[4]

— Capo, — diz o loiro.

Drago *murmura* e volta para o carro. — Conversaremos quando Arturo estiver de volta.

— Ei! — Rocco grita. — Volte aqui ou pode esquecer qualquer outro acordo.

Aproveito a oportunidade, enquanto Rocco e seus homens estão concentrados no grupo de sérvios em retirada, para ir até ao novo carro esportivo de Rocco. Ele comprou o conversível no dia seguinte ao incêndio de sua garagem, junto com todos os seus brinquedos caros. Esse também planejo explodir em algum momento, mas ainda não. Talvez em uma semana ou algo assim.

Dois outros veículos estão estacionados em frente a ele, bloqueando a visão de todos. Agacho-me ao lado dele e deslizo meu braço por baixo, verificando o dispositivo que coloquei ontem à noite. É um dispositivo muito sofisticado e me custou uma pequena fortuna, mas valerá a pena.

Fazer bombas nunca foi meu ponto forte. Sergei Belov era o ponto de partida em missões que exigiam que nossa unidade explodisse coisas. Ele conseguia fazer uma bomba em menos de cinco minutos, usando apenas o material

[4] Quem é o idiota?

que se tem na cozinha. Posso não ter a habilidade necessária para fabricá-las, mas sei muito bem como usá-las.

Rocco ainda está gritando, ameaçando Drago de que vai acabar com seu negócio. O engatilhar de armas ecoa pelo espaço. A merda está prestes a atingir o ventilador. Assim que termino de armar a bomba, o primeiro tiro perfura o ar. A luminária do teto explode, enviando cacos de vidro ao meu redor. Odeio quando estou certo.

Ligo o receptor, certificando-me de que o sinal está ativo, e pego minha arma. Uma bala atinge uma das janelas do carro logo à frente. Alguns de nossos homens se protegeram atrás dele e estão atirando nos membros da gangue sérvia. Há tiroteios por toda parte.

Rocco está agachado do outro lado de um muro baixo de concreto, com dois de seus seguranças ao seu lado. Um pouco à direita, outro segurança está esparramado no chão. Ele levou um tiro na coxa, mas está vivo.

— Voltem para os carros! — Rocco grita.

Eu me endireito e aponto para o grupo de nossos oponentes, cobrindo os homens de Rocco enquanto eles entram em seus veículos. Depois de trocar o carregador, olho para o teto elevado do carro esportivo. Dois dos membros da gangue sérvia estão ilesos e tentam ajudar os feridos a entrar nos SUVs. Certifiquei-me de que nenhum dos meus tiros fosse letal. De tempos em tempos, pequenas brigas entre nossas equipes não são incomuns, é assim que os negócios ilícitos funcionam. Desde que ninguém acabe morto, os negócios entre nós continuam.

Rocco se levanta e manda uma bala nas costas de um dos homens de Papov. Drago empurra o ferido para a traseira do veículo e se vira para Rocco,

mirando em sua cabeça. Levanto minha arma e disparo, atingindo o ombro do sérvio. A arma cai de sua mão e se espatifa no chão.

Quando está entrando no carro, Rocco levanta o queixo, agradecendo por ter salvado sua vida. O idiota não tem ideia de que uma data de validade foi marcada em sua existência miserável no momento em que descobri que ele matou o último membro da família que me restava. E eu serei o único que poderá acabar com ela.

Capítulo 9

Ravenna

Eu detesto visitar o pai de Rocco. Não apenas porque ele é um porco misógino, mas porque meu marido tem uma necessidade extremamente doentia de se exibir na frente do pai. Fomos três vezes a casa de Elio Pisano e, em cada ocasião, a experiência foi pior do que a anterior. Considerando que os parceiros de negócios também estarão presentes hoje à noite, é provável que a experiência supere todas as anteriores.

Termino de arrumar meu cabelo e me olho no espelho alto. O vestido vermelho justo com um decote ridiculamente baixo que comprei para esse evento me faz sentir como uma vadia. Antes de me casar com Rocco, meus gostos se inclinavam para roupas casuais - jeans e blusas, às vezes vestidos simples. Eu preferia conforto e cores pastéis. Também usava o cabelo solto e nunca me maquiava, exceto em ocasiões especiais. Rocco insiste em um penteado primoroso e adequado, com um coque apertado e elegante e maquiagem pesada, porque, na opinião dele, isso me faz parecer mais velha e elegante. Ele me pegou de cara limpa uma vez quando chegou do trabalho mais cedo. Tive de aplicar uma camada dupla de corretivo e base na semana seguinte para esconder o hematoma no meu queixo.

Com uma última olhada no espelho para ter certeza de que tudo está como deveria estar, saio do meu quarto e desço as escadas.

Rocco está parado no final da escada, conversando com alguém ao telefone. Quando me ouve chegar, ele olha para cima e acena com a cabeça. Acho que minha roupa foi aprovada, pois ele se vira e continua a conversa em um tom abafado. Quando estou descendo as escadas, meus olhos se voltam para Alessandro, que está parado na porta da frente, e quase tropeço com a intensidade de seu olhar. Será que ele gosta do que está vendo?

Desde que minha vida desmoronou como um castelo de cartas, tenho me sentido um lixo. Sou um saco de pancadas para um homem pervertido que me faz vestir como uma garota de programa para que seus amigos possam salivar ao me ver, apenas para que ele me 'castigue' por isso depois. Mas há uma diferença palpável na reação do meu guarda-costas em comparação com a do Rocco. O rosto do meu marido demonstrou satisfação ao me ver literalmente seminua. Uma roupa amplamente reveladora significa que mais homens estarão me olhando. A expressão no rosto de Alessandro, entretanto, está completamente vazia, mas o olhar naquelas profundezas de aço mostra desaprovação.

Quero rir e chorar ao mesmo tempo. Durante meses, detestei os olhares de calor que outros homens me lançaram, porque isso significava que eu pagaria por cada um deles. E agora, quando eu secretamente anseio ter *seus* olhos cheios de luxúria sobre mim, sou presenteada com desdém. Bem, hoje em dia, também estou acostumada com isso. Mesmo que, de alguma forma, pareça mais incisivo. Quebrando nossos olhares fixos, eu me dirijo à porta da frente, olhando para a frente.

Rocco se aproxima de seu conversível novo e reluzente que está estacionado na entrada da garagem e abre a porta do passageiro para mim. Ele estava excepcionalmente bem-humorado quando dirigiu o carro da concessionária para casa e nem sequer comentou quando mencionei que também teria dias de spa

aos sábados. Com a aproximação do final do ano, há mais trabalho a ser feito, e Hazel aceitou minha oferta de ir duas vezes por semana.

Engolindo a bile que sobe toda vez que tenho de tocar meu marido, pego sua mão estendida e deslizo para dentro do carro. Rocco dá a volta no capô e vai para o volante, tagarelando sobre a potência e a velocidade que o novo carro pode atingir.

— Aquele filho da puta do Cosimo vai morrer de inveja quando vir esse bebê. — Ele ri ao acariciar o estofamento de couro branco. — Eu o ouvi dizer a Pietro que estava de olho nesse modelo exato, mas não queria gastar cem mil dólares. Você sabia que ele ainda dirige aquela lata que comprou há quatro anos? — Ele faz uma cara de nojo. — Algumas pessoas não têm respeito próprio.

Às vezes, ele me lembra uma criança mimada que faz birra se alguém tem um brinquedo mais brilhante do que ele. Acontece que Cosimo é um assunto especialmente delicado para Rocco. Quer o outro capo perceba ou não, Rocco está em um duelo total com o homem mais velho. Ele tenta superá-lo a todo momento. O que quer que Cosimo consiga, Rocco precisa superar. O que quer que Cosimo queira, Rocco precisa possuir primeiro. Acho que tudo isso se deve ao fato de que o Don parece se guiar mais pelos conselhos de Cosimo, e Rocco não consegue lidar com isso.

Rocco continua divagando enquanto liga o motor e dirige em direção ao portão. Finjo que estou ouvindo suas bobagens enquanto meus olhos se voltam para o espelho lateral. O SUV de Alessandro está seguindo de perto atrás de nós. Não consigo ver seu rosto sombrio no reflexo do espelho, mas quase posso sentir seus olhos na minha nuca. Ele não disse nada quando me levou ao Wellness Center esta manhã, embora nós dois soubéssemos que eu não estava indo lá para fazer um tratamento facial. E quando passamos pela casa da minha mãe depois, tenho

certeza de que ele percebeu que eu estava colocando uma bolsa que comprei para a Sra. Natello atrás do sofá. Ele não fez nenhum comentário sobre isso. Por que ele não disse nada a Rocco?

Lembro-me do olhar duro de Alessandro quando ele perguntou se Rocco havia me machucado. O tique em sua mandíbula quando ele me questionou sobre as coisas que eu comprava. O tom de sua voz quando me garantiu seu silêncio sobre meu tempo no spa. Talvez ele odeie meu marido mais do que me odeia.

Sonhei com ele novamente na noite passada. Estávamos em um elevador, um de frente para o outro, enquanto uma dúzia de isqueiros Zippo pairava acima de nós, lançando uma luz amarelada no rosto de Alessandro. Eu não estava assustada com o espaço apertado, como estaria na realidade. Era como se apenas a presença de Alessandro afastasse o medo e a ansiedade. Ele deu um passo em minha direção, agarrando os dois lados do meu vestido. O som de tecido rasgando encheu o pequeno espaço quando ele arrancou o vestido do meu corpo em um único movimento. Eu estava nua por baixo.

Seus olhos se fixaram nos meus enquanto ele abria o zíper e soltava o pau, depois agarrou minha bunda e me levantou, pressionando minhas costas contra a parede fria do elevador. O frio se dissipou quando suas palmas ásperas acariciaram minha pele macia. Seu toque parecia tão real. Assim como o êxtase absoluto quando ele enterrou seu pau em mim com um mergulho rápido. As chamas suspensas acima de nós tremeluziam ao ritmo das investidas de Alessandro, tornando a cena ainda mais surreal.

Como no sonho anterior, ele me fodeu sem piedade pelo que pareceram horas, sem dizer uma única palavra em voz alta durante todo o tempo. Foi bruto. Selvagem. Sem remorso. E eu aproveitei cada segundo. Eu era livre. Quando acordei, estava tão encharcada que tive de trocar minha roupa íntima.

— Certifique-se de se comportar, bellissima, — diz Rocco, puxando-me de volta à terra.

Olho para o para-brisa e vejo a forma de uma grande casa branca visível por cima da cerca que se estende pela rua. Estamos quase lá. Respiro fundo, tentando me preparar mentalmente para o que está por vir.

— Você conhece as regras, — continua Rocco. — Não fale a menos que alguém lhe faça uma pergunta direta. Ninguém está interessado no que você tem a dizer.

— Sim, Rocco. — Aceno com a cabeça.

Quando estacionamos em frente à casa de Elio Pisano e nos dirigimos à porta da frente, dou uma olhada rápida por cima do ombro. Alessandro está andando alguns passos atrás de nós, uma sombra imponente em uma paisagem coberta de neve. Nossos olhos se encontram por uma fração de segundo e meu coração dá um salto no peito quando seu olhar se fixa no meu.

* * *

— Quando posso esperar um neto, Rocco?

Meu corpo fica imóvel ao ouvir a pergunta do meu sogro. Não me atrevo a tirar os olhos do prato à minha frente.

— Ravenna ainda é jovem, — diz meu marido ao meu lado. — Estamos planejando esperar por alguns anos.

— Você tem trinta e cinco anos, — Elio diz. — Não tem tempo para esperar. E se o primeiro for uma garota?

— Talvez o Rocco queira aproveitar o fato de ter sua esposa só para ele por mais algum tempo. — Um homem sentado mais adiante na mesa ri. — Eu sei que eu gostaria.

Todos ao redor da mesa começam a rir. Pego a borda da toalha de mesa entre meus dedos e aperto.

— Faz sentido. Não há nada mais nojento do que os peitos de uma mulher depois que ela termina de amamentar. Certifique-se de marcar um cirurgião plástico para ela logo em seguida, — Elio zomba e acena com a cabeça para minha mão direita, percebendo meu movimento parado quando eu estava prestes a largar o garfo. — O que aconteceu com a mão dela? Você está sendo muito duro na cama, Rocco?

— Eu nunca faria isso, — diz Rocco com um sorriso, e segue-se outra explosão de risos.

— Vamos jogar cartas e relaxar. Rocco, mande sua mulher para casa. — Meu sogro se levanta, fazendo sinal para que os outros homens o sigam. E quando eu pensava que não poderia me sentir pior, suas próximas palavras provam que estou errada. — Vocês sabiam que meu filho conseguiu a esposa dele em um jogo de pôquer?

Não aguento mais. Pego minha bolsa e corro para o outro lado da sala de jantar. Não paro quando chego ao saguão, apenas continuo no mesmo ritmo até à porta da frente, onde Alessandro está de pé junto à parede em sua postura habitual, com a coluna reta e as mãos fechadas atrás das costas. Agarro a maçaneta e, sem esperar por ele, corro para fora. Somente quando o ar fresco e frio me atinge,

consigo respirar. Quando Alessandro sai, eu já estava de pé ao lado do carro, tremendo de frio. Esqueci completamente de pegar meu casaco ao sair.

Espero que ele pergunte o que há de errado comigo, saindo correndo daquele jeito. Ele não pergunta. Em vez disso, ele tira o casaco e o estende para mim. Meus olhos começam a se contorcer, as lágrimas ameaçam cair quando olho para o casaco que ele está segurando. Estou tremendo de frio, mas não me atrevo a pegar o casaco. Se Rocco me ver aceitando a oferta de meu guarda-costas, Alessandro estará praticamente morto.

— Ravenna.

Meu coração dispara. É a primeira vez que Alessandro usa meu nome. Inclino minha cabeça para cima e o vejo me observando, com os olhos focados em minha bochecha. Ele ergue a mão, segurando meu rosto, e limpa a lágrima perdida com o polegar. Pequenos pelos na parte de trás do meu pescoço se eriçam com a sensação de sua pele tocando a minha. Posso sentir cada calo em sua palma quando ele passa a mão sob meu olho mais uma vez antes de retirar a mão.

— Agora, Ravenna. — Sua voz está mais grave do que o normal, e há um tom estranho e forçado nela, quase como se ele estivesse bravo com alguma coisa, mas tentando escondê-lo. Os flocos de neve estão presos em seu cabelo preto e no paletó do terno. Eu nem tinha percebido que estava nevando até aquele momento. Ele levanta o paletó na minha frente novamente.

Olho para a casa e só depois de ter certeza de que não há ninguém à vista é que me viro e enfio os braços nas mangas. Em Alessandro, o casaco chega até aos joelhos. Ele me engole até os tornozelos.

Desvio meu olhar para a mão de Alessandro, que está segurando a porta do banco de trás do carro, e passo ao redor dele. Puxando a maçaneta, eu me sento no banco do passageiro, fechando a porta atrás de mim. Então, eu espero.

Alguns segundos depois, o lado do motorista se abre e Alessandro desliza para trás do volante. Ele não diz nada. Nem naquele momento, nem durante a viagem de uma hora de volta à mansão.

Alessandro

A única luz do meu quarto vem do laptop à minha frente, lançando um brilho pálido sobre as anotações e as paredes cobertas de notas. Olho fixamente para a foto de Natalie, absorto em seus olhos castanhos e quentes que parecem retribuir meu olhar. Olhar para essa imagem sempre me acalmou. Também dói, mas me ajuda a manter o foco em meu objetivo. Sempre que adormeço, seu rosto está em minha mente.

Um dia antes de entrar na mansão Pisano, visitei seu túmulo e reafirmei meu voto de vingar sua morte. Olho por olho. A esposa de Rocco Pisano pela minha. Eu jurei isso.

No entanto, olhar para a foto de Natalie agora desperta em mim sentimentos diferentes, os mesmos que estão se formando em minha alma. Remorso. Vergonha. Culpa. Eles estão me consumindo há algum tempo porque não são mais os olhos castanhos que vejo quando adormeço. São os verdes. Em vez de sonhar em matar Ravenna Pisano a sangue frio, estou imaginando como seria a sensação de tê-la debaixo de mim, gemendo enquanto a tomo, declarando-a minha.

No início da noite, quando vi Ravenna caminhar ao lado do marido, com o braço dele em volta da cintura dela, quase explodi de raiva. A vontade de tirar a mão do filho da puta de cima dela era quase incontrolável. Eu queria agarrá-la e gritar: ‘Ela é minha!’ para que todos ouvissem.

É uma loucura. E essa loucura precisa acabar.

Clico no ícone no canto superior esquerdo e a transmissão da câmera do lado de fora da casa de Rocco preenche a tela.

Quando entrei na casa de Rocco Pisano, o plano para sua morte já estava pronto, pensado nos mínimos detalhes. Imaginei meu plano de vingança como uma grande fortaleza de pedra que se ergue em direção ao céu. Sólida. Inabalável. A menos que surja uma variável não intencional, tornando necessário agir antes do planejado, o plano permanece no lugar. Sem exceções.

A linha do tempo impressa de cada etapa, todas as etapas estrategicamente distribuídas ao longo de dois meses, está pendurada sobre minha cama. A garagem foi a primeira fase. A segunda é destruir seu negócio de construção e fazer com que ele pareça um tolo incapaz na frente do dono. As finanças da Roco seriam a próxima. Somente depois de terminar as coisas materiais, planejei avançar para a fase quatro - brincar com a cabeça dele.

O medo constante pela própria vida, sabendo que há uma ameaça à espreita nas sombras, é a tortura mais intensa. A incerteza. Olhar por cima do ombro o tempo todo. O plano era fazer Rocco acreditar que alguém está tentando matá-lo e arrastar esse estágio por semanas até que o simples estalo de uma rolha de vinho o fizesse borrar as calças. Depois disso, seria a vez de matar seu pai. E no final - sua esposa. Logo antes de matar o maldito Rocco Pisano e reduzir sua bela casa a cinzas.

Na tela, o conversível branco de Rocco entra no quadro da câmera e estaciona na entrada da garagem. Olho de relance para o detonador ao meu lado. O sinal da bomba que coloquei sob seu carro esportivo ainda está ativo, pronto para ser ativado remotamente. Se bem executado, ser explodido até ao esquecimento é uma morte muito rápida e bastante indolor, infelizmente. E a morte que tenho em mente para Rocco Pisano não é rápida nem indolor. Planejei explodir este carro em

duas semanas, como uma tática de intimidação. E quando coloco um plano em ação, nunca me desvio dele.

Meus pensamentos se voltam para Ravenna, vendo-a de pé na entrada da garagem coberta de neve enquanto o vento soprava alguns fios de cabelo que escapavam de seu coque. Sacudo a cabeça para tentar me livrar da imagem. Em vez de desaparecer, a cena continua se repetindo em minha mente, com seu rosto triste e a lágrima escorrendo por sua bochecha.

Minha fortaleza sólida como uma rocha começa a tremer. Fissuras longas e finas aparecem em suas laterais, e um grande pedaço de suas fortificações se quebra.

Seu baque distante ecoa em minha mente quando Rocco sai do carro e se dirige à mansão. Sinto os tremores secundários quando pego o detonador e coloco meu polegar sobre o botão vermelho.

Oito anos de busca e planejamento... comprometidos. Tudo por causa de uma lágrima da mulher que jurei matar.

Uma gota de água em uma pedra. Tenaz.

Rocco sobe as escadas e chega à porta da frente.

Pinga. Pinga.

Pressiono o botão.

O carro explode, sua carroceria esportiva e elegante é lançada alguns metros no ar em uma torrente de fogo, fumaça e detritos.

Um sorriso se desenha em meus lábios quando observo o brilho alaranjado no rosto aterrorizado de Rocco Pisano enquanto ele se esparrama no

chão. Pode ter sido por causa da explosão, mas eu aposto que foi por causa do choque. Será que ele se mijou?

Bem, eu pulei da fase um para a fase quatro. É hora de me realinhar e voltar aos trilhos. O filho da mãe perderá tudo o que lhe é caro antes que eu acabe com ele. Sua vida dourada está prestes a desmoronar.

Mantenho meus olhos na tela enquanto pego meu telefone e ligo para Felix. A chamada toca duas vezes e depois é desconectada. Tento ligar novamente.

— O quê?

— Você me deixou entrar?

— É uma da manhã!

Eu mudo a transmissão para outra câmera que tem uma visão melhor do Rocco. — E daí?

— Eu vou para a cama às oito! — Felix grita.

— Pare de reclamar e me responda.

— Você sabe o que tem no pote? Diamantes! Você precisará de pelo menos meio milhão de pedras para jogar com eles.

— Eu sei. Você conseguiu me colocar lá dentro, Felix?

— Sim, sim, eu trouxe seu traseiro louco para cá. Os jogadores não têm permissão para chegar diretamente, portanto, eles enviarão um veículo para você. Sigilo e tudo o mais. Você receberá o horário e o local de retirada na manhã anterior ao jogo.

— Ótimo. — Troco as transmissões novamente. Rocco e alguns dos guardas estão tentando apagar o fogo. — E como estamos com o corpo que eu pedi?

— *Não estamos* em lugar nenhum. *Estou* sendo o maldito coveiro e procurando isso para você. Preciso da data em que quer que seja entregue.

— Apenas pegue-o quando aparecer um candidato adequado e guarde-o para mim até eu ligar.

— Guardar? — ele grita. — É a porra de um cadáver!

— Você tem um freezer, não tem?

— E o que devo dizer a Guadalupe se ela decidir fazer carne assada e encontrar a porra de um cadáver no freezer?

— Quem é Guadalupe?

— Minha namorada, — ele responde.

Minhas sobrancelhas atingiram minha linha do cabelo. — Você tem noventa anos.

— Tenho setenta e cinco anos! E, para sua informação, Lupe diz que eu não pareço ter mais de cinquenta anos.

— Diga a ela: 'Desculpe, querida, é só trabalho'. Ela entenderá. E talvez a leve para fazer um exame aos olhos.

— Oh, vá para o inferno, Az.

A linha fica inoperante.

Pego a bolsa de veludo preto que está sobre a mesa ao lado do laptop e tiro uma pequena pedra verde, levantando-a em direção à luz. Drago Popov com certeza tem um bom produto.

Capítulo 10

Ravenna

Abrindo um pouco a janela e me certificando de que permaneço escondida atrás da cortina, escuto a conversa que está acontecendo na entrada da garagem abaixo.

— Eu poderia ter morrido, Nino! — Rocco grita. — Se a bomba tivesse explodido dez segundos antes, eu estaria frito! Tenho uma maldita cratera na entrada da minha garagem.

— Vou dar uma olhada no carro. Talvez os técnicos consigam encontrar alguma coisa. — Nino, o chefe da segurança do Don, aproxima-se do carro de Rocco, ou do que sobrou dele, e coloca as mãos nos quadris. — Merda.

— Acho que é aquele esloveno filho da puta. Drago, — diz Rocco.

— Você quer dizer sérvio.

— Tanto faz. Tivemos uma desavença há alguns dias, e alguns tiros foram disparados. Isso é uma vingança.

— Quem atirou primeiro? — pergunta Nino.

— Eu atirei. Aquele idiota arrogante se recusou a lidar comigo! Eu tinha que ser claro.

Nino aperta a ponte de seu nariz. — O chefe não ficará feliz com a forma como você lidou com isso, Rocco. Eu me manteria fora de vista se fosse você.

— Foram eles que começaram!

— Vou ligar para Drago e tentar conversar com ele.

— Quando Arturo vai voltar? Tenho minhas próprias coisas para administrar. Nossos projetos de construção estão atrasados e os prazos de aquisição de propriedades estão me incomodando. Não tenho tempo para lidar com os lunáticos com quem ele colabora.

— Não faço ideia. Ainda não há notícias da irmã dele. Ele está perdendo o controle. — Nino suspira e se dirige ao seu carro. — Alguém virá recolher os destroços ainda hoje.

Afasto-me da janela e vou para a suíte para tomar banho. Como sempre, deixo a porta do banheiro bem aberta para não sentir como se as paredes estivessem se fechando sobre mim. Já é bastante difícil lidar com o box do chuveiro, mas pelo menos as laterais de vidro ajudam a manter minha ansiedade sob controle. Quando não embaçam demais.

O cheiro de fumaça e plástico queimado permeia todas as partes da casa, fazendo com que eu me sinta suja e doente. As janelas do andar térreo tiveram de ser barricadas e estão sendo substituídas. Elas foram estilhaçadas pela explosão. Quando aconteceu, a explosão foi aterrorizante. O estrondo alto me fez acordar. Corri até à janela para ver o que havia acontecido e vi as chamas consumindo os destroços. Por um breve momento, pensei que Rocco estava dentro do carro quando ele explodiu. E fiquei aliviada.

Quando desligo a água e saio do box do chuveiro, encontro Rocco parado na porta. Ele está com uma expressão rancorosa no rosto, como se estivesse pronto para torcer meu pescoço só pelo prazer de fazê-lo. Dou um passo para trás e encosto meu corpo nu na parede fria de azulejos.

— Os amigos do meu pai queriam saber por que minha esposa saiu tão rápido ontem à noite, — ele diz e dá um passo para dentro do banheiro. — Um deles perguntou se você não gostou da presença deles. Ou da minha, por falar nisso. Isso é verdade?

— Não, — eu me engasgo.

— Certamente foi o que pareceu. — Sua mão se estende, envolvendo minha parte superior do braço. — Estou de muito mau humor, bellissima. Preste atenção em seu comportamento, ou não vai gostar do resultado.

— Eu vou. — Aceno com a cabeça.

— Claro que sim. — Com a outra mão, ele tira a arma do cós da calça e aponta para a luz do teto. O tiro reverbera pelo pequeno espaço, e a luminária se estilhaça, jogando detritos para cima e deixando o banheiro na penumbra.

— Não, — sussurro.

— Sim. — Um sorriso sinistro se espalha pelo rosto de Rocco quando ele sai do banheiro, fechando a porta em seu rastro. A escuridão me envolve.

Levanto-me e corro às cegas em direção à porta. Assim que encontro a maçaneta, o som de uma fechadura girando ecoa em meus ouvidos.

— Rocco! — Eu grito, enquanto o pânico cresce em meu peito. — Por favor! Por favor, não faça isso!

Não há resposta. Apenas um riso que se afasta.

Fecho os olhos e me abaixo até ao chão, tentando controlar minha respiração. Eu não era um capacho no início de nosso casamento. A primeira vez que Rocco me trancou no armário e apagou a luz, eu disse a ele que fosse se foder. Sentei-me no chão, esperando que ele voltasse. Passaram-se minutos. Depois,

horas. Comecei a ouvir coisas. Provavelmente era apenas o barulho do andar de baixo, mas para mim, parecia que estava bem ali. Ao meu lado. Embora eu nunca tenha tido medo do escuro - nem mesmo quando era criança -, ficar fechada naquele pequeno espaço escuro e ouvir ruídos estranhos ao meu redor me assustou. Quando Rocco finalmente me deixou sair na manhã seguinte, eu estava quase enlouquecendo. Ele fez isso mais duas vezes desde então, todas as vezes quando estava particularmente insatisfeito com meu comportamento. Isso me deixou aterrorizada, e minha claustrofobia nasceu.

Meu corpo começa a tremer, seja pelo pânico crescente ou pelo resfriamento rápido dos ladrilhos do piso abaixo de mim, não tenho certeza. Provavelmente, os dois. Ainda estou pingando depois da ducha, e o ar ao meu redor está cada vez mais frio. Meus músculos se contraem e não consigo me levantar para procurar uma toalha. Suportar os golpes de seus punhos é mais fácil do que isso. Envolvo meus braços em torno de minha forma nua e apoio a cabeça nos joelhos.

Gostaria de ter ficado com o casaco de Alessandro. A ideia de me enrolar nele me faz sentir um pouco menos de frio. Não sei por que continuo pensando nele. Viver com Rocco fez com que eu desprezasse os homens em geral.

Quando sonho com a possibilidade de conhecer alguém novo, caso consiga escapar do meu marido, tenho uma sensação de enjoo na garganta. Antes de minha vida com Rocco, pensar em um parceiro geralmente consistia em perguntas como: *Gostaríamos das mesmas coisas? E se nossos gostos musicais forem muito diferentes? Eu sou uma pessoa que acorda cedo, e se ele preferir dormir até mais tarde?* Esse tipo de bobagem. Na época, não parecia um absurdo. Agora? Agora, a primeira coisa em que penso é *se ele também vai me bater*?

Desde os dias dos primeiros golpes de Rocco, comecei a prestar atenção nos casais ao meu redor. De vez em quando, eu notava os sinais sutis de que o casamento aparentemente perfeito por fora não era nada disso. Assim como o meu.

Fechando os olhos, imagino Alessandro sentado ao meu lado, com sua mão segurando a minha.

— Setenta e três, — sussurro.

É estranho falar em voz alta quando não há ninguém por perto, e minha voz soa fraca por entre os dentes que batem.

— Setenta e um, — continuo. — Sessenta e nove. Sessenta e sete. Sessenta...

* * *

O clique da fechadura me alerta para a abertura da porta. Olho para cima e olho de soslaio para Rocco. A luz que se derrama do quarto delineia sua forma, fazendo com que ele pareça ainda mais ameaçador. Por um momento assustador, sinto-me como se estivesse nos portões do inferno, com Cerberus barrando a saída.

— Vista-se, — ele diz. — Vou jantar com um sócio e vou levá-la comigo.

Eu o observo enquanto ele sai e, quando ouço a porta do quarto se fechar, levanto-me do meu lugar no canto do banheiro. Milhares de agulhas perfuram minhas pernas enquanto me arrasto em direção à cômoda ao lado da cama, onde guardo minhas roupas íntimas. Um relógio branco ornamentado está

em cima dela, mostrando que são duas horas da tarde. Ele me manteve no banheiro pelo que pareceram dias, mas foram apenas seis horas.

Coloco o sutiã e a calcinha e olho para o meu reflexo no espelho. Eu deveria levar uma chave de fenda ou outra ferramenta para o banheiro e para o armário e escondê-las em algum lugar para que, da próxima vez que Rocco me trancar dentro de casa, eu possa tentar desmontar a fechadura. Essa ideia nunca havia surgido em meus pensamentos até hoje. Durante todo esse tempo, é como se Rocco tivesse conseguido não apenas destruir meu corpo e minha mente, mas também meu senso de valor. Parei de lutar contra ele e deixei que me transformasse em seu cão obediente. Com uma última olhada no espelho, viro-me e entro no closet.

Quando desço as escadas, Rocco lança um olhar de nojo para minha blusa preta, que tem um decote modesto, mas seus lábios se alargam em um sorriso quando ele percebe a saia vermelha curta que mal cobre minha bunda.

— Vamos nos atrasar. — Ele agarra minha mão e me arrasta em direção à porta da frente.

Saímos da casa e eu pisco os olhos em confusão. Quatro veículos estão estacionados na entrada da garagem, com o chefe do primeiro turno de segurança ao lado do que está na frente. Um carro alugado é o próximo da fila - deve ter chegado enquanto eu estava trancada - e dois outros veículos estão na retaguarda. Rocco raramente leva guarda-costas com ele quando participa de suas reuniões. A maioria delas é com pessoas que não estão envolvidas em atividades ilegais. O único detalhe de segurança constante foi designado para mim, e isso não teve nada a ver com sua preocupação com meu bem-estar.

Meus olhos se voltam para o SUV nos fundos e para o homem sentado ao volante. Meu coração bate mais rápido, como sempre, quando vejo Alessandro. Ele está com óculos escuros de aviador e parece estar olhando para a frente, mas posso sentir seu olhar em mim.

— Entre, — diz Rocco e me leva para o banco do passageiro de seu carro alugado.

O veículo à nossa frente ronrona e se dirige ao portão. Rocco liga o carro e o segue. Olho pelo espelho lateral e percebo os dois últimos carros dirigindo atrás de nós. A situação toda parece uma cena de um filme - um comboio presidencial quando ele sai da residência.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto.

— Alguém está tentando me matar, é isso que está acontecendo, — grita Rocco.

Pego meus óculos escuros da bolsa e os coloco no rosto, observando secretamente Rocco enquanto faço isso. À primeira vista, ele parece irritado. Sua mandíbula está cerrada e uma carranca estraga seu rosto. Mas eu olho com mais atenção, e há sinais que não escapam à minha percepção. A maneira como seus olhos se viram para o espelho retrovisor e para os lados de vez em quando. As gotas de suor acumuladas ao longo da linha do cabelo. E, finalmente, sua respiração, mais rápida do que o normal.

Um sorriso ameaça puxar meus lábios, e por pouco não consigo escondê-lo. Rocco Pisano, o homem que diz ter as maiores bolas do mundo, está morrendo de medo.

* * *

O zumbido de várias dezenas de pessoas falando ao mesmo tempo. Risadas. O tilintar dos talheres nos pratos.

Cada som abre um pequeno buraco em minhas têmporas. Levo o garfo à boca, mas não estou com vontade de comer. Minha garganta está dolorida e, embora a sala esteja bem aquecida, estou com frio.

— Você está bem, Ravenna?

Olho para cima e dou um sorriso falso para a mulher sentada à minha esquerda. Rocco me apresentou a ela e ao marido quando chegamos ao restaurante, mas não consigo me lembrar de seu nome.

— Acho que estou pegando alguma coisa, — digo.

— Oh, sinto muito, querida. — Ela olha para Rocco, que está envolvido em uma discussão profunda com seu marido sobre imóveis. — Rocco, Ravenna não está se sentindo bem. Talvez você deva levá-la para casa.

— Ah? — Rocco inclina a cabeça e me prende com seu olhar. — Você está doente, bellissima?

— Não. — Balancei a cabeça rapidamente. — Eu estou bem.

— Tem certeza? Talvez você deva ir para casa e descansar um pouco. — Ele se inclina para o lado até que seus lábios fiquem bem perto do meu ouvido e sussurra: — Tenho um grande jogo hoje à noite. Certifique-se de estar pronta quando eu chegar em casa pela manhã.

Um arrepio percorre minha espinha.

Rocco é um jogador de pôquer frequente. Ele geralmente joga no Luigi's com os outros homens da Cosa Nostra, mas não acha esses jogos suficientemente desafiadores. Eles simplesmente sustentam seu vício. A cada três meses, no entanto, há um torneio de pôquer realizado em um local não revelado fora da cidade, e Rocco tem ficado obcecado por ele.

O jogo é um evento somente para convidados, e os jogadores presentes são ocultos. Suas identidades e presenças são mantidas em segredo, até mesmo de seus concorrentes, mas Rocco ainda gosta de se gabar disso, especialmente na frente dos outros capos. O torneio anterior foi logo após nosso casamento. Rocco venceu e, quando chegou em casa - cheio de adrenalina e cheio de si -, ele me acordou na calada da noite e exigiu que eu implorasse para ele me foder. Cuspi em seu rosto quando ele me mandou tirar a roupa e me ajoelhar no chão. Ele me bateu com tanta força que acabei no chão mesmo assim. Na manhã seguinte, acordei com uma mensagem no meu celular. Era uma foto em zoom de minha mãe dormindo, com uma arma apontada para sua cabeça. Era uma ameaça do que aconteceria se eu ousasse desobedecê-lo novamente.

— Está bem. — Eu me levanto, pronta para deixar a mesa.

Rocco, sempre um marido carinhoso em público, também se levanta e acena com a mão para Alessandro, que estava esperando na saída com os outros dois seguranças. Quando o beijo de Rocco pousa em meu rosto, meus olhos se voltam para Alessandro enquanto ele se aproxima de nós com um olhar assassino. Parece que ele voltou a me odiar.

— Leve minha querida esposa para casa, — disse Rocco e acariciou minha mão antes de se sentar novamente.

Alessandro me segue para fora do restaurante e para seu SUV em silêncio. Ele não diz uma palavra quando liga o veículo e sai para a rua. Consegui manter a calma por quase uma hora, mas quando viramos na estrada que leva à mansão, a ansiedade dispara em meu peito.

— Por favor, pare, — eu me engasgo.

Alessandro imediatamente encosta no acostamento da estrada. No momento em que estacionamos, eu saio e encosto minhas costas na lateral do carro. Fechando os olhos, concentro-me em respirar fundo, tentando não pensar no que acontecerá quando Rocco voltar para casa.

Não ouço a abordagem de Alessandro ao redor do carro. Mas isso não importa. Mesmo com meus olhos bem fechados, posso senti-lo diante de mim.

— Sabe, — eu digo, enquanto o vento me dá uma sensação de formigamento no rosto, — quando eu era criança, achava que seria professora de matemática.

— Por quê?

— Gosto de números. E de crianças. Acho que era assim que eu me via. — Suspiro. — Você? Onde você se via?

O silêncio se estende antes que ele responda. — Na cadeia.

A última coisa que tenho vontade de fazer é sorrir no momento, mas sua resposta faz com que meus lábios se curvem de qualquer maneira. — Quer explicar?

— Não.

Claro que não. Envolvo meus braços ao meu redor, mas duvido que seja por causa do frio. Um batimento cardíaco passa e, em seguida, uma leve carícia

acaricia meu rosto. Meus olhos se abrem e vejo Alessandro inclinado sobre mim. Sua palma esquerda está apoiada no carro, ao lado da minha cabeça, enquanto ele traça a linha da minha mandíbula com as costas da outra mão.

— O que há de errado? — ele pergunta.

— Nada. E tudo.

— Ou não é nada ou é tudo. Não pode ser as duas coisas. — Seus olhos se fixam nos meus. Firmes. Enigmáticos.

— Por que você se importa? Você nem sequer gosta de mim.

— Eu diria que nem *gostar* nem *não gostar* são termos adequados nessa situação, Ravenna.

Arqueio uma sobrancelha diante de suas palavras enigmáticas. — Não? E o que é?

— Algo cru. — Seu rosto está envolto em sombras que realçam as linhas nítidas de seu rosto.

— O quê? — Eu sussurro.

O toque de Alessandro desaparece de meu rosto. Ele abaixa a cabeça até que seus lábios se aproximem dos meus, a apenas alguns centímetros de distância.

— Eu mesmo ainda estou tentando descobrir, — ele diz e se inclina para o meu corpo.

Eu deveria ser tímida, tendo um homem tão grande me prendendo. Com a bagunça que minha psique se tornou como resultado dos abusos de meu marido, eu deveria me sentir ameaçada pelo tamanho e pela força de Alessandro. Mas, em vez de temer sua proximidade, eu o quero ainda mais perto.

Meu sonho mais recente invade minha mente. Os pensamentos se enchem de imagens dele me embalando contra a parede do elevador e eu gritando de prazer. Qual seria a sensação? Seria como eu imaginava?

— Pergunte, — ele diz.

— Perguntar o quê?

— A pergunta que vejo em seus olhos.

Eu me arrepio com o timbre de sua voz. — Eu estava pensando se seria como no meu sonho?

— O quê?

— Você, — eu sussurro.

Algo se passa no rosto de Alessandro ao ouvir minhas palavras - uma emoção passageira, presente em um segundo e desaparecida no outro. Ele contrai o maxilar e respira fundo, aparentemente reforçando seu autocontrole. Nossos rostos estão tão próximos que posso sentir sua expiração quente acariciar minha boca.

Inclino a cabeça levemente para cima. A ponta do meu lábio superior toca o inferior. Não é um beijo. É apenas um toque mínimo, mas que me atinge bem no âmago do meu ser. Não me atrevo a me mover. Nem mesmo respiro.

Um veículo passa em alta velocidade, seu som estrondoso quebrando o encanto. Alessandro dá um passo para trás.

— É melhor irmos embora, — diz ele. — Tenho que ir a um lugar e já estou atrasado.

Aceno com a cabeça e entro rapidamente no carro.

Alessandro

Os organizadores do torneio de pôquer certamente fizeram questão de manter a identidade dos jogadores em segredo.

Saio do carro e olho para a casa de um andar mal iluminada. Não há outros veículos por perto, portanto, presumo que cada jogador estava programado para chegar em um horário diferente. Um homem que estava esperando na porta da frente me leva para dentro, atravessa o corredor sem mobília e entra em uma pequena sala no lado esquerdo do prédio, onde outro homem, vestindo um terno de três peças e luvas pretas, está sentado atrás de uma escrivaninha coberta por uma toalha de mesa preta. Acho que isso faz dele um inspetor.

— Verificação, — diz ele e bate na superfície da mesa com a palma da mão.

Pego a bolsa de veludo no bolso, solto o cordão e deixo o conteúdo se espalhar sobre a superfície de ébano.

O inspetor pega uma pequena lente de aumento e, pegando uma das pedras, levanta-a em direção à luz. A pedra preciosa brilha com a luminosidade da mesma forma que os olhos de Ravenna quando ela sorri.

— Diamantes verdes. Bonitos, — ele murmura enquanto olha a pedra de todos os lados. — Muito bonita. É de Popov?

— Sim.

— Qualidade excepcional. — Ele coloca o diamante em uma pequena balança. Depois de verificar o peso, ele faz uma anotação em um caderno encadernado em couro e passa para o próximo.

Não há nenhuma exigência específica quanto ao tamanho ou à cor das pedras preciosas que serão usadas como apostas no jogo, desde que cada uma valha pelo menos vinte e cinco mil dólares. Uma pedra equivale a uma ficha. Não importa se o valor real for superior ao valor mínimo. Para as pessoas que participam desse jogo específico, alguns milhares de dólares aqui e ali não importam.

Olho para a página em que o inspetor está anotando a estimativa, examinando os números. Se Drago me ferrou em uma pedra sequer, eles não me deixarão participar.

Depois que o joalheiro verifica todos os meus vinte diamantes, ele os coloca de volta na bolsa e acena com a cabeça para o homem que me trouxe até aqui.

— Ele é bom, — diz ele e me devolve a bolsa. — Steven será seu anfitrião por esta noite. Desejo-lhe um ótimo jogo, senhor.

Meu anfitrião me conduz a um espaço com cortinas em algum lugar nas profundezas da casa. A alcova está envolta em pesadas cortinas pretas do chão ao teto, penduradas em ambos os lados da porta, criando um túnel em forma de funil até um banco curvo e uma cadeira colocados no lado mais distante. No final, uma janela, colocada logo acima do banco, permite que eu veja além. Quando me aproximo e dou uma olhada, percebo que o banco curvo é, na verdade, uma mesa redonda, dividida pelas divisórias da cortina e pela tela da janela, que parece ser um vidro unidirecional. Eu posso ver para fora, mas ninguém pode ver para dentro.

Eu me sento à mesa, contemplando o ambiente ao meu redor. O jogo está preparado para quatro jogadores, a julgar pelas três outras telas que marcam os lugares. O único assento do dealer que não está oculto é ocupado por um homem

corpulento de gravata borboleta. As cortinas pretas, apesar de robustas, são cobertas por ondas suaves. Sua cor me lembra o cabelo de Ravenna. É como se ela estivesse me assombrando onde quer que eu vá.

A fome que ardeu em mim por ter seu corpo pressionado contra o meu não se dissipou, embora já tenham se passado horas desde que a deixei na mansão. Passo o polegar sobre meu lábio inferior, lembrando-me do toque dela naquele momento fugaz. Precisei de todo o meu autocontrole para não agarrá-la naquele instante e morder sua boca tentadora.

Eu esperava que surgissem problemas, que algo pudesse prejudicar meu plano de vingança ou tornar as coisas mais difíceis ao longo do caminho. Mas não esperava que isso viesse na forma de uma mulher com olhos de joia, que está constantemente invadindo minha mente. Eu a quero fora de minha cabeça. Eu gostaria de poder pegar um alicate e tirar todos os pensamentos sobre ela. Provavelmente isso não ajudaria. Mesmo agora, duas horas depois de tê-la deixado em casa, ainda sinto o cheiro dela em meu nariz.

Meu anfitrião se posiciona à minha direita, então volto a me concentrar onde estou. O pequeno espaço entre a janela e a mesa tem apenas dez centímetros de altura, o suficiente para permitir que minhas mãos deslizem por ele. Todo o resto está escondido atrás da tela de vidro unidirecional.

Os outros três jogadores já estão em seus assentos, com os rostos escondidos, mas posso ver a presença deles através das aberturas. Presumo que cada um deles tenha um anfitrião ao seu lado, assim como o meu está pairando por perto. O homem à minha frente está com a mão direita sobre a mesa, segurando um charuto aceso entre os dedos. Um anel de ouro grosso com uma joia vermelha está em seu dedo indicador. Rocco Pisano.

Eu sorrio e coloco a bolsa com os diamantes na minha frente. Que comece o jogo.

* * *

— Terminamos, — diz o anfitrião do meu oponente da esquerda.

Pela fresta sob a tela, vejo o homem de terno branco levantar-se lentamente e sair de seu recinto. Seu anfitrião o segue. O jogador à minha direita partiu há meia hora. Isso significa que apenas Rocco e eu permanecemos.

Inclino-me para trás e observo as mãos de Rocco visíveis sob o vidro unidirecional. Ele está segurando a borda da mesa com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. Há apenas um diamante à sua frente. Apenas o suficiente para a aposta, mas ele não poderá continuar o jogo. Todas as outras pedras usadas no jogo até agora são minhas.

A mão de Rocco se move para o lado, agarrando o pulso de seu anfitrião que está à sua direita, puxando-o para mais perto. Há um murmúrio, e então o homem se afasta.

— Gostaríamos de continuar com os cheques, se você permitir, — disse o anfitrião de Rocco.

Levanto uma sobrancelha. Somente pedras preciosas são permitidas como fichas e, quando elas acabam, você está acabado. A troca para cheques só é permitida se todos os outros jogadores concordarem e a ‘casa’ aceitar a responsabilidade de lidar com a transação. Isso quase nunca é feito, devido a um motivo muito específico: O jogador que usa qualquer coisa que não seja pedras

para fazer uma aposta perde a opção de desistir e é forçado a pagar, igualar ou aumentar a aposta. Ele deve continuar jogando até ao final da rodada.

Mantendo meus olhos nas mãos de Rocco, que estão novamente segurando a mesa, aceno com a cabeça e jogo uma única esmeralda no centro da mesa.

— Aprovação concedida, — declara meu anfitrião, e o dealer prossegue com a próxima mão.

Obter os detalhes sobre quanto dinheiro Rocco Pisano tem em suas contas bancárias, tanto legítimas quanto no exterior, não foi fácil. Felix levou algumas semanas para obter essas informações para mim. O total é um pouco mais de dois milhões. Fiquei bastante surpreso com essa quantia. Com base no quanto ele gasta em carros, eu esperava dez vezes esse valor.

Quando chega o momento de fazer uma aposta, pego vinte gemas da pilha à minha frente e as deslizo para frente. Não consigo ver Rocco, mas posso imaginar a expressão em seu rosto. Ele fica imóvel por alguns instantes, depois pega um talão de cheques e rabisca algo com movimentos curtos e raivosos. Seu anfitrião aceita o cheque que Rocco lhe entrega.

— Um milhão, — declara o homem e coloca uma ficha da casa no lugar do cheque de Rocco no meio da mesa.

Mal consigo conter o riso. O filho da puta não apenas pagou minha aposta, mas também a dobrou. Ele deve estar desesperado para recuperar seus diamantes. Pego o restante de minhas pedras e as empurro para frente, aumentando a aposta total para dois milhões.

Rocco Pisano tem duas opções. Igualar meu aumento, acrescentando mais um milhão. Ou aumentar novamente. No entanto, de acordo com as regras

deste torneio, o novo aumento deve ser o dobro da soma do que acabei de colocar. E sei que ele não tem dinheiro suficiente em suas contas para fazer isso. Ele pega sua caneta e escreve outro cheque.

— Um milhão, totalizando dois milhões de dólares, — disse o anfitrião da Rocco e colocou outra ficha da casa na mesa.

— A aposta foi feita. Por favor, mostrem suas mãos, — anuncia o dealer.

Como fui eu quem fez o último aumento, eu deveria ser o primeiro a mostrar minhas cartas. Parece que meu oponente está muito ansioso porque ele joga as cartas na mesa e sua risada histérica enche a sala. Olho para a mão dele. Full house.

Rocco ainda está rindo quando coloco minhas cartas sobre a mesa, e então seu riso morre. O silêncio se abate sobre a sala, e apenas o som de uma respiração ofegante pode ser ouvido por trás da tela de Rocco.

— Temos um royal flush aqui, — anuncia meu anfitrião e se vira para mim. — Parabéns, senhor.

Espero enquanto o inspetor se aproxima do dealer e substitui as fichas pelo número equivalente de pedras. Ele então desliza os diamantes em minha direção, e meu anfitrião os recolhe e os coloca em minha bolsa. Tiro quatro pedras e as entrego como taxa para os organizadores do torneio. Com a transação concluída, meu anfitrião faz sinal para que eu o acompanhe até à saída. Olhando para a tela onde Pisano ainda está sentado, sorrio e saio da sala.

O carro que me trouxe até esse local me aguarda quando saio do prédio. O motorista está parado na porta traseira e se prepara para abri-la quando me aproximo. Paro diante dele e levanto uma joia na frente de seu rosto.

— Senhor? — pergunta ele, enquanto seus olhos se arregalam ao ver a pedra brilhante.

— Preciso que me empreste este carro. — Jogo o diamante para ele. — Vou deixá-lo no mesmo lugar onde você me pegou.

— Sim, sim. Com certeza. — Ele acena com a cabeça ansiosamente enquanto fecha a porta traseira, correndo para o lado do motorista para abrir a porta. — Basta deixar a chave no porta-luvas. Eu tenho uma reserva.

No momento em que pego o volante, piso fundo e saio da entrada da garagem.

Quando me aproximo da mansão Pisano, encontro um local onde posso tirar o carro da estrada e estacioná-lo atrás de alguns arbustos que o ocultarão da vista caso alguém passe por ali. O restante da distância eu percorro a pé. Minha análise do posicionamento das câmeras no muro do perímetro e no portão, bem como do campo de visão que elas cobrem, me leva a um local com visão direta da entrada, mas que cai em um ponto cego. Então, eu espero.

Meia hora depois, os faróis aparecem na estrada, aproximando-se do portão.

Conheço homens como Rocco Pisano, arrogantes e presunçosos que não conseguem lidar com a realidade quando alguém os supera. Eles geralmente precisam de uma maneira de extravasar sua raiva quando se deparam com seu próprio fracasso e, normalmente, com violência, culpando outra pessoa. Nas semanas em que estive com os Pisano, não vi Rocco machucar sua esposa, mas algo ainda não bate certo. Não consigo tirar da cabeça o olhar assombrado de Ravenna.

Um homem irritado pode recorrer à violência, mas um homem assustado provavelmente procurará um buraco para se esconder. Quero ter certeza de que Rocco é o último. Então, quando o carro dele para no portão, esperando a porta de metal deslizar para o lado, pego minha arma e miro na traseira do carro. Depois, esvazio meu carregador no vidro traseiro, no para-lama, nas lanternas traseiras - tudo o que puder, mas evito atingir Pisano.

Os seguranças saem correndo da guarita, com as armas levantadas, e se dirigem ao carro para verificar o chefe. Quando eles começam a vasculhar o terreno ao redor do portão, já estou a meio caminho do outro lado da propriedade, onde na semana passada escondi uma corda com um gancho de escalada em um dos arbustos.

Passar pelo muro não é problema, mas atravessar o pátio leva mais de dez minutos, pois preciso fazer um ziguezague por um caminho específico que me mantém fora da visão das câmeras. Quando chego a outro ponto cego na ala oeste da mansão, jogo o gancho para cima, onde ele se prende no corrimão da varanda. Quando chego ao topo, a pele das minhas mãos parece estar crua por ter escalado a corda sem luvas. Puxo a corda para cima e me agacho atrás do parapeito para não ser visto.

A porta de vidro está fechada e a cortina está puxada sobre ela, mas o material branco transparente ainda permite que eu veja através dela. Ravenna está dormindo enrolada sob um cobertor. Nem sei ao certo quando comecei a pensar nela como ‘Ravenna’ em vez de ‘Sra. Pisano’, mas é isso que ela é agora. Não consigo mais lidar com o fato de rotulá-la como Pisano. O nome desse idiota é sujo demais para ela suportar.

Volto minha atenção para a porta do outro lado do quarto e tiro a arma do coldre.

Os gritos e a agitação dos guardas de segurança que vasculham o terreno se aproximam. Eles devem estar vindo para cá.

Que diabos estou fazendo - vigiando a mulher que estou planejando matar? Arriscando-me a ser exposto porque preciso ter certeza de que o filho da puta não vai machucá-la? Sacudo a cabeça, como se isso ajudasse a clarear minha mente confusa.

Talvez Felix estivesse certo. Talvez eu tenha enlouquecido, mas não por causa do sangue e da violência que vi e fiz. O gatilho para minha loucura está em um sono profundo a poucos metros de distância.

Capítulo 11

Ravenna

Puxo o cobertor com mais força ao meu redor. Por que está tão frio? Será que deixei as portas da varanda abertas? Não tenho certeza. A última coisa de que me lembro é de estar deitada na cama, olhando para a porta do meu quarto e esperando a chegada de Rocco. Talvez eu tenha cochilado.

Ao me sentar, olho para o relógio na cômoda. Cinco e meia da manhã. Rocco não foi ao meu quarto ontem à noite. Um suspiro de alívio sai de meus lábios. É possível que ele tenha ficado bêbado depois do jogo e tenha ido direto para a cama quando voltou para casa, mas isso parece improvável. Ele fica ainda mais irritado quando bebe. Seja qual for o motivo, fui poupada na noite passada, mas isso não significa que terei sorte novamente na próxima vez. O medo inunda minhas veias e um arrepio de repulsa me percorre.

Um leve movimento chama minha atenção e eu olho para as portas da varanda, encontrando-as fechadas. Ainda está escuro lá fora, mas mesmo com as cortinas atrapalhando a visão, reconheço a forma imponente de Alessandro. Ele está lá em uma respiração e depois desaparece em outra.

Corro em direção às portas da varanda, enrolando o cobertor em volta de mim e abrindo-as. O vento frio da manhã sopra em meu rosto, fazendo com que as longas cortinas tremulem em ambos os lados enquanto eu observo o terraço vazio. Quase me convenci de que só tinha imaginado ver Alessandro aqui fora quando

meus olhos se fixaram em um gancho de metal preso na grade. Dou dois passos à frente e olho para baixo, por cima da borda.

— Mas o que...? — murmuro ao ver meu guarda-costas descer rapidamente pela corda presa ao gancho.

Alessandro ainda está vários metros acima do chão quando salta e aterrissa graciosamente de pé. Meu queixo bate no chão. Como alguém do tamanho dele pode ser tão ágil? Ainda estou em estado de choque quando ele olha para cima e nossos olhares se cruzam.

— O gancho, — diz ele calmamente, como se escalar as varandas das pessoas fosse a coisa mais natural do mundo.

Olho para o gancho e depois de volta para ele.

— Agora, Ravenna.

Sem quebrar o contato visual, solto a coisa de metal e a deixo cair no chão. Alessandro se inclina para pegar seu equipamento e depois se afasta casualmente, indo em direção à garagem. Quando está na metade do caminho, ele faz uma curva acentuada para a direita e continua nessa direção por cerca de doze metros. Ele chega ao carvalho próximo à fonte do jardim e muda de direção mais uma vez. O que diabos ele está fazendo? Se alguém o vir, ele está morto.

Mas não há ninguém tão perto da casa, exceto Rocco, que provavelmente está dormindo, não é? Apenas as câmeras. Examino o gramado, observando os postes de luz e as câmeras instaladas neles. Tenho certeza de que elas ainda estão gravando. A segurança na guarita monitora o riacho 24 horas por dia, sete dias por semana, mas não vejo nenhum dos homens correndo até aqui para prender o intruso.

Alessandro vai para a direita, em direção ao gramado dos fundos, fora da minha vista. Saio correndo do meu quarto para o corredor. Há uma grande janela no final e chego a tempo de ver meu guarda-costas balançando seu gancho sobre a parede externa. A escuridão do amanhecer torna difícil distingui-lo claramente, mas tenho certeza de que, pouco antes de começar a escalar, ele olha para a janela onde estou. Momentos depois, ele desaparece por cima do muro.

Assim que volto para o meu quarto, meu telefone vibra na mesa de cabeceira.

05:47 Alessandro: Volte a dormir.

Olho fixamente para a mensagem e digito uma resposta.

05:47 Ravenna: O que você estava fazendo na minha varanda?

Vários minutos se passam antes que ele respondesse.

05:54 Alessandro: Minha versão de um tratamento de spa. Mais ou menos como a sua todas as quartas e sábados, Ravenna.

O riso surge em meu peito, ameaçando explodir. Enterro o rosto no travesseiro e deixo sair.

* * *

Cochilei novamente, finalmente me sentindo mais calma depois de passar uma noite agitada, temendo o retorno de Rocco. Quando acordo, pouco depois das oito, estou com a pior dor de cabeça do mundo e meu nariz não para de escorrer. Raramente fico doente, por isso não guardo remédios em meu quarto. Talvez uma das camareiras tenha algo? Rocco me proibiu de sair do meu quarto sem maquiagem, mas ele deveria ter ido a uma reunião que mencionou ontem à noite. Provavelmente é seguro eu descer rapidamente as escadas e encontrar algo para a dor. Saio do meu quarto e vou para o corredor, quando ouço a porta do quarto de Rocco se abrir.

— Ravenna!

Respiro fundo e me viro lentamente para encará-lo. Seus olhos percorrem a minha camisola e depois sobem, parando no meu rosto sem maquiagem.

— Onde diabos você pensa que está indo com essa aparência? — Ele dá um passo à frente.

— Só preciso pegar alguns remédios na cozinha e volto para cima para me arrumar.

— E o que eu lhe disse sobre andar por aí e parecer algo que o gato arrastou?

Sua mão envolve meu pescoço, dificultando minha inspiração. Eu agarro seus dedos, tentando arrancá-los, mas sua mão só aperta mais.

— Não me desafie, bellissima. — Ele aproxima seu rosto do meu. — Não estou com disposição para lidar com sua desobediência. Se for preciso, você não gostará do castigo.

Com mais um aperto, ele solta minha garganta, e eu me viro, tossindo e lutando para encher meus pulmões de ar.

Capítulo 12

Alessandro

A porta da frente da mansão Pisano se abre quando estou saindo do meu SUV. Rocco sai correndo, carregando uma pasta grande debaixo do braço, e desce os degraus de pedra em direção a um dos outros quatro carros estacionados na entrada da garagem. Seu paletó está desabotoado e posso ver que ele está usando um colete à prova de balas sob a camisa social. Avalio o carro em que ele está entrando. Não é um daqueles conversíveis elegantes de que ele gosta, mas um SUV robusto com vidros escurecidos. Parece que os eventos da noite passada o assustaram o suficiente para começar a usar um veículo blindado. Ótimo. Espero até que a comitiva saia da entrada da garagem e entro na mansão.

Uma das empregadas está ao pé da escada, polindo o corrimão de madeira com um produto químico de cheiro forte. Ravenna não parece estar por perto, então me viro para a ala leste. Tentei tirar um cochilo quando cheguei em casa esta manhã, mas não conseguia parar de pensar nela.

A inquietação se instala em minhas entranhas. Desde o momento em que desci da varanda, tive a sensação de que deveria ter ficado até que Pisano saísse de casa. E meus instintos nunca estiveram errados.

Ravenna não está na cozinha. A governanta é a única que está lá, colocando as compras na geladeira.

— Onde está a Sra. Pisano? — Eu esbravejo.

A governanta dá um pulo, assustada. — Ainda está dormindo.

São nove horas. Ravenna sempre está acordada antes de eu chegar. Eu me viro, com a intenção de caminhar calmamente pelo corredor para dar uma olhada na sala de jantar e na biblioteca, mas acabo correndo. Ela também não está lá. Que droga! Estou na metade da escada, indo para o quarto dela, quando meu telefone toca. Tiro-o do bolso e vejo o nome dela na tela.

— Você pode me deixar na farmácia? — ela pergunta quando atendo a ligação. Sua voz arranha.

Agarro o corrimão até ao ponto em que os nós dos dedos ficam brancos. — Por quê?

— Acho que peguei um resfriado.

Meu aperto diminui, o sangue retorna às extremidades.

— Estou lá embaixo, — digo e guardo o telefone.

Foi então que notei que a empregada ainda estava no final da escada. Ela está ocupada fingindo polir a madeira, mas eu a vejo me observando pelo canto do olho. Quase posso ver seu olhar inquisitivo. Que droga. Eu me esqueci completamente dela. Parece que me esqueço das coisas com frequência sempre que Ravenna Pisano está em cena. Ignorando o olhar da empregada, passo por ela e fico na porta da frente.

Dez minutos depois, Ravenna aparece no patamar superior. Enquanto ela desce as escadas, examino seu corpo, desde o topo da cabeça até aos saltos pretos. Ela parece bem, mas eu a olho de cima a baixo novamente para ter certeza. Seu aroma invade minhas narinas quando ela passa correndo por mim e pela porta.

Quando estamos dentro do meu carro, olho mais de perto para ela pelo espelho retrovisor e percebo olheiras ao redor de seus olhos, visíveis mesmo sob a maquiagem.

— A farmácia fica bem aqui. — Ravenna tira um lenço de papel da bolsa e limpa o nariz.

Estaciono o carro e a sigo para dentro. Quando o homem da caixa registradora registra as compras dela e começa a colocá-las em uma pequena sacola de papel, tomo nota do conteúdo. Gotas para o nariz. Remédios para dor e febre. Vitamina C.

Quando estamos nos aproximando do carro, Ravenna tropeça e eu estendo a mão para segurá-la. Seus olhos se fixam em meus dedos enrolados em seu antebraço, depois sobem até que nossos olhares se conectam.

— Você precisa estar na cama, — eu digo e solto o braço dela.

— Tenho que ver como está minha mãe.

Minhas sobrancelhas se franzem. Ela mal consegue ficar de pé sozinha, e tenho quase certeza de que está com febre. Sem tirar os olhos dela, levanto a outra mão e pressiono a palma da mão em sua testa, que está quente. Suas íris de esmeralda retribuem meu olhar, mas ela não se afasta.

— Vou levá-la para casa, — digo, mas não tiro a palma da mão. Ela está usando um longo casaco verde-escuro e um cachecol combinando com ele, enrolado no pescoço. Ambos fazem com que a cor de seus olhos se destaque nesse dia sombrio.

— Está bem, — ela sussurra.

Aceno com a cabeça e deixo minha mão cair para abrir a porta do carro para ela. Ela olha para o banco de trás, depois dá a volta e abre a porta do passageiro, sentando-se no banco da frente. Eu deveria dizer a ela para sentar no banco de trás.

Não digo.

* * *

Eu digo a ela para se mudar antes de vermos os portões. Não confio em ninguém que não abra a boca e diga a Rocco que a viu sentada ao meu lado. Ainda não tenho certeza do que acontece naquela casa, mas não vou fazer nada que ponha em risco a segurança e o bem-estar dela por *minha* causa.

Quando chegamos à mansão, sigo Ravenna para dentro. Acho que ela nem percebe que estou andando atrás dela, concentrada demais em encontrar um lenço de papel na bolsa e assoar o nariz. Por que diabos tenho um desejo ridículo de me certificar de que ela vá direto para a cama? Eu deveria odiar tudo e qualquer coisa relacionada a Rocco Pisano. Incluindo sua esposa. Especialmente sua esposa. Ao mesmo tempo, *preciso* saber que ela está bem. E isso é muito ruim.

Ravenna começa a subir as escadas, mas para no terceiro degrau e tem um ataque de espirros. O som me lembra o de um gatinho. É difícil de acreditar, mas ela parece majestosa mesmo quando espirra. Balançando a cabeça, inclino-me para a frente e a pego em meus braços.

— O que...? — Ravenna engole em seco de surpresa e espirra novamente.

Eu a carrego escada acima, mantendo meus olhos fixos bem à frente, tentando ignorar o prazer irresistível de tê-la tão perto. Negando a mim mesmo a necessidade de puxá-la ainda mais para perto de meu peito. Seu rosto está a apenas uma fração de distância - posso sentir sua respiração espalhar-se pelo meu pescoço. Quando chego ao patamar, eu a carrego pelo corredor e a coloco no chão em frente à porta.

— Hum... obrigada. Não era realmente necessário, mas... — ela espirra e depois olha para mim — ...obrigada.

Eu a observo, notando como seu nariz está vermelho por ter sido limpo com um lenço de papel pelo menos uma centena de vezes, e como ela parece cansada. Quero tomá-la de volta em meus braços, como se isso pudesse fazer com que ela se sentisse melhor.

Em vez disso, apenas aceno com a cabeça mais uma vez.

Ravenna pisca para mim e depois sorri. Minha respiração fica presa da mesma forma que ficou na primeira vez que a vi.

— As pessoas realmente precisam cavar para conseguir uma palavra de você, Alessandro. — Ela inclina a cabeça para o lado.

O lenço em volta de seu pescoço se soltou, e meus olhos caíram para sua garganta. Ou, mais precisamente, para as marcas vermelhas vibrantes nela. Uma fúria assassina se acende em meu peito. Coloco as palmas das mãos contra a porta de cada lado dela e abaixo a cabeça até que nossos rostos estejam a poucos centímetros de distância.

— Foi Rocco? — Eu digo com os dentes cerrados.

Um suspiro sai da boca de Ravenna.

— Quando, Ravenna?

Ela se vira, gira a maçaneta e desaparece em seu quarto, fechando a porta atrás de si. Aperto as mãos em punhos e respiro fundo. E mais uma vez. Ele se atreveu a tocá-la. Machucá-la. Isso deve ter acontecido hoje de manhã, depois que eu saí.

Pego meu celular e abro o aplicativo de rastreamento. Não tive a chance de colocar um rastreador no carro novo do Rocco, mas tenho seus veículos de segurança marcados. E para onde Rocco vai, eles o seguem.

* * *

O nível mais alto dessa garagem inacabada me dá uma visão desobstruída da área ao redor. Abaixo minha bolsa até ao chão e olho para o canteiro de obras do outro lado da rua.

Rocco está de pé ao lado de uma mesa improvisada colocada ao lado. O homem, que parece ser o gerente do local, está em frente a ele e, no momento, está olhando para as plantas espalhadas entre eles. Os seguranças de Rocco - cinco deles, com as mãos que nunca saem dos coldres - estão espalhados em um raio de três metros ao redor dele.

Agacho-me ao lado de minha bolsa e começo a remontar meu rifle. Não há muitos rifles de precisão projetados para serem montados no local. A maioria foi projetada para ser transportada e usada como unidades completas, pois cada vez que a arma de precisão é desmontada e remontada, sua precisão é afetada. Essa beleza tem o cano e o conjunto óptico em uma única peça, portanto, permanece

zerada e pronta para disparar. Custou mais do que meu carro, mas a alternativa seria carregar uma arma de um metro de comprimento por aí. Somente um lunático faria isso. Bem, um lunático ou Kai Mazur.

Nenhum dos caras da minha antiga unidade era exatamente são, mas Kai Mazur era um tipo único de louco. Ele me lembrava um animal sanguinário treinado que nunca esqueceu sua natureza selvagem. Eu me pergunto se o encontraram em uma maldita selva, ensinaram-no a fingir civilidade e o empurraram para o programa. Kai era o único membro da equipe que foi enviado em missões antes de completar dezoito anos. Acho que nosso comandante, Kruger, acabou se arrependendo de ter recrutado Kai e continuou enviando-o para as missões mais perigosas, na esperança de que ele não voltasse. Mas aquele maníaco sempre voltava. Exceto por aquela vez em que ele foi pego porque estava passeando pela cidade com um maldito rifle de precisão nas costas no meio do dia. Atrair a atenção da polícia local era um grande 'não' em nosso ramo de negócios, mas tenho certeza de que Kai fez isso de propósito, apenas para irritar Kruger.

Termino de montar minha arma e me protejo na parede inacabada do parapeito. Rocco, ainda em uma discussão acalorada com o gerente do local, inclina-se para a frente sobre a mesa, com as palmas das mãos apoiadas na superfície de madeira. Olho pela mira e miro na cabeça do desgraçado. Tão fácil. Seria tão fácil acabar com sua vida aqui e agora. Imagino a bala atravessando sua têmpora e penso na ideia de seu cérebro explodindo do outro lado, mas então, mudo minha mira para baixo até que estou mirando no meio de sua mão direita. A mão responsável pelos hematomas no pescoço de Ravenna.

E aperto o gatilho.

Ravenna

Ele viu.

Não acredito que me esqueci de mim mesma e deixei Alessandro ver meu pescoço. Eu sempre me certifico de cobrir os hematomas com base, mas estava tão exausta esta manhã que decidi usar o lenço para escondê-los. Aplicar uma maquiagem completa esgotou a pouca energia que eu tinha.

Pego os remédios para dor e febre que estão na mesa de cabeceira e tomo dois comprimidos. Minha cabeça parece que vai explodir. Enrolando-me sob dois cobertores, fecho os olhos e me deixo levar pelo sono.

* * *

Bang.

Fecho os olhos e jogo o cobertor sobre minha cabeça.

Bang. *Bang*.

— Sra. Pisano! — diz a voz da empregada através da porta.

— Estou dormindo, — sufoco e me viro para a parede.

— Nino precisa falar com a senhora, Sra. Pisano. Ele disse que é urgente.

Eu me sento. O que o chefe de segurança do Don precisa de mim?

— Estarei lá embaixo em quinze minutos, — digo e me arrasto para fora da cama.

Depois de um banho rápido e de colocar uma nova camada de maquiagem, saio do meu quarto e desço as escadas. A febre baixou enquanto eu dormia, então me sinto um pouco melhor. No entanto, isso não aparece no meu rosto, por isso me certifiquei de colocar tinta de guerra suficiente para esconder esse fato. Quando entro no escritório de Rocco, Nino está de pé ao lado da escrivaninha. Alessandro está alguns passos atrás dele, com as costas apoiadas na parede.

— Houve um tiroteio, Ravenna, — diz Nino.

— Um tiroteio? — Não entendo por que ele está me dizendo isso. Ninguém nunca me conta nada sobre o ‘negócio’.

— Alguém tentou matar Rocco. Foi um atirador, mas ele fugiu antes que conseguíssemos localizá-lo, — continua Nino. — Rocco está em um hospital particular. Os médicos estão tentando salvar sua mão.

— Sua mão?

— Sim. — Nino acena com a cabeça. — O atirador errou. A bala atingiu Rocco em sua mão direita.

Minha frequência cardíaca dispara, uma onda de emoções me invade, mas estou sobrecarregada demais para entender qualquer uma delas em particular. Desvio meus olhos de Nino para a sombra que se aproxima de suas costas. Não há palavras que possam descrever a expressão dos olhos de Alessandro quando eles se prendem nos meus. Profundidades azuis-escuras e sem fundo me olham com uma determinação sem pestanejar. Tão cheio de raiva e rancor, mas também de satisfação. Ele inclina a cabeça para o lado e move seu olhar para o meu pescoço,

onde os hematomas estão escondidos sob várias camadas de corretivo. Depois, volta para cima até que nossos olhos se encontrem novamente.

E eu sei.

O atirador não errou.

— Ravenna, — pergunta Nino. — Você está bem? Precisa se sentar?

Eu me obrigo a desviar o olhar de Alessandro e sacudo a cabeça. — Estou bem, Nino.

— Não será permitida nenhuma visita hoje, mas Zanetti pode levá-la para ver Rocco pela manhã, — ele diz e olha por cima do ombro para Alessandro. — Vá fazer suas malas. Quero você de volta aqui em três horas.

— Malas? — Eu pergunto.

— Zanetti ficará na mansão com você até que Rocco seja liberado.

Definitivamente, eu deveria ter me sentado. Tenho quase certeza de que meu coração está prestes a dar um salto para fora do peito. — Tudo bem, — consigo dizer. — Mais alguma coisa?

— Isso é tudo. Eu a informarei quando Rocco sair da cirurgia. Não se preocupe, esses médicos sabem o que estão fazendo, e não é a primeira vez que tratam de homens da Cosa Nostra.

Sigo Nino com meus olhos enquanto ele sai do escritório. Quando ele está fora de vista, respiro fundo e encaro Alessandro, que ainda está silenciosamente encostado na parede do outro lado da sala. Ele se endireita e vem em minha direção. Cada passo que ele dá parece um choque em meu peito. Ele para na minha frente, com seu corpo enorme sobre a minha estrutura, e eu inclino a cabeça para cima para encontrar seu olhar.

— Foi você, não foi? — sussurro, olhando fixamente em seus olhos.

Alessandro não responde. Ele apenas me olha por alguns instantes, depois levanta a mão e toca levemente minha bochecha com as costas dela. É um toque muito leve, mas ainda assim parece que fui atingida por um raio. Sem tirar os dedos do meu rosto, ele se inclina até que sua boca esteja bem perto da minha orelha.

— Se seu marido ainda estiver com a mão quando chegar em casa, — ele diz com uma voz profunda e controlada, e um arrepio percorre minha espinha, — vou corrigi-lo imediatamente.

Seu toque desaparece e eu fecho os olhos por um segundo, lamentando a perda de seu calor. Quando os abro novamente, ele se foi.

Capítulo 13

Alessandro

Empurro a planta da mansão Pisano que Felix forneceu para dentro da minha cômoda e pego minha jaqueta e o coldre de ombro na cadeira. Eu havia programado meu despertador para as cinco da manhã para ter tempo suficiente para verificar a ala leste antes que o caseiro e as empregadas começassem seus turnos às oito.

Quando cheguei com minhas malas ontem à noite, a governanta propôs que eu ficasse em um dos quartos de hóspedes na ala oeste. Como já havia explorado essa parte da casa em detalhes nas últimas semanas, recusei. Em vez disso, mudei-me para um pequeno cômodo na ala leste, que provavelmente era para ser um espaço de armazenamento, mas que em algum momento foi equipado para a equipe da casa. Ele tem apenas uma janela estreita e horizontal, no alto da parede. Do lado de fora, ninguém consegue ver o interior, especialmente porque a unidade de ar condicionado e outros medidores de serviços públicos estão no caminho. Também fica perto da cozinha e da lavanderia, que não tive a oportunidade de reconhecer até agora.

Saio e sigo pelo corredor em direção à lavanderia, passando pela cozinha e por mais alguns quartos vazios dos funcionários ao longo do caminho. A planta mostrava que há um espaço inacabado no subnível abaixo do piso principal da casa, mas o esquema não indicava a entrada para ele. Encontro a porta do porão na

extremidade mais distante da lavanderia, atrás de uma das prateleiras com materiais de limpeza. Ela está trancada.

Pego meu telefone e verifico a imagem da câmera do portão de entrada. Os seguranças estão no meio do turno - agindo de forma bastante negligente, na verdade - e nenhum carro está à vista. Deixando o celular de lado, pego meu conjunto de chaves. A porta do porão tem apenas uma fechadura padrão e leva menos de vinte segundos para destrancá-la. Quando desço os degraus, dou uma olhada no vasto espaço. É apenas um cômodo com uma fornalha e o tanque de água no canto, tubulação de dutos e fios elétricos correndo ao longo das vigas expostas. Não há mais nada além de grossos pilares de suporte.

Examino com calma a unidade de aquecimento e os canos, depois verifico as paredes até encontrar um painel elétrico. Com isso feito, passo para os pilares de suporte, fazendo cálculos em minha cabeça. A casa pode ser menor do que eu esperava inicialmente, mas sobrecarregar os circuitos não será suficiente. Os pilares também terão de ser removidos. Dou mais uma volta para ter certeza de que não perdi nada e depois volto para a lavanderia.

Seguindo pelo corredor, pretendo subir as escadas e dar uma olhada no andar superior, quando ouço sons na cozinha atrás de mim. Não é muito cedo para as empregadas estarem aqui? Uma olhada no meu relógio confirma que ainda não são oito horas. Dou meia-volta e refaço meus passos, mas paro quando chego à porta da cozinha.

Há uma mulher parada ao lado da geladeira aberta, procurando algo dentro dela. Seu rosto está escondido atrás da porta do eletrodoméstico, mas tenho certeza de que nunca a vi aqui antes. Ela está usando leggings pretas e um suéter cinza grande com as mangas arregaçadas. Seus pés estão descalços. Seus longos cabelos negros caem por suas costas em ondas suaves.

— Quem é você e o que está fazendo aqui? — Eu grito.

Ela dá um pulo, fecha a geladeira e se vira para mim. Meus olhos se arregalam em choque.

— Bom dia, — murmura Ravenna.

Não consigo parar de olhar. Se eu a visse andando pela rua, provavelmente não a reconheceria. Ravenna é cem vezes mais bonita sem maquiagem. Ela parece um maldito anjo que desceu do céu, e é impossível tirar os olhos dela. Ela também é muito mais jovem do que eu pensava.

— Hum... — Ela inclina a cabeça para o lado e pega uma mecha preta entre os dedos, girando-a. — Você está bem?

Não, não estou bem.

Embora eu nunca tenha me sentido atraído por mulheres que usam muita maquiagem, fiquei hipnotizado por Ravenna, mesmo quando ela usa roupas luxuosas e tem uma tonelada de porcaria espalhada pelo rosto. Mas, ao vê-la com os cabelos soltos, emoldurando seu rosto angelical, sinto-me como se tivesse levado um soco, incapaz de respirar.

— Preciso ir ao hospital e depois ver como está minha mãe, — diz ela.

Meu olhar se move para baixo, parando em sua garganta. Os hematomas em seu pescoço estão roxos, e olhar para eles reacende a raiva em meu estômago. A culpa é minha. Eu deveria ter ficado naquela maldita varanda e matado aquele filho da puta no momento em que ele entrou no quarto dela, independentemente das consequências.

— Alessandro? — Ravenna dá um passo à frente e inclina a cabeça.

Com cuidado, estendo a mão e afasto seu cabelo para trás, para que possa dar uma olhada melhor. Os fios pretos parecem seda em minha palma.

— Gosto de seu cabelo, — murmuro.

Os lábios de Ravenna se curvam para cima. — Eu também gosto de seu cabelo. — Ela levanta a mão e hesita por alguns instantes, depois desliza os dedos sobre a lateral da minha cabeça.

— É muito curto. — Ela sorri.

Eu deveria ir embora, não discutir sobre cortes de cabelo, mas não consigo me mexer.

— Hábito.

Com minha mão em seu pescoço, traço o formato de cada hematoma com a ponta do meu dedo. Sua pele é tão macia, e vê-la marcada dessa forma me faz querer ir ao hospital, cortar a mão do desgraçado e obrigá-lo a comer a maldita coisa.

— Essa foi a primeira vez? — Pergunto com os dentes cerrados.

— Sim. — Ela dá de ombros. Sua mão está na parte superior do meu braço agora, e posso sentir o calor do seu toque mesmo através do tecido da minha camisa e do paletó.

Ela está mentindo. Eu deveria ter percebido muito antes que o marido dela a estava machucando. Havia tantos sinais que indicavam que havia algo errado entre eles, mas eu estava cego demais pelo meu ódio e focado na vingança que preferi não me debruçar sobre eles.

Eu ainda não quero. Não quero me importar. Isso significaria dar adeus à minha vingança e quebrar a promessa que fiz a mim mesmo e a Natalie. Isso não

pode acontecer. Posso ter me desviado do meu plano até agora, mas vou executá-lo por completo no final. Esses sentimentos estúpidos que começaram a crescer em mim, envolvendo meu coração gelado como garras de fogo, precisam ser extintos. Odeio Ravenna Pisano, e é bom que meu coração estúpido se lembre disso.

O som de conversas femininas e passos apressados nos chega da direção do corredor. As empregadas chegaram.

Ravenna rapidamente tira sua mão do meu braço e se afasta. — Estarei pronta em vinte minutos, se for possível para você?

Aceno com a cabeça e saio da cozinha.

Ravenna

Nem uma palavra.

O homem sentado ao meu lado baleou a mão do meu marido porque ela foi usada para me machucar, mas ele não disse uma única palavra para mim desde que entramos em seu carro. Mas eu o peguei olhando para mim quando ele achou que eu não perceberia - um olhar de lado quando eu estava deslizando para o banco do passageiro em vez do banco de trás. Um olhar de soslaio enquanto eu vasculhava minha bolsa em busca de um novo pacote de lenços de papel. Uma olhada pelo reflexo da janela lateral enquanto eu tentava encontrar o interruptor no painel para aumentar o aquecimento. Não consigo mais suportar isso.

— Então... — Eu pergunto. — O gato pegou sua língua?

Nada. Alessandro continua olhando para a estrada em frente.

— Parece que sim. — Assoo meu nariz no lenço de papel. — Que pena. Gosto muito de seus monólogos de uma palavra só.

Ele grunhe. O homem grunhe para mim, porra.

— Desculpe, não falo esse dialeto específico. Você pode tentar novamente?

Dessa vez, recebo um olhar de lado e ele volta a olhar para a estrada.

— Minha presença de repente o incomoda, Alessandro?

Ouço o rangido do couro quando ele aperta o volante com mais força. O momento é breve antes que os tendões das costas de suas mãos robustas relaxem.

Juro por Deus, não entendo esse homem. Sacudo a cabeça e me concentro nos prédios pelos quais estamos passando. Estamos quase chegando ao hospital.

— Você não deveria ter atirado em Rocco, — eu digo. Talvez Alessandro esteja preocupado com o fato de o Don ficar sabendo do que ele fez? Que o castigue por isso? Que me culpe? — Não me entenda mal, estou feliz por você ter atirado. Mas é óbvio que está se arrependendo agora. Por que mais você agiria como...

De repente, o carro se desvia para a direita, e eu grito e agarro a maçaneta da porta como se minha vida dependesse disso. Fecho os olhos enquanto nos aproximamos do poste de luz. Presumo que não o vimos porque o SUV parou bruscamente uma fração de segundo depois. A porta do carro bate e eu fico em silêncio.

Tentativamente, abro meus olhos e observo Alessandro enquanto ele passa pelo carro, parando alguns metros à frente na calçada. O vento cortante parece ter pouco efeito sobre ele, embora não esteja usando casaco. O casaco ainda está no banco traseiro do veículo, exatamente onde ele o jogou quando escolhi sentar na frente.

Ele se vira parcialmente, não totalmente em minha direção, mas o suficiente para que eu perceba seu olhar fugaz, e joga a cabeça para trás, de frente para o céu. O que ele está fazendo? Buscando ajuda do alto? Com as mãos nos quadris, a inquietação que emana dele é quase palpável. Observo quando ele finalmente abaixa a cabeça para a frente, com o queixo quase batendo no peito. Ele a balança lentamente de um lado para o outro, e tenho a nítida impressão de que uma luta interna acabou de acontecer dentro dele.

Finalmente, ele olha para mim através do para-brisa, nossos olhos se prendem. Os dele parecem queimar enquanto ele caminha em minha direção, sem interromper o olhar. Quanto mais perto ele chega, mais rápido se move. Um predador com a presa à vista.

Aproximando-se do meu lado, ele segura a maçaneta e abre a porta com um puxão forte. O ar estala quando ele se inclina para dentro, seu corpo musculoso invadindo meu espaço. O olhar dele é positivamente feroz, como se quisesse me aniquilar na hora.

— É por isso, — ele grita entre os dentes e, agarrando minha nuca, encosta sua boca na minha.

Eu não estou respirando. Não consigo! Parece que até mesmo meu coração parou de bater durante esses segundos fraturados enquanto seus lábios permanecem pressionados contra os meus. Antes que eu tenha tempo de processar ou reagir, Alessandro solta sua mão e se afasta abruptamente.

— Foda-se! — ele vocifera, bate no teto do carro com o punho e fecha a porta.

Não mais imóvel, meu coração bate forte na caixa torácica quando o vejo dar a volta pela frente do SUV e voltar ao volante. Ele coloca o carro em movimento e entra na rua. Com os lábios apertados e os olhos grudados na faixa de concreto cinza além do para-brisa, ele nem sequer olha para mim agora. Eu, por outro lado, não consigo desviar o olhar de seu perfil rude.

Acho que nunca um beijo me abalou tanto, especialmente um tão rápido. Ou tão furioso. Eu só tive dois namorados antes de me casar com Rocco, mas nenhum deles me fez sentir como o beijo muito breve de Alessandro fez. Deus, eu quero que ele me beije novamente.

Sonhei com ele novamente na noite passada. Passei a desejar essas visões noturnas. Dessa vez, eu estava por cima, cavalgando seu pau enquanto suas mãos se moviam sobre minha barriga e seios, e até minha garganta. Isso deveria ter me assustado - suas mãos envolvendo meu pescoço. Rocco geralmente me segura quando se impõe sobre mim. Ele gosta de me lembrar de seu poder. Mas mesmo no sonho, os dedos de Alessandro em minha garganta não me assustaram. Meu subconsciente sabia que eu podia confiar nele. Eu gozei tão forte que, quando acordei, minha boceta ainda tremia só de pensar nisso.

O que acontecerá agora? Pressiono minhas coxas uma contra a outra, sem conseguir parar o aperto dentro do meu núcleo.

Alessandro estaciona no estacionamento do hospital e dá a volta na frente do SUV para abrir a porta para mim. Sua postura é rígida, com o olhar focado em algum lugar do mar de carros. Saio do veículo e me dirijo à entrada de visitantes, enquanto ele segue alguns passos atrás.

* * *

Fico olhando para a porta branca no final do corredor do hospital. Não preciso ser direcionada para o quarto do meu marido. Há apenas uma porta com um guarda em cada lado dela. Fiquei presa naquela porta pelo que pareceram horas enquanto estava na sala de espera, mas sei que não pode ter sido mais do que apenas alguns minutos.

— Por favor, fique aqui, — digo a Alessandro sem me virar e, em seguida, sigo para o corredor.

Quando entro no quarto, encontro Rocco deitado na cama, com a cabeça levantada para lhe dar mais conforto. A TV montada na parede do lado oposto está exibindo o noticiário. O monitor ao lado da cama monitora seus sinais vitais - batimentos cardíacos, pressão arterial - emitindo um bipe constante de vez em quando. Sua mão direita está escondida da vista, envolta em uma espessa camada de bandagens.

— Ele ainda está lá. Por enquanto.

Fico tensa ao ouvir a voz de Rocco e me obrigo a olhar para ele.

— Foram aqueles bastardos sérvios. Não pode ser outra pessoa, — continua ele. — Mas eles serão tratados em breve. Tomei providências para que alguns dos meus homens entrem no clube deles e matem todos que estiverem lá.

— O Don não vai gostar que você aja sem a aprovação dele, — eu digo. O chefe de nossa família é muito rigoroso quanto ao modo como as coisas são tratadas.

— Um deles quase arrancou minha maldita mão com um tiro! — ele vocifera. — O médico disse que eles vão me manter aqui por pelo menos três semanas. Três semanas!

Posso sentir a pressão em meu peito diminuir um pouco. Quase um mês sem ele.

— E então, aquele filho da puta desprezível, Cosimo, me ligou, dizendo que sente muito pelo que aconteceu e que vai assumir minhas obrigações. E que é uma pena que eu não possa ir à porra da festa do Giancarlo amanhã, — ele continua. — Ele sempre age como se fosse melhor do que todos os outros, quando todos nós sabemos que ele está recebendo tratamento especial apenas porque está transando com a mãe do dono. Eu não vou, mas você vai. E depois, você vai me

contar tudo o que acontecer lá. Quero saber quem estava presente e o que foi dito sobre mim.

Respiro fundo e aperto a bolsa em minha mão. Rocco pode ter comprado toneladas de joias caras e roupas extravagantes para mim, mas nunca sentirei que pertenço a esse círculo. O dinheiro sempre foi escasso em minha família, e me sinto péssima por estar cercada de tanta riqueza, pois sei que minha mãe e meu irmão mal conseguem passar um mês com o que minha mãe ganha. Detesto ir às reuniões da Cosa Nostra.

— Você está me ouvindo, Ravenna?

Mordo a parte interna da bochecha quando me vem à mente a lembrança de mim enrolada no chão do banheiro. A constatação de que nunca tentei abrir ou quebrar a fechadura para sair me corrói como ácido.

— Não quero ir a essa festa, — desabafo.

Rocco olha para mim e se inclina para a frente. Dou um passo para trás involuntariamente e bato minhas costas na porta.

— Quem se importa com o que você quer? — ele grita e joga o controle remoto da TV em mim. Mal tive tempo de me abaixar e evitar ser atingida na cabeça.

— Você fará o que eu disser e terá cuidado consigo mesma. Farei com que Zanetti me informe sobre seu comportamento. Fui claro?

— Sim, — eu engasgo.

— Ótimo. Agora, saia! Não consigo suportar olhar para você!

Abro a porta e saio correndo do quarto. Correndo pelo corredor, ignoro os olhares curiosos das pessoas quando passo por elas. Só paro quando chego à

calçada em frente ao hospital. Meu coração está batendo fora do peito e estou lutando por cada respiração.

Uma mão pousa na parte superior do meu braço, com dedos longos e fortes apertando levemente.

— Ele fez alguma coisa? — A voz de Alessandro soa em minhas costas.

Fecho os olhos e balanço a cabeça. Patético. Rocco estava na cama, a quase três metros de mim. Ele não teria sido capaz de me bater, mas mesmo assim entrei em pânico e fugi como a covarde que sou. É hilário como eu sempre me considerei confiante. Nunca me esquivei de um confronto. Certa vez, peguei um garoto mais velho da escola intimidando meu irmão. Dei-lhe uma joelhada no traseiro. E olhe para mim agora. Apavorada porque aquele desgraçado levantou a voz.

— Ravenna.

Um arrepio percorre minha espinha. Adoro como Alessandro diz meu nome.

Lentamente, eu me viro e olho para cima, para seu rosto endurecido. Mesmo com meus saltos de 15 centímetros, ainda preciso inclinar a cabeça para trás para poder encontrar seu olhar.

— O que ele fez? — pergunta ele com os dentes cerrados.

— Ele não fez nada. — Pisco os olhos para evitar que as lágrimas caiam. Não sei por que estou com vontade de chorar. Talvez eu esteja lamentando minha tentativa frustrada de enfrentar Rocco. — Ele apenas gritou. Eu me assustei. Isso é estúpido.

As narinas de Alessandro se dilatam e ele abaixa a cabeça, nivelando-a com meu rosto. Há um brilho perigoso em seus olhos e, se fosse qualquer outro homem em seu lugar, eu provavelmente teria recuado. As pessoas dizem que uma vez mordido, duas vezes tímido. Mas eu não recuo.

Desde que o conheci, Alessandro me presenteou com uma infinidade de olhares diferentes. Houve desprezo. Raiva. Irritação. Até mesmo ódio, especialmente no início. Não me senti ameaçada por ele nem uma vez sequer.

— Ele. Nunca mais. Vai. Tocar em você novamente, — ele diz em voz baixa.

Fazia muito tempo que ninguém me defendia. Especialmente um estranho, ou pelo menos não um membro da família. Não tenho certeza se posso confiar em mim mesma para acreditar.

— Você não pode prometer isso, — sussurro. Se Alessandro confrontar Rocco de alguma forma, meu marido o mandará matar. Ou ele mesmo fará isso.

— Sim, eu posso, — diz Alessandro e sorri.

Não consigo desviar o olhar de sua boca, cativada pela atração pecaminosa que um sorriso tão perverso pode ter.

Quando nos dirigimos ao carro, as costas de sua mão roçam acidentalmente na minha. Mordendo a parte interna de minha bochecha, eu me aproximo um pouco mais e prendo meu dedo mindinho ao dele.

Alessandro para.

Eu também paro, mas não me atrevo a olhar para ele. Passa um momento. Alessandro volta a andar e eu o sigo. Ele não tira sua mão da minha.

* * *

Quando chegamos ao apartamento da minha mãe, Alessandro ocupa seu lugar na porta, como de costume, e eu vou para a cozinha, onde mamãe está preparando o almoço.

— Você está mais atrasada do que o normal, — ela sussurra enquanto pega uma cebola. — Aconteceu alguma coisa?

— Rocco levou um tiro.

— Ele está morto?

— Não. Está no hospital. — Tiro algumas cenouras de uma sacola e começo a descascar uma. — Quanto você conseguiu pela pulseira?

— Oito mil.

Que merda. Eu esperava pelo menos dez. — Vou ver se tenho um colar que não seja muito distinto e o trago da próxima vez.

— E se Rocco perceber?

— Vou dizer que o perdi.

Minha mãe lança um olhar rápido para Alessandro, que parece extremamente interessado na janela na parede oposta, depois volta a se concentrar na cebola que está cortando. — E para onde iremos quando tivermos dinheiro suficiente?

— O mais longe possível.

— Ele virá atrás de nós, Ravi. Você sabe disso.

Fecho os olhos por um segundo. Mentir para minha mãe é a última coisa que quero fazer, mas ela nunca concordaria se soubesse a verdade.

Eu sabia desde o início que escapar de meu marido seria quase impossível. Ele tem recursos e contatos para me encontrar, não importa aonde eu vá, por isso decidi que não ficarei com mamãe e Vitto. Vou instalá-los em algum lugar longe de Nova York, com dinheiro suficiente para durar alguns meses, e vou embora. É a mim que Rocco estará procurando, e não deixarei que minha família se torne um dano colateral. Ele provavelmente me matará quando me encontrar. Ninguém cruza com Rocco Pisano e vive para falar sobre isso.

— Vamos pensar em algo quando chegar a hora, — eu digo. — Onde está Vitto?

— Ainda está dormindo. Ele saiu com os amigos ontem à noite e voltou hoje de manhã.

— Que amigos?

Ela apenas dá de ombros, evitando contato visual.

— Mamãe?

— Eu o fiz prometer que essa seria a última vez. Ele não fará isso de novo.

— Ele foi com Ugo? — Eu grito. — Droga, mamãe. Eles foram para aquele bar jogar cartas de novo?

— Ele disse que eles só foram assistir. Ele não joga mais cartas.

— E você acreditou nele? — Joguei a cenoura meio descascada no balcão e caminhei pela sala de estar até ao quarto do meu irmão.

Vitto está esparramado na cama, ainda de jeans e capuz. As cortinas estão fechadas sobre a janela, impedindo a entrada de luz externa. Aciono um interruptor, acendo a lâmpada à direita e passo por cima de uma calça de moletom no chão, pegando a mochila preta em sua mesa.

— Ei, mamãe? — Vitto resmunga com sono. — Desligue essa lâmpada.

Abro a mochila e esvazio o conteúdo em sua mesa. Uma garrafa de refrigerante meio cheia. Uma sacola de lanche vazia. Fones de ouvido. Alguns trocados. Mais lixo. E um maço de dinheiro.

— Que porra é essa, Vitto? — Eu grito.

— Ravi? — Ele se senta e olha para mim. — O que você está fazendo...

— Explique!

Ele olha para o dinheiro em minha mão e pula da cama, agarrando meu braço. — Isso é meu. Devolva-o!

— Jogando de novo? Depois de tudo? Como você pôde?!

— É a minha vida! Você não tem o direito de me dizer o que eu não posso fazer! — Ele envolve seus dedos nos meus, tentando forçá-los a se abrir.

— Mas você pode estragar a minha?

— Vá se foder, Ravenna! — ele grita na minha cara.

Um braço grosso envolve o tronco de Vitto por trás. Fico olhando chocada enquanto Alessandro carrega meu irmão para fora do quarto e corro atrás deles. Vitto faz o possível para se libertar, se debatendo com as pernas penduradas a 30 centímetros do chão e gritando obscenidades ao longo do caminho. Alessandro o coloca no chão no meio da sala de estar e aponta para o sofá.

— Sente-se.

— Que porra é essa, cara? — Vitto grita. — Quem você acha que é...?

Alessandro dá um passo à frente. — Sente-se.

Meu irmão se senta no sofá e cruza os braços sobre o peito.

— Agora, peça desculpas à sua irmã.

Vitto olha para Alessandro de lado, depois se vira para mim e coloca o queixo para trás. — Sinto muito, Ravi.

Sacudo a cabeça e me sento no sofá ao lado dele. Alessandro volta para seu lugar ao lado da porta da frente, mas mantém seu olhar preso em meu irmão. Minha mãe ainda está na cozinha, com as mãos segurando o balcão e a cabeça baixa. Não consigo ver seu rosto, mas sei que ela está chorando pela forma como seu corpo treme.

— Você precisa parar, Vitto. Isso não é um jogo. — Pego sua mão na minha e dou uma olhada em Alessandro. Ele ainda está nos observando. — Você sabe o que aconteceu da última vez.

— Mas acabou sendo bom, Ravi. Agora você mora em um lugar legal. Rocco tem muito dinheiro e sempre compra roupas sofisticadas para você. Você tem uma vida ótima e....

— Cale a boca, Vitto, — minha mãe rosna da cozinha.

— Mas é a verdade, mamãe. Se não fosse por mim, ela não seria rica. Tenho de esperar pelo menos mais dois anos antes de poder entrar para a Cosa Nostra e começar a ganhar dinheiro como Rocco.

Minha mãe entra de rompante na sala de estar e agarra meu irmão pela frente do capuz, sacudindo-o. — Você já se perguntou por que sua irmã usa óculos escuros quase todas as vezes que vem aqui? — ela grita na cara dele.

— Mamãe, não. — Eu agarro seu antebraço. — Por favor.

— Já se perguntou, Vitto? — ela continua gritando enquanto as lágrimas rolam pelo seu rosto. — Porque ela não quer que vejamos os hematomas! Rocco tem batido nela desde o início. Você fez merda e ela teve que pagar o preço! E você ainda está fazendo merda.

Vitto olha para a mamãe e depois se vira para mim. — Ravi? Isso não é verdade, é? Você gosta de Rocco. Você mesma me disse isso.

Pressiono as palmas das mãos nos olhos e balanço a cabeça. Mamãe prometeu que nunca contaria a verdade ao meu irmão.

— Jesus, porra, — Vitto engasga. — Eu vou matá-lo. Vou matá-lo, porra.

Ele se levanta do sofá e corre para a porta da frente.

— Vitto! — Eu pulo para impedi-lo, mas não há necessidade.

Quando meu irmão chega à porta, Alessandro o envolve em um abraço de urso. Vitto se debate, balançando a cabeça para a esquerda e para a direita, tentando dar uma cabeçada em Alessandro. Mas meu protetor apenas permanece ali, com seus olhos furiosos me atravessando.

— Fique aí, — ele diz e abre a porta, levando meu irmão para fora.

Alessandro

— Me solte, seu filho da puta! — O garoto se contorce, seu cuspe voando por toda parte.

Eu o coloco no chão e o prendo contra a parede do corredor. — Acalme-se.

— Não consigo me acalmar, porra! Aquele filho da puta está batendo na minha irmã! Eu vou matá-lo.

— Você não vai matar ninguém.

— Apenas me observe! — ele grita e tenta se libertar. Aplico um pouco mais de pressão em minha mão.

— E você quer que sua irmã veja você ser arrastado para a cadeia? Ou, pior ainda, assistir ao seu funeral? Porque, acredite em mim, não há nada mais doloroso do que ver o caixão com seu familiar sendo enterrado.

O garoto para de se debater e inclina a cabeça para cima para olhar para mim.

— Agora, você vai se acalmar, voltar para dentro e abraçar sua irmã. Você dirá a ela que a ama e que não causará mais problemas no futuro.

O garoto me olha fixamente e depois acena com a cabeça. — E quanto ao Rocco? Se ele vai...

— Rocco Pisano teve sua sentença de morte assinada anos atrás, — eu digo. — Ele não tocará em sua irmã novamente.

— Como você sabe?

— Porque você não pode bater em ninguém se não tiver mãos. E porque eu vou matá-lo antes que ele tenha a chance de chegar perto dela novamente. — Eu solto o garoto. — Vá para dentro. Diga a Ravenna que vou esperar por ela aqui fora.

Ele se vira e estreita os olhos para mim. — Você realmente vai matá-lo.

— Sim.

— Espero que ele sofra.

Um sorriso fácil surge em meu rosto. — Muito.

Vitto não é mais o adolescente de cabeça quente de apenas alguns minutos atrás, ele me olha como um homem que entende a gravidade da situação e volta para dentro. Apoio minhas costas na parede em frente à porta do apartamento, ouvindo as palavras abafadas que vêm de dentro, mas não me aproximo para ouvi-las com mais clareza. Estou por um fio e, se eu ouvir mais alguma coisa sobre como aquele filho da puta a machucou, vou invadir aquele hospital e separar a cabeça do idiota do corpo dele.

Ravenna sai alguns minutos depois, com o olhar preso no piso decrépito.

— Sinto muito que você tenha presenciado isso, — murmura ela.

Estendo a mão e levanto seu queixo. Seus olhos se encontram com os meus. Tristes. Assombrados.

— Por que você se casou com Rocco? — pergunto. — Você estava apaixonada por ele?

Uma risada angustiada escapa de seus lábios. — Meu irmão achou que seria divertido desafiar Rocco para um jogo de pôquer. Vitto perdeu. E eu participei da liquidação da dívida.

Fico olhando para ela. Circulam histórias de que Rocco conquistou sua esposa em um jogo de cartas, mas eu achava que não passava de uma fofoca sem sentido.

— Quem sabe? — Pergunto com os dentes cerrados.

— Que Rocco está me batendo? Além de minha mãe, ninguém. Talvez um dos guardas que viu os hematomas.

— Seu nome?

Os olhos de Ravenna se arregalam. — Por quê?

Por quê? Porque preciso encontrar o filho da puta que a viu sofrer e não fez nada. Eu fecho os olhos, tentando apagar essa ideia da minha mente. *Ela* é meu alvo. O fato de ela estar sendo maltratada não deve ter nenhum impacto sobre mim. Não vou prejudicar ainda mais meu plano por causa dela. Ela não significa nada para mim.

Levo minha mão até sua bochecha, segurando-a com a palma da mão. A pele sob meus dedos parece tão macia, como penas.

— Seu nome, Ravenna.

— Federico.

O cara careca do segundo turno que trabalha no portão. Eu aceno com a cabeça. — Mais alguém?

— Não. Rocco foi muito claro sobre o que aconteceria com minha mãe e meu irmão se eu contasse a alguém. — Ela inclina os ombros. — Minha mãe tem vendido as roupas e joias que dou a ela. Em mais alguns meses, devo ter dinheiro suficiente para nós três fugirmos. Mas até que isso aconteça, tenho que aguentar.

Inclino seu queixo para cima. — Aguentar?

— Você acha que sou fraca? Deixando isso acontecer e não fazendo nada? — Ravenna balança a cabeça. — Eu tentei revidar. A primeira vez que Rocco me deu um tapa, tentei quebrar uma luminária de mesa na cabeça dele. Ele me bateu com tanta força que depois eu não consegui comer nada sólido pelo resto da semana.

Como uma explosão de uma granada explodindo em meu cérebro, sinto o tremor de minha fortaleza de pedra. Os tremores abalam os alicerces de meu plano de vingança. Sim, no início, eu achava que ela era uma esposa fraca, superficial e troféu, cujos únicos interesses eram comprar roupas e desfilar por aí como uma rainha mais santa do que você. Ela também me enganou. Ou, melhor dizendo, eu me deixei enganar porque era mais fácil odiá-la dessa forma. Ela está tentando lutar contra aquele filho da puta desde o início e, quando não conseguiu fazer isso com força, recorreu a ser mais esperta do que ele. Sozinha.

— Você está longe de ser fraca, Ravenna. — Eu passo as costas da minha mão em sua bochecha enquanto outro pedaço enorme da minha fortaleza se quebra e se desfaz em uma nuvem de poeira.

* * *

Quando chegamos de volta à mansão, acompanho Ravenna até à porta da frente, depois dou meia-volta e finjo um passeio casual pelo terreno, indo em direção à guarita. Há um ponto cego perto do velho carvalho. Sabendo que as câmeras não serão um problema aqui, paro e pego meu celular.

Não é possível substituir várias transmissões sem meu laptop, mas posso embaralhar uma com o software do meu celular. Seleciono a câmera com vista para a guarita e abro uma gravação fictícia que preparei há alguns dias, fazendo a troca. Agora, ninguém me verá entrando pela porta quando for o momento certo.

Protejo-me nas sombras e espero, encostado na parede externa da guarita, não muito longe do portão de pedestres que fica ao lado do portão principal. A janela me permite ver o que está acontecendo lá dentro.

Federico e outro segurança estão sentados em frente aos monitores em uma mesa coberta de recipientes de fast food. Quinze minutos depois, o outro homem sai da guarita e vai em direção às árvores, provavelmente para mijar. Federico permanece, com sua atenção voltada para a parede de monitores diante dele. Eu entro e me aproximo por trás. Coloco a palma da mão esquerda sobre sua boca e, ao mesmo tempo, aperto seu pescoço com a outra mão, pressionando as duas artérias carótidas.

Não se trata de um beliscão no nervo vulcano e não é como nos filmes em que o oponente fica inconsciente instantaneamente. Na realidade, você precisa manter a pressão nos dois pontos por pelo menos sete segundos para interromper o fluxo de sangue para o cérebro. Quando o corpo de Federico cede, eu agarro seu nariz e pego um hambúrguer de uma das caixas de comida para viagem, enfiando-o profundamente em sua garganta. Ele se recupera rapidamente e começa a se sacudir, ofegante, mas eu mantenho sua boca e nariz fechados. A luta o abandona vários momentos depois, e seu corpo cai novamente. Desta vez, para sempre. Deixo o corpo de Federico se inclinar na cadeira, com o vômito escorrendo pela boca e pelo queixo, e depois saio da guarita.

Enquanto caminhava de volta para a mansão, olhei para o segundo andar e para a última janela à esquerda. A luz da Ravenna está apagada, mas consigo ver

sua silhueta atrás da cortina transparente. Faço uma pausa e pego meu celular, discando seu número. Ela desaparece da janela e volta alguns instantes depois. A cortina se move para o lado, revelando Ravenna com o celular na mão.

O toque para e a chamada é conectada, mas ela não diz nada. A única coisa que consigo ouvir é sua respiração suave.

— Amanhã de manhã, às seis, — digo ao telefone. — Na biblioteca. Use algo confortável.

Algumas batidas de silêncio antes de ela sussurrar: — Por quê?

— Porque funcionará melhor. — E porque farei com que ela nunca mais se sinta indefesa.

Encerro a ligação e a observo. Uma luz distante do poste de luz da entrada da garagem ilumina o rosto de Ravenna. Ela continua olhando para onde estou e depois acena com a cabeça. A cortina cai sobre a janela. Um momento depois, ela desaparece de vista.

Eu deveria tê-la matado assim que entrei nesta casa. Mas não matei. E agora, não sou mais capaz de fazer isso.

Capítulo 14

Ravenna

Entro na biblioteca e olho para as estantes altas de madeira que cobrem todas as paredes. A primeira vez que entrei nesse cômodo, fiquei impressionada com o número de blocos encadernados em couro que enchiam as belas prateleiras vintage. Cada estante é organizada para conter livros de uma cor semelhante.

Não demorei muito para perceber que os livros não estavam ali porque meu marido gostava de ler, mas porque davam uma boa aparência ao cômodo. Rocco adora que coquetéis sejam servidos aqui para seus amigos, para que eles possam soltar *ooh* e *ahh* ao ver o espaço luxuoso. A única coisa que importa para meu marido é o que as pessoas pensam. Sem convidados, os únicos visitantes dessa sala sou eu e uma das empregadas que limpam a biblioteca duas vezes por semana.

Alessandro me disse que me esperaria aqui às seis, mas são dez da noite, de acordo com o relógio do lado esquerdo da sala, e ele não está à vista. Não tenho ideia de por que ele me pediu para vir aqui. Decidindo voltar ao meu quarto, eu me viro e me deparo com um peito masculino largo. Inclino a cabeça para cima e mais ainda até encontrar o olhar de Alessandro.

— Desculpe-me pelo atraso, — diz ele. — Houve um incidente.

— Um incidente?

— Um dos guardas se engasgou com a comida ontem à noite. Nino veio trazer seu substituto.

— O guarda está morto?

— Muito. — Alessandro acena com a cabeça e passa por mim, indo em direção à grande janela com vista para o jardim.

Eu pisco, olhando para sua forma em retirada. A aparência de Alessandro é sempre muito formidável, independentemente do que ele veste. Não se trata apenas de seu tamanho, que tem um grande impacto na impressão geral. É a combinação de seu silêncio e de sua frieza que se agarra a ele como uma segunda pele. Mesmo com uma calça de moletom azul-marinho que fica pendurada nos quadris e uma camiseta branca que se estica bem sobre os ombros largos e as costas enormes, Alessandro parece capaz de lutar com uma dúzia de homens sem suar. Enquanto admiro seu corpo musculoso, ele se aproxima da janela e puxa a cortina.

— Faltam menos de duas horas para a equipe chegar, — diz ele olhando para o relógio de pulso. — É melhor começarmos.

— Começar o quê?

Alessandro para bem na minha frente. — Sua primeira aula de autodefesa, — diz ele, e antes que eu tenha tempo de processar essa afirmação, ele coloca as duas mãos em volta do meu pescoço.

Eu congelo. Ele não está me machucando, e seu aperto está quase solto, mas ainda não consigo me mover.

— Liberte-se.

Fico olhando para ele.

— Agora, Ravenna.

— Você tem mais do que o dobro do meu peso, — murmuro.

— Mais perto do triplo, provavelmente, mas isso não é importante. Não estou pedindo que me nocauteie. Apenas que saia de meu controle.

— Por quê?

Ele se inclina, aproximando-se do meu rosto. — Porque saber que você pode escapar a ajudará a manter a calma. E ficar livre permitirá que você assuma o controle da situação.

Fecho os olhos e respiro fundo. As mãos de Alessandro permanecem em meu pescoço e eu gosto delas ali. — Mesmo que eu me liberte do controle de Rocco, ele vai me pegar, eventualmente. E só vai ser pior depois.

— Olhe para mim.

Quando abri os olhos, Alessandro se aproximou ainda mais, sua testa quase tocando a minha.

— Eu já lhe disse. Seu marido nunca mais colocará as mãos em você. — Ele está tão perto que sinto sua respiração em minha pele. — Não se trata de Rocco. É sobre você, Ravenna. Assim, você nunca se sentirá desamparada e sempre poderá se proteger. Agora, tente sair daqui.

Eu o observo - seu rosto carrancudo e aqueles olhos azul-escuros - e depois coloco minhas mãos em seus pulsos, empurrando-os para o lado. Nada acontece. Nem mesmo um centímetro de movimento.

— Você está competindo força por força comigo, — diz ele. — A maioria dos homens será maior e mais forte do que você.

— Então, e depois?

— Lute contra meus pontos mais fracos. Meus polegares. — Ele levanta a mão direita da minha garganta e a coloca no topo da minha cabeça. — Dê um

passo para trás com sua perna direita. Depois se curve. — Ele empurra minha cabeça para baixo e a coloca sob seu braço esquerdo. Seu aperto em meu pescoço desaparece. — Você está livre.

— Sua mão estava solta.

— Não estará da próxima vez. De novo.

Seus dedos estão em volta da minha garganta novamente, mas seu aperto permanece frouxo. — Perna. Dobre. O corpo inteiro, Ravenna, não apenas a cabeça. De novo.

Continuo praticando, mas apenas uma pequena parte do meu cérebro está se concentrando no movimento real. O resto está muito concentrado nas mãos de Alessandro em meu pescoço. Seus dedos em meu cabelo enquanto ele me guia quando não me abaixo o suficiente. A proximidade de seu corpo.

— Você precisa de um descanso? — ele pergunta depois da vigésima vez ou mais.

Sim. Não. Não tenho certeza. Meu cérebro está confuso e não tenho certeza se é por repetir o mesmo movimento várias vezes ou por ele estar tão perto. Acho que é a segunda opção. E quero mais de seu toque.

— Vamos fazer isso mais algumas vezes, — expiro.

Alessandro acena com a cabeça e coloca as mãos em volta do meu pescoço. Não faço nenhum movimento para me curvar. Em vez disso, levanto minhas mãos e envolvo meus dedos em seus pulsos. Ou, pelo menos, tento. Seus pulsos são mais grossos que meus tornozelos.

— Já estabelecemos que essa abordagem não funcionará, Ravenna.

— Eu me lembro, — digo e mantenho seu olhar fixo. Os olhos de Alessandro descem até meus lábios. Deus, eu quero sentir seus lábios nos meus novamente - tanto.

Ele segura meu pescoço e suas mãos se movem para cima para segurar meu rosto com as palmas. Sua expressão é completamente ilegível, totalmente contrária ao olhar perigoso em seus olhos. Aparentemente, ele parece imperturbável por estarmos tão próximos um do outro, mas vejo a verdade em seu olhar ardente. Minha frequência cardíaca dobra sob aquele olhar. Aquelas órbitas azul-escuras parecem querer me comer viva - um gato grande, faminto e selvagem pronto para atacar. E eu não me oporia.

Deslizo minhas mãos por seus antebraços, sentindo os músculos tensos sob minha palma. Ele muda de posição, e meu coração dispara.

— Vamos tentar outra coisa, — diz ele abruptamente. No instante seguinte, encontro minhas costas coladas à frente dele, com os braços dele me envolvendo. — Isso é chamado de abraço de urso por trás. O que você faria?

Sacudo meu corpo para a esquerda e para a direita, mas ele não se mexe. Seus braços permanecem firmemente envoltos em mim.

— Sou maior e mais forte, e estou em uma posição de vantagem, sem pontos fracos que você possa explorar. Estou controlando todo o seu corpo. Você precisa dificultar as coisas para mim. O que você deve fazer?

— Não sei, — eu digo.

— Abra sua postura e solte seu peso. Sim, assim. Agora, você pode pisar no meu pé. Ou me dar uma martelada nas bolas.

Olho para ele por cima do ombro. — Por que não tentar isso primeiro?

Alessandro inclina a cabeça até que sua boca toque minha orelha. — Porque ao ampliar sua postura, você está tornando mais difícil para mim jogá-la no chão e prendê-la.

Sei que ele não vai me machucar, mas estar indefesa deveria me assustar pelo menos um pouco. Mas não assusta. Em vez de ficar com medo, mordo o lábio e me inclino para trás em seu peito, imaginando como seria estar presa sob aquele corpo. Seria como em meu sonho?

Alessandro enterra o nariz em meus cabelos e inspira. Seu aperto se torna mais forte, mas agora é apenas seu braço esquerdo que está me envolvendo. Sua mão direita está lentamente passando por cima do meu short de ioga, descendo pela minha barriga e ainda mais abaixo.

— Não entendo como uma mulher pode me foder tanto, Ravenna. — Sua palma desliza sobre meu monte e pressiona minha boceta, fazendo-me ofegar. Quero muito me virar, mas seu abraço é vigoroso demais. — Anos de planejamento. Arruinados.

Os dedos acariciam minha boceta. Com força. O tecido fino do meu short é apenas uma barreira. A umidade se acumula em minha calcinha. Alargo minhas pernas e agarro seu antebraço, me esfregando contra sua mão. A boca de Alessandro se move para o lado do meu pescoço, mordendo a pele sensível.

— Desde o momento em que coloquei meus olhos em você, você invadiu minha mente como uma praga, Ravenna, — ele diz perto da minha orelha e coloca um beijo embaixo dela. Ele está com raiva. Frustrado. Posso ouvir isso em seu tom de voz, e é completamente incompatível com a maneira gentil com que seus lábios mordiscam minha pele. — Embaralhando meu cérebro, de modo que nem consigo mais pensar direito.

Eu gemo quando sua mão agarra o cós do meu short, empurrando-o para baixo junto com minha calcinha. Sua palma volta a deslizar sobre meu monte, e sinto seu dedo em minha boceta exposta, deslizando entre minhas dobras. Lentamente. Tão lentamente que parece um castigo.

— Eu sonho com você, — murmuro, dobrando os joelhos e tentando colocar mais do seu dedo dentro de mim. Ele pressiona seu pau duro na parte inferior das minhas costas, e eu me arrepio com o contato. — Sei que é errado, mas não consigo fazer com que os sonhos desapareçam.

Seu dedo desliza mais para dentro de mim e, em seguida, ele acrescenta outro, esticando-me. — Conte-me sobre seus sonhos, Ravenna.

— É sempre você. Me tomando. Me possuindo.

Um ronco profundo sai de sua garganta e, na respiração seguinte, sinto sua língua em minha pele. — Como?

— De todas as maneiras possíveis, — eu me engasgo.

O corpo de Alessandro fica imóvel e, por alguns instantes, o único movimento que consigo sentir é o sobe e desce de seu peito em minhas costas. Ele pragueja. Seus dentes tocam minha garganta enquanto seu hálito quente passa sobre minha pele, fazendo-me tremer. Retirando a mão, ele me gira e eu me vejo pressionada de costas para a parede.

— Isso não deveria ter acontecido, — diz ele enquanto suas mãos agarram minha bunda, levantando-me. Sua voz é rude. Tensa.

Envolvo as pernas em torno de sua cintura, pegando seu rosto entre as palmas das mãos. — Eu sei, — digo e pressiono minha boca contra a dele.

Ele morde meu lábio inferior, puxando-o entre os dentes, chupando-o enquanto seu pau se choca contra mim. Meus dedos tremem quando os deslizo sobre seus cabelos curtos, assim como o resto do meu corpo. Imaginei como seria essa sensação por tanto tempo, e ela está além de meus sonhos mais loucos. Estamos apenas nos beijando e já estou quase entrando em combustão.

— Você sabe por que estou aqui? Fazendo esse trabalho? — ele pergunta enquanto desce os beijos pelo meu pescoço. Sua voz é áspera. Há uma acusação em seu tom.

Deslizo minha mão entre nossos corpos, abrindo o cordão de sua calça de moletom e libero seu pau.

— Por quê? — Eu me surpreendo ao sentir a ponta de seu corpo duro em minha entrada.

Alessandro percorre seus lábios ao longo do meu queixo até minha boca e para quando alcança seu objetivo.

— Vim aqui para me vingar do seu marido, — ele diz em meus lábios enquanto seu pau desliza lentamente para dentro da minha boceta. — E você era a minha vingança, Ravenna.

Há muito ressentimento em suas palavras. Eu deveria me sentir ameaçada. Ele acabou de confessar seu plano de acabar com a minha vida, mas tanto meu corpo quanto minha mente ignoram esse fato, muito concentrados em reclamar seus lábios.

Alessandro se retira e, em seguida, empurra de volta para dentro - até o fim, pressionando seu corpo contra o meu. O ar deixa meus pulmões enquanto minhas paredes se contraem em torno de seu corpo. Ele não move um músculo,

apenas permanece ali com seu corpo apertando o meu, seu pau aninhado dentro de mim.

— Eu odeio você, Ravenna Pisano, — ele grita na minha cara, batendo em mim mais uma vez.

O ar escapa de meus pulmões em respirações curtas, minha visão fica embaçada enquanto tremores sacodem meu corpo. Eu me agarro a seus ombros e grito enquanto ele me perfura como se quisesse gravar essa afirmação em meus ossos. Mas eu me solto e aproveito as ondas de prazer.

— Diga-me, Ravenna, — diz a voz rouca de Alessandro perto de meu ouvido no meio do impulso. — Seu marido a fode assim?

Inclino a cabeça e afundo meus dentes em seu pescoço. — Por que você se importa?

Alessandro

— Por que você se importa? — ela sussurra, e sinto que essas palavras causam estragos em minha cabeça.

Por que eu me importo? Um som estrondoso ecoa no fundo da minha mente quando cai outro pedaço enorme da fortaleza que criei. Tento pegá-lo, devolvê-lo, mas o pedaço só se desfaz em nada.

— Responda-me! — Eu grito para aquele rosto angelical, confuso e banhado em suor.

Eu preciso saber. Só a ideia de aquele imbecil tê-la assim já está me deixando louco. O veredicto sobre minha sanidade ainda não foi decidido.

A mão de Ravenna agarra minha nuca, com suas unhas compridas cravadas em minha pele.

— Rocco é impotente, — ela diz. — Ele nunca conseguiu...

Meu corpo fica imóvel por um momento enquanto meu cérebro processa o que ouvi. O maldito Rocco Pisano nunca a teve. Enrosco meus dedos nas longas mechas pretas na parte de trás da cabeça de Ravenna e me enterro em sua boceta. Ravenna ofega, e eu esmago minha boca na dela, engolindo o doce, doce som de seu prazer para guardá-lo para mim.

Mantendo sua cabeça segura, amortecendo-a com a minha mão, eu a penetro com força, finalmente recebendo as semanas de frustração e as noites sem dormir a que ela me submeteu. Digo a mim mesmo que meu ritmo implacável é um castigo. Dela? Meu? Quero arruiná-la por me fazer trair meu voto. Destruir tudo pelo que vivi nos últimos oito anos. Eu me forço a acreditar nisso, enquanto

uma tempestade furiosa assola minha mente. Minha fortaleza treme e vários fragmentos caem de sua estrutura, deixando de lado os fragmentos de minha vingança. São tantos que nunca serei capaz de recolhê-los e colocá-los de volta no lugar.

Continuo a bombear em meu anjo de cabelos pretos - uma mulher que prometi matar - repetindo o mesmo mantra em minha mente.

Eu a odeio. Odeio.

Ainda assim, não consigo tirar minha mão de trás de sua cabeça, não posso arriscar que ela se machuque nem um pouco, enquanto queimamos em loucura.

Ravenna aperta meus braços, suas unhas cravam em minha pele enquanto ela treme de prazer. Acelero meu passo, olhando para seu rosto. O suor escorrega para meus olhos, fazendo-os arder, mas não penso em limpá-lo, nem mesmo me atrevo a piscar. Tenho que vê-la quando ela gozar. A necessidade de testemunhar sua perdição é primordial e implacável. Ravenna arqueia as costas, um grito de êxtase sai de seus lábios, enquanto sua boceta se aperta ao redor do meu pau. E, com um último impulso, eu me enterro dentro dela e rugimos quando meu sêmen a preenche. O som é gutural e quebrado, um grito de triunfo e derrota ao mesmo tempo.

Fechando os olhos, pressiono minha testa contra a dela. O que eu fiz?

Lábios macios e pecaminosos tocam os meus. O hálito quente se espalha por meu rosto. Retribuo o beijo, mesmo que seja a última coisa que eu deveria fazer. Não consigo evitar. Cada toque de nossas línguas, cada pequena mordida - céu e inferno ao mesmo tempo. Prazer e dor.

Uma parte de mim quer ficar assim para sempre, com ela em meus braços. Mas outra parte grita de raiva, chamando-me de traidor. A batalha pela supremacia se desenrola dentro de minha alma, despedaçando-a. A dor é quase física, prendendo-me em suas garras até que um dos lados finalmente vença.

Solto o cabelo de Ravenna e me afasto de seus lábios.

— Isso não vai acontecer de novo, — eu digo, abaixando-a no chão.

Capítulo 15

Ravenna

— Não acredito que alguém tentou matar Rocco! — Eleonora, a esposa do Capo Giancarlo Medici, exclama. — Você deve estar arrasada, minha querida.

Pego uma taça de vinho da bandeja que um garçom está segurando e tomo um grande gole. — Sim. É terrível.

— Sabemos quem fez isso? — Ela se inclina para a frente para sussurrar em meu ouvido como se fôssemos confidentes de longa data. — Ouvi dizer que provavelmente foi o clã sérvio. Uma vingança por alguma briga que eles tiveram.

— Talvez. — Tomo outro gole e direciono meu olhar para a figura maciça em um terno preto no canto da sala. Assim que meus olhos caem sobre ele, meu coração começa a sangrar mais uma vez.

Alessandro tem fingido que nada aconteceu entre nós esta manhã. Ele me fodeu como se não houvesse amanhã, dando-me o melhor sexo da minha vida, e depois saiu da biblioteca sem dizer uma palavra, batendo a porta em seu rastro. Eu fiquei ali, suada e confusa, com o esperma dele escorrendo pelas minhas pernas, olhando para aquela porta sabe-se lá por quanto tempo. E chorei. Confusão. De dor. Remorso. Todas essas emoções se espalharam dentro do meu peito enquanto eu tentava entender o que diabos havia acontecido e por que ele havia saído como saiu.

Você era minha vingança, disse ele.

É só isso que eu tenho sido para ele? Uma vingança por algo que meu marido fez? Aqueles beijos e carícias eram apenas uma mentira? Sim, provavelmente eram.

Olho para a taça de vinho em minha mão e engulo. Eu me apaixonei por um homem para quem não passei de uma transa de vingança. Uma risada triste me escapa. Devo ser a maior idiota que já existiu, porque pensei que ele também tinha sentimentos por mim. Acho que é verdade o que dizem, não há nada mais cego ou estúpido do que uma mulher apaixonada.

— Bem, eu não ficaria surpresa se fossem os sérvios, — continua Eleonora. — Todos eles são absolutamente loucos. Serafina me disse que viu aquele tal de Popov cortar o dedo de um homem no balcão de sua boate. Ele fez isso na frente dos clientes. Um animal.

Eu me afasto da divagação de Eleonora e observo Alessandro. Ele está de pé com as mãos cruzadas atrás das costas, observando a multidão com uma expressão sombria no rosto. Durante toda a noite, tenho tentado evitar olhar diretamente para ele porque dói muito, mas meus olhos continuam sendo atraídos para ele como ímãs. Exatamente como estão fazendo agora.

Depois do que aconteceu na biblioteca, não o vi mais até esta tarde, quando ele me levou ao hospital para que eu pudesse cumprir meu dever de esposa e visitar meu marido. O trajeto até lá foi mais demorado do que a visita propriamente dita. Tanto Rocco quanto eu sabíamos que estávamos fazendo isso para mostrar porque, Deus nos livre, alguém poderia notar e comentar que algo estava errado entre nós. Entrei em seu quarto, entreguei as coisas que ele me pediu para levar e saí. Durou menos de dois minutos, mas ainda não foi rápido o suficiente, e eu não via a hora de sair dali.

Quando terminei essa tarefa, Alessandro me levou ao shopping, onde comprei mais roupas, e depois me levou à casa de minha mãe, onde a deixei com as coisas que comprei para a Sra. Natello. Quando voltamos para a casa, ele desapareceu em seu quarto até à hora de ir para a porra da festa.

Alessandro olha para cima e, por um breve segundo, nossos olhares se cruzam, mas ele rapidamente desvia o olhar. Isso dói. Especialmente porque nunca me senti como me senti esta manhã, cercada por seu corpo, seu hálito quente em meu rosto e seu pau dentro de mim. Eu me senti... livre. Como se nada nem ninguém pudesse me alcançar ou me machucar novamente. Sua presença era um muro impenetrável, que me protegia e me protegia do mal.

Eu deveria ter vergonha de trair meu marido, mas não tenho. Se eu pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo. Quero sentir o corpo de Alessandro junto ao meu novamente, e não se trata apenas de sexo. É por causa dele. Desde o dia em que nos conhecemos, sinto uma atração por ele. Achei que ele também sentia algo por mim. Em minha necessidade lamentável de ser amada, deixei-me ver coisas que nunca existiram. Ele só queria comer a esposa de seu chefe como *vingança*.

— Ravenna, minha querida?

— Desculpe, — desviei rapidamente o olhar do meu guarda-costas. — Eu estava perdida em meus pensamentos.

— É compreensível. Você deve estar preocupada com Rocco. Eles disseram quando ele poderá voltar para casa?

A bile sobe pela minha garganta com essa ideia. — Em algumas semanas.

— Oh, tanto tempo? Você deve sentir falta dele. Vocês dois formam um casal tão bonito. — Ela sorri e começa a dizer mais alguma coisa, mas uma gritaria irrompe em algum lugar da sala.

Eu me viro para um grupo reunido em uma das mesas, bem a tempo de ver um homem mais velho batendo o punho em outro cara.

— Eu sabia que aquele homem era um problema esperando para acontecer, — diz Eleonora ao meu lado, acenando com a cabeça para o homem mais jovem que evitou o soco e agora está respondendo com um chute no estômago do oponente.

— Quem é? — Eu pergunto.

— Damian Rossi. O irmão dele é o chefão em Chicago. — Ela sorri. — Ortensia diz que ele é uma fera na cama.

— Ele teve permissão para vir aqui? — Eu pergunto. Os membros das outras famílias da Cosa Nostra são estritamente proibidos de entrar na área de Nova Iorque sem a permissão de nosso Don.

— Ajello tem algum tipo de grande negócio com seu irmão. Damian deve ter conseguido a aprovação, que tenho certeza que será revogada em breve. Aquele homem, que está tentando estrangulá-lo, é o marido de Ortensia.

Os seguranças se aproximam de Damian Rossi, tentando dominá-lo. Em meio a todo o tumulto, o marido traído grita alguma coisa e tira a mão do paletó. Não vejo o que acontece em seguida porque uma montanha sólida de músculos disfarçada em um terno preto se materializa diante dos meus olhos. Um tiro é disparado.

Dois braços grandes me envolvem e eu me vejo com os pés pendurados do chão enquanto Alessandro me carrega pela sala. Não consigo ver para onde ele

está indo ou o que está acontecendo porque meu rosto e meu corpo estão colados à sua frente. Só consigo ouvir gritos e outro tiro em algum lugar atrás de Alessandro. Enquanto isso, ele continua caminhando casualmente em direção ao seu destino. Entendo que esse tipo de merda deve acontecer com frequência em sua linha de trabalho, mas não deveríamos correr ou algo assim quando há tiros por toda parte?

— Vamos dar um passeio? — murmuro em seu peito.

— Não.

— Talvez você possa andar mais rápido, então?

— Nenhuma bala vai atingir você, Ravenna.

É claro que não vai me atingir quando todo o meu corpo está coberto pelo dele! — Ela pode atingir você! — eu disse.

— As chances de isso acontecer são mínimas.

Atrás de nós, o caos na sala parece ter diminuído, pois agora só se ouvem murmúrios silenciosos. Eu não duvidaria se os convidados da festa já tivessem mudado da histeria para a fofoca. Os passos compassados de Alessandro param e ele me abaixa até ao chão, mas mantém os braços firmes ao meu redor.

— Não se mexa, — diz ele antes de finalmente me soltar e se virar para examinar a sala.

Não consigo ver nada além de suas costas ridiculamente largas, então me inclino um pouco para o lado para espiar ao redor dele. Damian Rossi está sendo arrastado por dois caras. Ele parece irritado, mas não está machucado. O outro homem, o marido de Ortensia, está caído em uma cadeira próxima, segurando um saco de gelo no queixo. O restante dos convidados está reunido em pequenos

grupos de três ou quatro pessoas, rindo entre si e acenando para os garçons trazerem mais bebidas. Típico.

— É seguro, — diz Alessandro.

Nem sequer olho para ele quando dou a volta e me dirijo ao bar onde Eleonora está com Pietro. A sensação de estar apertada nos braços de Alessandro não desaparece. Eu quero mais. É como um vício instantâneo que só ele pode alimentar. Eu o desprezo.

— Gin tônica, — digo ao barman e me posiciono à direita de Eleonora.

Se meu marido estivesse aqui, ele teria tido um ataque. A esposa de Rocco Pisano nunca seria vista com outra coisa que não fosse vinho. Bem, que se foda Rocco. E que se dane o *esposa de Rocco*. Sou uma pessoa independente, tenho meus próprios gostos e desgostos. E detesto vinho. Ele se esforçou ao máximo para suprimir a pessoa que sou, e eu o deixei. A cada comentário degradante, a cada pancada, eu me deixava afundar cada vez mais, até não sobrar quase nada. Foi preciso ser fodida e depois descartada pelo meu guarda-costas para que eu recuperasse a razão.

— Meu Deus, isso foi horrível, — exclama Eleonora. — Uma das balas danificou o teto. Acho que não teremos permissão para alugar este lugar novamente.

— Provavelmente não. — Dou de ombros, pego o copo que o barman colocou em uma base para mim e tomo um grande gole.

— Preciso encontrar Giancarlo. Talvez ele possa conversar com o gerente. Pietro, você pode fazer companhia à Ravenna?

— É claro. — Pietro acena com a cabeça. — Como você está se saindo, Ravenna?

— Comparado ao meu casamento, isso é apenas uma briga sem importância.

— Sim, eu me lembro daquela noite.

— Eu também. Muito bem, — eu digo.

Durante o banquete do meu casamento, os mercenários irlandeses atacaram enquanto todos estavam do lado de fora assistindo aos fogos de artifício. Várias pessoas morreram, e Rocco teve de lidar com as autoridades até de manhã. Ele chegou em casa furioso e tentou me comer. Em vez disso, ele me bateu.

— Nino me disse que Rocco perdeu um de seus seguranças na outra noite. Federico, certo? Pobre coitado, se engasgar com a comida daquele jeito.

O copo escorrega da minha mão, caindo no chão. Meu olhar se volta para Alessandro, onde ele está novamente à espreita ao lado de uma parede. Sua postura é rígida - coluna vertebral reta e olhos fixos em Pietro.

— Ravenna? Você está bem? — Pietro pergunta.

— Estou bem, — sussurro.

É apenas uma coincidência? Não pode ser. Ele me perguntou o nome do segurança que sabia que Rocco havia me batido naquela mesma noite. Meu coração dá um salto no peito. Talvez ele sinta algo por mim, afinal de contas? *Pare*. Preciso parar de pensar nele. Ele deixou bem claro seus sentimentos em relação a mim esta manhã.

— Você não me parece bem, Ravenna. — Pietro coloca sua mão em meu braço.

Fico paralisada, incapaz de mover um músculo. Mesmo sem Rocco aqui para testemunhar o toque, uma onda de pânico ainda me invade com a ideia de que

alguém vai perceber e contar ao meu marido. Esse homem me transformou em um dos cães de Pavlov.

— Quer que eu a leve para casa?

Não quero que Pietro me leve para casa. Quero que Alessandro faça isso.

— Sim, isso seria ótimo. Obrigada. — Eu sorrio.

Alessandro

Estaciono ao lado do carro de Pietro na mansão Pisano e agarro o volante até minhas mãos doerem enquanto o vejo acompanhar Ravenna até à porta da frente. Só depois que Pietro volta para o seu veículo e sai da garagem é que me permito sair do carro. Caso contrário, eu teria quebrado seu pescoço. Eu esperava que transar com Ravenna fosse tirá-la do meu sistema, me curar da maldita obsessão que desenvolvi por ela, mas isso só piorou as coisas.

Não consigo me orientar no que diz respeito a essa mulher. Talvez eu a odeie, mas meu pau diz que não. As coisas que ela me faz sentir são algo que nunca experimentei antes. Nem mesmo com Natalie. Eu amava minha esposa. Mas com Ravenna, minha necessidade por ela não é mais um desejo que eu possa negar. Ela se alojou em minha pele, uma tatuagem em minha psique. Quando foi que protegê-la se tornou mais importante do que matá-la para executar meu plano? Salvar uma mulher significa que estou traindo outra, traindo a promessa que fiz em seu túmulo. Mas tirar a vida de Ravenna? Posso muito bem apontar a arma para minha própria cabeça.

Subo os degraus de pedra e entro na mansão. É quase meia-noite, então não há ninguém por perto enquanto caminho pelo corredor até meu quarto. Uma vez lá dentro, tiro a jaqueta e o coldre e pego as plantas da casa, espalhando o esquema sobre a pequena escrivaninha em um canto. Preciso fazer algo que me faça parar de pensar em Ravenna.

Duas horas depois, após cometer o nono erro ao marcar os pontos fracos do andar térreo, jogo a caneta do outro lado do quarto e empurro os papéis para longe.

Saindo do meu quarto, passo pelo saguão vazio e subo a escada para o segundo andar. Já é noite e, além do tique-taque do relógio de pêndulo no patamar, a casa está silenciosa. Viro à esquerda e sigo pelo corredor, parando na porta do quarto de Ravenna. A maçaneta está fria sob minha palma quando a giro com cuidado, abrindo a porta um pouco. Ravenna está dormindo, com seus longos cabelos espalhados pelo travesseiro. Um cobertor branco e fofo está emaranhado a seus pés.

Eu me aproximo da cama e estendo a mão para mover um fio que caiu sobre seu rosto e pescoço. Não faz muito tempo, eu me imaginava cortando aquela garganta delicada e vendo seu sangue jorrar. Mas e agora? Agora, só a ideia de alguém machucá-la de alguma forma me deixa completamente feroz.

Quando consegui este emprego e vim para cá, parecia que tudo seria muito fácil. Eu tinha uma meta e uma maneira de alcançá-la. Mas eu não contava com Ravenna Pisano e seus tristes olhos verdes para atrapalhar tudo.

Preciso de outra distração. Qualquer coisa que tire minha mente de Ravenna. E preciso seguir em frente com meu plano. Reavaliar e adaptar, fui treinado para fazer isso. Nenhum plano sobrevive ao contato com o inimigo. Então, é hora de mudar.

Para bagunçar o negócio de construção do Rocco, será necessário foco e dias de preparação, mas, no momento, estou muito abalado para lidar com qualquer coisa que exija isso. Preciso de sangue. Agora! Parece que chegou o momento de o pai de Rocco morrer. Infelizmente, Pisano não estará lá para assistir.

Não tive a chance de estudar a casa de Elio Pisano e não conheço o movimento dos seguranças. Pelo que vi enquanto escoltava Rocco e Ravenna até lá, os sistemas de alarme são muito básicos, mas toda a propriedade é fortemente

vigiada. Seria muito arriscado tentar me infiltrar nela sem um reconhecimento suficiente das patrulhas. Mas isso não importa.

Dando uma última olhada no rosto adormecido de Ravenna, puxo o cobertor sobre ela e saio silenciosamente do quarto.

* * *

A casa de Elio Pisano está aninhada entre duas outras casas. Na casa da esquerda, as lanternas do jardim estão acesas, mas o gramado ao redor da casa da direita está envolto em escuridão. Serve.

Uso o portão destrancado do jardim para entrar na propriedade do vizinho e me arrasto ao longo do muro que a conecta à propriedade de Elio Pisano, aproximando-me da árvore de bordo que está crescendo sobre a divisão. Seus galhos rangem e se dobram sob meu peso enquanto subo para examinar os arredores.

Há dois guardas no portão principal, mas nenhum ao longo do perímetro externo. Dentro dos muros da cerca, no entanto, há pelo menos cinco homens patrulhando o terreno, e outros estão posicionados na porta da frente. Não vejo nenhuma câmera de monitoramento, exceto a que está no portão, que parece ser a única entrada da propriedade.

Desço novamente da árvore e caminho ao longo da parede da cerca até chegar ao local que escolhi como ponto de entrada, retirando o gancho e a corda da minha mochila. Durante minhas missões com a unidade Z.E.R.O. sempre usamos lançadores de última geração movidos a pressão, mas eles foram projetados para

garantir o acesso a locais muito altos e tendem a ser muito barulhentos. Paredes de casas comuns exigem equipamentos antigos.

São necessárias três tentativas até que o gancho encontre seu lugar. Usando a corda, escalo a parede lisa, jogo o gancho no chão do outro lado e depois pulo para baixo.

A maior parte do pátio é bem iluminada, mas há árvores e arbustos decorativos espalhados. Eu os uso para me proteger enquanto me dirijo a uma porta desprotegida na parte de trás da casa. Estou quase lá quando um segurança dobra a esquina e para em frente à entrada. Quando ele não sai depois de cinco minutos, uso as sombras e a folhagem para chegar a um canto do prédio. O guarda está de costas para mim e olha para o celular. Eu me aproximo dele por trás, pressiono a palma da mão sobre sua boca e coloco meu outro braço em volta de seu pescoço. O homem se debate e tenta se libertar, mas eu aperto meu braço com mais força, quebrando seu pescoço.

Coloco o corpo atrás de um arbusto e pego em minha mochila o bloqueador de alarme compatível com o sistema de segurança que vi instalado na casa de Elio Pisano. Um minuto depois, estou lá dentro.

O layout da casa é semelhante ao da casa de Rocco - enorme saguão e escadaria de madeira igualmente decorativa, com pinturas a fresco no teto. Uma rápida olhada ao redor confirma que não há ninguém nas proximidades. As escadas rangem sob minhas botas quando subo para o segundo andar e viro à esquerda. Todos os quatro quartos desse lado estão vazios, então volto para o outro lado quando ouço passos e o rangido das tábuas do assoalho. Encosto minhas costas na parede e pego minha faca.

Um homem vestido de mordomo entra no patamar. Não faço ideia do que ele tem a fazer para andar pela casa às três da manhã, mas hoje não é seu dia de sorte. Agarro a parte da frente de seu paletó e, ao mesmo tempo, golpeio a faca no pescoço. O sangue jorra sobre minha mão enquanto seu corpo se contorce algumas vezes. Carrego o mordomo morto para um dos quartos vazios e depois continuo minha busca.

Encontro Elio Pisano no quarto mais distante. Ele está esparramado no meio da cama de quatro colunas, vestindo apenas cueca boxer - roncando. Pegando o bolso do meu colete tático, retiro uma pequena caixa que contém uma seringa e me aproximo da cama.

Por alguns instantes, fico apenas observando o pai de Rocco, curtindo a emoção do que virá, depois cubro sua boca com a palma da mão e enfio a agulha em seu pescoço. Os olhos de Elio se abrem e eu me deleito com o pânico que vejo neles. Sua mão se abre, agarrando meu antebraço, mas cai de volta em seu peito. Flácida, como o resto de seu corpo.

Tiro minha mão de sua boca e observo seus olhos esbugalhados enquanto olham para a agulha hipodérmica vazia em minha outra mão.

— É um coquetel conveniente, — digo enquanto coloco a hipodérmica de volta na caixa. — Os militares o usam às vezes. Ele paralisa o corpo para que a pessoa não possa se mover ou falar.

Solto a faca da minha coxa e coloco a ponta da lâmina na ponta do polegar dele.

— Quer saber qual é a parte divertida? Ela não anestesia a dor. — Eu sorrio e corto uma parte da carne de seu dedo.

Somente uma vez eu vi um homem gritar com os olhos. Foi há mais de uma década, quando Kai se ausentou após uma missão, e Kruger decidiu lhe dar uma lição. Ele encheu Kai com o mesmo coquetel que acabei de usar em Elio e o esfaqueou aleatoriamente. Mas há uma grande diferença entre aquela época e agora. A expressão nos olhos de Kai mostrava um grito de fúria. Os olhos de Elio mostram apenas terror.

— Deixe-me lhe contar uma história. — Subo a faca pela mão e pelo antebraço de Elio, fazendo uma incisão superficial enquanto arrasto a ponta. O suficiente para infligir uma dor significativa sem a possibilidade de fazê-lo sangrar. — É a história de uma mulher que estava dando um passeio matinal pela vizinhança porque gostava do cheiro das árvores floridas na primavera.

Paro quando chego ao cotovelo dele. Há certas partes do corpo em que os nervos próximos à superfície são mais sensíveis à dor. Pontas dos dedos. Os joelhos. O arco de um pé. A tíbia. Cotovelos. Enterro a ponta da faca no centro do dele, bem no meio do nervo ulnar.

— Um homem em um carro incrementado passou no sinal vermelho e atingiu a mulher quando ela atravessava a rua, — continuo enquanto torço a faca em sua carne. — Ele estava bêbado e dirigia acima do limite de velocidade. E fugiu do local sem nunca olhar para trás.

Minhas narinas se enchem com o cheiro de urina. Quando olho para cima, os olhos de Elio estão injetados de sangue e uma fina camada de suor cobre sua testa. Inclino-me sobre ele e levo a faca até ao pescoço, deixando um rastro vermelho e fino.

— E o pai do motorista - um capo recém-formado tentando impressionar o novo Don de Nova York - certificou-se de encobrir tudo tão bem que levei anos para encontrar o culpado.

Deslizo a ponta da faca pelo pescoço dele, mantendo o corte raso, depois faço uma linha para baixo e paro logo acima do coração. Quando a faca está no lugar, inclino a cabeça até que minha boca esteja bem perto de sua orelha.

— Aquela mulher era minha esposa, — sussurro. — Enquanto estiver morrendo em uma poça de seu próprio sangue e mijo, pense no que farei com seu filho.

Agarro a faca com mais força e a enfio em seu coração, até o cabo.

Ravenna

O som de uma maçaneta girando e o ranger do assoalho de madeira sob passos lentos me acordam. Meus olhos se abrem, mas não me atrevo a me mexer. Por um momento, acho que é Rocco, vindo para se impor sobre mim. Então, lembro que ele não está aqui. Eu me sento na cama, segurando as cobertas contra meu peito, e noto Alessandro na poltrona reclinável perto da porta da varanda. Com base na luz pálida que entra pela janela, deve ser de manhã cedo. Ele não parece ter dormido nada, e a roupa estranha que está vestindo não me deixa dúvidas.

— O que você está fazendo no meu quarto? — pergunto, examinando seu traje de calça cargo preta e camisa de mangas compridas. Um colete militar preto está pendurado no braço da poltrona reclinável. A não ser na biblioteca, durante minhas aulas de autodefesa, nunca o vi usar nada além de ternos.

Alessandro não responde, apenas continua olhando para mim.

— Vá embora, — eu disse. — Você conseguiu o que queria ontem. Isso não vai acontecer de novo. Saia.

Suas narinas se dilatam e um gemido gutural sai de seus lábios. Baixo meus olhos para suas mãos. Ele está segurando os braços da poltrona reclinável, com o corpo tenso. As mangas de sua camisa estão enroladas até os cotovelos, revelando os músculos tensos de seus antebraços. Manchas vermelhas escuras marcam o dorso de sua mão direita e os dedos.

— Isso é sangue?

— Sim, — ele diz com os dentes cerrados. — Eu estava tentando me distrair.

— Que tipo de distração deixa uma pessoa com sangue até os cotovelos?

— Do tipo que mata.

Eu pisco para ele, esperando que o terror corra pela minha espinha. Isso não acontece. A ideia de meu marido estar em casa me faz querer correr e me esconder, mas o fato de Alessandro estar sentado a poucos metros de mim, depois de aparentemente ter acabado com a vida de alguém, não me assusta nem um pouco. As únicas coisas que me aterrorizam são a necessidade de me enrolar em seu colo e a crença de que isso tornará tudo melhor.

— E por que você precisou de uma distração tão extrema? — pergunto.

— Para parar de pensar em você, Ravenna. — Ele se levanta da poltrona e dá alguns passos até ficar aos pés da minha cama. — Receio que não tenha funcionado.

Ele agarra a borda da colcha. O tecido escorrega de minhas mãos quando ele o puxa e o joga para o lado. Durante o sono, minha camisola subiu até à cintura, deixando à mostra minha calcinha azul rendada. Minha respiração se acelera quando os olhos de Alessandro sobem lentamente pelo meu corpo e param na minha boca.

— Você gosta de Pietro? — ele pergunta sem tirar o olhar dos meus lábios.

— Ele era amigo do meu pai e sempre foi legal comigo.

Os olhos de Alessandro se movem para cima, encontrando os meus. — Deixe-me refazer a pergunta. Você quer que ele continue respirando?

— Sim.

— Nesse caso, por favor, não peça a ele para trazê-la para casa novamente.

Seus olhos deslizam novamente para baixo e descansam entre minhas pernas.

Mordo o lábio inferior e me inclino para trás na cama, deslizando a mão para dentro da calcinha. — Por que você se importa com quem me leva para casa?

— Não quero, — ele grita enquanto agarra meus tornozelos e me puxa para a ponta da cama.

A sensação de sua pele na minha enquanto suas palmas sobem lentamente pelas minhas pernas faz com que arrepios se espalhem por todo o meu corpo. Eles seguem o caminho de sua carícia enquanto ele prende os dedos nas laterais da minha calcinha e encontra meu olhar. Seus olhos são duas piscinas escuras, e uma tempestade está se formando em suas profundezas.

— Diga-me para parar, — diz ele em uma voz tensa.

Pressiono meus lábios fechados e levanto os quadris em convite.

Algo brilha em seus olhos. A tempestade se dissipa por apenas uma fração de segundo, permitindo que eu vislumbre os segredos ocultos. Eles estavam lá em um momento e desapareceram no momento seguinte, obscurecidos mais uma vez pela paixão e pelo desejo. Não tive tempo de entender o que eram, pois seus segredos permanecem trancados.

Depois de tirar o material rendado, Alessandro se ajoelha no chão e enterra o rosto entre minhas pernas.

Um gemido me escapa ao primeiro toque de sua língua em minha fenda. Nunca havia experimentado sexo oral antes, nem sequer cogitado a possibilidade. É muito carnal. Exposto. Eu não achava que me sentiria à vontade para deixar um homem fazer algo tão pessoal.

Outro movimento lento e então sinto a língua de Alessandro deslizando em meu âmago. Deslizo meus dedos sobre seus cabelos curtos e me abro mais para lhe dar maior acesso.

— Mais rápido, — eu choramingo.

Ele ignora minha súplica e continua no mesmo ritmo, deslizando lentamente a língua para dentro e para fora. Torturando-me. Suas palmas acariciam minhas coxas, minha pele queima em todos os lugares que ele toca. Quando chega aos meus tornozelos, ele afasta minhas pernas, abrindo-me ainda mais.

— Há dias que imagino fazer isso, — diz ele entre uma lambida e outra. — Comer sua linda boceta. Ver se ela é tão doce quanto eu suspeitava.

— E é? — pergunto, absolutamente chocada com minhas palavras.

— Sim. Ainda mais doce do que em minhas fantasias. Um fruto proibido, que certamente me levará direto para Hades, agora que ousei prová-la. — Posso sentir seu hálito em minha pele enquanto ele inala meu perfume. — Estou condenado.

Um tremor começa na base da minha espinha e depois me invade como uma onda enquanto ele se delicia com minha boceta, cada passada de língua um pouco mais rápida que a anterior. Ele move a mão esquerda ao longo da parte interna da minha coxa e desliza o dedo para dentro de mim, enquanto continua a me atormentar com sua boca. Minhas costas se arqueiam enquanto eu respiro fundo. A umidade se acumula entre minhas pernas, pingando sobre seu rosto

enquanto eu tremo. Alessandro continua a lamber, deslizando seu dedo ainda mais fundo.

— Goze para mim, meu anjo de olhos esmeralda, — ele sussurra entre as lambidas e pressiona os lábios em meu clitóris, chupando-o.

Uma luz branca explode por trás de minhas pálpebras fechadas. Alessandro continua a violar meu clitóris e, quando começo a ficar completamente fora de mim, ele insere outro dedo.

Eu grito.

É barulhento e selvagem. Um grito de paixão, mas também de liberdade. O grito extático de uma alma liberada, finalmente livre de seus grilhões.

Alessandro deposita um beijo em minha boceta e tira os dedos, levantando-se. Ainda estou tremendo com os tremores secundários quando ele pega o cobertor do chão e me cobre com ele. Em seguida, ele se vira e vai em direção à porta.

— Para onde você está indo? — Eu pergunto.

Ele para com a mão na maçaneta, mas não se vira.

— De volta ao meu inferno pessoal, Ravenna.

Capítulo 16

Ravenna

Quando saio do meu quarto para descer para o café da manhã, a empregada dobra a esquina e vem correndo em minha direção. — O guarda do portão acabou de ligar, Sra. Pisano. O Sr. Nino está vindo para vê-la.

— Ele disse por quê?

— Não. Ele acabou de dizer que é urgente.

Corro pelo corredor e desço as escadas, imaginando o que poderia ter acontecido. A empregada entra correndo na minha frente e abre a porta da frente.

— Ravenna. — Nino acena com a cabeça ao entrar. — Precisamos conversar.

— O que aconteceu?

— Não aqui, — diz ele em uma voz grave.

— Está bem. — Eu o conduzo pelo saguão até o escritório de Rocco e fecho a porta deslizante quando entramos. Nino se senta no sofá de couro perto da janela e se inclina para a frente com os cotovelos nos joelhos.

— Elio está morto, — diz ele.

Pisco em confusão e me ajoelho na poltrona reclinável em frente a ele. — Eu não sabia que ele estava doente. Nós o vimos há cerca de uma semana e ele parecia bem.

— Ele não morreu de causas naturais. Alguém invadiu sua casa na noite passada e o matou em sua cama. Parece que o torturaram primeiro.

Aperto os braços acolchoados da cadeira enquanto a imagem da mão manchada de sangue de Alessandro passa diante de meus olhos. A mesma mão que acariciou minha pele enquanto ele se deliciava com minha boceta duas horas antes. Sinto que estou ficando úmida e rapidamente pressiono meus joelhos juntos, um pouco chocada com a reação do meu corpo.

— Como ele morreu? — Eu pergunto.

— Uma faca no coração.

— Você sabe quem fez isso?

— Não faço ideia. — Ele balança a cabeça, e eu consigo esconder um suspiro de alívio. — Podem ter sido os sérvios. Rocco acredita que eles são responsáveis pelo assassino que atirou nele, por isso enviou mercenários para atacar a boate de Popov na noite passada. Os sérvios poderiam estar retaliando o ataque à boate, mas o momento é muito apertado. Não há como eles terem feito isso.

— Rocco sabe que seu pai está morto?

— Não. Acho que seria melhor se você lhe contasse.

Mal reprimo um estremecimento. — Sim, vou para o hospital assim que estiver pronta.

— Ótimo. E certifique-se de não sair de casa sem Alessandro até descobrirmos o que está acontecendo, — diz ele. — Eu me encarregarei de sair.

Quando Nino sai, volto ao meu quarto para trocar de roupa e colocar uma calcinha nova. Mas, quando estou em frente à gaveta de roupas íntimas, sinto

um desejo incomum de me rebelar. Olho para a calcinha nova que tirei, jogo-a de volta e fecho a gaveta. Como vou ter com meu marido, farei isso enquanto carrego a evidência de minha atração por outro homem.

Escolho uma calça pêssego claro e uma jaqueta que compõem um dos poucos trajes que realmente gosto de usar. Rocco prefere que eu use cores fortes, como preto e vermelho. A única razão pela qual ele me deixou ficar com esse conjunto é por causa dos grandes botões dourados da jaqueta que mostram o logotipo da marca.

Minha bolsa está sobre a cômoda e, quando a pego, sinto uma repulsa enorme ao vê-la. Outras mulheres usam as bolsas para carregar seus itens mais importantes. Documentos. Carteira. Seu telefone. As únicas coisas que tenho na minha bolsa são uma pequena bolsa de maquiagem, que passei a odiar, e dois pacotes de lenços de papel. Minhas identidades estão trancadas no cofre de Rocco e não tenho permissão para levar dinheiro. Geralmente deixo meu celular na mesa de cabeceira. Qual é o sentido de carregá-lo quando não posso ligar para ninguém, exceto meu marido? Minha bolsa é apenas mais um lembrete das coisas que ele me tirou. As coisas que eu deixei que ele me tirasse. Meu olhar se move da bolsa para o espelho acima da cômoda. Concentro-me em meu reflexo, observando os grandes brincos de diamante, refletindo a luz das pedras e do ouro cintilante. Meus longos cabelos estão presos em um coque alto, perfeitamente apertado, e uma maquiagem pesada cobre meu rosto.

— Quem é você? — Eu sussurro. A mulher no espelho se parece comigo, mas não temos nada em comum.

Não há resposta, é claro. Fico olhando para a estranha por um longo tempo, tentando encontrar mais semelhanças do que apenas as linhas do meu rosto,

mas não consigo. Aquele desgraçado fez com que eu me perdesse junto com todo o resto.

Com uma última olhada em meu reflexo, pego meu casaco da cadeira e, ao mesmo tempo, tiro os grampos do meu coque com a mão livre.

Quando me dirijo à escada, a cadência constante dos meus saltos é ecoada pelos delicados pings dos grampos batendo no chão enquanto eu os tiro um a um. Quando chego ao patamar superior, um rastro de pequenos grampos pretos leva de volta ao meu quarto.

Alessandro está no pé da escada, com um olhar sombrio no rosto. Esta manhã, ele me devorou como um homem faminto que faz sua primeira refeição em semanas e depois desapareceu. Não consigo parar de pensar em sua frase de despedida. Ele disse que estava voltando para seu inferno pessoal. O que ele quis dizer com isso? Eu sou a esposa de seu inimigo, mas não havia nenhuma alegria, satisfação ou triunfo em seu tom. Ele parecia derrotado. Há algo mais acontecendo.

Meu olhar se move dos olhos de Alessandro para seus lábios. Ele ainda pode sentir meu gosto? Ele entrará em meu quarto novamente esta noite? A sensação de sua boca em minha boceta ainda permanece. Foi mais do que o ato sexual em si que me abalou profundamente. Foi a maneira como ele me tocou - como se eu fosse uma coisa preciosa e valiosa. Ele disse que me odeia. Até planejou me matar. Suas carícias me dizem o contrário.

Estou ciente de como um homem violento e raivoso age mais do que eu jamais quis saber. Posso sentir um, mesmo através de seus sorrisos e fingimentos. Apesar das palavras hostis de Alessandro, meu instinto de autopreservação não foi acionado. Nem mesmo quando ele colocou seus dedos em volta do meu pescoço durante a demonstração de autodefesa. Ter sua mão enorme em volta da minha

garganta me emocionou. Há algo tão sedutor em dar a um homem como Alessandro esse tipo de poder sobre mim. Como ele poderia facilmente ter quebrado meu pescoço se quisesse, mas, em vez disso, seu toque me fez sentir segura. Protegida. E isso me excitou.

Porque sei que ele não machucaria nem um fio de cabelo da minha cabeça.

* * *

— Por que diabos você saiu de casa com essa aparência? — Rocco rosna da cama. — Você não é uma maldita camponesa que anda por aí com o cabelo espetado em todas as direções!

Enfio as mãos nos bolsos do meu casaco para que ele não as veja tremendo e respiro fundo. — Preciso lhe dizer uma coisa.

— Não estou nem aí! — Seu rosto fica vermelho quando ele ruge e se inclina sobre a lateral da cama, apontando para a porta do banheiro com a mão boa. — Vá para o banheiro e arrume seu cabelo!

— Não há nada de errado com meu cabelo, — eu digo. — Nino me pediu para lhe passar algumas informações.

— Que informações?

— Seu pai está morto.

O corpo de Rocco fica imóvel, e várias emoções passam por seu rosto. Choque. Negação. E então, uma excitação quase imperceptível que ele está se esforçando para esconder.

O relacionamento que meu marido tinha com o pai sempre foi ambíguo. Por um lado, ele reverenciava Elio e buscava incessantemente sua aprovação, enquanto, por outro, desprezava o pai por nunca demonstrar-lhe respeito. Em público, Elio sempre se vangloriava de que Rocco era um dos homens de maior confiança do Don, mas, a portas fechadas, ele gostava de falar mal do filho, dizendo que ele não era bom o suficiente para se tornar um subchefe.

— Como ele morreu? — ele pergunta.

— Ele foi morto em sua casa na noite passada.

Os olhos de Rocco se arregalam incrivelmente. — Você está mentindo!

— Não estou.

O rosto de Rocco fica ainda mais vermelho, suas narinas se dilatam e a veia em seu pescoço pulsa. Ele pega o celular, que está sobre a cama, e o arremessa contra mim como um garoto mal-humorado. Percebo sua intenção a tempo e dou um passo para o lado, deixando o celular bater na porta e cair no chão. Meus olhos não se desviam da forma indignada de Rocco enquanto me agacho e pego o celular.

— Esta é a última vez que você faz isso, — eu digo. — Cansei de ser seu saco de pancadas. Da próxima vez que você levantar a mão para mim, eu vou direto para o inferno.

— Sua vadia nojenta! Eu vou lhe mostrar.

Atiro o telefone nele com toda a minha força, e a emoção me enche quando o telefone o atinge no peito. Rocco se agarra à lateral da cama, gritando e sacudindo a grade. Eu simplesmente me viro e saio do quarto.

Alessandro está sentado na sala de espera, do outro lado de um longo corredor, mas se levanta quando me vê chegar.

Paro, fico de frente para ele e olho para cima. — Posso ter outra aula de autodefesa amanhã de manhã?

Os olhos de Alessandro se estreitam. Ele me observa por alguns instantes e depois acena lentamente com a cabeça.

Alessandro

Saímos do hospital e nos dirigimos ao meu carro quando um motociclista, dirigindo muito rápido pelo estacionamento, para poucos metros à nossa frente. Sua moto é totalmente preta, exceto pelo desenho proeminente no painel da carroceria - uma caveira branca com uma cruz grossa na testa. Que droga. Agarro o pulso de Ravenna e a puxo para trás de mim.

— Não se mova, — eu digo, mantendo o motociclista em minha visão. — Confirme que você entendeu, Ravenna.

O silêncio se estende por alguns instantes antes de ela responder: — Sim.

O piloto desmonta a motocicleta e tira o capacete. Meus olhos se fixam nele enquanto ele se aproxima de nós com passos lentos e compassados até ficar diante de mim.

— Zanetti. Seu comprador ficou satisfeito com o produto? — Sua voz acentuada é firme e calma.

— Eles serviram ao seu propósito, — eu digo. — O que está fazendo aqui, Drago?

Drago Popov olha para o prédio do hospital, concentrando-se na janela de Rocco Pisano. — Tenho algumas contas a acertar.

Então, ele sabe que Rocco está por trás do ataque ao seu clube. Perfeito, porra. — Receio que isso não seja possível.

— Como assim?

— Essa conta é mantida em reserva. Por mim. — Olho fixamente para o líder sérvio e sei que ele entende o que acontecerá se ele se aproximar de um homem que é meu para matar. As pessoas passam por nós quando entram e saem do hospital, mas ninguém presta muita atenção à nossa conversa.

— Dívida pessoal? — ele pergunta.

— Sim.

— Você tem um cronograma para liquidar a conta?

— Em uma semana.

Popov lança outro olhar para a janela de Rocco, depois acena com a cabeça e volta para sua motocicleta.

— Você tem sete dias, Zanetti. E isso se aplica somente a ele. Não aos outros envolvidos no ataque à minha propriedade e ao meu povo. — Ele coloca o capacete na cabeça, sobe em sua moto e parte.

— Quem era? — Ravenna pergunta atrás de mim.

— Más notícias.

Um leve toque delineia as costas de minha mão quando ela passa a ponta do dedo ao longo dela e, em seguida, junta seu dedo mindinho ao meu. Fecho os olhos e respiro fundo, esperando que isso sufoque a necessidade de tomá-la em meus braços. Isso não pode acontecer.

Esta manhã, depois de voltar para o meu quarto, fiquei olhando para o teto por horas enquanto fazia alterações mentais em meu plano. A ideia de mexer com a mente de Rocco por várias semanas se desintegrou em pó. A ideia de amarrá-lo a uma cadeira enquanto eu o torturava à vontade - foi-se. Preciso encontrar uma maneira de entrar em seu quarto de hospital e acabar com ele lá. Sua

morte será rápida demais, e isso me irrita, me faz querer bater em alguma coisa, mas não há outro jeito. Não posso esperar até que ele receba alta. Para preservar minha sanidade, Rocco Pisano precisa morrer o mais rápido possível. E então, eu vou embora. Posso tentar racionalizar essa decisão, encontrar uma desculpa para mim mesmo, mas isso não mudará a verdade - estarei fugindo.

Passei uma década completando as missões secretas mais perigosas. Fui alvejado tantas vezes que perdi a conta. Fui mantido em cativeiro e torturado duas vezes. Na última vez, consegui escapar por conta própria e, basicamente, arrastei meu corpo coberto de sangue de volta à base. E, além disso, quase fui explodido em pedacinhos em mais de uma ocasião. Depois, vieram meus anos com a Cosa Nostra. Eu também não chamaria isso de um ambiente de trabalho seguro. O número de pessoas que matei até agora está na casa dos três dígitos. Mais de quinze anos de violência e morte, e eu nunca fugi de um campo de batalha.

Até agora.

E eu estarei fugindo, não de um inimigo mais formidável, mas de uma mulher com olhos de esmeralda. Suas profundezas de cristal estão me atraindo, e não tenho forças para resistir à captura.

— Vamos, — digo e me dirijo ao meu SUV na outra extremidade do estacionamento, segurando firmemente o dedo mindinho de Ravenna com o meu.

Ela se põe ao meu lado, enquanto o vento agita seus fios negros e sedosos no ar.

Capítulo 17

Alessandro

— Você não está rodando o suficiente, — eu digo e solto meu aperto no cabelo de Ravenna. Uma rápida olhada em meu relógio de pulso me diz que ainda temos algum tempo antes que a equipe da casa chegue em uma hora. — De novo.

Estamos praticando movimentos de defesa contra um ataque pela retaguarda há vinte minutos. Toda vez que eu puxo as tranças dela, mesmo que eu faça isso levemente e saiba que não estou realmente machucando-a, isso me mata. Esse é um dos ataques mais comuns que uma mulher pode sofrer, e é importante que ela aprenda a se defender dele. Rocco nunca mais a machucará, mas é bom que ela tenha esse treinamento de qualquer forma. O mundo está cheio de idiotas.

Uma fúria assassina se acende em meu estômago no momento em que esse pensamento se forma. Ela não deveria precisar se defender de ninguém, nunca.

— Alessandro?

Levanto a mão e enrosco meus dedos em seus fios, mas, em vez de torcê-los, deixo minha palma deslizar pelos comprimentos sedosos. Ravenna. O nome combina com ela.

Ela se vira, as mãos escapam do meu alcance, causando uma dor quase física no meu peito pela perda daquele pequeno contato. O que devo esperar

quando Rocco estiver morto e for a hora de eu partir? Estendo a mão e traço a linha de seu queixo. E se alguém se atrever a machucá-la novamente e eu não estiver lá?

— Vou embora em breve, — digo.

Ravenna respira fundo, mas não diz nada enquanto prende seus olhos nos meus.

— Não precisa se preocupar, — continuo. — Mesmo sem mim, você estará segura. Sempre. Vou me certificar disso.

— Interessante. Você mantém a salvo todas as pessoas que odeia?

— Não. — Eu cerro os dentes. — Só você.

Ravenna

Observo o turbilhão nos olhos de Alessandro. Tenho me concentrado demais em suas palavras cruéis e em seu comportamento, acreditando que ele não dá a mínima para mim. Eu deveria ter prestado mais atenção em seus olhos. É fácil mentir com palavras e ações, mas os olhos sempre revelam a verdade. E não há ódio em seus olhos agora. Ele já não existe há algum tempo. Uma emoção diferente se esconde em meio à raiva e à frustração. É o desespero. Não sei o que está acontecendo naquela cabeça dura dele ou os motivos de suas mentiras.

— São para o meu bem ou para o seu? — pergunto.

— O quê? — Seu polegar desliza até o canto da minha boca, traçando o formato dos meus lábios.

— As mentiras, Alessandro. Elas são para mim ou para você?

Sua mão se detém e seu corpo se enrijece diante de minhas palavras.

— São para mim, — diz ele. Sua voz sai sombria.

Quero deixá-lo com suas falsidades, mas não consigo me afastar. Ele irá embora em menos de uma semana, assim que matar meu marido. Posso ter perdido a faculdade, mas estou longe de ser burra. A conversa que ele teve com o motociclista revelou o suficiente para que eu pudesse juntar dois mais dois.

A ideia de ver Rocco morto deveria me animar porque finalmente estarei livre. Mas, em vez de me deleitar com esse futuro esperançoso, a única coisa que sinto é pavor. Com a morte de Rocco, Alessandro também irá embora.

— Quer saber? — Eu me aproximo um pouco mais, colando-me a ele. A prova de sua falta de indiferença aperta meu estômago. — Tanto você quanto suas mentiras podem ir para o inferno.

Eu me viro, com a intenção de abandoná-lo, assim como ele fez comigo, quando seu braço envolve minha cintura, puxando-me para junto de seu corpo.

— Já estou no inferno, Ravi, — sua mão livre desliza para dentro do cós do meu short e toca minha boceta. — Já estou lá há algum tempo.

Um gemido me escapa, e eu agarro seu antebraço enquanto seu dedo desliza para dentro de minhas dobras, provocando, aprofundando a cada passada. Seu polegar se move para o meu clitóris, aplicando uma pequena pressão.

— Minha descida começou no momento em que coloquei meus olhos em você. — Outro toque em minha boceta, e então ele me levanta do chão e me leva para o outro lado da sala. — E a cada olhar, a cada toque delicado, eu caía ainda mais no abismo.

Ele para em frente ao banco almofadado em frente à estante de livros, deixando meus pés tocarem o estofamento macio e mantendo seu dedo enterrado profundamente. Seu hálito se espalha pelo meu cabelo e faz cócegas na minha nuca enquanto ele sente o meu cheiro. Com a outra mão, ele tira meu short e minha calcinha do corpo.

Eu gemo quando seu dedo sai da minha boceta, mas gemo ao sentir seu enorme pau na minha bunda. Com as mãos trêmulas, agarro a estante diante de mim, apoiando-me em sua forma sólida.

Um beijo pousa no meio das minhas costas. De forma excruciantemente lenta, seus lábios deslizam pela minha coluna, até as omoplatas. Minha respiração fica presa a cada toque reverente enquanto aguardo o que virá a seguir.

Pressiono minha testa contra a estante e amplio minha postura. As palmas ásperas de Alessandro contornam minha caixa torácica e descem pelo meu estômago até o meu monte. Cada célula do meu corpo está zumbindo, uma bobina apertada pronta para se soltar. Tudo o que eu preciso é tê-lo dentro de mim. Quando seu pau finalmente desliza para dentro de mim, eu quase gozo naquele exato momento. Minha boceta se aperta em torno de sua circunferência e tremores tomam conta do meu corpo, tornando difícil ficar de pé. Solto a estante e envolvo meus dedos em seu pulso direito para guiar sua mão até minha garganta.

— Quero que você me abrace aqui, — sussurro.

Se fosse outra pessoa que não ele, eu teria vergonha de pedir. Com medo de que pensassem que sou um caso perdido, danificada e fodida da cabeça, implorando para ser tratada da mesma forma que meu marido abusivo me trata.

O corpo de Alessandro se imobiliza atrás de mim. — Por quê?

— Porque ter sua mão em volta do meu pescoço e saber que você nunca me fará mal me excita, — eu digo. — Isso me faz sentir segura.

Ele não se move por mais alguns instantes, mas então seus dedos grandes envolvem minha garganta. — Assim?

Sua pegada é muito frouxa, quase não existe. Eu gostaria que fosse mais firme.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Ravi, — ele diz bem perto do meu ouvido.

— Preciso que fique um pouco mais apertado. Por favor. — Eu ofego, depois mordo meu lábio. — Você acha que sou louca por pedir?

— Nunca mais diga isso, Ravenna. — O aperto em meu pescoço se torna mais forte, fazendo-me gemer. — Melhor?

Um agradável arrepio percorre meu corpo. Aceno com a cabeça.

— Ótimo. Desde que você não me peça para machucá-la, eu lhe darei tudo o que quiser. Mas devemos ter algumas regras. Se for demais e você precisar que retire minha mão, me diga imediatamente.

— Está bem.

— Boa menina. — Ele beija a concha da minha orelha e continua a bombear sem pressa.

Ele é tão grande que, mesmo com a lentidão, eu ainda sinto falta de ar a cada golpe. Sua mão em meu pescoço torna a sensação mais emocionante. Minhas pernas tremem, ameaçando se transformar em gelatina, e preciso me segurar na estante com toda a minha força ou corro o risco de perder o equilíbrio. Quando ele me preenche completamente, fecho os olhos e uma respiração estável sai de meus pulmões.

Alessandro se detém, com a mão direita ainda em minha garganta, enquanto sua outra mão desliza para cima e sobre meu quadril.

— Desconfortável? — ele pergunta enquanto aperta gentilmente minha lateral.

— Só um pouco, — sussurro. É mais intenso quando ele me pega por trás.

— Eu vou melhorar isso.

Sua mão desliza novamente para baixo, com um dedo longo deslizando entre minhas dobras. Ele faz círculos em meu clitóris, com movimentos vagarosos e controlados, enquanto sua outra mão acompanha as carícias em meu pescoço.

Minha respiração fica mais acelerada e, a cada respiração, a sensação de seu pau inchado dentro de mim aumenta.

As fricções em círculos ao redor do meu clitóris ficam mais rápidas, e cada toque em meu âmago é um pouco mais profundo. Seus dedos em meu pescoço seguem um ritmo semelhante, e não consigo decidir em que devo me concentrar. Perdi toda a capacidade de pensamento racional.

Alessandro move os quadris, balançando lentamente dentro de mim. — Estamos bem?

Não consigo responder porque estou me afogando na sensação.

— Ravi?

— Deus, sim, — eu me engasgo. — Mais.

Ele desliza para dentro de mim até ao fim, e estou pronta para gozar.

— Não deveria ser tão bom, — ele sussurra perto do meu ouvido. — Não consigo descrever como é incrível estar enterrado em seu calor, ouvindo seus gemidos, sentindo sua pulsação sob meus dedos. Não existe uma sensação comparável a essa, e estou enlouquecendo com isso, Ravi.

Ele se retira e depois volta a penetrar, beliscando meu clitóris e apertando levemente minha garganta ao mesmo tempo. Eu grito, e estrelas estouram atrás de minhas pálpebras enquanto gozo.

Mantendo a mão em volta do meu pescoço, ele continua a bombear enquanto eu me deixo levar pelas correntes da ausência de peso.

Alessandro

Os braços de Ravenna estão em volta do meu pescoço enquanto eu a carrego pelo saguão em direção à escada.

— A câmera da porta da frente, — ela murmura em meu pescoço.

— Ela cobre apenas um raio de 1,5 metro ao redor da entrada.

— Como você sabe?

— Eu hackeei os feeds de vigilância.

Ela fica em silêncio por alguns instantes, como se estivesse pensando em minha resposta, e então ouço uma risada abafada. — Achei que fosse o cocô do pássaro.

— O quê?

— Quando eu o vi ziguezagueando pelo gramado. Pensei que estivesse tentando evitar cocô de pássaro ou algo assim, mas você deve ter tomado uma rota que o manterá longe das câmeras.

Meus lábios se curvam. — Garota esperta.

Chegando ao quarto de Ravenna, eu a levo para dentro do banheiro e a coloco ao lado do box do chuveiro. A luz está apagada, então aciono o interruptor na parede, mas nada acontece.

— Rocco atirou na luminária, — diz Ravenna, sua voz soando excepcionalmente mansa.

Olho para o teto e depois examino o pequeno espaço até que meus olhos se fixam na maçaneta de latão polido da porta aberta. Demoro um pouco para

perceber que há algo muito errado com o mecanismo de travamento. A parte externa inclui o botão de giro, mas a maçaneta interna não. Além disso, na maçaneta interna está faltando um orifício que permite que a trava seja liberada em caso de emergência. Esse conjunto não oferece privacidade nem segurança, e nenhum comerciante competente jamais o montaria em seu lugar.

Minha cabeça se volta para Ravenna. — O elevador.

— Sim, — diz ela, olhando para o chão.

Diminuo a distância entre nós e pego seu rosto com as palmas das mãos. Inclinando sua cabeça para cima, vejo que ela fechou os olhos. — Olhe para mim.

Ela apenas balança a cabeça.

— Estou tão envergonhada por ter deixado que ele me fizesse passar por isso. — Sua voz é tão frágil quando ela diz isso.

— Por favor, olhe para mim.

Os olhos de Ravenna se abrem.

— Você é uma guerreira do caralho, — eu digo. — Você entrou naquele campo de batalha sem nenhuma arma e lutou contra um adversário muito mais forte com suas próprias mãos.

— Eu não lutei. A única coisa que tenho feito é tentar encontrar uma maneira de escapar.

— É isso que você faz quando é capturado por um inimigo. — Inclino meu pescoço, nivelando minha cabeça com a dela. — Você é uma guerreira. Quero ouvir você dizer isso, Ravenna.

— Sou uma guerreira, — ela murmura.

— Com certeza, você é. E não ouse pensar de outra forma. — Bato minha boca na dela, selando essa declaração.

Suas mãos estão em volta do meu pescoço, puxando-me para mais perto. Sem interromper o beijo, agarro-a pela bunda e a levanto para sentá-la na penteadeira do banheiro. Meu pau está tão duro que está quase explodindo. A necessidade de estar dentro dela novamente está me deixando louco. Não importa que eu a tenha tido há apenas dez minutos, porque meu corpo anseia por mais.

Ravenna passa as pernas em volta da minha cintura e agarra a parte de trás da minha camiseta, tentando puxá-la por cima da minha cabeça.

— Aqui não, — digo em seus lábios. Não vamos fazer nada em um lugar manchado de más lembranças. Eu a levanto do balcão e a carrego para o quarto.

Quando chegamos à cama, Ravenna solta as pernas da minha cintura e fica na beirada da cama. O cabelo dela está uma bagunça completa, com mechas amarradas e projetadas em diferentes direções. Ela está usando uma blusa branca e um short cinza, que está virado do avesso. Acho que ela não percebeu quando os vestiu novamente. Adoro vê-la assim.

Pegando um punhado da minha camiseta, eu a tiro. Os olhos de Ravenna se arregalam ao ver a tatuagem em meu peito, e me dou conta de que nunca nos vimos nus. Há tantas barreiras entre nós, mas posso facilmente derrubar essa. Rapidamente, tiro o resto de minhas roupas e fico de pé diante dela, deixando que seus olhos explorem o conteúdo.

O olhar de Ravenna desce lentamente pelo meu peito e abdômen até parar no meu pau totalmente duro. Ela morde o lábio inferior e o prende entre os dentes enquanto olha de volta para os meus olhos. Preciso de todo o meu autocontrole para não atacá-la imediatamente. Alcançando a bainha de sua blusa,

ela a puxa sobre a cabeça, revelando um sutiã branco rendado que envolve seus seios firmes, com as aréolas marrom-escuras visíveis sob o tecido intrincado.

— Preciso ver você por inteiro, — murmuro e passo a mão por trás das costas dela para soltar o sutiã, depois pego o cós do short e o deslizo pelas pernas.

A calcinha de renda branca é a próxima, e eu levo um tempo para tirá-la, centímetro por centímetro lentamente. Quando ela está completamente despida, dou um passo para trás e fico olhando para sua perfeição. Minha fantasia mais profunda ganha vida. Meus olhos descem pelo pescoço delicado e seios de dar água na boca, depois pela cintura estreita e quadris generosos, até as pontas dos dedos dos pés. Até mesmo seus pés são perfeitos.

— Você não pode ser real. — Coloco a ponta do meu dedo em sua clavícula, fazendo uma linha reta em sua frente e paro em sua boceta. — Prenda sua respiração.

Espero que ela inspire e mergulho dois dedos em sua boceta. Ravenna geme e agarra minha mão livre, levando-a até sua garganta. Meus dedos acariciam a pele macia de seu pescoço em um ritmo vagaroso que combina com a massagem fervorosa de sua doce boceta. Seu corpo treme sob meu toque e suas unhas afiadas cravam-se na pele do meu antebraço. Tenho quase certeza de que meu pau vai explodir se eu não meter nela logo, mas afasto esse desejo. Isso é sobre ela.

— Você ainda sonha comigo? — Pergunto e deslizo meus dedos ainda mais para dentro.

— Sim. — Ela ofega enquanto se esfrega em minha mão. — E você sonha comigo?

Tiro os dedos de sua boceta e pressiono o polegar em seu clitóris. — Toda noite, porra.

Ravenna suspira e goza em minha mão.

Meu polegar continua a acariciar seu clitóris, prolongando o prazer, enquanto os tremores tomam conta de seu corpo. Somente quando seu corpo cede, tiro a mão de sua boceta e a pego em meus braços. Gostaria de poder segurá-la para sempre, mas lentamente a coloco na cama.

— Você quer saber um segredo? — pergunto enquanto cubro seu corpo com o meu. Levantando sua perna pela parte de trás do joelho, eu a dobro e a inclino para o lado, e finalmente deslizo meu pau dentro de seu calor líquido.

— Sim. — Ela agarra a cabeceira da cama acima de sua cabeça e prende a outra perna atrás de minhas costas.

Começo a bater nela, com nossos olhares fixos o tempo todo, absorvendo cada um de seus suspiros e gemidos. Guardando-os para mais tarde.

— Eu sonho com você mesmo quando estou acordado, Ravi.

Encosto meus lábios nos dela, empurrando-a até gozar com um rugido e enchê-la com minha semente. Ainda estou me recuperando do êxtase, com o rosto enterrado em seu pescoço, quando a ouço sussurrar perto do meu ouvido.

— Você vai me levar com você quando for embora?

Um terremoto ocorre em minha mente, sacudindo minha fortaleza metafórica. O pensamento vem me cutucando há dias. Quero levá-la comigo. Poderíamos fugir para algum lugar distante, onde ninguém pudesse nos encontrar. Até que eventualmente nos encontrem.

Não será apenas com Kruger que precisarei me preocupar. Quando eu matar Rocco Pisano e a verdade sobre quem o matou vier à tona, meu nome estará

no topo da lista de alvos da Cosa Nostra. Ajello não vai parar até me caçar. Se eu levar Ravenna comigo, ela também se tornará um alvo.

Ou é ela ou minha vingança. Não posso ter as duas coisas. A escolha que tenho diante de mim é uma faca de dois gumes. Posso jogar fora tudo pelo que trabalhei nos últimos oito anos? Meu propósito nesta vida? As promessas que fiz para mim e para Natalie? Posso viver com isso?

Fecho os olhos e inspiro um pouco do perfume de Ravenna. — Não posso.

Ravenna

Olho fixamente para o teto acima da minha cama, acompanhando as pequenas rachaduras que se espalham a partir do local onde o lustre está fixado. Passei um bom tempo olhando para o teto e esta é a primeira vez que noto o dano. Alessandro está deitado ao meu lado, olhando para o teto também.

— Sei que está planejando matar meu marido antes de ir embora, — digo.

Se ele está surpreso por eu ter ligado os pontos, isso não transparece em seu rosto. Suas feições permanecem completamente estoicas.

— Estou, — diz ele. — O Don descobrirá rapidamente quem fez isso e virá lhe fazer perguntas. Conte a ele tudo, exceto que você sabia que eu ia matar Rocco.

— Você acha que Ajello virá atrás de você?

— Sim.

Estendo a mão e roço sua bochecha com as pontas dos dedos. — O que ele fez? Por que você quer matar Rocco?

Alessandro se enrijece e, por vários minutos, não diz uma palavra.

— Era sexta-feira de manhã, há pouco mais de oito anos, — ele finalmente conta. — Eu tinha acabado de voltar de uma missão e dirigi por apenas um quarteirão da minha casa a caminho do quartel-general. Eu poderia ter ido direto para casa e me apresentar mais tarde, mas não queria que minha esposa visse todo o sangue em mim.

Uma sensação de afundamento toma conta do meu estômago quando olho para o perfil dele. Sua *esposa*?

— Ela acreditava que eu trabalhava como segurança, mas a verdade é que eu estava matando pessoas para o governo, — continua ele. — É estranho como tentar proteger alguém que você ama pode fazer com que essa pessoa seja morta. Se eu fosse direto para casa, ela provavelmente ainda estaria viva. Essa era minha última missão, e planejamos partir naquele mesmo dia.

— O que aconteceu? — Eu me engasguei.

— Um motorista bêbado, dirigindo quase o dobro do limite de velocidade, passou em um sinal vermelho. Ele a deixou ferida na rua e fugiu do local. — Ele vira a cabeça e encontra meus olhos. — Seu marido.

Sua voz é abafada e sombria, mas as palavras explodem em minha cabeça como se ele as tivesse gritado. Minha mão na bochecha de Alessandro começa a tremer. Abro a boca para dizer algo, mas nenhuma palavra sai. A única coisa que posso fazer é observar seu rosto - linhas duras gravadas em granito.

— Passei anos procurando o homem responsável. O pai de Rocco encobriu tudo tão bem que só descobri o nome do motorista há alguns meses. — Ele move uma mecha de meu cabelo que caiu sobre meu rosto, revelando meu pescoço. — Eu pretendia destruir a vida de Rocco Pisano, peça por peça - e o último passo antes de acabar com ele completamente, eu iria fazê-lo assistir enquanto matava sua esposa.

Alessandro mantém seus olhos fixos nos meus enquanto move sua mão para o meu pescoço, colocando a ponta do dedo logo abaixo da minha orelha.

— Olho por olho, — ele sussurra enquanto desliza lentamente o dedo pela minha garganta em linha reta, até a minha outra orelha. — Sua esposa pela minha.

Nunca pensei que o silêncio pudesse ser fisicamente opressivo, mas quando seus olhos se fixam nos meus, sinto o peso dele me pressionando por todos os lados. A ausência de sons é tão absoluta que é quase como se alguém tivesse silenciado um filme.

O toque de Alessandro desaparece de meu pescoço. Ele beija a ponta de seu dedo e depois o pressiona em minha garganta, sobre o local onde pretendia cortar minha garganta.

Ele se levanta da cama e veste a calça de moletom, dando-me uma visão de suas costas nuas cobertas de tinta. A imagem é horripilante: uma pilha de crânios carbonizados envoltos em chamas e, no topo da pilha, um homem pendurado em uma corda, com a cabeça inclinada enquanto chamas alaranjadas sobem para lamber suas pernas. Acima da imagem, em suas omoplatas, uma escrita em latim.

Oculum Pro Oculo

Olho por olho.

Pisco os olhos, tentando impedir que as lágrimas caiam, mas elas escapam mesmo assim. Quantas vezes, ao me ver, ele se lembrou do que meu marido lhe tirou? Tanta dor e mágoa.

Não acredito que lhe pedi que me levasse com ele. Em algum lugar lá no fundo, eu sabia sua resposta antes mesmo de ele a dar, mas ainda esperava que ele dissesse sim. Eu o seguiria com prazer para qualquer lugar. Estou tão

desesperadamente apaixonada por ele que não importa se ele me ama de volta. Eu só esperava que ele acabasse por me amar.

Agora, depois do que ele acabou de me dizer, sei que a esperança é inútil. Como ele poderia amar alguém que representa tanto de seu desespero?

Alessandro pega sua camiseta descartada aos pés da cama e, ao fazê-lo, um cordão de couro em torno de seu pulso se solta, escorregando para o chão. Notei essa pulseira no primeiro dia em que o conheci e a achei incomum. Ele não usa nenhuma outra joia.

Ele pega o cordão de couro com um pequeno pingente de ursinho de pelúcia pendurado e se dirige à porta.

— Era de sua esposa? — Eu sussurro.

Ele para na soleira da porta e, por alguns instantes, fica ali parado antes de responder. — Sim.

A porta se fecha com um clique suave. Pressiono a mão sobre a boca, desesperada para abafar um soluço, mas ele escapa apesar de meus esforços.

Capítulo 18

Alessandro

Encosto minhas costas na lateral do gazebo com uma visão clara da janela do segundo andar. Já passa da meia-noite, mas a luz do quarto de Ravenna ainda está acesa.

Não nos falamos desde ontem de manhã, quando contei a ela sobre Natalie. A única comunicação que tivemos foi uma mensagem de texto que ela me enviou hoje cedo, perguntando se eu poderia levá-la à casa da mãe dela, e outra depois que voltamos para a mansão, dizendo que ela não iria a nenhum outro lugar pelo resto do dia. Ela sentou-se no banco de trás do carro em ambas as viagens.

Usei meu tempo livre para ir ao hospital e verificar a segurança, procurando maneiras de entrar no quarto de Rocco Pisano. Não havia nenhuma. Dois homens ficam do lado de fora da porta o tempo todo. Todos os corredores têm câmeras, que são monitoradas por uma empresa externa com um firewall mais sofisticado do que eu poderia quebrar, impedindo-me de entrar em seus sistemas de rede. Entrar para matar o filho da puta não é possível.

A única maneira de matá-lo é com um tiro pela janela. Procurei no prédio ao lado do hospital um local com visão direta do quarto de Rocco e encontrei um no último andar. Ele tem o ângulo perfeito para a cama. A única coisa que falta é pegar meu rifle e fazer a ação. Eu poderia ter feito isso hoje, mas em vez de completar minha missão, voltei aqui para ver outra janela. Estou parado nas sombras, olhando para a luz do quarto de Ravenna há várias horas.

Sinto falta dela. Sinto falta dos pequenos toques, como quando ela junta seu dedo mindinho ao meu. De sua provocação sutil. A sensação de tê-la em meus braços. Ontem à noite, quase cedi e fui até ao quarto dela. Meu corpo se contorceu, como se uma corrente elétrica fluísse através de mim, tudo por causa da necessidade de abraçá-la, de inalar seu aroma de talco e de sentir seus suaves fios negros em minhas mãos. Eu estava enlouquecendo e mal conseguia me conter.

Sinto falta *dela*, embora ela esteja lá.

Eu lhe disse que a odeio. Várias vezes. Mas a verdade é que não é ela que eu odeio. Acho que nunca odiei de verdade. Odeio a mim mesmo.

Porque eu me apaixonei por ela.

O coração do menino perdido e solitário que eu havia sido amava Natalie, nossos sentimentos tinham origem na necessidade compartilhada de sobreviver como adolescentes sem-teto. Eu queria protegê-la, e isso lentamente se transformou em carinho e, depois, em amor. Era o tipo de amor que começava como um pequeno riacho na floresta e gradualmente se transformava em um rio. Grande e constante, seguindo seu caminho. Sensível. Natural.

Meus sentimentos por Ravenna Pisano não se assemelham a um riacho na floresta. São a porra de uma cachoeira. Inesperada. Feroz. Paixão, desejo e uma bela loucura. Eu a desejo mais do que um homem condenado deseja seu próximo suspiro.

O coração de um homem que passou pelo inferno e voltou, o homem que me tornei, está desesperadamente apaixonado por uma mulher que planejei matar.

As luzes do quarto de Ravenna se apagam, deixando-o na escuridão.

Eu deveria pegar meu rifle, me livrar do Rocco e ir embora. Amanhã, a essa hora, eu poderia estar na Europa, longe dessa cidade cheia de lembranças ruins. Longe dela.

Mas não me mexo, apenas fico observando a janela de Ravenna por mais uma hora antes de sair e entrar na mansão. Em vez de pegar a arma escondida sob o assoalho do meu quarto, subo as escadas.

O longo corredor está escuro como breu. Aproximo-me da última porta à esquerda e alcanço a maçaneta. Minha mão se detém no pedaço de metal ornamentado, tão frio sob meus dedos, mas que ainda assim fere minha carne. Eu não deveria estar aqui. Preciso dar meia-volta e ir embora. Não é de se admirar que ela não quisesse falar comigo depois de tudo o que eu lhe disse ontem. Que diabos há de errado comigo, confessando meus planos de matá-la? Ela deve estar morrendo de medo. Eu poderia pelo menos ter pulado a parte sobre ser um assassino, mas isso simplesmente saiu, como se meu subconsciente quisesse que ela soubesse. Com Ravenna, tenho vontade de me ajoelhar e contar todas as coisas horríveis que fiz para ela. E isso me assusta muito.

Isso tem que parar. Vou acabar com isso antes que o sol nasça. Levarei três horas para recolher minhas coisas, chegar ao hospital e matar Pisano. Quando alguém perceber que ele está morto, já estarei fora do país. Sim, farei isso. Só preciso dar uma última olhada em Ravenna.

O mais silenciosamente que posso, giro a maçaneta e entro no quarto iluminado pela lua. Ravenna está deitada em sua cama, de costas para a porta. Dormindo.

Apenas um ou dois minutos, digo a mim mesmo enquanto me sento na beirada da cama. *Vou observá-la por apenas um minuto e depois vou embora*.

Ravenna

Sempre achei místicos aqueles poucos momentos antes de acordar completamente. A fronteira entre o sonho e a realidade começa como uma linha tênue, depois se torna mais sólida à medida que as fantasias noturnas desaparecem e a consciência se infiltra.

Sonhei com ele novamente. Os pássaros chilreavam enquanto estávamos esparramados em um campo de grama macia sob o sol quente, enquanto ele passava os dedos pelo meu cabelo.

Meus olhos se abrem lentamente, com as pálpebras ainda pesadas do sono, e minha visão se concentra na vista através da porta da varanda. Um pardal está pulando ao longo da grade de ferro, chilreando alegremente. Como em meu sonho.

E, como no meu sonho, alguém está passando os dedos pelo meu cabelo.

— Desculpe-me por tê-la acordado.

Fecho os olhos por um segundo e aproveito seu toque. — Está tudo bem.

— E eu realmente sinto muito por tê-la assustado.

O colchão balança quando Alessandro se levanta. Ainda estou na direção oposta, de modo que não posso vê-lo, mas posso ouvir seus passos enquanto ele se afasta.

— Acho que nunca tive medo de você, — sussurro.

Seus passos ficam em silêncio. — Mesmo depois de eu ter confessado minha intenção de matá-la?

Eu me viro na cama e o vejo parado na porta, de costas para mim.

— Você se lembra daquele dia no elevador? Quando ele ficou preso e as luzes se apagaram?

— Sim.

— Você fez aquele jogo de números comigo porque sabia que eu estava tendo um ataque de pânico, — eu digo.

— E daí?

— Passei meses presa a um homem que tinha grande satisfação em me torturar, Alessandro. Tanto mental quanto fisicamente. A tortura psicológica pode não deixar marcas visíveis, mas as feridas que ela inflige são muito piores. — Eu o fixo com meu olhar. — Você me odiava por algum motivo. Eu não sabia o motivo na época, mas vi em seus olhos. Você poderia ter ficado parado e me visto perder a cabeça. Mesmo assim, você não o fez. Mesmo me desprezando.

Alessandro abaixa a cabeça, olhando para o chão. — Eu me esforcei muito para odiar você. Acredite em mim, eu tentei. No final, acabei odiando a mim mesmo.

Meu coração dói e sinto o aperto no peito. Essa dor é real, não um resquício em minha mente. Se a situação fosse diferente, eu teria tentado lutar por ele. Mas não posso lutar contra um fantasma. Está claro que ele amava profundamente sua esposa. E provavelmente ainda ama. Esse amor o sustentou durante os oito anos em que planejou sua vingança. Não consigo lidar com a ideia de ser seu prêmio de consolação. Talvez, para outro homem, eu pudesse ter vivido com isso. Mas não com Alessandro. E não posso me dar ao luxo de saber que ele se odiaria por estar comigo.

Há uma pergunta que tem me atormentado desde que ele me contou sobre sua esposa. Eu tinha muito medo da resposta, mas não aguento mais não saber.

— Você imaginou estar com ela, quando estava comigo?

Alessandro olha por cima do ombro e nossos olhos se cruzam.

— Não. — Ele sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

O clique suave da trava parece tão definitivo.

Capítulo 19

Ravenna

Pego um copo de água mineral que o garçom me entrega e tomo um gole, fingindo prestar atenção no que a mulher ao meu lado está dizendo. Ela é cunhada de um dos executores da Cosa Nostra, mas não me lembro qual deles ou seu nome. Não sei ao certo por que vim a esse brunch. É uma comemoração de aniversário que a Sra. Natello organizou, e eu poderia facilmente ter pulado fora. Mas vim, precisando de distração.

Se ele mantiver o acordo que fez com o cara do hospital, Alessandro terá apenas três dias para matar Rocco e deixar a cidade. Saber que meu marido logo estará morto deveria me incomodar. No entanto, não me importo nem um pouco. Se havia algum traço de compaixão por Rocco que ele não conseguiu arrancar de mim, ele se evaporou no momento em que Alessandro me contou sobre sua esposa e o que meu marido fez com ela. Ainda assim, deixando tudo de lado, a vida de um homem está em questão. Então, isso faz de mim uma pessoa ruim por não dar a mínima para o que acontecerá com Rocco agora?

Meus olhos passeiam pelo solário da Sra. Natello, observando as vistas além das paredes de vidro que nos mantêm confortavelmente aquecidos e longe da paisagem congelada do lado de fora. Aposto que, no verão, a grama verde e ondulada parece alegre desse local. Agora, o vazio do gramado apenas atrai meu olhar para a cerca de ferro que circunda a propriedade e a faixa de estrada do outro

lado. O chão está coberto por uma fina camada de neve, e o céu sombrio no alto combina com o clima em meu coração.

Ao me afastar, meu olhar recai sobre um grupo de homens reunidos no fundo da sala. Alessandro e alguns outros guarda-costas estão de guarda. Como de costume, sua postura é rígida, mas seus olhos estão sempre se movendo, avaliando a situação como um falcão. O restante dos seguranças está conversando entre si, sem prestar muita atenção ao que está acontecendo com os convidados da festa.

A Sra. Natello não é muito popular, portanto, essa reunião é um evento de nível bastante baixo no que diz respeito à hierarquia da Cosa Nostra. Não há figurões presentes aqui. A maioria são os executores e suas esposas, mas eu havia notado três homens que trabalham com Rocco ocasionalmente. Eles não parecem homens de negócios, mas sim seguranças contratados. Quando Rocco precisa resolver um problema em segredo, sem que toda a família de Nova York - e especialmente o chefe - saiba, ele evita usar os soldados de Don Ajello.

Esse pode ser um evento insignificante, mas Alessandro está agindo como se estivesse em um campo de batalha, esperando que o inimigo venha à tona. Ele não deixa nada ao acaso. Eu adoro isso nele. Ele defende seus princípios, e nada nem ninguém o fará quebrá-los. Toda essa intensidade - e se ela fosse direcionada a mim? Como seria a sensação de tê-lo como meu? Não apenas em seu corpo, mas também em sua alma. Talvez se tivéssemos nos encontrado em outra vida, eu poderia ter tido uma chance. Nesta, nos encontramos tarde demais. Seu coração já estava tomado.

Levantei minha mão, apertando a ponte do nariz. Ele começou a formigar como se minha psique estivesse tentando me dizer algo. Será que hoje é o dia em que ele vai embora? Meu Deus, vou sentir muito a falta dele.

Alessandro se vira e, por um breve momento, nossos olhos se encontram do outro lado da sala. Tenho evitado contato visual com ele desde que saiu do meu quarto esta manhã. A dor é grande demais para suportar. Como agora, uma dor latejante que se espalha pelo meu peito enquanto me pergunto se esse será o último olhar que compartilhamos.

A Sra. Natello se aproxima e pergunta se gostamos dos aperitivos. Ela está usando um dos vestidos que comprei no mês passado e que minha mãe vendeu para ela. O vestido vale quatro mil dólares, mas a Sra. Natello só pagou à minha mãe metade desse valor.

— Ravenna, eu nunca a vi com o cabelo solto, querida, — ela diz. — Que surpresa.

— Eu precisava de uma mudança. — Dou de ombros.

Ela me dá um sorriso insincero e se inclina para mais perto de mim. — Sabe, vi uma bolsa Chanel incrível em sua mais nova coleção. Ela combinaria muito bem com meu casaco novo.

Olho para ela, concentrando-me no sorriso pequeno e superficial que esboça em seus lábios. Quantas vezes minha mãe já lhe vendeu as roupas que eu comprei? Ela sabe que eu tenho comprado essas roupas e nunca perguntou por que a esposa de um capo recorreria a essa forma de obter dinheiro. Às vezes, acho que os espectadores são piores do que os torturadores.

— Tenho certeza de que sim. — Termino minha água e coloco o copo na mesa ao lado, atrás de mim. — As promoções de Natal estão chegando, certifique-se de não perdê-las.

Oferecendo a ela um sorriso igualmente falso, vou até ao solário. A quantia de dinheiro que precisava para fugir do Rocco era astronômica, mas com

ele fora de cena, tenho mais do que o suficiente. Vou esperar até que tudo se acalme, depois pegarei minha mãe e Vitto e irei para um lugar onde a Cosa Nostra não tenha influência. Não vou arriscar que meu irmão caia nas mãos deles.

Encontro um lugar menos lotado do outro lado do solário, além das mesas com comida e das áreas de assentos onde a maioria dos convidados se reuniu, mas Pietro me vê e começa a vir em minha direção. Vir a esse brunch foi um erro. Não estou com vontade de socializar, mas qualquer coisa era melhor do que ficar em meu quarto. Estar ali me fez pensar em tudo o que Alessandro me disse. Suas palavras continuaram a se repetir em minha mente, repetidamente. E, em meio ao caleidoscópio de tudo o que aconteceu entre nós, um pensamento continuava a me incomodar. Ele estava *comigo* quando fizemos amor.

Alessandro

É ele de novo.

Fecho as mãos e me forço a parar de observar Ravenna e Pietro conversando do outro lado da mesa do bufê. Não é possível. É como se meus olhos fossem atraídos para eles por uma energia magnética e nada pode me fazer desviar o olhar.

A conversa deles parece amigável. Pietro é um daqueles caras que sempre faz as coisas de acordo com as regras, por isso nunca flertaria com uma mulher casada. Mas eu vi como ele olha para Ravenna. No momento em que ela estiver livre, ele fará sua jogada, e eu não estarei lá para impedi-lo.

Minhas unhas se cravam nas palmas das mãos e meus punhos se apertam ainda mais. De qualquer forma, eu deveria estar feliz por ela. Aquele filho da puta culto e certinho seria um bom partido para ela. Ravenna ficaria feliz com ele. Pietro pode ser um bastardo sofisticado e tenso, mas é mais do que capaz de mantê-la segura. No entanto... Minhas mãos doem e a raiva brota em meu peito. Ela é minha! Ninguém deveria ter permissão para mantê-la segura além de mim!

Respiro fundo e começo a contar até dez. Minha decisão foi tomada. Tive de decidir entre meu voto de vingança e ela, e escolhi o primeiro. Preciso deixar Ravenna ir.

Pietro coloca a mão na parte inferior das costas de Ravenna, e meu autocontrole evapora. Atravesso a sala, parando bem atrás de Ravenna. Estou tão perto que sua bunda roça em minhas coxas.

— Mexa-se, — eu disse, olhando para Pietro.

Ele inclina a cabeça para cima e levanta uma sobrancelha. — Oh. O cão de guarda de Rocco. Eu estava me perguntando onde você estava.

Inclino minha cabeça para ficar mais perto do nível dele. — Eu disse para você se mexer.

Pequenos dedos agarram minha mão e a apertam levemente.

— Foi bom ver você, Pietro. Diga oi para sua irmã por mim. — Ravenna me aperta novamente e, em seguida, retira rapidamente sua mão da minha. — Alessandro, você pode me acompanhar até o banheiro feminino?

Eu sigo Ravenna pelas portas francesas que se abrem para o interior da casa principal. Entramos em um cômodo cujas paredes estão cobertas de retratos de cachorros e pessoas idosas vestindo roupas extravagantes. Ravenna passa por um casal que está discutindo perto do relógio de pêndulo e entra em um amplo corredor que leva ao interior da casa. No meio do caminho, ela para e se vira para mim.

— Que porra foi essa? — ela sussurra.

Eu cerro os dentes. — Estou apenas fazendo meu trabalho.

— Acho que não há necessidade de você continuar fazendo isso, Alessandro. E nós dois sabemos muito bem por quê.

Sim, acho que sim. Estendo a mão e passo o dorso da mão em sua bochecha. Ela está usando pouca maquiagem hoje, apenas um pouco de sombra. Seu vestido de seda é verde-esmeralda como seus olhos. Acho que nunca mais vou conseguir ver essa cor e não me lembrar dela.

Ravenna inclina a cabeça para o lado, se inclinando para o meu toque, e envolve seus dedos em meu pulso. — Quando você vai embora?

— Esta noite.

Ela acena com a cabeça, e uma lágrima desliza por sua bochecha, dissolvendo-se ao se conectar com meu polegar.

— Cuide de você, Alessandro. — Ela passa por mim, voltando para o corredor.

Fecho os olhos, depois me viro e a envolvo com meus braços por trás. Seu cheiro entra em meu nariz e eu me inclino, enterrando meu rosto em seu cabelo. A música e a conversa no solário podem ser ouvidas até aqui, mas eu bloqueio o barulho e me concentro na sensação de tê-la em meus braços.

A mão de Ravenna desliza entre nossos corpos e pressiona meu pau dolorosamente duro. Posso condicionar minha mente a resistir a ela, mas meu corpo nunca o fará. Toda vez que ela se aproxima, meu pau anseia por possuí-la. Eu a puxo para mais perto de mim e inspiro novamente.

— Existe algum antídoto para isso? — Pergunto enquanto deslizo as palmas das mãos pela frente de suas coxas e depois para cima, puxando o tecido sedoso até sua cintura.

— Para quê?

— Para você, Ravi.

Um pequeno gemido sai de seus lábios quando eu puxo sua calcinha de renda para o lado e seguro sua boceta com a palma da mão. Encharcada. Acaricio suas dobras, deslizo meu dedo dentro de seu calor, depois tiro a mão e a levo à boca e ao nariz.

— Tudo em você tem cheiro de ambrosia. — Lambo meus dedos.

No instante em que sinto o gosto dela em meus lábios, o resto do meu autocontrole desaparece. Preciso tê-la mais uma vez ou vou perder a cabeça.

— Diga-me para ir embora. — Abaixo minha mão novamente e, dessa vez, deslizo meu dedo para as profundezas de sua boceta. — Apenas uma palavra, Ravi, e eu retirarei minha mão.

Ravenna geme e alarga as coxas enquanto um tremor percorre seu corpo. Ela agarra a maçaneta da porta à nossa esquerda e a abre. O cômodo além da soleira parece um escritório. Estantes de livros, duas poltronas reclináveis diante delas e, na parede oposta, uma escrivaninha com alguns papéis em cima. Mantendo minha mão pressionada na boceta de Ravenna, aperto o cinto ao redor de sua cintura e a levo para dentro da sala.

Ravenna

Esse maldito vestido tem um zíper na parte de trás.

Estendo a mão para trás, tentando segurar a aba, quando os dedos de Alessandro envolvem minha mão, puxando-a para longe. Um beijo pousa em meu ombro nu, causando pequenos arrepios em meu corpo. Sem tirar os lábios da minha pele nua, ele pega o zíper e o desliza lentamente para baixo, até à minha bunda.

— Eu já lhe disse que você é a mulher mais linda que existe nesta terra? — ele sussurra enquanto o tecido sedoso desce em cascata pelas minhas pernas.

— Não, — expiro e fecho os olhos.

— Você é. — Ele prende o dedo no fio da minha calcinha, puxando-a, enquanto a outra mão acaricia a bochecha da minha bunda. — E eu quero comer você viva.

Um pequeno grito sai de meus lábios quando ele me pega em seus braços e me carrega para o outro lado da sala. Os papéis farfalham sob minha bunda nua quando ele me coloca sobre a escrivaninha e cola sua boca na minha, chupando minha língua como se realmente quisesse me comer. Tento alcançar o zíper da calça dele, mas minhas mãos estão tremendo, e levo algumas tentativas para abri-lo e liberar seu pau.

— Pernas em volta da minha cintura, — Alessandro diz enquanto passa os dedos pelo meu cabelo.

Travo as pernas atrás de suas costas e movo a bunda para a frente, até à borda da mesa.

— Agora, respire fundo, — diz ele enquanto a ponta de seu pau pressiona minha entrada. — Devagar, Ravenna.

É quase impossível inspirar o ar lentamente quando sinto que vou explodir, mas consigo. Enquanto inspiro lentamente, ele desliza seu pau dentro de mim, centímetro por centímetro. Parece que estou inspirando-o para dentro do meu corpo, e a sensação quase me leva ao limite. Somente quando ele está totalmente dentro de mim é que eu exalo e, por um momento, fico apenas olhando em seus olhos.

Não acredito que estamos fazendo isso aqui. Não há fechadura na porta, então qualquer um pode entrar e nos ver. Eu - uma mulher casada - sendo fodida por seu guarda-costas enquanto seu marido está no hospital. O pânico cresce dentro de mim. Agarro o pulso de Alessandro e rapidamente levo sua mão até minha garganta. Quando seus dedos fortes envolvem meu pescoço, o pânico diminui.

— Não tire sua mão, — sussurro.

Alessandro acena com a cabeça e encosta seus lábios nos meus. Sua língua fode minha boca, com força e rapidez, depois devagar, mas ainda exigente, até que ele se afasta, sem fôlego. — Tudo o que você precisar, Ravi.

Ele desliza lentamente para depois me penetrar novamente, seu pau esticando minha boceta já pulsante. É uma sensação tão boa. Libertadora. Meus olhos se cruzam com os dele enquanto ele se atira em mim, precisando queimar seu rosto em minha memória. Ele me olha com a mesma intensidade enquanto nossas respirações se misturam e, de repente, sinto-me dominada pela necessidade de chorar. Isso é um adeus.

— Vamos fugir, — sussurro, com a voz trêmula, — vamos direto para o seu carro e vamos embora, deixando tudo para trás.

Alessandro cerra a mandíbula, uma expressão de dor cruza seu rosto. Eu sei o que estou lhe pedindo a ele. Há um grande tumulto em suas profundezas enquanto ele aumenta suas investidas, martelando-me como um louco. *Por favor, escolha-me*, imploro em minha cabeça.

— Não posso. — Sua voz sai embargada quando ele diz isso.

Desligando o mundo junto com minha visão, meus dedos deslizam sobre seus cabelos curtos. À medida que a pressão aumenta dentro de mim, minha estrutura começa a tremer. Prazer e dor. Parece que um não pode existir sem o outro.

— Ravenna.

Meu corpo se regozija enquanto minha alma chora conforme Alessandro me fode sem sentido. Estou tremendo tanto que mal consigo manter minhas pernas presas às costas dele.

— Ravenna, olhe para mim.

Viro a cabeça e tento agarrar seu cabelo curto demais. Na melhor das hipóteses, minhas unhas raspam em seu couro cabeludo. — Com mais força. Por favor.

Ele se retira e, com seu próximo impulso, me faz ultrapassar o limite e se junta a mim em queda livre. Eu gemo enquanto me sinto bem, com minha respiração rápida e pesada. Os lábios de Alessandro encontram os meus, conquistando-os, assim como ele me conquistou com sua semente, enchendo-me até à borda. Não quero que o mundo volte, então me deixo arder no calor de seus braços por mais algum tempo.

— Ravi?

Mordo a parte interna da bochecha e me obrigo a encarar seus olhos. Cada toque que compartilhamos se torna uma faca em meu peito, prolongando essa agonia. Não consigo mais fazer isso. Isso está me matando por dentro.

Eu me recomponho e peço: — Posso pedir que você faça algo por mim?

Ele inclina a cabeça para o lado e acaricia minha bochecha com a mão. — Qualquer coisa. Você sabe disso.

Sim. Qualquer coisa, exceto me escolher.

— Preciso que você saia agora, Alessandro.

Seus dedos ainda estão em meu rosto.

— Vou me vestir e voltar para a festa, — digo, querendo que minha voz não trema. — Pedirei a alguém que me leve para casa na próxima hora. Isso será tempo suficiente para você pegar suas coisas na mansão?

Ele abaixa a cabeça, encostando a testa na minha. — Sim.

— Tudo bem, — eu engasgo.

Alessandro não se move, apenas continua a acariciar minha bochecha com o polegar, olhando silenciosamente para mim. Esse silêncio é interrompido por risadas do lado de fora da sala, provavelmente alguns convidados indo ao banheiro. Existe a possibilidade de que eles entrem aqui, mas não consigo me preocupar. Levanto minha mão e envolvo meus dedos em torno do pulso de Alessandro, tirando sua mão do meu pescoço.

— Eu amo você, Alessandro, — sussurro. — Por favor, se cuide.

Ele fecha os olhos por um segundo, depois dá um passo para trás. Sua mão se afasta do meu rosto. Eu o observo enquanto ele puxa o zíper para cima,

depois se vira e sai do quarto. Na porta, ele para e meu coração dá um salto quando uma leve esperança se acende dentro de mim.

— Sinto muito, Ravenna, — diz ele, transformando a brasa em cinzas.

Ele sai, sem se preocupar em olhar para trás.

Alessandro

Fico olhando para o solário pelo para-brisa do meu SUV, procurando o vestido verde na pequena multidão de pessoas. Já liguei meu carro três vezes, mas desliguei a ignição momentos depois.

Ela me disse que me amava. Quase me matou deixá-la ali depois de ouvir essas palavras. Não precisa ser assim. Felix pode facilmente encontrar um assassino que possa lidar com Pisano, e ninguém seria capaz de ligar sua morte a mim. Posso ligar para ele agora mesmo, depois voltar para a festa e levar Ravenna comigo.

Mas a fera que está roendo minha alma nos últimos oito anos cravou seus dentes mais profundamente em minha carne, exigindo que eu mesmo executasse a sentença de morte de Rocco. Ela anseia pelo sangue que lhe prometi há tanto tempo e não tolerará uma substituição.

Aceitei meu destino, mas não posso me obrigar a ir embora. Ainda não. Preciso garantir que Ravenna chegue em casa em segurança, e só então deixarei a fera receber o que merece.

Um rugido de um veículo se aproximando chega até mim, ficando mais alto à medida que se aproxima. Não é um carro, o ruído do escapamento é forte e muito agudo. Olho para o outro lado da entrada da garagem, onde uma grande moto preta para.

Tirando minha arma do coldre de ombro, saio do carro e corro pela entrada da garagem, enquanto a neve rala sob as solas dos meus pés.

— O que está fazendo aqui? — Eu grito quando paro na frente do motociclista.

Drago Popov levanta a viseira de seu capacete e me fixa com o olhar. — Acertando as contas.

— Nós tínhamos um acordo. — Levanto minha arma e aponto para seu rosto. — Saia. Agora.

— Nosso acordo, Zanetti, só se aplica a Rocco Pisano. Não aos outros que estiveram envolvidos na morte de meus homens. E minhas informações dizem que três deles estão lá dentro neste momento.

Várias outras motocicletas se aproximam em alta velocidade pela traseira. Eu me viro e meus olhos se voltam para a sala do solário, onde os convidados ainda estão bebendo. Na estrada, além da cerca de ferro que cerca a casa, duas motos param. O medo cresce dentro de mim e depois se transforma em um pânico de parar o coração. Já estou correndo pela entrada da garagem quando os motoqueiros sacam suas armas e começam a atirar através das paredes de vidro.

As pessoas gritam e seus lamentos se misturam ao som dos tiros. Em minha mente, no entanto, tudo se transforma em um único zumbido estridente. Ele penetra diretamente em meu cérebro, a ponto de parecer que minha cabeça vai explodir.

Quando chego às paredes destruídas do solário, o tiroteio já cessou e foi substituído pelo barulho das motos se afastando em alta velocidade. O ar está cheio de gritos e berros.

Pedaços de vidro estão por toda parte; mesas e cadeiras estão reviradas por todo o espaço. Os corpos de dois homens estão no chão, com duas poças de sangue ao redor de ambos. Reconheço esses caras imediatamente como pistoleiros

de aluguel que vi com Rocco em uma ocasião. Outro capanga está esparramado sobre a mesa do bufê.

Examino freneticamente os convidados amontoados no chão, atrás das mesas derrubadas. Há pelo menos trinta mulheres aqui, mas não consigo *vê-la*!

Vestido branco. Rosa. Preto. Preto novamente. Amarelo. Mas nada de verde. Onde ela está? Começo a correr, pisando nas mãos, nos pés e nas pernas das pessoas. Não estou nem aí. Um homem se aproxima de mim, puxando meu braço. Eu o agarro pela frente da jaqueta, lanço-o em um dos assentos verticais e continuo minha busca maníaca. Vermelho. Preto. Dourado. Paro no meio da sala para tentar me acalmar. E não consigo.

— Ravenna! — Eu grito com toda a força de meus pulmões.

O barulho ao fundo de gritos e lamentos histéricos é interrompido abruptamente, e dezenas de olhos se voltam para me encarar. Do outro lado da sala, uma cabeça parcialmente escondida, com cabelos negros emaranhados, espreita por trás de uma mesa que está de lado.

— Estou bem, — diz Ravenna e se levanta.

Jesus Cristo. Ela parece ilesa, mas preciso me assegurar. Corro em sua direção, sem me importar com as pessoas em meu caminho. No instante em que chego a Ravenna, eu a agarro por baixo dos braços, levantando-a sobre a mesa para colocá-la à minha frente. Quando seus pés tocam o chão, passo as palmas de minhas mãos por seus braços e pela frente, depois a viro, examinando suas costas.

— Alessandro, — ela murmura.

— Algum dos vidros atingiu você? — Pergunto enquanto examino a parte de trás de sua cabeça. — Deixe-me ver suas pernas.

— Estou bem.

Viro-a de frente para mim e me ajoelho, passando as mãos pelas suas canelas. Somente depois de examiná-la completamente é que poderei respirar. Levanto seu pé esquerdo e retiro o salto preto brilhante. Talvez um fragmento tenha entrado em seu interior.

— Não há nada em meu sapato, Alessandro.

Sacudo a cabeça e passo para o outro calcanhar, tirando-o também, depois deslizo a palma da mão sobre a sola. Quando termino a inspeção e o fato de ela estar ilesa finalmente penetra em meu cérebro, minhas mãos começam a tremer. Uma sensação estranha toma conta de mim, uma miríade de emoções diferentes. Parece que alguém acabou de esvaziar um carregador cheio de balas de alto calibre bem no meu peito. Medo e raiva. Alívio. Culpa.

As paredes da minha fortaleza de pedra tremem como nunca antes, e o som estrondoso preenche minha mente. *Ela poderia ter morrido.* Os trovões ressoam, o som é tão poderoso que estou convencido de que posso sentir suas vibrações em meus ossos. *Eu poderia tê-la perdido*.

Eu imagino Ravenna, seu corpo coberto de sangue caído sobre cacos de vidro no chão. Se eu já não estivesse de joelhos, tenho certeza de que estaria agora. A fera sanguinária que anseia por retribuição grita de angústia, retraindo suas garras à medida que o domínio de oito anos diminui. O que restou da minha fortaleza de vingança estremece, suas pedras, outrora poderosas, se desfazem antes de finalmente explodir em uma nuvem de poeira fina.

— Alessandro? — A mão de Ravenna pousa em meu ombro, apertando-o levemente.

Envolvo seus braços em torno de suas pernas e encosto minha testa em sua cintura, puxando-a para mim. Da próxima vez que eu colocar meus olhos naquele filho da puta do Popov, vou aniquilá-lo.

Os sons de choro e gemidos ao nosso redor finalmente me chamam a atenção. Junto com o sofrimento, ouço os murmúrios baixos do nome de Ravenna e do meu. Não se passaram mais de cinco minutos desde que alguém atirou neles, e as pessoas já começaram a fofocar. Todos eles podem ir para o inferno.

Sinto um toque em minha bochecha quando Ravenna pega meu rosto entre as palmas das mãos e inclina minha cabeça para cima. — Achei que você tinha dito que estava indo embora.

Sim, eu estava. Até que ouvi aqueles tiros e imaginei um deles atingindo-a. Vou levá-la comigo e, se para garantir que ela esteja segura eu tiver que deixar outra pessoa matar o maldito Rocco Pisano, que assim seja.

— Estamos. — Eu me levanto e a pego em meus braços, pressionando minha boca na dela.

Os braços de Ravenna se fecham firmemente em volta do meu pescoço enquanto ela retribui meu beijo frenético, compartilhando meu ar. Eu a aperto ainda mais em meu peito.

Gritos e suspiros soam ao nosso redor, mas eu os ignoro, completamente concentrado em Ravenna em meus braços.

— Eu amo você, Ravi, — digo em seus lábios. — Desculpe-me por ter demorado tanto tempo para voltar à razão. Se quiser que eu me ajoelhe aqui na sua frente e peça perdão, eu o farei. Mas, por favor, venha comigo.

— Sempre. — Ela aperta a mão em meu pescoço. — E em qualquer lugar.

Eu a beijo novamente, virando-me para a entrada da garagem. Pessoas com expressões de choque nos rostos nos observam enquanto eu passo entre os móveis e vidros espalhados, atravessando as paredes quebradas do solário até meu carro estacionado na entrada da garagem. Todos estão balançando a cabeça e murmurando entre si, mas eu não me importo.

Ravenna

Quando chegamos ao seu carro, Alessandro me coloca no banco do passageiro e tira o paletó do terno, colocando-o em volta dos meus ombros.

— Deveríamos ter trazido seu casaco. — Ele ajusta as laterais da jaqueta para que cubram meu peito. Parece que ele está obcecado em me manter aquecida.

— Estou bem. — Estendo a mão e acaricio levemente sua bochecha.

Alessandro acena com a cabeça e dá a volta no capô, ficando atrás do volante, mas, em vez de ligar o carro, ele se inclina para a frente e cobre meu rosto com a palma da mão.

— Tem certeza disso, Ravi?

Seus olhos me observam como se esperasse que eu refutasse minha convicção anterior. Sei que ele precisa matar Rocco, e não me importa quantas pessoas estarão atrás de nós quando ele o fizer. Eu iria com ele até os confins do mundo.

— Sim, — eu suspiro.

A atenção intensa de Alessandro não me deixa, enquanto ele pega seu telefone e disca para alguém.

— Felix, — diz ele quando a ligação é feita. — Preciso de um assassino. O alvo está em um hospital em Nova York. Ele está fortemente vigiado, portanto, precisa ser eliminado com um tiro de sniper através de uma janela. Enviarei a você as coordenadas e um esboço do local adequado que encontrei. Ele tem uma linha de visão direta para o alvo.

— Você está de sacanagem comigo, Az? — grita uma voz mal-humorada do outro lado. — Da última vez que verifiquei, você *era* um maldito assassino com proficiência em rifles de longo alcance, e já está estava lá.

Alessandro pega meu queixo entre os dedos e se inclina para a frente, pressionando seus lábios nos meus.

— Se eu fizer isso sozinho, alguém que eu amo estará em perigo, — ele diz em meus lábios.

Meu coração para de bater. Levanto minha mão trêmula e a coloco na bochecha de Alessandro.

— O que aconteceu com seu plano? — pergunto. — Você passou anos planejando sua vingança. Tenho certeza de que sonhava em fazer isso pessoalmente.

— Eu sonhei. Mas agora tenho outros sonhos. — Ele joga o telefone no painel. O homem do outro lado da linha ainda está falando, mas Alessandro continua: — E todos eles giram em torno de você, Ravi. Não vou arriscar colocá-la em perigo para que Ajello venha atrás de mim. Nenhuma retaliação vale isso.

Uma lágrima escapa de meus olhos, mas dessa vez é uma lágrima de felicidade, não de tristeza. Sei o que sua vingança significa para ele, e agora ele está deixando isso de lado.

— Eu teria ido com você de qualquer maneira, — sussurro.

— Eu nunca teria permitido isso. O que sinto por você é maior do que tudo o que já senti antes, Ravenna. É como uma bela chama que me consome, iluminando uma escuridão que há tanto tempo está em minha alma. E eu quero ficar nessa luz para sempre, se você permitir.

Engulo em seco e aceno com a cabeça.

— Vou levá-la de volta à mansão. Você vai arrumar suas coisas. Apenas o essencial. E ligará para sua mãe e pedirá que ela faça o mesmo.

— Vamos levar minha mãe e Vitto conosco?

— Sim. Todos nós partiremos hoje à noite. Preciso me livrar de algumas coisas antes de irmos, e isso levará algumas horas.

— Está bem.

A mão de Alessandro se afasta de meu rosto e ele dá partida no carro. Quando ele sai da entrada da garagem, olha para as minhas mãos cruzadas no colo, coloca a palma da mão na minha coxa e junta o dedo mindinho com o meu.

Estamos na metade do caminho para a mansão quando Alessandro faz uma curva, indo para o norte. Não comento a mudança de direção, mas continuo observando seu perfil enquanto acaricio sua palma com a ponta do meu dedo.

Pouco mais de meia hora depois, ele vira à esquerda, descendo a rua que leva a um cemitério. Passamos pelos portões, ele estaciona o SUV na calçada de uma seção de lotes e se vira para mim.

— Preciso fazer uma parada rápida. — Ele leva minha mão à boca e beija o meio da minha palma. — Quer vir comigo?

— Sim, mas só se você quiser, — digo calmamente.

— Eu quero. — Ele acena com a cabeça.

Saímos do carro e Alessandro pega minha mão e me conduz pelo amplo caminho de cascalho que atravessa o cemitério. Olho para baixo, para nossos dedos entrelaçados, sentindo-me um pouco nervosa com o que estou certa de que estamos prestes a enfrentar. Nenhum de nós diz uma palavra enquanto seguimos por alguns

caminhos estreitos até chegarmos à lápide de mármore branco. Ao lado dela há uma jovem bétula, cujos galhos finos e nus aumentam a tristeza do lugar. Fico olhando para seu tronco branco, sem ousar olhar diretamente para Alessandro, com medo de ver o arrependimento em seu rosto. Mas ainda posso vê-lo pelo canto do olho, enquanto ele estende a mão livre e acaricia a superfície da pedra.

Ele solta minha mão e seus dedos se soltam dos meus. Fecho os olhos por um momento, respirando fundo. O que verei quando abri-los? Será que ele vai me dizer que mudou de ideia?

Eu me encho de coragem e levanto minhas pálpebras para encarar a verdade.

Alessandro está de pé ao meu lado, desfazendo o nó do cordão de couro em torno de seu pulso esquerdo. Quando termina, ele coloca o cordão com o amuleto de ursinho de pelúcia sobre a lápide e pega minha mão novamente.

— Adeus, Natalie, — diz ele com uma voz áspera, depois se inclina e deposita um beijo no topo da minha cabeça. — Vamos embora, querida.

* * *

Os dígitos do relógio da cômoda marcam dez e meia, refletindo no vidro que mantém a noite fora do alcance.

Há uma pequena mochila no chão, mal cheia até a metade. Não quero levar nada comprado com o dinheiro do meu marido, por isso levo apenas um par de leggings, algumas blusas e roupas íntimas. Rocco jogou fora todo o resto que eu

trouxe para esta casa. Como não tenho um casaco próprio, apenas os casacos caros escolhidos por Rocco, vesti o paletó de Alessandro.

Quando ouço o som de passos no corredor, pulo da cama e pego meu celular e minha mochila, depois corro para a porta. O corredor está escuro, a única luz vem do lustre acima do patamar da escada no final, seu brilho ilumina a figura alguns passos à minha frente.

A bolsa e o celular escorregam da minha mão, caindo no chão com um baque, enquanto o pânico explode em meu peito.

— Vai a algum lugar, bellissima?

Fico paralisada, incapaz de me mover, como se alguém tivesse colado meus pés no chão. Não consigo nem falar.

— Recebi uma ligação há pouco. — Rocco dá um passo à frente. — Era sobre uma festa de brunch em que minha esposa aparentemente estava beijando seu guarda-costas. Isso não pode ser verdade, não é?

Não consigo forçar as palavras a saírem da minha boca, a única coisa que posso fazer é ficar ali parada e olhá-lo enquanto o terror inunda meu corpo. Rocco balança o braço, atingindo meu rosto com tanta força que acabo sendo jogada contra a parede.

— Sua puta maldita! — Rocco ruge e coloca sua mão esquerda em volta do meu pescoço. — Eu vou matar você, porra! E depois, vou encontrar aquele filho da puta mentiroso e esfolá-lo vivo!

— Ele se foi. E não vai voltar, — eu engasgo quando finalmente saio do meu estupor e agarro seu pulso, tentando soltar sua mão, mas falhando.

Você não pode lutar contra mim com força. A voz de Alessandro diz em minha cabeça.

Eu me desloco e coloco minha cabeça sob o braço de Rocco, torcendo todo o meu corpo em um movimento rápido. Ele perde o controle, seus dedos escorregam de minha garganta e eu corro. Meu quarto fica perto, então corro para dentro e jogo meu peso contra a porta, tentando fechá-la. Mas Rocco está logo atrás de mim e a abre com um chute. Sou empurrada com força para trás, quase perdendo o equilíbrio no processo. Sem ter para onde ir, viro-me para correr em direção ao banheiro, mas a dor atravessa minha cabeça quando sou violentamente puxada por trás. Grito.

— Adoro quando você tenta lutar, vadia. — Rocco ri enquanto puxa meu cabelo.

Levantando as mãos, agarro seu punho em meu cabelo. Seu aperto dói tanto que lágrimas brotam de meus olhos, mas eu me obrigo a dobrar e girar meu corpo da maneira que Alessandro me mostrou. Rocco grita quando seu pulso é torcido, mas mantém seu punho em meu cabelo. Mesmo com uma mão, seu tamanho e força estão esmagando minhas tentativas de escapar.

Você precisa ir contra os pontos fracos.

Olho de relance para a mão direita de Rocco, agradecida por não ter de me preocupar com um golpe enquanto ele está puxando meu cabelo. Sua mão ferida ainda está envolta em uma grossa camada de bandagens e ele a mantém afastada do corpo, protegendo-a. Eu a acerto com meu antebraço, colocando o máximo de força possível em meu golpe. Rocco uiva, soltando meu cabelo, e aperta a mão ferida contra o peito, quase caindo para a frente ao fazer isso.

Fugir. Eu preciso fugir. O banheiro - mas é um beco sem saída e não tem fechadura para mantê-lo fora. Em vez disso, dou meia-volta e contorno Rocco gritando, depois saio correndo do meu quarto. No corredor, pego meu celular e minha mochila e corro em direção à escada.

Capítulo 20

Alessandro

A maldita porta de elevação não fecha.

Puxo-a novamente para cima e coloco os recipientes de combustível ao lado para que possa reorganizar o saco preto contendo o presente de Felix. Um de seus funcionários o entregou na semana passada e me ajudou a guardá-lo na geladeira nos fundos da unidade de armazenamento. Não tenho mais utilidade para ele, e teremos que fazer uma parada em algum lugar fora do caminho onde eu possa incendiá-lo.

Já limpei meu apartamento de tudo que possa ligar meu passado a Rocco Pisano. Quando as pessoas perceberem que eu e Ravenna fomos embora, e que o marido dela apareceu morto logo depois, não quero que ninguém estabeleça nenhuma ligação entre os dois eventos. As chances de a Cosa Nostra conseguir localizar o assassino que Felix contratou são mínimas, mas não vou deixar nenhuma ponta solta.

Finalmente, a porta de elevação se trava no lugar. Dou mais uma olhada na unidade de armazenamento vazia para ter certeza de que não perdi nada, depois tiro um baralho de cartas do bolso. As cartas estão embrulhadas em um elástico, com as bordas amareladas e desgastadas pela idade. É o mesmo baralho que meu pai usava para me ensinar a jogar pôquer e uma das poucas coisas que guardei da minha infância. Por alguma razão, nunca consegui me obrigar a jogá-las fora.

O toque do meu celular quebra a quietude da noite. Coloco os cartões de volta no bolso e deslizo para trás do volante, tirando o telefone do painel. O nome de Ravenna aparece na tela. Ela deve estar se perguntando por que estou demorando tanto. Não consigo conter um sorriso quando a imagino na janela, esperando por mim, então meu polegar é rápido em atender a chamada enquanto pressiono o telefone no ouvido.

— Ele está aqui, — o sussurro frenético de Ravenna chega ao outro lado da linha.

Meu corpo se imobiliza, com o gelo inundando minhas veias.

Silêncio.

A chamada é desconectada.

— Estou indo, Ravi, — digo, mesmo que ela não possa me ouvir, e saio com o coração na garganta.

A unidade de armazenamento fica a vinte minutos da mansão Pisano. Acelero o carro, ignorando o ponteiro que sobe para quase 125 em um mostrador, e tento engolir a onda de pânico que está crescendo dentro de mim. Os veículos pelos quais passo acabam sendo apenas um raio de luz - estão lá em um momento e desaparecem no outro. Quanto mais me aproximo, mais forte fica o meu medo, pois imagino o que aquele filho da puta pode estar fazendo com Ravenna. Saber que a vida da mulher que amo depende de eu manter a calma é a única coisa que me impede de perder completamente a cabeça.

Encosto o carro e estaciono fora da vista da guarita. É provável que Rocco tenha dado ordens para me deter se os guardas me virem chegando, e não posso correr o risco de eles alertarem seu chefe sobre minha chegada. Pego um

conjunto de facas de arremesso que mantenho escondido embaixo do assento e saio do carro.

Observando a área, vejo um guarda na frente do portão, com uma M16 pendurada nas costas. O outro está dentro da guarita, observando os monitores. Eu me arrasto de árvore em árvore até estar perto o suficiente para atirar uma de minhas facas. Ela acerta o pescoço do homem do portão e ele cai de joelhos. Seu colega na guarita salta da cadeira e sai correndo. Lanço duas lâminas contra ele. A primeira acaba em seu peito e a outra logo abaixo de seu pomo de Adão. Parando apenas o tempo suficiente para cortar seus pescoços e pegar minhas facas, volto para cuidar dos três caras posicionados do lado de fora da parede do perímetro. Mantendo-me afastado das câmeras ao longo da borda da propriedade, mato os guardas de Rocco em rápida sucessão, colocando uma bala na cabeça de cada um deles. O supressor em minha arma garante que qualquer pessoa na mansão não fique sabendo.

A luz do saguão de entrada está acesa, mas parece que não há ninguém por perto. Estou correndo para as escadas quando um grande estrondo ecoa em algum lugar à minha direita. Mudando de direção, corro em direção à ala leste da casa e à cacofonia de vidros quebrando.

— Mal posso esperar para colocar minhas mãos em você, vadia! — Os gritos de Rocco estão vindo da cozinha. — Eu a matarei com minhas próprias mãos!

Corro para dentro.

Rocco está no meio da sala, com uma arma na mão esquerda, mas pelo menos não a está empunhando no momento. Ao seu redor, há pratos e copos quebrados. Ravenna está no balcão da cozinha, de costas para a parede, mas de

frente para o bastardo, com uma faca de cozinha na mão direita e uma taça de vinho na esquerda. Seu cabelo está caindo sobre o rosto em um emaranhado, enquanto ela olha para Rocco com uma mistura de medo e determinação nos olhos, pronta para lançar a taça contra ele.

O orgulho brota em meu peito ao vê-la, tão pequena e apavorada, mas enfrentando seu agressor e pronta para lutar por si mesma. Mas agora estou aqui, e nunca mais ela precisará se defender de ninguém. Ravenna inclina a cabeça para cima, seu olhar se encontra com o meu. Seu cabelo desliza para fora do rosto, revelando uma enorme marca vermelha na bochecha esquerda.

Já ouvi o termo ‘raiva cega’ várias vezes, mas nunca o experimentei. Até este momento. Começa como uma calma absoluta, mas depois a fúria e o rancor explodem como uma supernova, preenchendo cada fibra do meu ser. Dou um passo à frente, chegando por trás de Rocco, e coloco meu braço direito em volta de seu pescoço enquanto agarro seu pulso esquerdo com minha mão livre. Meus olhos se fixam nos de Ravenna enquanto aperto o membro de Rocco com toda a minha força. A arma cai de sua mão enquanto ele se debate em minha mão, tentando se libertar. Coloco meu outro braço atrás de seu pescoço, prendendo sua cabeça em um estrangulamento por trás. É um movimento tático muito eficaz que me permite pressionar os dois lados de seu pescoço ao mesmo tempo. Posso sentir sua respiração difícil enquanto ele luta por ar, seu rosto ficando em um tom repugnante de roxo, mas nenhum som penetra em meus ouvidos. Mais alguns segundos e ele estará morto.

Muito fácil. E muito rápido.

Por alguma razão, minha mente se volta para o velho baralho de cartas em meu bolso e meus lábios se curvam em um sorriso. Solto a mão e deixo o corpo mole de Rocco Pisano cair no chão.

Ravenna

A expressão no rosto de Alessandro, quando ele olha para o Rocco inconsciente no chão, é realmente estranha. Ele parece controlado, mas o olhar em seus olhos é simplesmente feroz. Seus olhos encontram os meus e a ferozidade neles se dissipa, substituída por preocupação.

— Ravi, querida? — Ele se aproxima de mim e depois para. — Você está bem?

— Sim, — eu digo. Minha voz treme e minhas pernas estão tremendo, mas isso é por causa da adrenalina.

Alessandro dá mais um passo e se agacha na minha frente. — Eu não vou machucá-la, Ravi.

— Por que eu pensaria que você me machucaria? — murmuro confusa. — E por que você está agachado?

— Estou tentando me tornar menos intimidador aos seus olhos, querida.

— Eu o acho igualmente intimidador quando você fica de pé e... assim. O que não é nada disso.

Um pequeno sorriso se desenha em seus lábios. — Você se importaria de largar a faca, se for esse o caso?

Olho para baixo e percebo que ainda estou segurando uma faca de bife com a mão estendida. — Oh... desculpe, — eu engasgo e abaixo o braço.

— Posso abraçá-la? Por favor? — ele pergunta enquanto seus olhos procuram os meus.

Seu rosto tem linhas nítidas e seu maxilar está contraído, como se ele estivesse tentando se conter. Estou momentaneamente confusa com a maneira como ele está agindo e com sua pergunta, e então me dou conta. Ele teme que eu esteja em choque e o considere uma ameaça também. Homem tolo. Jogo a faca no chão e coloco minha mão em sua bochecha.

— Sim, — eu digo.

Alessandro se levanta, envolve-me com seus braços e me levanta.

— Sinto muito, — diz ele em minha boca enquanto me aperta contra seu corpo com tanta força que mal consigo respirar. — Eu deveria ter estado aqui.

— Não tem problema. Tive a chance de experimentar os movimentos que você me ensinou, — murmuro e mordo seu lábio inferior.

— Você nunca mais precisará usar esses movimentos enquanto eu viver, Ravi. Juro pela minha vida. — Sua boca percorre meu queixo até o hematoma na lateral da minha bochecha. — Você está de malas prontas?

— Sim.

— Só preciso terminar uma coisa e vamos embora. Ok?

— Está bem.

— Ótimo. — Ele me abaixa lentamente até o chão, depois se curva e pega meu rosto entre as palmas das mãos. — Espere aqui até eu voltar para buscá-la. Por favor.

Aceno com a cabeça.

Alessandro deposita outro beijo em meus lábios e depois se dirige a Rocco. Ele agarra meu marido pela parte de trás de seu paletó e o arrasta para fora da cozinha. Espero no balcão por alguns segundos e depois corro atrás deles.

Corro pelo saguão de entrada até ao escritório e dou uma olhada pela porta aberta. Rocco ainda está inconsciente quando Alessandro o coloca em uma das grandes cadeiras barrocas ao lado da parede, logo abaixo de uma enorme pintura a óleo. Rocco encomendou essa obra logo após nosso casamento. A composição é de um grupo de homens sentados em uma mesa coberta de tecido, jogando cartas em uma superfície branca imaculada. Ela me lembra *A Última Ceia*, de Da Vinci, de uma forma perturbadora.

Alessandro move a mesa de centro para a frente de Rocco e pega outra cadeira no canto da sala. Em seguida, ele a coloca do outro lado da mesa, de frente para Rocco.

— É hora de acordar, Pisano, — diz Alessandro ao se sentar e colocar a arma sobre a mesa.

Os olhos de Rocco se abrem. Por um momento, ele apenas olha para Alessandro, depois pula da cadeira e sua mão esquerda alcança a arma.

Alessandro é mais rápido. Ele pega a arma e manda uma bala na coxa de Rocco. — Isso o manterá sentado.

Rocco cai de costas na cadeira, gritando a plenos pulmões. Alessandro ignora seus gritos e coloca a arma de volta na mesa. Calmamente, ele enfia a mão no bolso e tira um baralho de cartas.

— Eu vou te matar, seu pedaço de merda mentiroso! — meu marido ruge entre os soluços, com cuspe voando na frente dele. Seu rosto está vermelho, seja de raiva ou de dor.

— Sei que você gosta de jogar com apostas altas, — diz Alessandro enquanto embaralha as cartas. — Como não temos pedras bonitas à mão desta vez, vamos jogar por outra coisa. Que tal partes do corpo?

Os olhos de Rocco se arregalam. Ele se inclina para trás na cadeira, olhando para Alessandro, e a surpresa em seu rosto se transforma em medo.

— Deixe-me ir, — diz Rocco. — Deixe-me ir, e não direi nada a Ajello. Mas se você me fizer mal e o Don descobrir, você está acabado, Zanetti.

— Eu não dou a mínima. Você se atreveu a tocar em alguém que eu amo, então vai pagar por isso, sem consequências.

Mordo meu lábio inferior. Afinal, ele decidiu se vingar. Provavelmente foi por isso que ele me pediu para ficar na cozinha. Para que eu não soubesse.

— Ela é minha esposa, seu filho da puta! — Rocco esbraveja. Ele obviamente concluiu que Alessandro está falando de mim e não de sua falecida esposa.

— Sua futura viúva, você quer dizer? — Alessandro inclina a cabeça para o lado e começa a distribuir as cartas. — Sim. Estou apaixonado por sua futura viúva desde o dia em que entrei em sua casa. Agora, cale a boca e jogue. Ou talvez eu decida estragar sua outra mão e você não conseguirá segurar nada.

Pressiono minha mão trêmula sobre meus lábios. Ele está fazendo isso por mim. As últimas dúvidas que ainda existiam em meu coração se dissipam, e eu me permito acreditar que os sonhos que um dia tive e pensei que estavam reduzidos a cinzas se tornarão realidade.

Enfiando as laterais do paletó de Alessandro em volta de mim, eu me aproximo, mas me escondo atrás de uma das estantes. Gostaria de poder correr até lá e beijá-lo, mas não vou me atrever a distraí-lo e arriscar que Rocco pegue a arma.

Eu achava que o pôquer só podia ser jogado com três ou mais pessoas, mas parece que estava errada. Alessandro distribui duas cartas para cada um deles, viradas para baixo, e depois coloca mais três cartas na mesa, viradas para cima.

— Eu desisto, — diz Rocco, depois de olhar suas duas cartas.

— Não há dobra nesse meu jogo, Pisano, — Alessandro responde enquanto coloca mais duas cartas viradas para cima na mesa. — Também pularemos um ou dois passos para economizar tempo. Agora, vamos ver o que temos.

Rocco olha fixamente para as cartas, depois dirige o olhar para a arma. Posso ver isso em seus olhos no momento em que ele decide pegá-la. Seu corpo fica rígido e ele se inclina ligeiramente para a frente. Abro a boca para avisar Alessandro, mas não há necessidade. A mão de Alessandro se move para a direita, agarrando a arma. Um tiro perfura o ar no momento seguinte.

Meu marido grita e pressiona a mão sobre o ombro que está sangrando.

— Está doendo? — Alessandro pergunta enquanto abaixa a arma, mas Rocco continua se lamentando.

— Eu perguntei: Será. Que. Isso. Dói? — Alessandro se inclina sobre a mesa e coloca seus dedos em volta da mão enfaixada de Rocco.

O som que sai dos lábios de Rocco é mais animalesco do que humano. — Sim!

— Fico feliz. Vamos continuar.

Fico escondida atrás da estante e observo enquanto eles jogam mais três rodadas. Cada uma delas termina com uma bala no corpo de Rocco. Seu bíceps direito. No pé esquerdo. A outra coxa. A poça de sangue se espalha por toda a

cadeira de Rocco. Ele mal consegue se sentar direito. Até mesmo seus soluços perderam o zelo ardente, com apenas um gemido soando de vez em quando. O tempo parece se estender em um intervalo infinito, mas mal se passaram cinco minutos.

Alessandro dá as cartas novamente. Rocco se balança na cadeira e depois cai para a frente, com a cabeça batendo na superfície de madeira da mesa. As cartas se espalham, atingindo o chão uma a uma. Alessandro pega a arma e agarra Rocco pelos cabelos, puxando sua cabeça para cima.

— Fim de jogo, filho da puta. — Ele dispara a arma, a bala atinge sua marca no centro do rosto de Rocco.

Sangue e massa encefálica saem pela parte de trás, cobrindo tudo em uma bagunça horrível.

Alessandro solta a cabeça de Rocco e ela cai de volta na mesa de café de madeira. A última carta deixada sobre a mesa escorrega e gira lentamente no ar antes de cair sobre a poça de sangue ao lado do pé de Alessandro. O ás de copas.

Deixo meu esconderijo atrás da estante e dou um passo para dentro da sala. Alessandro olha para cima, seu corpo parando abruptamente no momento em que ele me percebe. A parte da frente de sua camisa está manchada de sangue e há um pouco em seu rosto e na mão direita também.

— Jesus, Ravi. Há quanto tempo você está aí parada?

— Desde o início. — Dou mais um passo à frente e corro até ele.

Quando o alcanço, pulo em seus braços, sabendo, sem dúvida, que ele me pegará. E ele pega. Envolvo meus braços em torno de sua cabeça, com os dedos passando freneticamente pelo cabelo curto, e bato minha boca na dele.

— Eu te amo, — sussurro em seus lábios.

Ele me aperta em seu peito com tanta força que tenho dificuldade para respirar.

— Não acho que amor seja um termo forte o suficiente para descrever o que sinto por você, Ravi, — diz ele entre os beijos. — Gostaria de encontrar as palavras para descrevê-lo. É como uma linda chama envolvendo meu coração, que se transformou em uma loucura ardente. Todo o resto é insignificante diante de sua luz.

— Então vamos queimar juntos, — eu digo e raspo minhas unhas na pele de seu pescoço.

Um som baixo e estrondoso sai da boca de Alessandro enquanto ele me carrega pela sala e me coloca sobre a grande mesa no centro da sala. Ele tira o paletó dos meus ombros e, em seguida, começa a arrancar o resto das minhas roupas até que eu esteja sentada na mesa completamente nua.

— Tão linda. — Ele coloca a mão em meu pescoço, acariciando a pele com o polegar, e eu me sinto molhada instantaneamente. — E, finalmente, só minha.

Ele mantém a palma da mão na minha garganta enquanto a outra mão percorre a minha frente, a ponta do dedo traçando uma linha reta pelo meu peito e estômago, depois desliza para dentro da minha boceta. Um suspiro sai de meus lábios quando ele enrola o dedo dentro de mim.

— Qual é a sensação de ser só minha, Ravenna? — ele pergunta enquanto aperta meu pescoço levemente.

Respiro fundo e me inclino para a frente, maravilhada com a sensação de sua mão pressionando meu pescoço. — Como se eu estivesse finalmente livre.

As profundezas azuis-escuras de Alessandro espiam as minhas quando ele retira o dedo da minha boceta e leva a mão à boca. Seu olhar não se desvia enquanto ele lambe minha umidade de sua pele.

— Cada vez que provo você, seu néctar é mais doce, — diz ele, olhando para mim como uma fera faminta que se prepara para atacar. — Estou achando muito difícil decidir se quero tê-la primeiro com meu pau ou com minha boca.

Um arrepio percorre meu corpo. Coloco as mãos na gola de sua camisa ensanguentada e a puxo. Os dois botões superiores caem no chão, enquanto sua mão desliza novamente para minha boceta, provocando minha entrada. Puxo sua camisa novamente, arrancando outro botão e revelando mais de seu peito marcado. Em resposta, o aperto em meu pescoço diminui um pouco quando a ponta de seu dedo desliza para dentro de mim.

É estranho ir tão devagar quando, até agora, todos os nossos encontros foram explosivos. Ainda assim, estou gostando da expressão de contenção no rosto de Alessandro. Vejo o frenesi mal controlado em seus olhos e sei que ele está lutando para não me empalar com seu pau imediatamente.

Outro botão cai, e seu dedo desliza um pouco mais.

— Você parece gostar de me torturar, Ravi, — ele diz.

Um pequeno sorriso se desenha em meus lábios. — Vejo que você está jogando junto.

Seu dedo desliza completamente para dentro, fazendo-me ofegar. Minhas mãos tremem quando desabotoo os dois últimos botões e passo para o zíper da calça dele.

— Preciso que você vá mais rápido, Ravi, querida, — diz ele enquanto pressiona o polegar sobre meu clitóris. — Ou vou perder o controle.

— Isso é algo que eu gostaria muito de testemunhar, — digo enquanto empurro a calça dele para baixo dos quadris.

Um rosnado sai dos lábios de Alessandro. Seu dedo desaparece da minha boceta em um instante e sua mão solta meu pescoço. Solto um grito frustrado, que rapidamente se transforma em um guincho quando ele agarra minha cintura e me vira.

— Dobre as pernas, querida, e ajoelhe-se na mesa, — ele diz enquanto eu me penduro no ar.

Posso ser baixa, mas certamente não sou magra, e o modo como ele me segura como se eu fosse uma boneca me deixa tão molhada que chega a ser constrangedor. Mas aceno com a cabeça e faço o que ele diz enquanto ele me abaixa lentamente até ao tampo da escrivaninha.

— Incline-se para a frente e abra as pernas para que eu tenha uma visão melhor dessa boceta doce.

Abaixo o peito e pressiono a testa contra a superfície de madeira, uma corrente elétrica subindo pela minha coluna, onde a palma de Alessandro percorre minhas costas.

— Veja como nos encaixamos bem, — ele sussurra enquanto sua mão passa pelo meu pescoço. — Respire fundo, Ravi.

Agarro a borda da mesa e inspiro, e Alessandro desliza para dentro de mim. Seu pau me preenche, esticando-me quase ao ponto de eu não aguentar mais. Meus gemidos se transformam em gritos de êxtase quando ele começa a balançar os quadris lentamente.

É uma blasfêmia. Estou ajoelhada na mesa do meu marido morto, sendo lindamente fodida pelo homem que o matou. A poucos passos de distância do corpo ainda quente de nosso inimigo.

Não me importo. Que Deus me ajude, mas não me importo.

Meu corpo começa a tremer e eu me aproximo do precipício cada vez que Alessandro bate em mim. A pressão aumenta sob seu ritmo constante até que eu me sinto sem peso e gozo.

* * *

— A câmera... — Eu digo enquanto Alessandro me carrega em direção à escada.

— Não importa. Não há ninguém vivo para assistir ao vídeo.

Aperto meus braços ao redor de seu pescoço e o beijo em sua mandíbula coberta de barba por fazer. — Então, o que aconteceu com os caras da segurança na guarita?

Ele para no meio da escada e olha para mim. — Eles representavam uma ameaça para você, por isso foram neutralizados. Não vou me desculpar por isso.

Um homem de poucas palavras, de fato. Com essa declaração, ele volta a subir as escadas.

Quando chegamos ao meu quarto, Alessandro me deita na cama, depois vai até os pés dela e se ajoelha no chão.

— O que está fazendo? — Eu pisco para ele, confusa.

— Lá embaixo, era eu perdendo o controle. — Ele passa a mão em volta do meu tornozelo e levanta meu pé até à boca, dando um beijo na sola do pé. — Feche os olhos, Ravi.

Deixo que meus olhos se fechem e me concentro em seus lábios, que sobem com beijos suaves pela parte inferior da minha perna.

— E o que é isso? — sussurro.

— Isso... — Ele passa para a minha outra perna, beijando o arco do meu pé também. — Isso é eu adorando você.

As palmas das mãos de Alessandro deslizam lentamente pelas minhas pernas, centímetro por centímetro, seguidas por seus lábios que dão pequenos beijos ao longo do caminho - um na minha perna direita e depois na esquerda, repetindo o padrão. Quando ele alcança a parte interna de minhas coxas, sinto o colchão se inclinar enquanto ele sobe na cama.

— Mantenha os olhos fechados, — diz ele com sua voz áspera, — e nada de espiar.

Um beijo pousa na parte inferior da minha barriga enquanto suas palmas acariciam a parte interna das minhas coxas.

Mordo meu lábio inferior e aperto o lençol da cama com meus dedos. Suas mãos deslizam para cima em direção à minha boceta, enquanto sua boca se move para baixo ao mesmo tempo. Beijo e carícia. Beijo e carícia. Eu me pergunto o que atingirá meu âmago primeiro - suas mãos ou sua boca, e a doce antecipação está apenas aumentando minha excitação.

Seus lábios pressionam meu clitóris no mesmo instante em que seus dedos chegam à minha entrada. — Respire fundo, — ele instrui.

Nem preciso fazer isso conscientemente, porque sua boca se fecha em torno do meu clitóris no momento em que seu dedo entra em mim, e eu suspiro em busca de ar. A umidade se infiltra entre as bochechas da minha bunda enquanto sua língua quente lambe meu botão, com movimentos fortes, mas lentos. Seu dedo desliza mais fundo, pouco a pouco. Minha boceta, já sensível, dói de necessidade, querendo mais, mas ele é implacável. Uma tortura tão doce. A língua dele dá voltas metódicas e sem pressa e, em seguida, outro dedo mergulha dentro de mim. Minhas pernas tremem e meu núcleo se contrai. Solto o lençol e agarro seu cabelo, puxando sua cabeça mais para mim.

Os lábios de Alessandro pressionam meu clitóris e ele começa a chupá-lo. Calafrios sobem pela minha espinha, até à base do meu crânio. Arqueio minhas costas e gemo enquanto a pressão em meu núcleo aumenta.

— Por favor, — ofego. — Eu vou enlouquecer.

— Você não vai, — ele murmura em minha boceta e volta a lamber meu clitóris, enquanto seus dedos ásperos deslizam para dentro e para fora de mim, afundando um pouco mais a cada vez.

— Alessandro! — Eu grito, perdendo minha compostura.

Ele enfiou os dedos completamente e sugou meu clitóris com tanta força que eu explodo em um milhão de pedaços no momento seguinte.

Ainda estou tremendo com os tremores secundários quando ele lambe minha boceta uma última vez e levanta a cabeça.

— Eu ainda não terminei, Ravi querida.

— O quê? — Eu me engasgo.

Dando um beijo rápido em minha boceta, ele se levanta e começa a tirar a roupa.

— Você achou que minha boca seria suficiente? — Ele se arrasta sobre meu corpo e coloca os cotovelos de cada lado da minha cabeça, inclinando a cabeça em minha direção e me envolvendo em suas piscinas azul-escuras. — Eu nunca me cansarei de você.

Seu olhar mantém o meu enquanto ele desliza seu pau dentro da minha boceta. Eu me arrepio.

— Sensível? — ele pergunta.

— Um pouco.

Envolvendo-me com o braço, ele nos faz rolar até que eu esteja em cima dele. Giro os quadris lentamente, adorando a sensação de tê-lo embaixo de mim dessa maneira. Seu pau é enorme, enchendo-me até à borda, e cada pequeno movimento inflama cada uma das minhas terminações nervosas. Eu me deleito quando sua mão sobe pela minha barriga e peito até envolver meu pescoço.

— Sinto muito, — diz ele de repente, com a voz embargada.

— Pelo quê?

Alessandro não responde, apenas me observa com um olhar estranho. Eu me inclino um pouco para a frente e Alessandro levanta e coloca a outra mão em minha bochecha.

— Eu amo você, Ravenna. Mais do que qualquer outra coisa ou pessoa que já amei, — ele sussurra. — Por favor, lembre-se disso.

Não entendo por que ele parece tão... triste. Rocco se foi. Finalmente estamos livres.

— O que está acontecendo?

— Nada, querida. — Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso. — Eu só queria que você soubesse. É só isso.

Continuo a montá-lo, maravilhada com a sensação de seu corpo sob o meu, enquanto ele continua a olhar para o meu rosto, com aquele sorriso triste que aparece em seus lábios o tempo todo.

Capítulo 21

Alessandro

Puxo o cobertor para cobrir o ombro nu de Ravenna e me sento na beirada da cama, olhando para o telefone em minha mão. Vários cenários passaram pela minha cabeça enquanto eu estava deitado ao lado de Ravenna mais cedo, com a cabeça dela aconchegada na curva do meu pescoço. Nenhum deles era bom, e cada opção parecia pior do que a anterior. No momento em que matei Pisano, soube que só havia um resultado viável para essa situação.

Encontro o nome que estou procurando na minha lista de contatos e ligo. Já passa da meia-noite, mas ele vai atender. Ninguém liga para o Don a essa hora, a menos que seja uma emergência.

— O que aconteceu? — A voz de Salvatore Ajello entra na linha.

— Rocco Pisano está morto, — eu digo.

— Os sérvios o pegaram?

— Não. Eu peguei.

O ar ficou parado antes de ele falar novamente. — E você está ligando só para confessar?

— Não. Liguei para lhe dizer que Ravenna não tem nada a ver com isso. Nenhum mal deve ser feito a ela.

Trabalho diretamente para o Don há anos, e ele me conhece bem o suficiente para saber que eu não mataria ninguém sem um motivo. Especialmente

um capo. Mas isso não muda o fato de eu ter feito isso sem a aprovação dele. Fui contra o Don e traí a Família. A punição para isso é a morte. Não posso fugir e não posso mentir para ele. Além disso, ele provavelmente já sabe o que aconteceu na festa do brunch, inclusive eu e Ravenna nos beijando na frente de todos.

Ajello novamente fica em silêncio, fazendo com que o pânico cresça em meu peito. Para manter Ravi a salvo, eu não hesitaria em matá-lo também. Mas não sei se terei essa chance.

— Por favor. — Fecho os olhos e aperto o telefone em minha mão.

— Ele merecia isso?

— Ele merecia muito mais do que o que eu lhe ofereci, — eu digo.

Outra pausa. Ela provavelmente dura apenas alguns segundos, mas parece uma eternidade para mim.

— Você está na casa de Rocco? — pergunta Ajello.

— Sim.

— O corpo?

— Em seu escritório.

— Muito bem. Ouça-me com muita atenção, Zanetti. Você tem quatro horas para limpar suas coisas, depois pegar sua mulher e ir embora às cinco. Está entendendo?

Ele está nos deixando ir?

— Você entendeu, Zanetti?

— Por quê? — Eu pergunto.

— Você salvou a vida de minha esposa. Agora, estou lhe presenteando com a sua, então estamos quites. Se eu o ver novamente em minha cidade, você estará morto.

— Partiremos em quatro horas.

— Ótimo. Certifiquem-se de cobrir seus rastros, porque se alguém os ligar a essa maldita confusão, darei sinal verde aos meus homens para irem atrás de vocês dois.

Ele desconecta a chamada, sem me deixar dúvidas de que está falando sério.

Deixo o telefone de lado e fico olhando para ele enquanto as rodas do meu cérebro começam a girar. Um minuto depois, disco outro número.

— Preciso de outro corpo, — digo assim que Felix atende a ligação.

— O quê?! Você está louco? Você sabe quanto tempo?

— Pare de falar, Felix. Isso é uma emergência.

— Vida e morte?

— Sim. Preciso de um corpo feminino, cabelo preto, vinte e poucos anos. O local de entrega é Nova York, eu lhe enviarei o endereço.

— Tudo bem. Terei algo para você na próxima semana.

— Preciso que seja entregue em três horas, Felix. Nem um minuto a mais. E preciso de um carro.

Interrompo a ligação e saio correndo da sala para pegar meu laptop e as plantas da mansão.

* * *

Planejar um incêndio em uma casa que pareça ter sido um vazamento de gás e apagar todas as evidências do meu envolvimento em cerca de duas horas é quase impossível, mas não tenho escolha. Mesmo que o vazamento de gás não se confirme, isso não importará, desde que acreditem que Rocco, Ravenna e eu morremos no incêndio.

Verifico as plantas espalhadas no chão ao lado da cama mais uma vez, depois olho para Ravenna. Ela ainda está dormindo profundamente.

— Vou fazer isso dar certo, Ravi.

Pegando meu laptop, abro o software de vigilância por vídeo e abro os arquivos de dados arquivados, encontrando a gravação da câmera do portão que mostra meu carro quando saí hoje cedo. O registro de tempo é de pouco depois das quatro da tarde. Edito o clipe de meio minuto, trocando-o por um vídeo fictício do portão fechado. Em seguida, pulo para o momento em que entrei sorrateiramente e matei os dois seguranças na guarita. Altero essa parte também, juntamente com alguns quadros em que as câmeras me flagraram matando o resto dos guardas.

Levei quase duas horas para editar cada quadro comprometedor. Como eu já tinha vários clipes salvos de vários momentos do dia, foi uma questão de encontrar os adequados e manipular as entradas de registro antes de unir os feeds, resultando em uma gravação contínua e limpa que mostra eu e Ravenna chegando à mansão no meio da tarde e Rocco aparecendo às dez e meia. Com isso feito, substituo todas as câmeras entre a porta da frente e o portão para exibir uma imagem estática pelas próximas duas horas.

A primeira fase está concluída. É hora de descer as escadas para preparar o palco para a segunda fase.

* * *

O ronco baixo dos motores enche a noite quando estou tirando os recipientes de combustível vazios pela porta da frente. Alguns segundos depois, dois SUVs pretos fazem a curva na entrada da garagem e param perto dos degraus da frente. A porta do motorista do carro da frente se abre e um homem de quarenta e poucos anos sai. Meu amigo do saco de cadáveres da semana passada.

— Outra entrega de Felix Allen, — diz ele e se aproxima para abrir a área de carga do veículo. — Mulher. Cabelos pretos. Morreu de causas naturais. Eu não consegui arranjar uma pessoa de vinte e poucos anos em cima da hora, então você recebeu alguém de trinta e poucos anos. Sinto muito.

— Vai funcionar. — Aceno com a cabeça. De qualquer forma, não restará muito do corpo para identificar. Se houver, pedirei a Felix que faça sua mágica e altere os resultados do teste de DNA para mostrar uma correspondência.

— Diga a Felix que ele está me devendo, — disse o homem e me jogou as chaves do carro.

— Há dois corpos perto do portão e mais três ao longo da parede do perímetro. — Tiro cinco diamantes do meu bolso e os entrego. — Você pode se desfazer deles para mim?

— Claro.

Observo quando ele se afasta no outro veículo, tiro o saco para cadáveres do carro e o coloco sobre meu ombro.

Rocco e o corpo do macho do meu SUV já estão arrumados na cozinha. Pode não ser o local ideal, mas o forno a gás natural fica bem embaixo, portanto a cozinha sofrerá os maiores danos quando o aquecedor explodir. Acrescento o corpo da mulher à cena, recolho o saco para cadáveres e o levo de volta para o veículo que o cara de Felix entregou. Enfio os galões vazios no espaço de carga e transfiro as coisas do meu para o SUV substituto. Quando tudo está pronto, dou partida no veículo e ligo o aquecimento, depois volto para dentro da mansão para pegar Ravenna.

Ravenna

— Ravi.

Abro meus olhos e olho para Alessandro. Ele está agachado ao lado da cama e, embora pareça cansado, seus olhos estão brilhando na luz fraca.

— Está na hora de ir, querida. — Ele estende a mão e roça minha bochecha com as costas da mão. — Vou levar sua mala para o carro.

— O que está acontecendo?

Um sorriso se desenha em seus lábios quando ele se inclina para a frente para dar um beijo rápido nos meus. — Para que possamos fugir, precisamos morrer primeiro.

Ele recolhe seu laptop e alguns papéis do chão e sai do quarto.

Quando estou descendo a escada, dez minutos depois, sinto um forte cheiro de gás. O odor é tão forte que meus olhos começam a lacrimejar e uma tosse repentina toma conta de minha garganta. Enterro o rosto na dobra do cotovelo e corro pelo hall de entrada o mais rápido que posso para sair.

Alessandro está parado ao lado de um veículo preto desconhecido, segurando a porta do motorista aberta para mim. Ele tem uma máscara de gás em volta do pescoço e, na outra mão, está segurando uma garrafa com um pano.

— Dirija até ao portão e espere por mim, — disse ele. — Estarei lá em breve.

— O que você vai fazer?

— Parece que os caras que instalaram o novo forno para Rocco podem ter feito besteira. Há um sério vazamento de gás.

— Quando isso aconteceu?

— Há cerca de vinte minutos. — Ele coloca a máscara de gás sobre o rosto e entra na mansão.

A última vez que dirigi foi há um ano, quando peguei o carro emprestado de Melania para levar minha mãe ao médico, então preciso me concentrar nos controles. Aproximando-me do portão, decido parar na curva da estrada, o que me permite ver tanto a entrada da propriedade quanto as portas da frente da mansão. Quando me viro para olhar pela janela traseira, Alessandro não está em lugar algum. A garrafa com o pano que ele tinha na mão foi deixada na entrada da garagem onde o SUV estava.

Passei os vinte minutos seguintes alternando meu olhar entre o relógio no painel e a janela traseira, esperando Alessandro sair. Minha paciência está se esgotando e estou pensando em voltar para procurá-lo quando a porta da frente se abre e Alessandro sai.

Ele caminha casualmente até ao meio da entrada da garagem, depois para e retira a máscara facial. Meu telefone começa a tocar. Atendo a chamada enquanto mantenho meus olhos em Alessandro, que está segurando o telefone no ouvido.

— Cubra seus ouvidos, Ravi, querida, — sua voz vem através da linha.

— Está bem, — sussurro e observo enquanto ele guarda o celular e se abaixa para pegar o coquetel molotov do chão.

Meu coração começa a acelerar quando ele se vira de frente para a casa e tira algo do bolso da calça. Estou longe demais para ver o que é, mas o fio de chama que parece sair de sua mão me faz saber que é seu isqueiro Zippo. Ele

aproxima a garrafa da chama, acende o trapo e o lança em uma das janelas da casa no térreo, quebrando o vidro.

Alessandro já está correndo em direção ao carro quando um som estrondoso reverbera pelo ar. Como se eu estivesse assistindo a uma cena de um filme de Hollywood, meus olhos estão grudados em sua enorme forma emergindo de uma nuvem de fumaça, enquanto as chamas às suas costas sobem em direção ao céu noturno, lançando um brilho alaranjado sobre tudo o que está nas proximidades.

Puxo a maçaneta da porta e saio do carro, querendo nada mais do que me certificar de que ele está bem, mas não tenho chance, porque no instante em que Alessandro me alcança, ele me puxa para seus braços e bate sua boca na minha.

— Será estranho se eu a pedir em casamento na mesma noite em que você fica viúva? — ele murmura em minha boca.

— Não sei. Será? — Eu ri.

— Quem se importa? De qualquer forma, estamos oficialmente mortos. — Ele se inclina e me prende com seu olhar. — Quer se casar comigo, Ravi, querida?

Pego seu lábio inferior entre meus dentes e o mordo. — Sim.

Epílogo

Alessandro

Dois anos depois, um vilarejo perto de Le Puy-en-Velay, na França

Bip.

Minha mão ainda está na metade do caminho até à torradeira.

É um dos alarmes, sinalizando uma violação do perímetro. Tenho detectores de movimento em todos os lugares, configurados para criar quatro círculos concêntricos de segurança em torno de nossa propriedade. Quando acionado, significa que alguém cruzou uma das linhas de limite do sensor e está se aproximando.

Olho para o deck dos fundos, onde minha esposa está se preparando para o café da manhã, assobiando algo para si mesma. Sua mãe e seu irmão disseram que passariam por lá mais tarde, mas ainda é muito cedo para serem eles.

Bip. Bip.

Dois bipes significam que os intrusos atingiram o segundo limite. Com base na velocidade com que estão se movendo, deve ser um veículo.

— Ravi, — eu chamo enquanto abro a gaveta e pego minha arma. — Preciso que você suba as escadas, querida.

Ravenna para o que está fazendo e olha por cima do ombro. — Há algo errado?

— Parece que temos alguns intrusos.

Ter uma cerca ao redor da propriedade e câmeras podem ser medidas de segurança úteis, mas eu nunca as instalaria em nossa casa. Minha esposa nunca mais se sentirá como uma prisioneira cujos passos estão sendo vigiados. E qualquer pessoa que deseje lhe fazer mal precisará passar por mim primeiro para chegar até ela.

Ravenna deixa os pratos sobre a mesa e vai para a cozinha. Seus longos cabelos caem em cascata como uma cortina preta cintilante em suas costas e balançam um pouco a cada passo que ela dá. Ela contorna o balcão de café da manhã que separa a área de estar da cozinha e vem para perto de mim.

Bip. Bip. Bip.

— Por favor, — digo e aceno com a cabeça para as escadas que levam ao loft.

Ela apenas sorri para mim e pega a grande tigela decorativa no balcão, de onde tira uma das minhas outras armas e a engatilha.

— Não, — eu rosno.

Bip. Bip. Bip. Bip.

Que droga. Eles cruzaram o último limite do perímetro.

— Ravenna.

Ela inclina a cabeça para o lado e coloca a palma da mão em minha bochecha. — Você nunca terá que atravessar as linhas inimigas sozinho,

Alessandro. Você me ensinou bem. — Ela se levanta na ponta dos pés e beija meus lábios. — Eu ficarei bem.

Eu nunca deveria ter contado a ela sobre minhas missões. Ou tê-la treinado para atirar.

Uma buzina de carro toca do lado de fora. A pessoa ao volante parece não estar satisfeita com uma única buzinada e continua tocando a buzina em rápida sucessão, como um maníaco. É uma combinação de buzinas curtas e longas, com o padrão se repetindo em ciclos.

— Perfeito, — murmuro e beijo minha esposa, depois jogo a arma de volta em uma gaveta. — Pode guardar isso, querida.

— Alguém que você conhece?

— Infelizmente.

Passo pela porta da frente e encaro o recém-chegado. Só há uma pessoa que viria à minha casa e usaria a buzina do carro como código Morse para transmitir uma mensagem. A mensagem?

Sou eu, oi.

— Sério, Belov? — Cruzo minhas mãos sobre o peito.

— O quê? Você não é fã de pop-rock? — O homem loiro desce do carro e estreita os olhos para mim. — Há quanto tempo isso aconteceu? Dez anos? Cara, você é velho.

— Alessandro. — Ravenna se espreita por trás de mim. — Você vai apresentar seu amigo?

— Sim, *Alessandro*. Não quer nos apresentar? — Belov sorri.

— Esse é Sergei Belov, querida. O cara que quase me explodiu durante uma missão. Duas vezes. — Eu digo, depois olho de volta para meu ex-companheiro. — O que você está fazendo aqui?

— Viemos fazer uma visita.

— Quem é 'nós'? — Eu resmungo.

A porta do passageiro do carro de Sergei se abre e Felix Allen sai. — São negócios, não uma visita social. Estamos aqui para retribuir um favor em vez de cobrar pelos serviços que prestei.

— Quais serviços? — Eu pergunto.

Felix ajeita os óculos e enfia a mão no bolso, tirando um pedaço de papel dobrado. Ele limpa a garganta e começa a ler em voz alta.

— Obtenção de vários conjuntos de documentos falsificados de primeira linha. Hackear bancos de dados de governos federais, estaduais e municipais e acessar, excluir e modificar vários registros e informações, hackear sistemas de aplicação da lei e apropriar-se de informações confidenciais... — ele faz uma pausa e olha para mim antes de respirar fundo e expirar, em voz alta — *...treze vezes. Localizar e se apropriar de armas de longo alcance do mercado negro, falsificando ou eliminando números de série, conforme necessário. Abertura de duas contas bancárias no exterior e compra...*

Não posso deixar de revirar os olhos para a rainha do drama e, em seguida, envolver meu braço na cintura de Ravenna enquanto Felix continua a listar todas as coisas que fez por mim ao longo dos anos.

— Esse é o cara que ajudou você a sair da Z.E.R.O.? — Ravenna sussurra.

— Sim. — Dou um beijo no topo de sua cabeça enquanto Felix continua a tagarelar.

— ...chantagem, solicitando favores da Yakuza, bem como de duas facções da Camorra. Organizar o descarte de cadáveres regularmente, contratar e demitir um assassino muito caro...

— Mas ele parece tão... avô. — Ela ri. — Se eu o visse em uma faixa de pedestres, eu me ofereceria para ajudá-lo a atravessar a rua.

— Ele provavelmente arrancaria sua mão com uma mordida. E o fato de ele parecer um velho rabugento só o torna mais perigoso.

— ...adquirir um corpo com características únicas, além de incorrer em despesas de armazenamento até que um conjunto de instruções de entrega fosse recebido, adquirir outro corpo em um prazo extremamente curto e o custo de um buquê de orquídeas.

Felix guarda o papel e coloca as mãos nos quadris.

— Despesas de armazenamento de um corpo? — Eu pergunto.

— Sim. — Ele acena com a cabeça. — Você solicitou um espécime de 1,80 m. Tive de comprar uma geladeira maior.

— E o buquê?

— Meu médico disse que eu precisava reduzir a ingestão de açúcar. Guadalupe encontrou o corpo quando estava procurando meu estoque de sorvete, então tive que me desculpar por ter lhe causado sofrimento.

Olho para os céus e balanço a cabeça. — O que você quer?

— Preciso que você acompanhe Sergei em uma pequena missão particular para mim. — Ele dá de ombros e tira a poeira inexistente do paletó do terno. — Nada muito significativo. Três dias, talvez quatro, no máximo.

— Que tipo de missão?

— Uma missão de resgate. Uma viagem curta para o México e de volta. Vai ser moleza, Az. Juro.

— Estou entendendo. Se é algo absolutamente sem sentido, por que Belov não pode lidar com isso sozinho?

— O local é um pouco protegido, — murmura o velho, evitando meu olhar.

— Quantos homens? — Eu pergunto.

Felix dá de ombros, mas não responde.

— Cento e três, — Sergei acrescenta e sorri. — É o complexo do meu amigo Mendoza. Espero que ele não perceba que sou eu quando o invadirmos.

— E seu irmão não se importa que você invada a localização do parceiro dele?

— Na verdade, não. — Sergei se encolhe. — Vamos manter isso em segredo. Roman vai ficar louco se descobrir.

Encantador. — E quem estamos resgatando?

— Kai Mazur, — diz Felix.

— Sim. — Eu bufo. — Não está acontecendo.

— Você me deve uma!

— Esse homem está seriamente fodido, Felix. Ele provavelmente pensará que vamos para eliminá-lo e tentará nos matar primeiro.

— Você sempre vê o pior nas pessoas, — diz Sergei. — Kai é um cara decente.

— *Kai é um cara decente?* Se bem me lembro, vocês dois tentaram se matar pelo menos cinco vezes.

— Um cara decente e fodido? — ele sorri.

Aperto a ponte do meu nariz, mal conseguindo acreditar nessa merda que estou ouvindo. É verdade. Pessoas loucas gravitam em torno umas das outras.

— Vamos, Az, — diz Sergei. — Não podemos abandoná-lo.

— Tudo bem, droga.

* * *

Um estalo à minha direita.

Aponto meu rifle para a fonte do som e vejo que é apenas um roedor correndo em meio às folhas caídas.

O ar está carregado de umidade, dificultando a respiração, especialmente com roupas táticas e equipamentos de visão noturna. Reposiciono-me, focalizando minha mira novamente no portão de madeira onde dois homens estão de guarda.

— Aquele lunático não poderia se deixar pegar em um clima mais frio, poderia? — resmungo.

— Tenho certeza de que ele será mais atencioso da próxima vez, — diz Sergei enquanto continua a torcer os fios de sua bomba feita por ele mesmo.

— Como diabos ele foi capturado?

— Não faço ideia. Felix pensou que Kai estava morto até que seu nome apareceu em uma mensagem que ele interceptou em um dos canais não oficiais. Dá para acreditar que aquele velho bastardo ainda tem uma porta de entrada para os comunicadores de Kruger? De qualquer forma, parece que os mexicanos o pegaram por um bom tempo. O genro de Mendoza foi preso nos EUA no mês passado, então eles ofereceram uma troca - Kai pelo filhinho.

— Quanto tempo?

Sergei termina de usar a bomba e a coloca no chão. — Três anos.

— Três anos? Jesus Cristo. Tem certeza de que ele está vivo?

— Eles nunca o matariam. É uma moeda de troca valiosa demais, — diz ele e pega seu rifle de precisão. — Mas em que estado o encontraremos, essa é a pergunta de um milhão de dólares. Vamos nos aproximar.

Nós nos aproximamos do portão e nos protegemos atrás de um grande arbusto. Mantenho os guardas em minha mira enquanto Sergei tira um pequeno tablet de sua mochila e o abre. — A propósito, vi a gravação do seu funeral. Belo serviço.

— Obrigado.

— Eles ainda acreditam que foi um vazamento de gás?

— Aqueles que precisam, sim. — Aceno com a cabeça para o complexo à nossa frente. — Quantas bombas você colocou?

— Doze ao longo da parte externa das paredes. Trinta e sete no interior. Não foi possível fazer nada no portão, pois ele é vigiado 24 horas por dia. — Ele passa o dedo sobre uma das teclas do teclado e pega a bomba que acabou de fazer com a mão livre. — Cara, eu adoro essa merda.

Ele joga a bomba na direção do portão. A coisa cai entre os dois guardas e explode. Um segundo depois, um estrondo ensurdecedor enche o ar quando todos os dispositivos explosivos que Sergei havia colocado detonam simultaneamente. O chão treme como se um terremoto tivesse ocorrido sob nossos pés, enviando terra, madeira e detritos de construção para o alto. Estou apenas esperando que a boca do inferno se abra e nos engula inteiros.

— Tem certeza de que isso é suficiente, Belov? — pergunto sarcasticamente, enquanto uma nuvem de poeira e fumaça se eleva acima dos cinquenta mil metros quadrados do complexo de Mendoza.

— Terá que servir, — diz Sergei. — Não consegui mais C4 em cima da hora.

Demora quase vinte minutos para que a poeira assente o suficiente para que possamos realmente ver alguma coisa. As explosões derrubaram a eletricidade e todo o complexo do tamanho de um campo de futebol caiu na escuridão, com a única luz proveniente de uma dezena de incêndios que surgiram na área. A cena realmente parece um inferno agora.

— Agora, — eu digo, coloco minha bandana sobre a boca e nariz e me dirijo ao portão.

Gritos e choros ecoam por toda parte enquanto caminhamos entre as estruturas demolidas. Um disparo ocasional aumenta a cacofonia à medida que nos afastamos dos sobreviventes em nosso caminho. Tudo, exceto o enorme hangar no

meio do complexo, está em ruínas. Vários homens estão posicionados na entrada, com suas armas levantadas enquanto procuram freneticamente por ameaças que se aproximam. Eu abato cinco quando me aproximo pela direita, enquanto Sergei elimina mais quatro que vêm do outro lado.

— Para trás, — ele diz e dá a volta no hangar enquanto eu continuo caminhando em direção à entrada principal.

Mais três guardas saltam quando chego à porta do hangar, mas rapidamente dou conta deles e entro.

É obviamente uma instalação de armazenamento, provavelmente de drogas, já que esse é o negócio de Mendoza, com caixas empilhadas umas sobre as outras em todos os lados, quase chegando ao teto. Viro à direita entre duas fileiras de contêineres, procurando por inimigos. Vários tiros soam do outro lado do prédio enquanto Sergei varre seu flanco. Chego ao final da fileira e viro para a próxima.

Estou chegando ao meio do hangar quando ouço a voz de Sergei em meu fone de ouvido.

— Santa Mãe Maria, Jesus e José, — ele se engasga. — Esquina leste. Venha para cá. Agora, Az.

Viro à esquerda e corro em direção a Sergei. Ele está agachado, segurando um bastão de luz fluorescente sobre algo no chão. Levanto meus óculos e me aproximo, dando uma olhada mais de perto. A visão que me recebe me deixa sem palavras.

Um homem, apenas com pele e ossos, está deitado no chão. Suas calças estão rasgadas e sujas, e o que restou da camiseta está pendurado como um trapo sobre seu peito. Cada centímetro da pele visível está coberto por uma camada de sangue seco. Seu rosto está voltado para nós, mas, se não fosse por um fio de

cabelo comprido e emaranhado, eu nunca o teria reconhecido. A última vez que vi Kai, ele tinha quase o mesmo peso que eu, mas agora ele parece um maldito esqueleto.

— Ele está vivo? — Eu pergunto.

— Mais ou menos. Veja se você consegue encontrar algo para quebrar isso. — Sergei acena com a cabeça para a grossa corrente de metal que prende a perna direita de Kai à parede.

Corro em direção à entrada do hangar para pegar um alicate de corte e outras ferramentas que vi em uma mesa perto da porta e volto correndo. A pele ao redor do tornozelo algemado de Kai está crua. É como se o filho da puta maluco tivesse tentado arrancar seu pé para se libertar.

— Segure-o, — eu digo. — Não quero que ele fique louco pensando que sou um inimigo.

— Ele mal está respirando, Az. Não acho que ele seja capaz de mais nada.

Dou um passo à frente e coloco a cabeça do alicate de corte ao redor da corrente, preparando-me para fazer o corte, quando o calcanhar de um pé descalço se choca com meu queixo.

— Jesus, porra! — Eu me arrebento. — Eu lhe disse para segurá-lo, droga!

Sergei se abaixa sobre Kai, colocando-o sobre o peito e agarrando seus pulsos. Kai solta um rugido animalesco e dá uma cabeçada em Belov com tanta força que a cabeça de Sergei cai para trás.

— Merda. — Pego minha jaqueta e retiro uma pequena caixa de plástico com uma seringa dentro.

Felix nos deu o tranquilizante para o caso de termos dificuldade em dominar Kai, mas quando vi o estado em que ele se encontrava, achei que não era necessário. O maluco vive para provar que as pessoas estão erradas. Eu destampo a agulha e enfio a coisa na coxa de Kai. Ele continua se debatendo por mais alguns segundos, tentando acertar a cabeça de Sergei antes que seu corpo finalmente caia. Os olhos de Kai estão vazios, olhando silenciosamente para longe, mas percebo que seus lábios se movem. Eu me agacho ao lado dele e me abaixo, tentando ouvir o que ele está dizendo, mas as palavras não fazem sentido.

— Há tigres no México? — Eu olho para Sergei.

— Não. Por quê?

— Acho que ele está delirando, — eu digo. — Ele está chamando por 'seu pequeno tigre'.

FIM